

Jenn Bennett



Anatomia de um corãcão

PLATAFORMA 3



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

A anatomia de um coração

Jenn Bennett



TRADUÇÃO Flávia Souto Maior

PLATA
FORMA 3

Star Books Digital

TÍTULO ORIGINAL *The Anatomical Shape of a Heart*

© 2015 by Jenn Bennett. Publicado originalmente por Feiwel & Friends.

Direitos de tradução geridos por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agência Literária, SL. Todos os direitos reservados.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.



Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Luciana Araújo

REVISÃO Vanessa Gonçalves

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

EPUB Pamella Destefi

ARTE DE CAPA Carlos Siqueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bennet, Jenn

A anatomia de um coração [livro eletrônico] / Jenn Bennet ; tradução Flávia Souto Maior. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2016.

651 KB; EPUB.

Título original: The anatomical shape of a heart.

ISBN 978-85-507-0029-8

1. Ficção juvenil I. Título.

16-04041 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

O ÚLTIMO TRÓLEBUS NÃO VIRIA. Já era quase meia-noite e, há praticamente uma hora, eu segurava meu portfólio de arte e o que restava do meu orgulho no ponto de ônibus do hospital universitário, com um monte de estudantes do curso preparatório de medicina, uma senhora chinesa que empunhava o guarda-chuva como uma arma, um mendigo conversador chamado Will (que vivia no estacionamento do hospital), e um fanático pregador de rua bêbado, que queria nos alertar sobre um apocalipse causticante ou vender ingressos para uma luta de boxe – talvez ambos.

– Um trólebus quebrou no Sunset Tunnel. – Um dos estudantes leu no celular. – Acho que vamos ser obrigados a pegar o corujão.

Um resmungo coletivo ecoou do grupo. O temido corujão, o ônibus noturno.

Tarde da noite, quando os trolébus encerram as atividades em São Francisco e a maior parte da cidade está dormindo, os corujões assumem as rotas de superfície. Eu tinha pego o corujão apenas uma vez, pouco antes do início das férias de verão. Meu irmão mais velho, Heath, tentara me animar – da pior forma possível – com ingressos para uma apresentação com a trilha sonora de *A pequena sereia* (bastões fluorescentes, biquínis de concha) no Castro Theatre. Depois de um jantar tardio em uma lanchonete barata, perdemos o trólebus de sempre. Ônibus noturnos são mais lentos, mais sujos, e cheios de pessoas saindo de festas, casas noturnas e bares – ampliando proporcionalmente as chances de se presenciar brigas e vômitos. Andar de corujão com Heath era uma coisa; arriscar pegá-lo sozinha era outra, principalmente quando ninguém sabia onde eu estava.

É, eu sei. Não foi a ideia mais brilhante do mundo, mas eu não tinha dinheiro para o táxi. Fiquei roendo a cutícula e olhando para a neblina que rodeava o poste de luz, esperando não parecer tão ansiosa quanto me sentia.

Só para constar, eu não devo utilizar transporte público depois das 22h. É o limite científico da minha mãe para evitar crimes violentos. Não é aleatório. Ela é enfermeira e trabalha no turno da madrugada de três a quatro vezes por semana, no pronto-socorro do outro lado da rua (e onde estava naquele exato momento), então sabe exatamente quando as vítimas de tiros começam a chegar. E, embora Heath tenha as mesmas regras de horário, estou plenamente ciente de que as probabilidades de eu ser uma vítima são maiores por eu ser pequena e mulher, e ainda não ter completado 18 anos. Então, é claro, eu podia ser uma vítima fácil segundo as estatísticas. Mas não costumo vagar pela cidade depois da meia-noite, mostrando o dedo do meio para minha preciosa vida de adolescente. Quero dizer... na verdade não estou correndo um risco *tão* grande. Não era uma parte perigosa da cidade, e eu andava de transporte público desde pequena. Também tinha spray de pimenta e um dedinho nervoso a postos.

Além disso, eu tinha saído escondida por um bom motivo: mostrar minhas ilustrações à professora que coordena o departamento de anatomia e convencê-la a me dar acesso ao Programa Corpo Voluntário. Ao menos esse era o plano original. Mas depois de esperar horas

por alguém que nunca apareceu, tudo aquilo parecia mais uma bela perda de tempo.

Enquanto os estudantes de medicina faziam apostas sobre o horário de chegada do ônibus, o Mendigo Will acenou e começou a vir em minha direção. Tudo bem. Seria melhor ter um rosto familiar entre mim e o pregador bêbado; ele estava me deixando nervosa quando exalava fogo em minha direção.

– Ei, cara – Will disse ao se aproximar.

Cara? Antes que eu pudesse responder, ele passou se arrastando por mim como se nem tivesse me visto. Uau. Esnobada por um sem-teto. Minha noite estava ficando cada vez melhor.

– E aí, Willy? – uma voz masculina respondeu com animação. – Já é bem tarde para você estar trabalhando.

– Os seguranças do hospital estão fazendo a ronda. Só estou esperando eles darem o fora.

Fui vencida pela curiosidade, então me virei para ver quem havia chamado a atenção de Will – um carinha qualquer encostado no poste. Will bloqueava minha visão, então não dava para ver direito, mas os dois já estavam conversando há um tempo quando Will notou minha presença.

– Garota Triste – ele disse com um sorriso cheio de dentes. É assim que ele me chama, porque acha que sou deprimida. A propósito, eu não sou. Sou apenas agradavelmente taciturna e séria, mas é difícil explicar a diferença para alguém que dorme protegido por um papelão. – Como vai?

– Não muito bem – respondi. – Não tenho nada hoje. – Às vezes dou uns trocados a ele, mas, se tivesse algum dinheiro, já estaria em um táxi a caminho de casa.

– Não se preocupe. Sua coroa garantiu meu jantar mais cedo, quando seguia para o trabalho.

Aquilo não me surpreendia. Talvez fosse seu lado enfermeira, mas minha mãe tinha mania de oferecer comida para todo mundo que aparecesse na frente dela, e era praticamente *obcecada* por sobras. Se fosse maior que um grão de arroz, ou era guardado na geladeira ou virava parte do almoço de alguém ou era distribuído para vizinhos, colegas de trabalho – e agora, aparentemente, para o popular Mendigo Will, que tinha visto outra pessoa conhecida e já estava indo cumprimentá-la, deixando-me abandonada com seu amigo misterioso.

Qualquer um seria melhor que o pregador bêbado. Mas não era qualquer um. Era um garoto.

Um garoto mais ou menos da minha idade.

Um garoto *muito gato*, mais ou menos da minha idade.

Ágil e esguio, ele estava apoiado no poste, tirando uma mecha de cabelos escuros da frente do olho. Vestia preto dos pés à cabeça, como se fosse o personagem principal de um filme de máfia italiana e estivesse prestes a arrombar um banco: jeans, jaqueta justa, gorro de lã enterrado até os olhos. Luvas pretas cobriam suas mãos e havia uma mochila surrada (provavelmente cheia de explosivos para o cofre do banco) na calçada, junto a seus pés.

Só quando o pregador recomeçou eu me dei conta de que estava olhando fixamente para o garoto. Nós dois, com a senhora do guarda-chuva, ouvíamos o pregador murmurar frases sobre salvação e luz e alguma coisa que eu não conseguia escutar e PUTAS E FERAS E CHAMAS. Santo apocalipse, cara. Meus tímpanos! Agarrei meu portfólio com mais força, mas um segundo depois a falação acabou e ele se encostou na parte de trás do ponto de ônibus, como se

fosse dormir.

– Ele não deve conseguir correr muito – o garoto observou em tom conspiratório. Ele tinha chegado mais perto? Porque, nossa, ele era alto. A maioria das pessoas era, vista do meu ângulo aqui embaixo, mas ele devia ter uns trinta centímetros a mais do que eu. – Acho que você ganha dele, se tentar roubar sua pasta. São desenhos?

Olhei para o portfólio como se nunca o tivesse visto antes.

– Sim, desenhos.

Ele não perguntou por que eu estava carregando uma pasta com ilustrações perto do campus da faculdade de medicina. Só parou para pensar e disse:

– Espere, eu vou adivinhar. Nada de natureza-morta, nem de paisagens. Seus olhos céticos dizem pós-moderno, mas suas botas dizem... – seu olhar desceu por minha saia preta e pelo couro cinza na altura do joelho, cobrindo minhas panturrilhas – ...design de logotipos.

– Minhas botas dizem “ficou plantada esperando por uma reunião com a diretora do laboratório de anatomia”. Era para a doutora Sheridan me encontrar depois da última aula. – A aula ia das 19h às 21h, e depois ainda fiquei esperando um bom tempo, vendo um número cada vez menor de alunos sair do prédio. E mesmo quando ela finalmente ligou para se desculpar, às 23h, dizendo que teve uma emergência familiar, tive a nítida impressão de que era orgulhosa demais para admitir que tinha esquecido. – E meu trabalho não é pós-moderno – acrescentei. – Eu desenho corpos.

– Corpos?

– Anatomia.

Esse é o meu lance. Não sou como aqueles alunos criativos da aula de artes, que fazem saias com sacos de lixo e pintam com cores malucas. Pelo menos não mais. Nos últimos anos, limitei-me a lápis e tinta preta, e só desenhei corpos – velhos ou jovens, masculinos ou femininos, não faz diferença para mim. Gosto da forma como ossos e pele se movem, e gosto de ver como todas as cavidades do coração se encaixam.

E, naquele exato momento, minha mente obcecada por anatomia apreciava como o meu novo conhecido também se encaixava direitinho. Ele era um modelo ambulante para estudo com belas linhas e massa magra, quilômetros de cílios escuros e maçãs do rosto que pareciam fortes o bastante para sustentar seu corpo inteiro.

– Sou aquela pessoa que realmente gostava de dissecar o sapo na aula de biologia – esclareci. Sem querer parecer trágica, mas aquela informação em especial nunca me rendeu muitos amigos, então não sei bem por que toquei no assunto. Acho que só estava empolgada, como se eu fosse uma criança e aquele garoto fosse um monte de doces.

Ele soltou um assobio baixo.

– Minha turma teve que trabalhar com fetos de porco, mas eu consegui me livrar e fazer minha parte no computador. Por razões filosóficas.

Ele falou aquilo como se quisesse que eu perguntasse quais eram as razões, e eu mordi a isca.

– Vamos ver... ficou enjoado com os sapos mortos.

– Filosoficamente adverso – ele corrigiu.

– É vegetariano – arrisquei.

– Bem fajuto, mas sou. – Ele apontou para a gola do casaco. Preso a ela, um pequeno broche que dizia: ESTEJA AQUI E AGORA.

Sacudi a cabeça, confusa.

– É minha desculpa filosófica. Zen.

– Você é budista?

– Bem fajuto – ele repetiu. Os cantos de sua boca se transformaram em um quase sorriso. – Por sinal, quanto tempo faz que você dissecou aquele sapo? Quatro anos? Dois anos...?

– Está tentando adivinhar minha idade?

Ele deu um sorriso completo dessa vez, e uma covinha encantadora se formou na bochecha esquerda.

– Ei, se você estiver na faculdade, por mim, tudo bem. Eu curto garotas mais velhas.

Eu? Faculdade? Soltei uma risada aguda e neurótica. Qual era o meu problema? Felizmente, o escapamento barulhento de um furgão abafou minha gargalhada de hiena. Depois que o carro passou, fiz um gesto na direção dele com o tubo de spray de pimenta preso ao meu chaveiro.

– Por que um budista vegetariano está vestido como um ladrão de joias?

– Ladrão de joias? – Ele olhou para si mesmo. – Muito preto?

– Não se você estiver planejando um assalto. Nesse caso, está na proporção ideal, principalmente se tiver uma máscara no bolso.

– Droga – ele disse tateando a jaqueta. – Sabia que tinha esquecido alguma coisa.

A calçada estremeceu sob os saltos das minhas botas. Levantei os olhos e vi o letreiro digital *Linha da madrugada* no para-brisa do ônibus que parava em nosso ponto. Luzes frias e brancas brilhavam das janelas.

– Milagre dos milagres – o garoto murmurou. – O corujão chegou mesmo.

Fiquei na ponta dos pés para ver o que me esperava. Parecia que alguns lugares já estavam ocupados, mas não estava apertado como uma lata de sardinhas. Ainda.

Uma fila já se formava no meio-fio, então me apressei para chegar antes dos estudantes de medicina e do pregador bêbado. O garoto também ia pegar o ônibus? Não querendo parecer óbvia, resisti ao ímpeto de me virar e, em vez disso, peguei meu bilhete. Foi só passá-lo pela leitora na porta e eu já estava lá dentro, com a esperança de não estar sozinha.

A PRIMEIRA REGRA A SEGUIR quando se anda de transporte público tarde da noite é ficar perto do motorista, então peguei um lugar bem na frente, em um dos bancos compridos virados para o centro. Esses assentos são reservados para deficientes, grávidas e idosos, mas, como a senhora do guarda-chuva já tinha escolhido o lugar ao lado, não fiquei muito preocupada com isso. Encaixei o portfólio atrás das pernas, passando os olhos rapidamente pelo resto do ônibus para verificar algum outro risco. Para meu grande alívio, não vi o pregador bêbado em canto nenhum.

Mas vi outra pessoa.

Quando as portas do ônibus se fecharam, o gatinho se sentou do outro lado, de frente para mim, e acomodou a mochila no chão, entre os pés. Soltou um suspiro dramático e relaxou no assento antes de fazer um movimento brusco, fingindo estar surpreso em me ver.

– Você de novo.

– Seu alvo parece ficar no meu bairro. Espero que não esteja planejando roubar minha casa. Não temos joias, senhor Ladrão.

– Jack, o Ladrão, me soa bem. Talvez eu deva considerar seriamente essa carreira.

Jack. Será que era mesmo o nome dele? Sob a claridade fluorescente das luzes do ônibus, sombras intensas marcavam os vales de suas bochechas e a fenda abaixo do lábio inferior. Ele passava um ar despreocupado ao conter o sorriso de forma provocativa.

– Você conhecia aquele sem-teto, o Will – eu disse, entrando em modo Sherlock Holmes conforme o ônibus se afastava do meio-fio. – Isso quer dizer que mora perto da Parnassus ou tem alguma ligação com o hospital ou com o campus.

– Vou eliminar uma das opções para você – ele disse. – Eu não moro aqui.

– Huumm. Bem, você não vai para a faculdade de medicina.

– Vamos guardar as críticas. Alguns ladrões de joias podem ter habilidades cirúrgicas.

– Mas você fez aquela observação sobre “garotas mais velhas”, o que significa que está no ensino médio, como eu...

– Como você? A-há! – ele disse todo animado. – Estou indo para o último ano, por sinal.

– Eu também – admiti. – Então... se você não estuda no campus da Parnassus, imagino que conheça alguém que estude, ou trabalhe no hospital. Ou talvez estivesse visitando alguém no hospital.

– Faz sentido, Garota Triste – ele disse. – Espere. Eu não era o único ali que conhecia o Will. Ele disse que sua “coroa” tinha dado algo para ele jantar, então conhece sua mãe. E como agora você está preocupada que eu possa ladroar sua casa...

– *Ladroar*? Acho que essa palavra não existe.

– É claro que existe. Eu sou o ladrão aqui, lembra? – ele afirmou, erguendo uma mão enluvada. – Bem, você e sua mãe podem conhecer o Will, mas você também não mora perto do hospital. Inner ou Outer Sunet?

– É – eu disse, evitando dar a resposta certa.

Sem se deixar intimidar, ele tentou outra abordagem.

– Você não chegou a dizer por que ia se encontrar com a diretora do Departamento de Anatomia que não apareceu. Está tentando arrumar um estágio, ou...

– Não, só estava tentando conseguir uma autorização para desenhar os cadáveres.

Ele apertou um dos olhos.

– Está falando dos defuntos?

– Corpos doados para a ciência. Quero ser ilustradora médica.

– Tipo... fazer os desenhos para os livros?

Confirmei com a cabeça.

– E para empresas farmacêuticas, pesquisa médica, laboratórios... é superconcorrido. São só cinco programas de especialização credenciados e, para entrar neles, qualquer vantagem que puder conseguir é válida. Alguns museus da cidade vão financiar um concurso de desenho para estudantes no fim de julho, e eu quero ganhar. Além do dinheiro para uma bolsa de estudos, essa vitória cairia muito bem nos formulários de inscrição para a faculdade.

– E desenhar corpos de pessoas mortas vai te ajudar a ganhar.

– Desenhar corpos *dissecados* vai.

Ele fez cara feia.

– Da Vinci desenhava cadáveres – afirmei, usando o mesmo argumento que não tinha servido para conquistar a aprovação de minha mãe quando anunciei minhas intenções de seguir os passos do pintor italiano. – Michelangelo. Os painéis da Capela Sistina estão cheios de pinturas ocultas de anatomia. Olhando com atenção para o manto cor-de-rosa atrás de Deus em *A criação de Adão* – sabe aquela imagem em que Deus está com o braço esticado para que seu dedo toque o de Adão? –, o manto tem, na verdade, o formato de um cérebro humano.

– Uau. Você não estava brincando quando falou do sapo, não é?

– Não. – Cocei a parte de trás da cabeça. Os grampos que seguravam um emaranhado de tranças em minha nuca estavam me dando coceira. – Eu só quero desenhar cadáveres quando o laboratório fechar. Não estaria perturbando nem atrapalhando ninguém. Mas agora vou ter que voltar na quarta-feira, depois da aula da professora. Com sorte, ela vai aparecer dessa vez. – Será que eu estava falando demais? Não sabia ao certo, mas não conseguia parar. Eu falo mais que a boca quando estou nervosa. – Pelo menos, da próxima vez não vou arriscar a vida no corujão conversando com garotos desconhecidos.

– Vale a pena arriscar para se sentir vivo.

– A sensação de estar vivo é só uma onda de adrenalina.

Ele riu e ficou me olhando por um instante.

– Você é uma garota interessante.

– Diz Jack, o ladrão de joias vegetariano e budista.

Aquele sorriso malandro era de um perigo mortal.

Sabe, sempre achei que era muito boa de paquera, e que os garotos que eu paquerava é que simplesmente não eram bons paquerados. Jack, no entanto, era um excelente paquerado, e minha estratégia estava dando muito certo esta noite. Ele desviou os olhos para minhas pernas

cruzadas... especificamente para os poucos centímetros de joelho à mostra entre a saia e a bota.

Droga. Ele estava mesmo me examinando. O que eu devia fazer? Terra para Beatrix: esse era o ônibus noturno, não uma música do Journey. Não eram dois estranhos em um trem, à meia-noite, indo para qualquer lugar. Eu estava indo para casa, e ele provavelmente ia assaltar uma loja de bebidas.

Quando se tratava de romance, às vezes eu me convencia de que era amaldiçoada. Não entenda mal: não sou uma dessas meninas que pensa: “Pobre de mim, sou tão sem graça que nenhum menino nunca vai me olhar”. Os garotos olhavam (como agora). Alguns até ficavam encarando (sério, como agora *mesmo*). Mas, quando me conheciam – ou viam minha excêntrica arte médica – as coisas normalmente davam errado.

Estranha demais para os atletas, não estranha o bastante para os hipsters. Eu não era excêntrica, nem geek, e isso me deixava encalhada em um território sem homens. Não me importava em não me encaixar – sério, não liguei nem mesmo quando alguém escreveu “Mortícia Adams” no meu armário. Bem, para começar, mesmo que a gente tenha o sobrenome mais ou menos igual, o da Mortícia se escreve com dois Ds. Duvido que a pessoa que vandalizou meu armário tivesse capacidade cerebral para saber a diferença. Não importa. Em segundo lugar, eu parecia mais com a filha da família Addams, Vandinha – a garota apática das bonecas sem cabeça – do que com a Mortícia. Principalmente por causa do cabelo. Eu estava sempre de tranças, e conheço mil e um penteados peculiares, dos coques da princesa Leia, passando por mocinha suíça até deusa grega. Ou a obra-prima de hoje: princesa medieval moderna.

Mas o engraçado é que eu realmente gostava do *A Família Addams*, então a pessoa que me deu aquele apelido na verdade não feriu meus sentimentos. Eu certamente não perdi o sono por isso. E também não sou totalmente desprovida de traquejo social. Tenho um par de amigas (e por “um par” quero dizer exatamente duas, Lauren e Kayla, as quais estavam passando o verão juntas em um canto mais quente do estado). E tive um par de namorados (e por “um par” quero dizer que namorei Howard Hooper por dois meses e Dylan Norton por duas horas, durante uma festa antibaile de formatura, no porão da Lauren).

Então, certo. Minha agenda não estava exatamente cheia, e eu não podia usar vestidos pretos na escola sem as pessoas ficarem atrás de mim perguntando onde estava o Gomez. Mas imaginei que poderia deixar tudo isso para trás na faculdade, onde poderia me reinventar como uma sofisticada estudante de artes plásticas, cheia de sagacidade e com uma inexplorada *joie de vivre*. Minha conversa infinita sobre pele e ossos seduziria o coração de algum professor malandro (que quase sempre tinha sotaque britânico e também era ex-nadador olímpico – mas só pelo corpo), e nós poderíamos fugir juntos para alguma ilha quente e incrível do Mediterrâneo, onde eu me tornaria a ilustradora médica mais célebre do mundo.

Nesse devaneio, eu era sempre mais velha e mais inteligente, e sempre fazia sol. Mas cá estava eu, em uma noite fria e enevoada, sentada em um ônibus noturno e sentindo... sei lá. Sentindo que talvez não precisasse esperar até o último ano para chegar a uma ilha de fantasia do outro lado do ensino médio.

Talvez eu pudesse seduzir um garoto perigosamente lindo dentro de um ônibus, naquele exato momento. Ele levantou os olhos e olhou nos meus. Ficamos nos encarando.

Encarando. E encarando...

Um calor estranho faiscou em meu peito e se espalhou por minha pele. Devia ser contagioso, porque duas manchas rosadas apareceram em seu rosto, e eu nunca tinha visto um garoto como ele corar. Não sabia o que estava acontecendo entre nós, mas, sinceramente, não ficaria surpresa se o corujão pegasse fogo, desviasse da estrada e explodisse em um inferno ardente.

O ônibus fez várias paradas, e não paramos de nos encarar. Meu eu mais velho e mais espirituoso estava a um segundo de saltar para o outro lado e me jogar sobre ele, mas meu eu verdadeiro era muito racional. Ele finalmente rompeu o silêncio e disse com uma voz suave, atrevida:

– Qual é o seu nome?

A senhora do guarda-chuva fez um ruído baixo. Franziu a testa de uma maneira reprovadora que colocava a cara feia da minha mãe no chinelo. Será que estava nos observando o tempo todo?

– Merda. – Jack puxou a corda amarela perto da janela e se debruçou sobre a mochila. Irving e Ninth. Uma parada popular. A minha ainda ficava a várias quadras de distância, o que significava uma coisa: minha fantasia no ônibus noturno estava chegando ao fim. O que devia fazer? Ignorar o alerta da senhora do guarda-chuva e dizer meu nome a ele?

O ônibus parou de repente. A mochila de Jack tombou de lado. Alguma coisa saiu rolando de uma abertura no zíper e bateu na ponta das minhas botas.

Uma lata de tinta spray especial, com tampa em dourado metálico.

Peguei-a do chão e fiz uma pausa. O modo como ele ficou todo tenso e entortou a boca equivalia a uma placa de neon em sua cabeça, piscando: CONSTRANGIDO! CONSTRANGIDO!

Estendi a mão com a lata. Ele a enfiou na mochila, que jogou sobre um só ombro.

– Boa sorte com seus desenhos de cadáver.

Minha resposta se perdeu sob os registros de manchetes recentes dentro de minha cabeça. Só me restava observar em silêncio seu corpo comprido se esgueirar nas sombras quando a porta fechou e o ônibus saiu.

Eu sabia quem ele era.

DESDE O FIM DAS AULAS, em maio, grafites dourados estavam aparecendo por São Francisco. Palavras isoladas pintadas em enormes letras douradas surgiram em pontes e fachadas de prédios. Não as quase ilegíveis e raivosas marcas de gangues, mas obras executadas com primor, por alguém com talento e habilidade.

Esse *alguém* podia ser o Jack? Será que ele era um artista de rua infame procurado por vandalismo? O resto da viagem de ônibus foi anuviada pela lembrança de tudo o que eu havia lido sobre o grafite dourado em blogs locais. Queria ter prestado mais atenção. Com certeza precisava pesquisar um pouco, tipo, *agora mesmo*.

Quando o ônibus chegou em meu ponto, na Judah Street, desci correndo, ansiosa para fazer exatamente isso.

Moro no distrito de Inner Sunset, a maior piada do mundo. Apesar do nome significar *pôr do sol interior*, é uma das partes mais enevoadas da cidade. No verão é pior, quando as noites são frias e, às vezes, ficamos semanas sem ver o sol. Mas, tirando a neblina, gosto de morar aqui. Estamos a poucas quadras do Golden Gate Park. Tem uma área muito boa com lojas na Irving. E o ponto de ônibus fica só um pouco mais para cima. Moramos nos dois andares de baixo de uma casa de três andares em estilo eduardiano, estreita e pintada de amarelo-claro. Compartilhamos uma parte do quintal dos fundos com nossa vizinha, Julie, a estudante do curso preparatório para medicina que aluga a unidade do andar de cima. Foi ela quem conseguiu a reunião no laboratório de anatomia para mim.

Subi dezenas de degraus até chegar à porta da frente. Enquanto procurava a chave de casa, um táxi parou no meio-fio. Meu irmão saiu do carro e pagou o motorista de forma apressada antes de me ver.

– A mamãe está vindo pra casa! – Heath avisou ao subir correndo as escadas, imitando uma sirene de ambulância. Ele vestia uma jaqueta justa, jeans justos, e uma camisa preta mais justa ainda, com rebites prateados formando a frase METALEIRO DO SÉCULO 21. Ele também cheirava a cerveja, e por isso não acreditei no que dizia.

– Onde você estava? – perguntei.

– Eu? Onde você estava?

– Pegando criminosos no ônibus noturno.

Ele fez “hã-hã, tá” e passou os dedos pelos cabelos espetados, do mesmo tom castanho dos meus. Um degrau acima, eu ficava quase mais alta que ele; ambos puxamos minha mãe no quesito altura. Ele olhou para minha saia e para as botas.

– Espere aí. Por que está toda arrumada?

– É uma longa história. Por sinal, você está com cheiro de bebida. Está bêbado?

– Não estou mais – ele reclamou. – Ande logo e abra a porta. Estou falando sério. Vi a viatura saindo do estacionamento dos funcionários quando meu táxi passou pelo hospital.

“Viatura” era o nome que havíamos dado ao Toyota velho da minha mãe. Já tinha mais de 320 mil quilômetros rodados e estava com o para-choque amassado.

– Paguei a mais para o motorista do táxi passar um sinal vermelho para poder chegar antes dela. Grrrr! – ele resmungou, impaciente. – Anda logo, Bex.

Bex é como minha família e meus amigos me chamam, apelido de Beatrix. E é só Bex – não Bea, nem Trixie, e nenhuma outra forma que pudesse fazer meu maldito nome parecer ainda mais antiquado do que já era.

Com Heath cutucando minhas costas, destranquei a porta e entramos correndo. Mesmo ocupando dois andares, nosso apartamento tem, oficialmente, só um quarto. Minha mãe dorme nele, e Heath fica no andar de baixo, na lavanderia, que tecnicamente é um pequeno porão ligado a uma garagem para um carro. E meu quarto é, *tecnicamente*, a sala de jantar, mas nós comemos na cozinha, ou no sofá, em frente à TV – “como porcos”, diz minha mãe, mas a vergonha não a impede de continuar comendo lá.

O gene da falta de vergonha é hereditário, porque também não impede meu irmão de 20 anos de continuar morando aqui em casa em vez de arrumar seu próprio canto. E, por ainda estar a quatro meses da maioridade, minha mãe o arrebentaria se soubesse que anda entrando escondido em casas noturnas com uma identidade falsa. De novo.

– Por que ela está voltando para casa no meio do turno de trabalho? – perguntei.

– E eu sei? – Heath continuou falando enquanto se dirigia ao banheiro. – Preciso mijar. Olhe pela janela e grite quando ela chegar.

– Pode esquecer. Tenho que me trocar. Ela também não sabe que eu saí. – Corri para o meu quarto e escondi o portfólio atrás da mesa de desenho antes de tirar o casaco. Duas portas de vidro me separavam da sala. Eu havia coberto todo o vidro com chapas antigas de raio x cortadas em quadrados, de modo que, quando as portas estavam fechadas, eu tinha um pouco de privacidade. Mas como não se trata de um quarto de verdade, não tenho janelas, e todas as minhas roupas ficam amontoadas dentro de um guarda-roupa minúsculo cuja porta não fecha.

Mas não é de todo ruim. Para iluminar, tenho um lustre *art déco* pendurado no centro do cômodo e uma enorme cristaleira embutida em uma das paredes, usada para exibir minhas coleções: livros de anatomia vintage, uma Mulher Visível da década de 1960 (um brinquedo de plástico transparente com órgãos removíveis), alguns moldes dentais antigos e vários conjuntos em miniatura de modelos de anatomia (coração, cérebro, pulmões). No pé de minha cama, há um esqueleto para estudo em tamanho real, sobre uma plataforma com rodinhas. Esses esqueletos costumam ser caros, mas minha mãe o conseguiu por uma pechincha no hospital do campus porque estava sem um dos braços.

Heath chegou correndo e parou diante de minhas portas de raio x, ofegante.

– Falando sério, onde você estava?

– Tentando me encontrar com a diretora do laboratório de anatomia, mas ela não apareceu.

– De novo isso? Você e sua teimosia. Achei que a mamãe tinha falado para você não ficar incomodando as pessoas.

– Eu já tinha marcado a reunião – argumentei. – E não estava invadindo o laboratório e molestando corpos. Não estava fazendo nada errado. – Apenas desobedecendo as ordens da

minha mãe, pegando o corujão e paquerando alguém que pode ou não ser um vândalo procurado... – Nada extremamente errado, pelo menos – corrigi.

– Deus me livre – Heath murmurou. – Você não sabe mesmo fazer coisa errada.

Abri o zíper das botas e as joguei dentro do guarda-roupa minúsculo.

– Ah, e você sabe? Noah saiu com você? Ou ficou sabendo que você saiu? Se o estiver traindo...

– Shhh! Ouça. – Ele inclinou a cabeça, apoiando a mão na porta. – É a viatura? – ele sussurrou.

A porta da garagem rangeu e bateu no chão como sempre.

– Eu estava dormindo quando você chegou em casa! – Heath instruiu, descendo com pressa.

Joguei rapidamente a saia embaixo da cama e consegui vestir calças confortáveis enquanto fechava as portas. Logo depois que apaguei a luz, ouvi os passos apressados da minha mãe subindo as escadas do porão e chegando à sala. Droga. Ela foi rápida. Devia estar com pressa.

– É uma hora da manhã. De onde diabos você está ligando? – minha mãe disse encobrindo o rangido de suas solas de borracha. – Tanto faz. Não me importa. Chegue logo ao assunto e me diga o que quer.

Com quem será que ela estava falando?

– É claro que não. Se mandar alguma coisa pelo correio, eu joga no lixo. Está me ouvindo? – A voz dela ecoou em meu quarto conforme ela ia para a cozinha. Potes de vidro tilintaram. Ela estava na geladeira. Ah! Tinha dado seu almoço para o Mendigo Will. Acho que estava procurando algo para substituí-lo. – É uma pena. Nada mudou. Pare de tentar, assim não se decepciona. Agora, se me der licença, eu estou trabalhando. Aproveite seu voo de *Londres*. – Ela enunciou a cidade em tom de zombaria. Uma batida abafada encerrou a ligação.

Nossa. Ela estava realmente irritada.

Pisadas rangeram diante do meu quarto novamente.

– Espero que seu avião caia no meio do maldito oceano Atlântico – ela murmurou para si mesma antes de descer correndo as escadas mais uma vez. Um minuto depois, ouviu-se o motor da viatura e ela se foi.

Minha mãe raramente ficava irritada. Para dizer a verdade, ela quase não fica emotiva em relação a nada. Nunca. É uma das coisas que herdei dela – uma personalidade racional. Sem drama, sem lágrimas, sem gritos. Ambas operamos em modo pouco emocional, diferentemente do Heath, que opera em uma sucessão insalubre de altos e baixos. Ele puxou isso do nosso pai, que nos deixou de repente há três anos para ficar com a dona de um clube de striptease que conheceu em uma viagem de negócios no sul da Califórnia. Desde então não o víamos e, para ser sincera, eu não sentia falta dele.

É claro, teve muita gritaria antes de sua partida, mas, depois que ele se foi, minha mãe se recuperou bem rápido. Ela não chorou quando saiu o divórcio, e nunca falou mal do meu pai por ele não pagar a pensão. A última vez que me lembro de tê-la visto emocionada foi há alguns anos, quando Heath e eu sugerimos mudar nosso sobrenome para o nome de solteira dela, “Adams”, em solidariedade.

De qualquer modo, a única pessoa que a deixava remotamente de mau humor era meu pai e,

até onde eu sabia, eles não tinham nenhum contato. Ela não estava namorando ninguém – estava “cansada dos homens” – e nenhum de seus amigos estava em Londres.

Então com quem ela estava gritando ao telefone?

Abri uma fresta em uma das portas de raio x quando Heath subiu de volta. Ele estendeu a mão ao passar e nos cumprimentamos.

– Sobrevivemos para vomitar por mais um dia – ele disse alegremente, caminhando até o banheiro.

– Você está com glitter no nariz – respondi.

Qualquer resposta engraadinha que ele possa ter dado não foi audível. Eu tinha preocupações mais urgentes, então o ignorei e me encolhi na cama com o laptop. Levei apenas alguns segundos para encontrar o que procurava, um post em um blog local com o péssimo título: “Artista de rua da maçã dourada: poeta ou vândalo querendo chamar atenção?”.

O post do blog detalhava o que eu já sabia, mas descobri algumas coisas novas – tipo, que os *burners* ou “obras” (forma mais curta de *obras de arte*) foram feitos com aerógrafo profissional e uma tinta spray especial cuja venda é ilegal na cidade. Pensei na lata sofisticada na mochila de Jack – certamente não era algo que se podia comprar na loja de material de construção do bairro – e senti um certo frio na barriga.

Cinco palavras foram pintadas nas últimas semanas: INICIE, VOE, PERTENÇA, SALTE, CONFIE. *Inicie* foi, apropriadamente, a primeira palavra – pintada em letras de três metros no asfalto em volta da Lotta’s Fountain, monumento mais antigo da cidade. A palavra mais recente, *confie*, tinha sido gravada no telhado da cabine de venda de ingressos que ficava na entrada do Zoológico de São Francisco.

O post citava um policial responsável pelo Programa de Diminuição de Grafites do Departamento de Polícia de São Francisco. Ele alertou que a diferença entre o grafite e a arte é a “autorização” e apontou que, como os custos de limpeza haviam ficado acima de quatrocentos dólares, o artista que pintou as palavras em dourado seria acusado pelo delito.

Mas isso não era tudo. O artista assinava todas as palavras com uma pequena maçã dourada na parte inferior da última letra. E isso fez o blogueiro questionar a possibilidade de uma ligação com um coletivo de “artistas” local chamado Discórdia.

Nada bom.

Membros do Discórdia eram conhecidos por desafiar a prefeitura e custavam dezenas de dólares em danos a propriedades públicas: quebrando janelas, destruindo lojas, botando fogo em coisas e jogando tinta em uma estátua de bronze de Gandhi, na frente do Ferry Building no Embarcadero. O blogueiro especulou que a assinatura dourada no grafite poderia ser referência ao Pomo da Discórdia, da mitologia grega, que continha a inscrição “à mais bela” e deu início a uma briga entre Hera, Afrodite e Atena.

Pensar em tudo isso me dava a sensação de estar em um daqueles barcos vikings de parque de diversão, balançando de um lado para o outro, alternando entre a empolgação e o medo torturante de um parafuso se romper e a coisa toda ser estilingada para o céu.

Meu irmão tinha razão: eu não sabia fazer coisa errada. Então talvez fosse melhor simplesmente esquecer o Jack e voltar ao meu verão entediante, sem sol e sem amigos.

Mas era mais fácil falar do que fazer.

Na tarde seguinte, enquanto minha mãe e Heath ainda dormiam para se recuperar, respectivamente do trabalho noturno e da agitação na casa noturna, peguei o metrô para a Irving Street, uma caminhada curta da entrada sudeste do Golden Gate Park... e a uma parada de distância de onde Jack havia descido do ônibus na noite anterior.

Também era onde eu trabalhava em período integral, como glamorosa caixa de um mercado luxuoso chamado Mercado Alto. Como atendíamos a elite, todos, com exceção dos funcionários do açougue e da peixaria, tinham que usar camisa branca de botões, calças pretas, uma gravata preta e um avental preto do Mercado Alto, o que fazia eu me sentir como uma garçonete de restaurante sofisticado – sem o benefício das gorjetas sofisticadas.

Muita gente da escola reclama dos empregos de férias, mas, tirando a gravata, eu até achava o meu razoável. Não era preciso muito esforço para passar coisas em um scanner. Eu também me divertia em segredo empilhando produtos nas sacolas, porque era como um quebra-cabeça. Encaixar as coisas pesadas no lugar certo, manter os alimentos frios todos juntos – mais ou menos como substituir todos os órgãos de plástico em meu modelo anatômico Mulher Visível: estranhamente gratificante.

Além de tudo isso, a loja sempre tinha cheiro de pão saindo do forno e flores frescas, e a música clássica dos alto-falantes alimentava minha fantasia de Estudante de Artes mais Velha e Sofisticada. Podia ser pior.

Depois de bater o ponto e fazer a contagem do dinheiro, eu me dirigi à caixa registradora a mim designada. A última pessoa que a usara tinha desorganizado os elásticos e as canetas. Enquanto eu devolvia tudo para o lugar, uma mulher de cabelos escuros saiu detrás de uma prateleira de doces importados.

– Boa tarde, Beatrix.

A senhora Lopez é uma das gerentes da loja. É mãe solteira, tem trinta e poucos anos e uma filha de onze chamada Joy. É minha chefe desde que comecei a trabalhar aqui, no verão passado. Para uma chefe, ela até que é bem sensata e justa. E relativamente legal – outro motivo para eu não ter nada contra este emprego.

– Droga... parece que estamos *presas* aqui hoje – eu disse.

– Não consigo parar de bocejar – a senhora Lopez admitiu com um sorriso, cruzando os braços sobre o avental. Um pequeno broche preto e vermelho brilhava no centro de sua gravata, bem abaixo do nó. Ela tinha uma coisa com joaninhas e sempre usava o inseto da sorte em algum lugar: meias, suéteres, broches. Dei para ela de presente de Natal uma joaninha preservada em uma caixinha de acrílico. Ela a mantinha sobre a mesa do escritório. – Como foi sua reunião secreta?

A senhora Lopez sabia tudo sobre minha arte e não achava bizarra a minha ideia de desenhar cadáveres dissecados, outro motivo para nos darmos bem.

– Infelizmente, foi um enorme fracasso. – Conteí quase toda a história, só parei quando cheguei na parte sobre voltar para casa no corujão e conhecer Jack. – Mas tudo bem, vou ter outra chance na quarta-feira. Por sorte, não estou escalada, assim não preciso implorar para minha chefe me dar a noite de folga.

– Por sorte, sua chefe é legal, então você não teria que implorar muito.

Verdade.

– E aí, o que anda acontecendo por aqui? – perguntei, abaixando para verificar meu estoque de sacolas de papel. – Alguma fofoca boa?

– Acabaram as postas de salmão da promoção.

– É uma péssima fofoca.

Ela ficou tentando pensar em algo mais interessante.

– Ah! Aquele vândalo do grafite dourado pichou a entrada do Golden Gate Park que dá para a Nona Avenida.

Meus batimentos cardíacos passaram rapidamente de *tédio* a FOGO!

– O-o quê? – eu perguntei saindo de detrás do balcão.

– Na calçada. Equipes de TV estavam lá quando eu saí para levar a Beauty para passear, antes do trabalho. As letras tinham quase o meu tamanho e estavam empilhadas. – Ela rasgou um pedaço de fita da registradora e escreveu na vertical:

F
L
O
R
E
S
Ç
A

– Empilhadas – ela disse, gesticulando. As unhas estavam sempre perfeitamente pintadas de vermelho e pareciam nunca lascar.

Floresça. Eu ainda estava em choque.

– É muito bonito e feminino. Cheio de floreios.

– O Jardim Botânico. – Eu me dei conta. Ficava bem naquela entrada do parque.

– Sim, na passagem que leva aos jardins. A polícia disse que é a primeira vez que há uma ligação direta entre uma das palavras e o local onde foi pintada. Agora estão todos agitados, achando que pode ser algum tipo de mensagem elaborada em código Morse.

Pensei no broche preso ao casado de Jack: ESTEJA AQUI E AGORA. Os budistas não deviam ser pacíficos? Imaginei velhinhos gentis desenhando formas em jardins zen feitos de areia e tomando chá. Talvez praticando um pouco de ioga à tarde.

Não deteriorando propriedade pública.

– Quem está fazendo isso é muito furtivo ou muito sortudo – ou as duas coisas – ponderou a senhora Lopez. – Mas sorte não dura para sempre. Acho que é apenas uma questão de tempo até alguém pegar o vândalo no flagra.

Esse alguém podia ter sido eu. Mas agora eu provavelmente não o veria mais. Quero dizer... eu só sabia seu primeiro nome e sua posição filosófica sobre o bacon.

Ah, e mais uma coisa que eu já tinha quase esquecido: tínhamos um conhecido em comum.

MEU TURNO NO MERCADO ALTO terminava às oito da noite, mas em vez de ir direto para casa, peguei a linha N-Judah do metrô até o hospital. Era um percurso de apenas dez minutos, e minha mãe não estava trabalhando aquela noite, o que significava que eu não tinha que me preocupar em cruzar com ela no caminho. Então apenas mandei uma mensagem de texto dizendo que atrasaria um pouco e pegaria uma carona até em casa com algum colega de trabalho.

A neblina caía, mas ainda havia luz, e o estacionamento do hospital estava bem movimentado. Verifiquei todos os lugares onde costumava ver o Mendigo Will. Mas, depois de caminhar durante uns vinte minutos, estava prestes a desistir. Foi quando eu o vi acenando para os carros que passavam na esquina.

– Ei, Will – chamei a alguns metros de distância. Ele às vezes se assustava, então não quis dar nenhum motivo para surtar para cima de mim.

Ele virou a cabeça e inspecionou a calçada com um olhar confuso, até que me avistou.

– Garota Triste! Por que está de gravata?

– É parte do meu uniforme de trabalho – contei a ele, mostrando uma sacola do Mercado Alto. – Trouxe isso para você.

– Para mim? – Ele pegou a sacola com cuidado e espiou lá dentro. – O que é isso?

– Bolo de carne, salada de batata e um cupcake. – As coisas menos cheias de frescura do balcão da delicatessen; acho que não ajudaria em nada dar a ele azeitonas importadas e massa picante. – Mas não fique muito animado. É um suborno. Você se lembra do nosso encontro, ontem à noite, no ponto de ônibus do outro lado da rua?

Ele cheirou o conteúdo da sacola e olhou para mim como se já tivesse esquecido que eu estava lá.

– Quando? Ontem à noite?

– Você estava conversando com um garoto que te conhecia. O nome dele é Jack. – Cara de quem não entendeu nada. Talvez não tenha sido uma boa ideia. – Ele te chamou de Willy – acrescentei.

– O Monge! – ele exclamou com um sorriso.

– Monge? – repeti, me perguntando se estávamos falando da mesma pessoa.

– Ele é religioso – Will explicou.

– Ah, o lance do budismo?

O rosto de Will se iluminou.

– É.

– É ele mesmo – eu disse. – Há quanto tempo vocês se conhecem?

– Ah, não sei direito. Provavelmente há anos. Ele vem de duas a três vezes por semana.

Anos. Aquilo significava que ele não estava apenas visitando um paciente operado.

– Ele, ou alguém da família dele, trabalha aqui?

– Ele vem para visitar uma amiguinha.

Imaginei Jack abraçado com alguma stripper peituda, e meu coração afundou um pouco. Tolice, pois o garoto era um criminoso e não minha possível alma gêmea.

– Sabe mais alguma coisa sobre ele? O sobrenome, por exemplo? Onde ele mora?

Will fungou e limpou o nariz.

– Sei que ele pega a linha N.

– No sentido do ônibus que pegamos ontem à noite? – perguntei.

– Não. – Ele respondeu, apontando na direção oposta. – Ele vai para aquele lado.

Certo, já era alguma coisa. Ele deve ter pegado o corujão apenas para pintar o grafite FLORESÇA no parque. O que significava que não morava no meu bairro. E era impossível saber onde ele morava. A linha N atravessava a cidade e fazia bilhões de paradas.

– Você sabe mais alguma coisa sobre ele? – perguntei.

Will deu de ombros.

– Ele é muito engraçado. Conta várias piadas boas. Algumas eu nem consigo entender. Mas, você sabe, às vezes as pessoas sorriem quando estão tristes. E às vezes garotas que parecem tristes estão, na verdade, sorrindo.

Ele apontou para mim e piscou como se tivesse me contado o segredo da vida. Até que seria legal, mas era mais provável que ele tivesse tomado os analgésicos de algum paciente que saiu do pronto-socorro. E quando Will começou a assobiar o que eu suspeitava ser a música tema do seriado *A Família Sol, Lá, Si, Dó*, soube que já tinha tirado tudo o que podia dele, o que não era muita coisa.

E a menos que eu quisesse acampar com Will até ele acabar encontrando o Jack, não estava com grandes esperanças de vê-lo novamente. O campus de medicina é um lugar movimentado.

Mas não tão movimentado quanto eu pensava.

Dois dias depois, voltei para minha segunda chance com a diretora de anatomia. Às vezes parecia que nas únicas ocasiões em que eu precisava que o trólebus chegasse na hora, ele atrasava, então eu já estava dez vezes mais ansiosa do que gostaria. E talvez por isso não estivesse prestando atenção.

Alguém bateu no meu braço e meu portfólio voou da minha mão.

– Ai!

– Desculpe, achei que você tinha me visto.

Uma jaqueta se curvou na minha frente e recolheu o portfólio. Quando a jaqueta voltou a ficar em pé, ganhou braços e pernas e um rosto que devia competir com o da Helena de Troia no quesito lançamento de navios ao mar.

Jack.

Ele parecia tão diferente à luz do dia. Uma camisa de flanela xadrez turquesa aparecia sob a jaqueta de couro preta, um daqueles modelos clássicos usados por motociclistas. E quando digo clássico, quero dizer realmente vintage: tipo, saído diretamente da década de 1950, no estilo usado por Marlon Brando em *O selvagem*, toda desgastada perto das dobras e coberta de pequenos broches de punk rock. Combinava com as botas pretas embaixo dos jeans com barras dobradas. Nenhum gorro cobria seus cabelos hoje, castanhos-claros e vários centímetros mais

compridos em cima do que nas laterais e na parte de trás bem aparadas. A parte mais comprida estava penteada para cima, formando um topete meio solto, com filetes caindo sobre a testa e todo despenteado de um modo que parecia bom *demais* para ter secado ao vento.

Ele tinha um visual todo retrô, rockabilly e descolado. Se James Dean tivesse um filho com David Beckham, seria Jack. A roupa de ladrão de joias que ele vestia na primeira noite não passava de um disfarce para o crime.

– Jack, o Vândalo – eu disse, sem muita animação. Mais como se ele fosse meu inimigo mortal.

Ele contraiu os músculos e olhou em volta.

– Pode fazer o favor de não anunciar para o mundo todo? Preferia quando eu era Jack, o Ladrão.

– Então não está negando? Bem, não ia adiantar, porque sei o que vi, e depois descobri que você... profanou o Jardim Botânico.

– Profanei?

– Isso mesmo. – Certo, eu não pretendia usar aquela palavra. Eu nem gostava *tanto assim* de flores e nem achava que o parque era algum tipo de templo da natureza. Só estava nervosa. Mas, já que tinha falado, defendi minha afirmação como se eu fosse uma velha sacudindo o punho para patifes e vagabundos, arrancando o portfólio da mão dele para enfatizar minha raiva virtuosa. Mas ele não se intimidou.

– Você viu? – ele perguntou, me conduzindo na direção da ponta do passadiço com seu corpo alto demais, enquanto passava um grupo de estudantes de medicina.

– Hum, está se referindo a “floresça”? Acho que a cidade inteira viu.

Uma alegria brotou em seus olhos, mas ele piscou algumas vezes com quilômetros de cílios escuros e se conteve.

– Você é a única que sabe.

– Duvido. E seu pequeno coletivo de artistas, o Discórdia?

Ele negou com a cabeça.

– Não pertenço ao Discórdia.

– Não é o que estão dizendo na internet.

– Bem, estão errados. Trabalho sozinho, e ninguém sabe quem eu sou.

Hum. Engraçado, mas até que eu acreditava nele. Ou talvez estivesse sofrendo de um caso de ingenuidade temporária influenciada pela beleza daquele garoto.

– Palavra de escoteiro – ele jurou. – Só você tem minha identidade secreta nas mãos, Lois Lane.

Não se sinta lisonjeada. Não se sinta lisonjeada...

– Mas não sei a verdadeira.

– Sabe mais do que eu sei sobre você.

Ignorei aquilo.

– O que está fazendo aqui, afinal?

– Você disse que tinha outra reunião hoje, e que seria antes da aula da doutora Sheridan, então olhei os horários e arrisquei um deles, o errado. – Ele coçou a cabeça de um modo que

seria adorável se não fosse um criminoso confesso. – Estou esperando aqui há duas horas. Mas agora que você apareceu, valeu a pena.

Ele estava falando sério? Tentei formular uma resposta desaforada, mas só saiu uma longa e abafada vogal. Para piorar, o calor subiu para minhas bochechas, então dei as costas para ele e saí andando pelo caminho de cimento como se estivesse cheia de determinação, e não como se estivesse fugindo. Mas não importava. Pernas longas sempre ganham de pernas curtas, então não fiquei surpresa quando ele me alcançou com poucos passos.

– Eu curto os óculos de armação escura – ele disse ao meu lado, colocando as mãos nos bolsos da jaqueta. – Eles te deixam com um ar de cientista sexy.

– Ar de artista – eu o contradisse sem olhar para ele. E eu só não estava usando lentes de contato aquela tarde porque achava que óculos me faziam parecer mais velha, mas ele não precisava saber disso. E *certamente* não precisava saber que meu coração começou a bater duas vezes mais rápido quando ele disse “sexy”.

– Posso ver o que tem no seu portfólio? – ele perguntou.

– Só desenhos a lápis.

– Legal. Posso ver?

– Não.

– Por quê?

– Porque não.

– Porque não... é uma boa artista?

– Sou boa.

– Prove – ele disse, tirando uma mão do bolso e batendo com os ossinhos dos dedos em meu portfólio, que balançava entre nós dois. – Vamos, de uma artista para outro. Você viu a minha, mostre a sua.

Ah, a provocação em sua voz – E, *ah*, o que eu conseguia imaginar a partir daquela frase. O meu eu imaginário, mais velho e sofisticado, estava completamente encantado. Mas o meu eu de verdade sentia emoções vertiginosas demais envolvidas em um centro de nervosismo pegajoso. Também estava tendo dificuldades para parar de olhar para as marcas no bico de suas botas. Não eram simples coturnos; pareciam mais elegantes, talvez de grife.

A entrada do prédio que abrigava o laboratório de anatomia ficava a apenas alguns metros de distância. Olhei as horas no celular. Droga. Eu precisava me apressar. Por que ele tinha que aparecer bem agora? Precisava de mais tempo para surtar adequadamente por sua presença ali.

– Pelo menos vai me dizer seu nome? – ele perguntou quando guardei o celular no bolso.

– Por quê? Está com medo que eu te denuncie? Foi por isso que me procurou? – E por que eu estava agindo de forma tão defensiva?

– Você não sabe nada sobre mim e não tem nenhuma prova. O que pode denunciar? E eu seria mais esperto te evitando, se você quisesse levar isso adiante. Além disso, foi você que me procurou primeiro.

Parei diante do prédio e olhei para ele.

– Como?

– Willy disse que a Garota Triste estava perguntando sobre mim.

Aquele pequeno verme.

– Olha, eu estava apenas curiosa...

– Eu também. Desde aquela noite no corujão, ando tendo fantasias noturnas sobre conhecer garotas bonitas em ônibus, e isso está atrapalhando tanto minha rotina quanto o profundo ódio que tenho do transporte público.

Ele estava mesmo dizendo isso? Ignore! Ignore!

– Perguntei sobre você para o Will porque queria descobrir se era mesmo um criminoso – argumentei, um pouco alto demais. Um estudante que saía do prédio nos olhou com curiosidade. – Preciso ir. Vou me atrasar.

Tentei desviar, mas ele me bloqueou.

– No máximo, sou um criminoso inofensivo. E nunca fui pego. Se uma árvore cair na floresta, ela faz barulho?

– Não me faça rir. Tenho uma reunião importante.

Ele abaixou a cabeça para olhar em meus olhos.

– Se eu te fizer rir, você falta na reunião e vai jantar comigo?

Uau. Era um convite para sair?

– Isso é sério. Eu vou me atrasar.

Ele levantou as mãos em rendição.

– Por favor, só me diga seu nome. Um endereço de e-mail, número de telefone... qualquer coisa. Vamos, Garota Triste. O velho Willy só me disse que você tem uma irmã e que sua mãe trabalha na limpeza do hospital.

– Irmão e enfermeira – corriji, contendo o riso. – Ele me disse que você é monge e que tem uma “amiguinha” que trabalha aqui.

Jack riu e disse:

– Ah, aquele Willy. – Então ficou quieto de repente.

– Você tem? – Eu o pressionei, completando a pergunta em minha cabeça: ... *namorada*?

– Embora seja verdade que visito uma pessoa do sexo feminino e que somos, de fato, amigos, ela provavelmente me daria um chute no saco se eu a chamasse de minha “amiguinha”. Além disso, parece que sou um monge.

Humpf. Monge é o caramba. Os únicos caras da escola que apresentavam essa combinação particular de persistência e beleza eram jogadores. Recuei e apontei para o pulso.

– É sério. Preciso ir.

– Me dê alguma informação, *por favor*. Não me faça ficar esperando aqui no frio, te espionando como um maluco.

Dei mais alguns passos para trás e abri a porta, com o coração acelerado.

– *Corp-O-Rama*. É um blog de ilustração de anatomia. Sou uma das artistas que colabora. Se conseguir distinguir minha arte entre as outras, vai encontrar minhas informações de contato e poderá me espionar on-line.

Ele deu um sorriso e fechou a jaqueta de couro quando o vento ficou mais forte.

– Desafio aceito.

MINHA REUNIÃO COM A DOUTORA SHERIDAN foi estranhamente insatisfatória. Talvez por ainda guardar rancor por ela ter me deixado plantada no dia da primeira reunião, ou talvez por eu ter passado os dez míseros minutos que ela me concedeu lutando para tirar Jack da cabeça.

Eu não era assim. Não mesmo. Sou a garota séria que só tira dez. Bem, exceto pelos oitos em cálculo e o seis em educação física, no primeiro ano, recebido por “mau comportamento” devido a um contratempo com Mallory Letson – que, por acaso, era líder de torcida do time principal da escola e a preferida do treinador. Ninguém quis saber que ela estava falando bobagens sobre o Heath, que estava no último ano. (Por sinal, acho que a Mallory estava por trás daquele lance de Mortícia.)

Ainda assim.

A doutora Fria-como-gelo Sheridan disse apenas que meu portfólio mostrava “talento notável” e, depois de me perguntar por que eu queria ser ilustradora de medicina, ela só ficou explicando que a universidade tinha uma das principais faculdades de medicina do país e tinha que cumprir (padrões e práticas) ou (expectativas dos membros do conselho) ou (regras de segurança). E que os estudantes matriculados tinham prioridade. Ela prometeu considerar meu pedido e consultar seus colegas e alunos. Disse que teria uma resposta em uma ou duas semanas.

Em uma ou duas semanas o verão já estaria quase no fim e eu mal teria tempo suficiente para pensar em outra coisa para o concurso de arte. Mas o que eu podia fazer? Discutir com alguém que estava me fazendo um favor? Ela me deu um cartão, então pelo menos eu tinha seu e-mail. Não perdi tempo e escrevi a ela a mensagem de agradecimento mais piegas e educada da história da puxação de saco.

Depois disso, fico constrangida em dizer que passei a noite inteira verificando meu perfil de artista no *Corp-O-Rama*, esperando que Jack tivesse ido direto para o computador pesquisar sobre mim. É verdade, minha imagem do perfil era um autorretrato pintado, com metade do meu rosto desenhado com a musculatura exposta. Havia apenas vinte artistas no site. Seria muito difícil me reconhecer? Mas Jack não sabia nada a meu respeito. Talvez ele me confundisse com a garota muito mais legal que pintava as caveiras de açúcar coloridas do Dia dos Mortos. Em pânico, li todos os comentários nos posts recentes de todo mundo, só para garantir.

Nada.

E nada no dia seguinte. E no próximo. Mas foi no terceiro dia que a falta de resposta foi mais decepcionante do que seria se não passasse de mais um sábado qualquer. Porque não era: era meu aniversário de 18 anos.

E, mesmo assim, nada de Jack. Será que tinha desistido? Eu até tinha facilitado para ele ao postar, um dia antes, sobre os planos para o meu aniversário. O texto praticamente gritava:

Olhe! Estou aqui! Era muito estranho que ele estivesse implorado para saber o meu nome e, supostamente, esperado horas para me ver, e depois *puf*, nada.

Será que estava apenas ocupado? Ou talvez houvesse um motivo que eu não queria encarar: que ele tivesse visto minha arte e deduzido que eu era muito mórbida. Com certeza não seria a primeira vez, e mesmo que fôssemos ambos artistas, talvez a Garota Cadáver e o Grafiteiro Vegetariano fossem como óleo e água. Acho que eu precisava parar de me desgastar por algo que nem sabia se queria.

Quero dizer, *hello!* Eu tinha 18 anos. Finalmente podia... votar e comprar todas aquelas caixas de cigarro que tanto queria. Iuhuuu.

Então minha mãe passou sua única folga do fim de semana arrastando Heath e eu pela cidade em busca de programas de aniversário com o selo Beatrix de aprovação. Esperamos 45 minutos na neblina do início da manhã para tomar milk-shakes no café da manhã na Lanchonete St. Francis (minha preferida) antes de bancarmos os nerds na Livraria Green Apple (onde Heath comprou um livro da década de 1960 sobre esquisitices médicas que tinha reservado para mim). Finalmente terminando no Legião de Honra, um museu de São Francisco – e não uma irmandade de cavaleiros, ou seja o que for, como na França.

Sei que um museu pode não ser a ideia que todos fazem de um aniversário superdivertido, mas eu queria muito ver uma exposição chamada Carne e Osso, que apresentava uma obra em particular que me deixava salivando: o diagrama de um coração de Max Brödel. Eu tinha postado um link para exposição no *Corp-O-Rama* quando escrevi sobre os planos para o meu aniversário e, minha nossa, a obra ao vivo não decepcionava. Brödel era praticamente o padrinho da ilustração médica moderna. Era um alemão que imigrou para os Estados Unidos para desenhar diagramas para a faculdade de medicina da Universidade Johns Hopkins no início dos anos 1900. Suas ilustrações eram extremamente detalhadas e tinham uma certa estranheza e um ar surreal.

Eu havia estudado o trabalho dele em livros e até copiado alguns para praticar. Mas ver o verdadeiro desenho feito com grafite-em-pó-sobre-superfície-texturizada era de tirar o fôlego.

Na verdade, mesmo depois de ver todo o resto, voltei para dar uma última olhada naquele diagrama de coração, admirando cada detalhe, incluindo as minúsculas classificações escritas à mão: AORTA, VENTRÍCULO ESQUERDO, TRAQUEIA. Era tão completamente perfeito. E eu não conseguia deixar de pensar que ele havia desenhado a partir de um coração dissecado. Se a doutora Sheridan me deixasse passar um tempo no laboratório de anatomia, eu poderia ser o próximo Max Brödel. Bem, tudo é possível, não é?

Embora eu estivesse no paraíso dos músculos e tendões, isso não significava que minha família também estivesse. Minha mãe ficava tentando me empurrar para uma das coleções permanentes para ver Rembrandt e Rubens.

– São famosos, Bex. E é tão lindo.

Depois de um tempo, Heath resmungou, bocejou e nos puxou até a lanchonete do museu para um almoço de preços exorbitantes. Era praticamente o mesmo tipo de comida que havia na delicatessen do Mercado Alto, então nada me apetecia. Mas fizemos o pedido, depois conseguimos nos sentar na área externa. E, porque eu era uma pessoa deprimente, verifiquei

mais uma vez os comentários no *Corp-O-Rama*, apenas para me decepcionar mais uma vez.

Minha mãe também estava olhando para o telefone. Eu queria *muito* perguntar sobre aquela estranha ligação que ela recebeu tarde da noite no outro dia, mas fiquei com medo de me incriminar. Sou uma péssima mentirosa.

– Vai comer isso, Bex? – ela perguntou, cutucando meu sapato debaixo da mesa enquanto mexia nos cabelos escuros e desfiados ao redor das têmporas. Ela usava o cabelo curtinho, praticamente uma versão ainda mais curta do corte de cabelo de Heath – só que ele penteava para cima e ela, para baixo. Era pequena, como eu, e o visual estilo “elfo” lhe caía bem. Mas enquanto morasse com eles dois, nunca poderia deixar o cabelo curto, ou pareceríamos uma gangue familiar bizarra, pronta para atrair estranhos para dentro da nossa casa com um suquinho. Daí as tranças.

Fiz cara feia para minha mãe.

– O pão está velho.

– Custou vinte dólares. Não pode estar velho.

Heath pendurou o braço no encosto da minha cadeira.

– É claro que pode. Noah disse que metade dos restaurantes estrelados da cidade recicla pão de outras mesas.

– São Noah nunca erra – enfatizei. Noah era o atual namorado do meu irmão, um engenheiro de vinte e cinco anos que tinha um apartamento de um milhão de dólares no Castro. Era estável e inteligente, e mesmo que Heath ainda não o tivesse levado para casa para nos apresentar, ouvíamos falar tanto nele que estávamos meio apaixonadas também – principalmente minha mãe. Acho que ela esperava que ele fosse uma influência positiva para meu não-tão-estável irmão, que já tinha passado por duas faculdades locais, largando a primeira por tédio e a segunda depois de ser pego em um momento inoportuno com um professor de inglês com o dobro da idade dele.

– Por sinal – minha mãe disse, arrumando a faca sobre o prato –, você não chegou a me dizer quando Noah estaria livre para vir jantar com a nossa família.

– Desculpe, esqueci de perguntar. Ele está sempre trabalhando, e...

E Heath estava saindo escondido para beber e ver shows de heavy metal noite sim, noite não. Eu não disse nada – a lealdade entre irmãos era uma via de mão dupla –, mas minha mãe tinha um sexto sentido estranho em relação a essas coisas, e devia ser por isso que eu não conseguia mentir para ela. A enfermeira Katherine, a Grande, sempre sabe.

Ela lançou um olhar sinistro para o outro lado da mesa.

– Eu juro, Heath, se você estragar as coisas com Noah...

– Não vou estragar nada.

– De novo – completei em voz baixa.

– A gente estava dando um tempo – Heath afirmou.

– Porque você estava dando em cima daquele cozinheiro.

– Chef – ele corrigiu. – E era ele que estava dando em cima de *mim*. Não fui eu que comecei.

– Por que Noah está com você mesmo?

– Porque eu transbordo personalidade e exalo charme.

Deixei escapar uma risada.

– Você transborda e exala alguma coisa, com certeza.

– Por favor, Deus – minha mãe fingia rezar aos céus. – Só peço que troque meus filhos por gatinhos, e nunca mais pecarei.

Heath juntou as mãos em oração e fechou os olhos.

– Caro príncipe das trevas, por favor, dê um jeito dos gatinhos fazerem xixi na cama dela inteira, assim ela vai se arrepender e implorar para a gente voltar.

Eu cutuquei as costelas dele com o cotovelo, depois pedi dinheiro para minha mãe.

– Vou voltar lá dentro e comprar um bolo de morango de dez dólares – expliquei ao pegar o cartão de débito dela. – Vocês dois podem continuar nos conduzindo ao apocalipse até eu voltar.

Eles continuaram a brincar e rir enquanto eu desviava das mesas e de centenas de pássaros, que deviam considerar esse lugar algum tipo de Shangri-La aviário, tendo em vista o tanto de migalhas refinadas que são jogadas para eles pelos visitantes do museu. Não podia culpá-los. Era realmente bonito ali fora, especialmente do outro lado do terraço; o sol da tarde limpava a neblina sobre os famosos arcos laranja-avermelhados da Golden Gate Bridge, que se estendiam pela baía azul. Pela primeira vez, realmente parecia verão, embora eu sentisse um pouco de pena dos turistas que perambulavam de um lado para o outro de shorts. Ao cair da noite, eles iam se arrepender de não ter marcado a viagem em setembro ou outubro, quando fazia mais sol.

Quando abri a porta da lanchonete, uma profusão de sons chamou minha atenção para o corredor do museu. As pessoas estavam pulando das cadeiras, esticando o pescoço para ver alguma coisa. Passei de lado por um dos voluntários do museu e desviei dos visitantes que se amontoavam na saída da exposição Carne e Osso.

Alguns guardas liberaram o espaço ao redor de uma área iluminada no meio da sala. Foi quando vi, rabiscado em dourado, com letras inclinadas sobre a parede cinza da exposição, debaixo do diagrama de Max Brödel:

CELEBRE

Isso era... podia ser...? Quem mais seria?

Jack.

Jack-Jack-Jack! Seu nome quicava em minha cabeça oca como uma bola de borracha dentro de um ginásio vazio. Celebre. Não era coincidência. Ele entrou no *Corp-O-Rama*. Viu meu post sobre os planos para o meu aniversário – aquele em que coloquei uma foto de Brödel. Humilhação e empolgação percorreram meu corpo em espirais vertiginosas.

Ai, meu Deus amado...

Ele fez isso para mim.

Pessoas que pareciam importantes chegaram apressadas com um segurança. Administração do museu. Uma era uma mulher mais velha, distinta, usando blazer e saia, que cobriu a boca com a mão quando viu o grafite.

Alguém estava falando com animação a um casal ao meu lado.

– Vestido de preto – ele dizia. – Não deu para ver o rosto, mas achei estranho ele estar

usando óculos escuros. Tinha um pincel atômico, ou algo assim, enfiado na manga, e simplesmente passou pela parede e começou a escrever, como se não fosse nada.

O casal ficou surpreso e incrédulo.

– Ele foi pego? – perguntei, me metendo na conversa.

– Acho que não – o homem me disse, agitado. – Aconteceu tudo tão rápido. Eu corri para aquela passagem para chamar um guarda. Devo ter demorado uns dez segundos. Ele já tinha ido embora quando voltei.

Minha nossa. Era chocante. E idiota. E louco. Outra pessoa disse que a polícia estava a caminho. Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava tirar o telefone do bolso. Eu não chegaria mais perto de jeito nenhum, então aproximei o zoom o máximo possível e tirei uma foto.

Ah, Jack... o que você fez?

DEMORAMOS UMA ETERNIDADE PARA SAIR do Lincoln Park por causa de todo o rebuliço e o trânsito. Nesse meio-tempo, fiquei confinada no banco de trás da viatura da minha mãe, morrendo de vontade de falar sobre o ocorrido. Mas não podia – não na frente da minha mãe, que já tinha feito uma brincadeira sobre a “coincidência” do grafite ser bizarra (quicá mais legal que o *sombrero* de aniversário que eu ganharia em um restaurante).

Assim que conseguisse falar com Heath sozinha, contaria tudo a ele. Meu irmão podia ser um péssimo exemplo, mas era um excelente ouvinte e dava ótimos conselhos. Ele me daria alguma perspectiva.

Se eu não morresse antes.

Fizemos mais algumas paradas antes de ir para casa, mas eu passei o resto da tarde com o telefone na mão, atualizando o *Corp-O-Rama* a cada minuto e verificando meu e-mail e feeds (ainda nada). Agora que eu sabia que ele tinha mesmo visitado o site, estava ficando louca por não ter entrado em contato pessoalmente. Fiz o possível para analisar tudo de forma racional. Quero dizer... ele não tinha danificado nenhuma obra de arte. E se tivesse? Cuidado, amigo. Além de todos os prejuízos que teria diante da lei, eu o caçaria por conta própria e o estrangularia se tivesse zoadado com o coração do Brödel.

Mas não tinha. Ele só havia danificado uma parede temporária, que o museu devia pintar a cada nova instalação.

Mas ele havia tido a coragem de entrar em um museu em plena luz do dia e o vandalizar. Pense em um delito que pode dar cadeia. Carros de polícia baixaram no Lincoln Park como se estivessem atendendo a um chamado de bomba. Confesso que conheço muita gente que já fez loucuras. Meu próprio irmão já havia desrespeitado um milhão de leis menos importantes antes de sair do colégio. Diferentemente de mim, ele sabia muito bem como fazer coisa errada, e era muito bom nisso. Mas fumar maconha e usar identidade falsa não eram nada em comparação a uma infâmia municipal.

E tinha também a parte muito mais pessoal da história: o fator “eu”. O que isso significava? Sim, era meu aniversário, então claramente era uma referência a isso. Mas, pelo amor de qualquer coisa, bastava mandar uma mensagem pela internet: *Tenha um ótimo dia!* Não precisava acrescentar um delito à mistura. Será que Jack era viciado em adrenalina? Já podia ouvir minha mãe o chamando de encenqueiro.

Apesar de tudo isso, o gesto foi – de certo modo – incrivelmente romântico. Ou talvez eu estivesse apenas romantizando. Talvez ele fizesse uma dúzia de loucuras todos os dias antes do café da manhã.

– Está tudo bem aí atrás? – minha mãe perguntou quando estávamos quase chegando em casa, olhando pelo retrovisor para fazer contato visual.

– Um pouco abalada com tudo o que aconteceu, só isso. – Era verdade. – E com fome. – Com o ocorrido, eu tinha esquecido de comprar meu bolo de morango especial.

– Pensei no Mae Thai para o seu jantar de aniversário. O que acha?

Suspirei de prazer.

– Divino.

Os olhos de minha mãe se enrugaram nos cantos quando ela sorriu para mim no espelho. Eu realmente detestava mentir para ela, principalmente em um dia como hoje, em que ela tinha sido tão legal. Toda essa situação com o Jack era exaustiva. Se ter uma queda por um bad boy fosse assim, não sabia se aguentaria. Bem, Howard Hooper – o único namorado de verdade que eu tive – era meio cretino, mas não era durão. Tinha mais o jeito que os geeks às vezes ficam quando olham para alguém que não sabe o nome de todos os Vingadores, ou o que significa 1337.

Howard Hooper provavelmente molharia as calças só de se imaginar fazendo algo tão corajoso quanto vandalizar um museu em plena luz do dia.

Onde está você, Jack?

Quando finalmente fiquei tão frustrada a ponto de não suportar, decidi jogar a prudência pelos ares e postei a foto que tinha tirado no museu. Acrescentei um comentário levemente provocador: “Vândalo da maçã dourada me desejando feliz aniversário”.

Assim que cliquei em ENVIAR, tive um pequeno ataque de pânico. Estava lá, em meu feed, disponível para todas as cento e sessenta e sete pessoas que me seguiam. Certo, quase nenhuma daquelas pessoas me conhecia de verdade, então talvez eu estivesse exagerando. Além disso, só queria que uma pessoa visse, porque, ei, não se pode fazer uma declaração pública dessas e sumir como se nada tivesse acontecido.

Quando finalmente chegamos em casa, havia um bilhete impresso de um lugar chamado Godspeed Courier preso à porta da frente. “Infelizmente não havia ninguém em casa, mas precisamos de sua assinatura. Tentaremos novamente em_____.” A lacuna não estava preenchida e não tinha nenhum nome.

– Ciclista mensageiro? – minha mãe perguntou, erguendo sacolas quentes cheias de comida.

– O que é, Heath?

– Como eu vou saber? Não encomendei nada. Talvez seja um presente de aniversário para a Bex.

– É claro. Porque eu tenho muitos amigos que usam serviço de entrega.

– Devem ter errado de endereço – minha mãe disse, pegando o bilhete antes de ir para a cozinha.

– Talvez fosse para a Julie.

– Quem sabe – minha mãe respondeu. – Vou perguntar quando a vir.

– Posso levar lá em cima para ela – afirmei.

– Eu disse que cuidaria disso, Beatrix – ela retrucou, de um jeito nem um pouco Katherinesco.

– Afeee – murmurei. – Não podia ser um pouco mais autoritária?

Lembrei daquela ligação tarde da noite. Minha mãe disse para a pessoa não enviar nada pelo correio. Será que estava se referindo a isso?

– Achei que você estivesse morrendo de fome. Venha me ajudar a colocar gelo nos copos –

ela disse da cozinha, em um tom mais agradável, antes que eu pudesse interpretar qualquer outra coisa.

E eu também tinha outras preocupações, como o alerta em meu telefone. Um FELIZ NÍVER que Lauren e Kayla mandaram de Los Angeles (não podiam perder tempo nem para mandar mensagens individuais ou digitar a palavra inteira). Com o celular na mão, verifiquei meu e-mail. Inacreditável: a foto que eu havia postado foi compartilhada quinhentas e três vezes, umas quinhentas vezes mais do que qualquer outra coisa que eu já tenha postado. Será que só eu tirei foto?

– Bex – minha mãe chamou novamente.

– Estou indo! – Ai. Talvez postar aquela foto tenha sido um erro.

Minha agitação apavorada pós-museu aquietou-se até virar um zumbido lento depois de um filme e grandes quantidades de pad thai e curry panang com capim limão. Enquanto minha mãe estava na cozinha, a campainha tocou. Eram quase 20h, meio tarde para visitas. Meu cérebro tirou conclusões e gritou JACK, mas quando Heath abriu a porta, era um policial uniformizado.

Heath pensou *que merda* e a expressão se refletiu em seu rosto e no de minha mãe, quando ela entrou na sala equilibrando três cupcakes com velas acesas.

– Boa noite. Sou o policial Dixon – ele disse. – Desculpem por interromper a noite de vocês, mas, se não importarem, preciso fazer umas perguntas. Posso entrar?

Os ombros de minha mãe se afundaram.

– É claro. Heath, feche a porta e sente. Beatrix, vá para o seu quarto.

– Você é Beatrix Adams? – o policial perguntou.

– Hum. Sou.

– É com você que eu gostaria de falar.

– Comigo?

– Você postou uma fotografia na internet com a conta BioArtGirl?

Minha resposta passou por algum tipo de filtro psicodélico em câmera lenta.

– Hummmmm, siiiiiim, seeenhooooor.

Mal conseguia escutar minha mãe, que estava se apresentando com educação e parecia calma até demais enquanto questionava o policial. Que foto? Do que se tratava aquela visita? Como conseguiram o endereço da filha dela?

O policial Dixon combinava com sua resposta supercalma.

– Rastreamos a conta até um site de artes e encontramos o link para o perfil do Facebook. A Lincoln High estava listada no perfil. Seu endereço está no banco de dados da escola.

Minha nossa. Tudo isso estava configurado como privado. Isso não era violação dos meus direitos?

– Senhorita Adams – ele me disse com um tom de voz firme –, pode me dizer qual é sua relação com a pessoa que vandalizou o museu hoje à tarde?

– Nenhuma! – Por que minha voz estava tão aguda? – Eu postei de brincadeira. Hoje é meu aniversário. Eu vi aquilo e tirei uma foto. É meu aniversário – repeti como uma idiota. Será que podia parecer mais culpada?

O policial permaneceu impassível. Completamente indecifrável.

– Você testemunhou o ato de vandalismo?

– Não. – Conte para ele o que aconteceu, o que foi relativamente fácil, porque estava realmente dizendo a verdade. Na maior parte do tempo. E achei que ele acreditou em mim, mas depois ficou sério.

– Conhece o grupo artístico anarquista Discórdia?

– Já li sobre eles.

– Então sabe que um membro do grupo danificou uma pintura de Rothko no Museu de Arte Moderna há dois anos.

– Foram eles?

– Custou ao museu milhares de dólares para restaurar. É um crime muito sério. Então, se suspeitar que pode ter alguém em sua aula de artes na escola que talvez grafite de vez em quando, precisa me dizer. O museu Legião de Honra não vai pegar leve. E se esse transgressor

– Jesus! Jack agora era considerado um transgressor? – danificar alguma outra coisa, as acusações só vão ficar piores. No momento, estão falando de um a três anos de prisão.

Anos?

– E, pode acreditar, se essa pessoa tiver relação com o Discórdia, ele ou ela não será dispensado de julgamento, porque membros daquele grupo estão sendo acusados de incêndio criminoso, agressão a um policial, baderna... e o que mais você puder imaginar.

– Eu só fui ler sobre o Discórdia na semana passada! – Eu me virei quando minha mãe fez um barulho. – Juro, mãe. Isso é loucura. Apenas poste uma foto.

– Acredito em você, querida.

– A senhora sabe que os pais também podem ser responsabilizados? A senhora pode receber multas, ser presa e ter que pagar até 25 mil dólares se descobrirem alguma relação da sua filha com o Discórdia.

A fantasia que eu tinha de um futuro no Mediterrâneo piscou diante dos meus olhos. Jack jurou que não fazia parte do grupo. Eu acreditava nele?

– O grafite não tem ligação com o aniversário dela – minha mãe disse. – Foi uma coincidência. – Ela estava ficando zangada, e eu apreciaria muito mais sua raiva se merecesse aquela defesa. – Minha filha é uma artista de talento, não uma adolescente perturbada. – Ai, meu Deus. – Ela está nas turmas avançadas na escola. Trabalha vinte horas por semana em um emprego estável.

– Ela ganhou um prêmio de frequência por não faltar nenhum dia na escola no ano passado – meu irmão informou do corredor. – É uma perfeita nerd.

Opa. Valeu, Heath.

– Está atrás da pessoa errada – minha mãe completou.

O policial me entregou um cartão. Lá dizia que ele trabalhava no Programa de Diminuição de Grafites do Departamento de Polícia de São Francisco. Se pensar em qualquer coisa ou se lembrar de algo a respeito de seus colegas de turma, ligue para mim. Às vezes eu consigo intermediar uma solução entre os donos da propriedade e o transgressor. Acredite, é bom que sejamos amigos.

Peguei o cartão e ele saiu com minha mãe, mas eu mal conseguia sentir o papel. Minhas mãos e meus pés ficaram dormentes. A porta se fechou e, depois que minha mãe aferrolhou a tranca, ela se virou e ficou olhando para mim com olhos de águia. O silêncio estava me sufocando. Até mesmo Heath estava quieto, sinal claro de condenação.

– Por favor, diga que foi uma coincidência – minha mãe finalmente disse em voz baixa.

Enfiei os pés embaixo nas almofadas do sofá e abracei meu próprio corpo.

– Eu só tirei uma foto.

Ela fez um sinal positivo com a cabeça, mas a dúvida que exalava dela ficou em minha cabeça como perfume barato. E por que eu me sentia culpada? Não fiz nada de errado. Eu não *pedi* para Jack fazer aquilo. Eu nem sabia o sobrenome dele.

– Não se preocupe, Bex – Heath disse. – Se alguém for para a cadeia nessa família, serei eu.

Tentei sorrir, mas meu coração estava em outro lugar.

– Ah, não – minha mãe murmurou, correndo até os cupcakes esquecidos. Só uma das velas ainda estava acesa, e metade da cobertura tinha derretido e escorrido pela forminha preta e dourada. Ela colocou a bandeja na mesa de centro. – Apresse-se e faça um pedido.

Resmunguei e me inclinei sobre a mesa. Ao apagar a chama, desejei ver Jack mais uma vez... só para poder dar um chute no saco dele.

COMO SE UM ANIVERSÁRIO INUNDADO de pânico não fosse tortura suficiente, na manhã seguinte eu recebi um e-mail da assistente da doutora Sheridan. Na linguagem mais fria e banal possível, a aluna de pós-graduação Denise escreveu que eu “infelizmente” não tinha permissão para desenhar dentro da sala do Programa Corpo Voluntário. Mas apontou que a doutora Sheridan esperava que eu considerasse fazer o curso de anatomia lá, no futuro.

Fiquei arrasada. E como Heath já tinha saído para o trabalho – ele trabalha na recepção de um consultório veterinário em Cole Valley – eu não tinha com quem desabafar. Disse a mim mesma que daria um jeito. Um plano alternativo. Mas, naquele momento, parecia o fim do mundo.

E, para piorar minha infelicidade, minha mãe estava me controlando virtualmente, lendo tudo o que eu não havia desabilitado depois que o policial saiu. Eu nem tinha fotos minhas bebendo em festas, nem nada que pudesse me comprometer, mas, ainda assim... levemente transgressoras.

Por causa de tudo isso, eu não estava com a cabeça no lugar quando cheguei no Mercado Alto no fim daquela tarde. Eu já tinha apagado a foto da palavra CELEBRE e, em homenagem ao meu dia de merda, postei uma outra do meu crachá, sob o qual acrescentei um adesivo que os funcionários do fundo da loja usam para páletes ou latas amassadas: PRODUTOS DANIFICADOS. A senhora Lopez me fez tirar o adesivo assim que cheguei, mas pelo menos finalmente consegui falar com alguém sobre a rejeição.

– Não pode tentar em outra faculdade de medicina? – ela sugeriu. Hoje as joaninhas pendiam de brincos que apareciam entre mechas de seus cabelos na altura no ombro quando ela se mexia. – Afinal, todos os corpos são iguais por dentro, não são?

– Acho que posso tentar.

– E uma clínica veterinária?

Gatos mortos. Eca. Não sou muito impressionável, mas desenhar o bicho de estimação de alguém morto era bem diferente de um sapo preservado em formaldeído num saco plástico.

– Veterinários não fazem dissecação para dar aulas, e precisam seguir leis para o descarte. – Eu sabia daquilo por causa do trabalho de Heath.

A senhora Lopez fez uma careta.

– E sua mãe? Talvez você devesse abrir o jogo e falar com ela. Se explicar a importância que isso tem para você, talvez ela mude de ideia e te ajude.

– Sem chance. Ela não gosta de arriscar conflitos no trabalho, então nunca me ajudaria nesse sentido. E eu nem quero. Prefiro fazer isso por conta própria.

Quando suspirei, ela me deu um tapinha no ombro.

– Você vai pensar em alguma coisa.

Recebemos um número insano de clientes na primeira parte da noite, o que me ajudou a

esvaziar a cabeça. Mas, logo depois das 20h, o movimento ficou bem fraco. Resolvi me ocupar limpando as prateleiras de revistas, então recolhi pilhas de *Food and Wine* e *Organic Spa*, ajoelhei no chão e comecei a limpar.

– Você esqueceu uma parte – uma voz baixa disse atrás de mim.

Meus músculos viraram pedoutora Eu me levantei e me virei devagar para Jack, parado a meros trinta centímetros de mim. Ele tinha cheiro de amaciante, e seu cabelo retrô-rockabilly estava encaracolado sobre um dos olhos. Vestia um casaco preto, curto e justo, com o colarinho largo meio levantado na parte de trás.

Ele era lindo. Eu tinha esquecido o quanto. Não só isso, ele estava extremamente *feliz*. Com brilho nos olhos escuros. Ofegante como se tivesse subido uma ladeira correndo. Um sorriso enorme no meio do rosto com aquela única e perfeita covinha que enfeitava a bochecha como um sinal de nascença.

O quê? E agora eu estava retribuindo o sorriso? *Controle-se, Beatrix*.

Bati os ombros na prateleira de revistas. Droga – eu tinha recuado até lá? Talvez ele não tivesse notado.

– Como me encontrou? – perguntei com o tom de voz mais calmo que pude.

Ele apontou para o meu crachá.

– Só tem dois Mercados Alto, e esse fica na linha N-Judah.

– E, por coincidência, você estava na região?

– Ah, não. Eu desviei bastante do meu caminho para te encontrar. – Ele bateu com a ponta da bota na ponta do meu sapato. – Acho que sua foto que dizia “produtos danificados” queria dizer: “Resumo de um péssimo dia”. Por que está tendo um dia ruim?

– Ah, não sei. Talvez porque um maldito policial apareceu na minha casa ontem à noite para me perguntar sobre o ato de vandalismo que aconteceu no museu.

– O quê? Está brincando?

– Parece que estou brincando?

Ele olhou para trás – nada além de uma prateleira com saquinhos de legumes desidratados e Mozart saindo pelo alto-falante – e passou a mão nos cabelos para tirá-los do olho.

– Merda. Por causa da foto que você postou?

– Ahã.

– O que você falou?

– Que seu nome é Jack, que você tem 17 anos, que é budista e que eles deviam falar com o Mendigo Will para saber do seu paradeiro. Também ajudei a fazer um retrato-falado para eles poderem te identificar. – Ele ficou me encarando, sem entender, enquanto abria a boca em forma de O.

Virei e molhei a prateleira vazia com o spray.

– É o que eu *devia* ter falado para o policial Dixotário. Mas não falei.

– Minha nossa senhora, é difícil saber quando você está brincando.

Spray. Spray. Spray.

– O policial me ameaçou e ameaçou minha mãe de ir para a cadeia. Ele é o responsável pelo departamento de vandalismo e acha que você faz parte do Discórdia.

– Juro pela minha vida, Beatrix. Eu não faço.

Ah, não pense que não notei meu nome na boca dele. Olhei feio.

– Desculpe, Senhorita Produtos Danificados.

Resmunguei em voz baixa, suspirei, e disse:

– Adams. – Se a polícia podia me rastrear, o que impedia um criminoso profissional como Jack de fazer o mesmo?

– Adams – ele repetiu. – Beatrix Adams.

– Bex – eu o corriji, porque parecia que havia temporariamente perdido a cabeça.

Dois pontos em forma de rosas floresceram sobre suas maçãs do rosto.

– Bex Adams – ele disse em um tom de voz mais suave. – É tão estranho eu ainda não saber disso. Sinto que devia.

Eu me concentrei *muito* para limpar o produto que estava passando na prateleira.

– Vincent – ele afirmou, colocando um braço na prateleira ao meu lado.

Aquele nome me parecia vagamente familiar, mas não conseguia identificar o porquê.

– Jack Vincent?

– Jackson Vincent, se quiser ser mais específica. Você sabe. Caso precise me entregar para o policial Dixotário ou algo do tipo – ele brincou.

– Não tem graça.

– Sinto muito. Muito mesmo. Eu só pensei que... droga. Eu te encontrei de primeira no site de arte. BioArtGirl. Seu autorretrato é muito bom. Todo o seu trabalho é incrível. Deixa o meu no chinelo.

– Como posso saber? Só vi algumas letras escorridas, feitas com pincel atômico.

– Eu não danifiquei o diagrama do coração – ele argumentou. – Não sou anarquista. Eu amo arte. E, principalmente, não destruiria algo que significa tanto para você.

Ah, ele *certamente* leu meu post. Bem, é claro que tinha lido, mas era estranho vê-lo admitir bem diante de mim.

– Eu estava tentando... sei lá. Chamar sua atenção, eu acho. Me comunicar.

– Podia ter mandado um cartão.

Ele se esforçou para não sorrir.

– Tenho dificuldade em me manter no caminho do meio.

Sacudi a cabeça, sem saber do que ele estava falando.

– É uma coisa zen. Nós tentamos viver no meio, entre a autonegação e a autoindulgência. Sem extremos.

– Uau. Você passou longe ali.

– Eu disse que não era um bom budista.

Eu não disse nada por alguns instantes.

– Você gostou dos meus desenhos?

– Aquele estudo de um raio x do torso com os ossos aparecendo? – Ele assobiou. – Sensacional.

Err... aquilo era um autorretrato desenhado em espelho, mas só mostrava um dos meus seios, e só uma pessoa de fora da família tinha visto meus seios de perto e ao vivo, então ninguém ia

perceber. Era uma obra de arte, e meio clínico, mas eu havia esquecido que tinha postado, e agora estava com a sensação de que tinha, acidentalmente, dado a Jack uma foto minha mostrando os peitos. Mas ele não estava agindo de forma estranha em relação a isso, então eu provavelmente também não devia me sentir assim. Sequei discretamente o suor da testa.

– Realmente não conheço ninguém com tanto talento – ele continuou enquanto eu me descontrolava em silêncio. – Agora entendo por que quer desenhar corpos dissecados.

– Bem, isso não vai acontecer.

– Por quê?

– Porque a diretora do Departamento de Anatomia disse que não posso desenhar no laboratório. Sem motivo. Deve ser porque não queria uma aluna do ensino médio pelo caminho. Ou talvez por eu não pagar milhares de dólares de mensalidade na faculdade dela.

– Ah, que droga. Você pode fazer alguma coisa para ela mudar de ideia?

– Provavelmente não. Só sei que a mostra de arte da qual vou participar é uma competição de arte científica, e a maioria dos alunos inscritos deve ser fanática por engenharia, química e microbiologia. E noventa por cento são rapazes. Se eu não fizer algo com um nível de precisão e detalhes que impressione os jurados, vou acabar perdendo para uma droga qualquer, uma porcaria de padrão fractal manipulado no Photoshop.

– Acho que agora entendi por que seu dia está sendo ruim.

– Não subestime sua parcela de culpa nisso – eu disse com desdém antes de dar um sorriso amarelo para a cliente que queria passar as compras no caixa. Deixando Jack na prateleira de revistas, fui para minha caixa registradora e passei rapidamente o carrinho da mulher, cheio de produtos orgânicos e queijo importado.

Quando terminei, ele foi até o balcão.

– Eu sinto *muito*.

– Você já disse isso.

– Mas continua sendo verdade – ele disse com um olhar esperançoso e arregalado.

Aqueles cílios escuros deviam ser ilegais. Às vezes, Heath usava lápis no olho quando saía, mas os cílios do Jack produziam a mesma dramaticidade. Ele piscou e eu me dei conta do que era tão impressionante neles.

– Distiquíase.

– Hã?

– Seus cílios. É uma mutação genética que causa fileiras duplas de cílios.

– Ah. É. – Um sorriso hesitante levantou seus lábios. – Minha mãe costumava dizer que eu tinha olhos de Elizabeth Taylor, mas eu prefiro pensar nisso como uma mutação estilo X-Men. Você sabe, é mais poderoso.

Eu tinha um fraco por estranhezas médicas. Era tão injusto que a dele fosse tão exótica e encantadora. *Não olhe nos olhos dele*. Para ser sincera, não podia olhar para *nenhuma* parte dele sem ficar zangada, então o deixei no balcão e voltei às revistas, pegando uma pilha do chão para colocar no lugar. Ele não entendeu a deixa.

– Foi a doutora Sheridan que recusou seu pedido no campus da Parnassus? – Ele pegou outra pilha e colocou no lugar errado.

– Foi – respondi, mudando a pilha para a segunda fileira. Ele pegou o celular e digitou alguma coisa.

– Eu vou resolver.

– Resolver o quê?

– Só preciso de alguns dias. Eu vou te colocar dentro do laboratório de anatomia.

– Como é? E como pretende fazer isso?

– Eu tenho meus métodos. Nem pergunte.

– Ah, não. Eu vou perguntar.

– Apenas confie em mim.

Eu ri.

– E por que eu faria isso? Já devo estar marcada como um tipo de criminosa em potencial no banco de dados do Departamento de Polícia de São Francisco, e agora minha mãe suspeita que eu tenha ido parar no território dos Adolescentes Perturbados. Não me arraste para o seu drama. Não preciso da sua ajuda.

– Beatrix? – uma voz chamou atrás de mim.

Eu virei e vi a cabeça da senhora Lopez surgindo em um dos corredores.

– Está tudo bem?

– Sim, está.

Ela olhou para Jack com desconfiança.

– Cinco minutos para fechar o caixa.

Fiz um sinal positivo com o polegar e me apressei em ajeitar as revistas.

– Por favor, não me cause problemas com a minha chefe – sussurrei com irritação para Jack.

Ele emitiu um ruído de frustração.

– Qual é o seu telefone? Deixa que eu resolvo isso para você.

– Está brincando? A polícia deve estar monitorando meu telefone.

– Isso é ridículo.

– Você é ridículo – murmurei.

– Adoravelmente ridículo?

– Criminalmente ridículo.

– Eu aceito. – Ele sorriu e cutucou, de brincadeira, o nó da minha gravata. Tinha mãos grandes, fortes e cheias de veias azuis, com dedos longos. Além de ossos bonitos. Eu queria desesperadamente passar os dedos sobre eles – o que era insano. E estúpido.

– Por favor, não chegue tão perto – murmurei.

– Não consigo evitar. Fiquei estranhamente estimulado com a gravata e essas tranças de Sacagawea. – Meu rosto estava pegando fogo. Será que ele estava zombando de mim? E por que não tinha se afastado?

– Beatrix? – a senhora Lopez chamou novamente.

– Só um momento – gritei em resposta. – Não posso mais conversar – eu disse a Jack, afastando-me com um aperto nervoso no estômago. – Você tem que ir.

– Número? – ele disse, levantando o telefone.

– De jeito nenhum.

– E-mail?

– Sim, é Bex arroba por-que-não-me-deixa-em-paz ponto com.

– Vou te mandar uma mensagem pelo site, então.

Dei de ombros com a maior indiferença que consegui.

– Estamos em um país livre.

– Você é malvado, senhor Grinch – ele disse, seguindo para as portas. Elas se abriram com um *whoosh*. Ele levantou o colarinho. – Eu vou resolver esse problema para você. Eu juro, Bex Adams, vou resolver.

FIQUEI OLHANDO PARA O TELEFONE, apoiado no suporte para lápis da minha mesa de desenho. A qualquer momento, ele se transformaria em um coelho e eu saberia que estou sonhando. Mas não, continuava sendo um telefone. E se eu precisava de mais provas de que era tudo realidade, elas vieram na forma das batidas rápidas de Heath na bateria, passando através das tábuas do piso. Ele não trabalhava no consultório veterinário às segundas-feiras.

A ligação impossível que eu tinha acabado de receber foi do assistente da doutora Sheridan, Henry. Ele disse que a diretora havia “reconsiderado” minha “solicitação” e perguntou se eu não poderia ir até lá amanhã às 18h. Fui designada a Simon Gan, estudante de fisioterapia que recebia créditos de pesquisa independente, juntamente com três outros alunos de pós-graduação que se encontravam às terças e quintas, das 18h às 20h, no laboratório desocupado. Eu poderia desenhar sob a supervisão dele, a menos que minha presença atrapalhasse a pesquisa deles.

“Prometo que não vou atrapalhar”, eu havia dito a Henry antes de o rapaz me agradecer e desligar.

Mas agora que me dava conta da realidade do que estava – realmente! – acontecendo, meu cérebro se embaralhava para pensar em como isso se encaixaria com a mudança de turnos da minha mãe e com meu horário de trabalho. Além de tudo isso, uma questão inevitável crescia cada vez mais em meus pensamentos: como Jack fizera aquilo?

Porque ele certamente tinha feito alguma coisa. Mas o quê? Ameaçado pichar palavrões com tinta spray no laboratório de anatomia?

Não vou mentir: no instante em que ele saiu do Mercado Alto, eu peguei o telefone e fiquei pesquisando sobre ele. Encontrei seu nome nos sites usuais, mas os perfis estavam configurados como privados. Também desenterrei alguns comentários feitos por um Jack Vincent, de São Francisco, em alguns fóruns de quadrinhos e no site de uma casa de shows que recebeu umas bandas indie das quais eu nunca tinha ouvido falar. Mas a coisa mais estranha que encontrei foi seu nome completo em uma fotografia da escola, do ano passado. A imagem era pequena demais para ver direito, mas “Jackson Vincent” estava lá com um monte de outros adolescentes. O motivo pelo qual não consegui abrir a foto maior foi a exigência de registro no site, que era de uma escola particular no Haight. Uma escola particular *muito* cara – tipo, uma que custa mais de quarenta mil dólares por ano.

Quem diabos é você, Jack?

Imaginei que fosse possível que ele, na verdade, não estudasse lá e tivesse participado de algum tipo de atividade que a escola patrocinava. Eu já tive meus trabalhos de arte exibidos em outras escolas em competições regionais.

De qualquer modo, aquilo não explicava como ele mudou minha situação no laboratório de anatomia.

Minha mente voltou ao motivo pelo qual o Mendigo Will conhecia Jack – a suposta

“amiguinha” que trabalhava no hospital. Jack admitiu que visitava alguém lá e deu a entender que não estavam namorando. Deu mesmo? Ele meio que saiu pela tangente, e eu não tive a chance de contestar. Mas, se ele tivesse namorada, por que estava aparecendo no meu trabalho e arriscando a pele para pichar gestos românticos irresponsáveis para mim?

Ele e a tal “amiguinha” podem ter terminado. Ou talvez fossem apenas bons amigos. Mas, a menos que fosse voluntária no hospital, tinha que ser mais velha. Ele *havia* dito que gostava de garotas mais velhas. Droga. Será que ele era o “garotão” de alguma médica? Será que estava pegando enfermeiras peitudas em quartos sem pacientes? Minha mãe dizia que coisas estranhas aconteciam durante o turno da madrugada. Uma vez ela entrou em um quarto e viu dois médicos e uma enfermeira fazendo um *ménage à trois*, há alguns anos. Eles estavam bem ali, em uma cama de hospital em que um paciente havia morrido um pouco mais cedo.

Ótimo. Agora minha cabeça estava rodando com aquela imagem e o rosto de Jack, tudo sobreposto por uma cena pornô gay de um dos filmes piratas baixados por Heath – que vi *acidentalmente* quando usei o computador dele para procurar o número de telefone de uma pizzeria. E, é claro, talvez eu tenha assistido a ele inteiro, mas só pela anatomia. (Mais ou menos. Quem conseguia desviar os olhos de todo aquele pelo escuro? Aparentemente, o “médico” também não soube se conter.)

Devido à música de Heath, eu quase não ouvi a campainha. Fui até a porta da frente na ponta dos pés e espiei pelo olho mágico, rezando para não ser o policial Dixon. Não era.

Abri a porta e vi um cara sem fôlego, bermuda de Lycra e um capacete de ciclista.

– Beatrix van Asco?

– Van Asch – corriji. – É Holandês. – E por que diabos ele estava usando meu sobrenome antigo? Eu já tinha trocado legalmente para Adams há dois anos. Agora me lembrava do porquê não sentia falta daquele nome.

– Entrega – ele disse, tirando uma caixa embrulhada em papel pardo de sua mochila. – E vou precisar de sua assinatura.

– Você passou aqui há dois dias?

– Passei. Mas, ei, não é minha culpa vocês não estarem em casa. Isso está informado no formulário on-line.

Acho que ele não se deu conta de que eu não me importava nem um pouco.

– O que é?

– Não faço ideia. – Ele me entregou uma tela digital para assinar.

– Quem enviou?

Ele virou a cabeça para ler na tela.

– Hum, está em branco. Isso quer dizer que o cliente quis permanecer anônimo.

– E se for uma bomba, ou algo assim?

– Já teria explodido. Pode assinar, por favor? – ele pediu, com irritação. – Tenho outras entregas.

Assinei e troquei a tela pela caixa marrom. Ele ficou ali parado como se esperasse receber uma gorjeta. Eu me afastei em silêncio e fechei a porta na cara dele.

A caixa tinha o tamanho e o formato de uma fatia de pão. Meu nome e endereço estavam

impressos em uma pequena etiqueta, junto com outros selos do serviço de entrega. Encostei o ouvido na caixa e escutei. Nenhum tique-taque. Sacudi. Nenhum barulho. Então me sentei no sofá e desembulhei.

Embaixo do papel havia uma caixa simples de papelão. Dentro dela, plástico-bolha. Desenrolei e um objeto de madeira caiu em minha mão.

Era um manequim articulado para desenho – aquele que fica sobre uma base e pode ser colocado em várias posições. Só que esse não tinha um cilindro liso como cabeça e discos achatados como pés e mãos. Era intrincadamente esculpido com todos os principais músculos e tendões. Algumas partes do corpo eram mais escuras que outras, e os olhos eram de vidro pintado.

Era extraordinário.

Havia uma pequena etiqueta pendurada na perna. Dizia: *Feito especialmente para você. Esculpido à mão, com projeto próprio. Telegraph Wood Studio. Berkeley, Califórnia.*

– O que é isso? – Heath se debruçou no encosto do sofá. – Uau. Quem enviou isso?

– Não faço ideia. Mas, escute só... – contei tudo sobre a conversa estranha da minha mãe ao telefone aquela noite, enquanto ele inspecionava o manequim. – Foi enviado por um mensageiro local, mas veja a etiqueta. Foi feito em Berkeley.

– Ah, Bex.

– O quê? – Quando Heath não respondeu de imediato, entrei em pânico. – O quê? Diga!

– Nosso pai se mudou para Berkeley há alguns meses.

Não podia ser verdade.

– Ele está em alguma parte de Los Angeles... Santa Mônica.

– O que dizia a etiqueta de endereço?

Meu coração acelerou quando mostrei a ele o papel amassado.

– Veio sem o endereço do remetente. Só Beatrix Van Asch. Aquela nota na porta era dessa entrega.

Heath suspirou, sentou no braço do sofá e escorregou até a almofada ao meu lado.

– Vi um envelope no lixo da cozinha quando estava amarrando o saco. Tinha o nome do papai e um endereço em Berkeley, então eu procurei lá dentro...

– Que nojo.

– ... até encontrar um cartão que dizia: “Nós nos mudamos!”. Ele estava informando a mamãe que havia se mudado para Berkeley com a Suzi.

– Está brincando? Por que não me contou?

– Se a mamãe não contou, imaginei que não quisesse que a gente soubesse. E, grande coisa... Agora ele está mais perto. E daí?

– E me mandando presentes extravagantes? Isso é para compensar o fato de não pagar pensão? Que diabos?

– Sei lá, Bex. Mas a nota do mensageiro foi deixada na porta no dia do seu aniversário, então parece que ele se lembrou. Tenho certeza absoluta de que não se lembra do meu.

Ficamos olhando para o manequim por um bom tempo até que o enfiei de volta na caixa.

– Se era com ele que a mamãe estava falando ao telefone, ela disse que jogaria fora qualquer

coisa que ele enviasse.

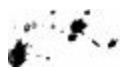
– Só sei que, se pretende ficar com isso, é melhor esconder.

– Não conte para ela – alertei. – Estou falando sério. *Não conte para a mamãe.*

Ele fez um gesto indicando fechar os lábios como um zíper.

Abri o zíper e dei um rápido beijo de agradecimento em seu rosto. Parte de mim queria contar sobre o Jack, mas se eu era mesmo a única pessoa que conhecia seu segredo, parecia traição compartilhar com alguém – até mesmo com Heath. Então, em vez disso, eu falei:

– Adivinhe quem acabou de ganhar um bilhete dourado para o Laboratório Wonka de Dissecção de Cadáveres?



Quem decide doar o corpo para a universidade tem dois funerais: um quando morre, e o segundo depois que foi dissecado e utilizado para pesquisa, quando ocorre a cremação e os alunos fazem uma pequena cerimônia. Foi o que Simon Gan me contou depois de me entregar um crachá de visitante e me mostrar rapidamente as áreas do laboratório de anatomia e das salas de aula que eu precisaria conhecer, e que ficavam todas nos andares superiores do mesmo prédio do campus onde me reuni da primeira vez com a doutora Sheridan.

Magro e de cabelos escuros, Simon tinha um jeito quieto, de rapaz inteligente. Era aluno de pós-graduação e vivia no distrito de Inner Richmond, basicamente a verdadeira Chinatown – não a Chinatown para turistas da Grant Avenue. Ele foi mais gentil comigo do que precisava ser, o que me ajudou a controlar o nervosismo. Queria perguntar se ele sabia por que a doutora Sheridan tinha mudado de ideia, mas ele estava com pressa para me acomodar e voltar para seu próprio trabalho, então apenas escutei.

O verdadeiro laboratório com corpos – a sala de operação, como Simon carinhosamente o chamava – ficava no último andar, e parecia uma longa e arejada ala médica de uma espaçonave. Tudo era branco e cinza, com portas de um amarelo vibrante como o submarino dos Beatles. Câmeras moviam-se no teto, junto com luzes claras sobre canaletas longas e curvas, e havia grandes telas de LCD penduradas ao lado de quadros brancos e monitores médicos em suportes com rodinhas. Seis esqueletos de estudo em tamanho real – como meu Lester, só que esses tinham os dois braços – ficavam de sentinela junto às paredes.

Mas os astros do show eram os corpos, deitados sobre mesas de metal com rodinhas, todos cobertos com lençóis plásticos brancos. Apenas formas vagas. O efeito era tão estéril e frio que podia haver qualquer coisa sob eles – tijolos, roupas, bonecos de ressuscitação cardiopulmonar. Mas o leve odor de formaldeído dizia outra coisa. Alguns corpos ficavam no laboratório durante um ano inteiro. É meio louco. Mas havia um sistema de ventilação moderno, e os corpos não preservados eram mantidos em uma sala refrigerada ao lado.

Simon me apresentou a seu grupo de estudos. Todos, assim como ele, usavam roupas de hospital azuis. Eu me senti deslocada de jeans com minha camiseta do Mütter Museum – o museu na Filadélfia que tem todos os espécimes anatômicos preservados, anomalias médicas e equipamentos antigos –, mas Simon não pareceu notar.

– Estaremos trabalhando na extremidade norte da sala – ele disse enquanto me acompanhava

até o outro lado. – Então achei que talvez você pudesse desenhar na extremidade sul. – Ele parou diante de um lençol branco na última fileira de mesas e apontou para um dos vários suportes de metal – do tipo que se usa para apoiar partituras. – Você pode ajustar isso e usar para desenhar, se precisar. E aqui tem uma banqueta. O espelho pode ser inclinado, se quiser ter uma visão ampliada de cima.

– Ótimo.

– Somos cuidadosos em relação a nossos corpos. Recebemos um para estudar durante meses. O que escolhi para você está sob os cuidados do meu colega de quarto, e peguei a autorização dele para usá-lo. Abri tudo para você, e vou cuidar disso quando você sair. – Eu não tinha ideia do que aquilo significava, mas assenti. – Com isso em mente, só peço que tenha respeito e não toque ou tire do lugar nada que faça parte do corpo ou esteja perto dele.

– É claro.

– Muito bem. Esta – ele puxou o lençol – é Minnie.

Eu já tinha visto muitos espécimes preservados e até tinha alguns em pequenos vidros, mas nunca tinha visto um corpo humano morto de verdade.

Era mais perturbador do que eu esperava.

Minnie era rígida e estava nua. Mulher branca de cabelos castanhos que, Simon me informou, morreu aos 19 anos. Sua pele era grossa, o rosto matizado e enrugado como um ovo em conserva. O torso estava aberto no centro, pele e músculos estendidos, costelas removidas, coração visível. E a parte interna de seu braço estava cortada do pulso ao cotovelo, pele lisa e coberta de gordura espalhada como asas de anjo em volta de músculos e veias.

Achei que as áreas dissecadas seriam vermelhas e vibrantes, mas suas entranhas pareciam mais acinzentadas, cor de carne podre, cintilando sob a luz cirúrgica.

– Mark a pulverizou antes de sair. Eles tendem a ressecar se ficam expostos ao ar por muito tempo, mas você deve conseguir trabalhar por algumas horas. Leva um tempo para acostumar com o cheiro dos produtos químicos. Às vezes ajuda fazer um intervalo. O banheiro e a máquina de refrigerantes ficam depois daquelas portas, à esquerda. Não é permitido comer e beber aqui dentro, obviamente.

Ele estava de brincadeira? Quem conseguiria comer diante daquilo?

– Você está bem?

– Estou – eu disse, mantendo o controle. – Obrigada.

– Grite se precisar de alguma coisa. Quando estiver pronta para ir embora, me avise para eu voltar para fechar Minnie.

Ele deu um tapinha no meu ombro e saiu na direção de seu grupo, que assistia a um vídeo de cirurgia em um dos monitores e comparava o que via na tela ao corpo à sua frente.

Olhei fixamente para as feridas abertas de Minnie, tentando não respirar.

Não era um sapo.

Minha mente tentava entender aquilo que estava diante de mim. Por que ela tinha morrido? Acidente? Doença? Até onde eu sabia, ela tinha uma vida feliz antes disso. Talvez fosse namorada de alguém. Pode ter sido uma aluna prodígio. Talvez fosse uma cantora talentosa. Ou artista, como eu.

E agora estava aqui, exposta. Passando por um tipo imensurável de humilhação, com os seios cortados e os pelos púbicos espessos e as coxas pesadas à mostra para todos julgarem. Apenas um corpo para estudantes cortarem e praticar. Para ser examinado. Estudado. Desenhado.

Parecia... *errado*. Simon disse que conseguiu permissão de seu colega de quarto para “usar” Minnie, como se fosse uma propriedade. Será que ela sabia que seria assim quando se ofereceu para participar do Programa Corpo Voluntário? Será que entendeu que estaria fazendo sua parte para, talvez, um dia salvar outras vidas ao ajudar a educar esses futuros médicos? Que um dos pesquisadores daqui faria testes com seu fígado e descobriria algo revolucionário para a medicina?

Fiquei me perguntando onde eu me encaixava nisso. Se estava lhe fazendo mais mal do que bem ao estar ali. Ou talvez isso nem importasse.

Se não importava, eu não sabia por que estava tão chateada.

Mas lá estava eu, a garota obcecada por anatomia, prestes a começar a chorar sobre o cadáver de uma mulher que nem conhecia.

Se era isso que eu queria fazer da vida, ilustração médica, então era melhor me acostumar. Porque teria que fazer aulas de anatomia na universidade – talvez em um laboratório parecido com este.

Fiz o possível para me desconectar e desligar as emoções, depois passei o maior tempo que pude ajeitando meu caderno de desenho no suporte para partituras, torcendo e prendendo as tranças atrás do pescoço. Quando chegou a hora de desenhar, resolvi me ater ao braço dissecado; era mais fácil do que olhar dentro do buraco em seu peito.

Os alunos que estavam do outro lado da sala falavam ao fundo, dizendo palavras em latim, nomeando músculos. Eu cantarolava uma estrofe de uma das peças clássicas que tocava sem parar no Mercado Alto, repetindo-a várias vezes enquanto meu lápis se movia sobre o papel. Fiz um esboço fraco, depois reforcei as linhas. Avaliei. Apaguei. Redesenhei.

Encarei como uma punição. Algo a que tinha que sobreviver. E consegui: sem intervalos, sem sair correndo para tomar ar fresco, sem choramingar. Se Minnie podia suportar minha inspeção, eu podia fazer meu melhor trabalho, o mais rápido possível.

Quando deu 20h, fechei o caderno e o guardei em uma enorme bolsa vermelha. Coloquei tudo de volta no lugar e acenei para Simon, indicando que estava indo embora. Ele levantou o braço, segurando o bisturi com uma luva de borracha meio brilhante. Eu com certeza *não* podia ficar muito perto dele.

Então me apressei em sair pela porta dos fundos.

O banheiro estava cheio de estudantes conversando, saídos de outra sala de aula no fim do corredor. Lavei as mãos rapidamente, ignorando a dormência em meus dedos e o zumbido cada vez mais alto em meus ouvidos, e saí.

Quando o elevador chegou ao primeiro andar, eu já estava sem ar. Alguém me perguntou se eu estava bem. Coloquei um pé na frente do outro e passei correndo pela porta, adentrando o iminente crepúsculo que tentava vencer a neblina noturna vinda da baía.

Meus pulmões iam explodir. iam estourar dentro do meu peito, e eu acabaria em uma daquelas mesas de aço inoxidável, assim como Minnie. E alguém poderia me dissecar e

estudar meu tecido apodrecido enquanto fazia planos de encontrar outros alunos para comer crepe em Cole Valley depois da aula.

Saí da calçada e mal consegui chegar à proteção dos arbustos do prédio antes de vomitar.

Minha bolsa vermelha escorregou até o pulso e eu apoiei a mão nos tijolos, com a cabeça pendente, a mente repassando todas as imagens de Minnie que eu estava mantendo afastadas. Elas me cercavam e encurralavam. Caíam sobre mim como jogadores de futebol americano que se empilham após o ataque.

Passos apressados batiam no cimento conforme alguém se aproximava. E antes que eu conseguisse reunir forças para olhar para cima, uma voz familiar me trouxe de volta ao presente.

JACK ME AFASTOU DE MINHA PILHA de humilhação e me levou até a sombra comprida de uma árvore.

– Sente aqui – ele orientou, pegando a bolsa vermelha enquanto meus ombros escorregavam pelo tronco.

Meus pés e mãos formigavam, e minha cabeça ainda zunia. Ele me fez uma pergunta, mas não consegui me concentrar nas palavras. Eu estava chorando ou meus olhos estavam molhados porque vomitei? Não sabia ao certo.

Quando vi, Jack agachava ao meu lado, dando instruções.

– Respire devagar pelo nariz, solte pela boca – ele repetiu várias vezes até eu finalmente pegar o ritmo. – Isso mesmo. Continue.

Bem *lentamente*, o zumbido por fim desapareceu. O mundo voltou ao tamanho normal e, bem no meio dele, piscavam os grandes olhos castanhos de Jack.

– Está me ouvindo? – ele perguntou, demonstrando preocupação.

Fiz que sim e sequei o rosto com a manga do casaco. A boca. Que nojo.

Ele abriu uma garrafinha de água que estava pela metade.

– Não tenho nenhuma doença exótica, eu juro. Bocheche e cuspa, de preferência para lá.

Eu me inclinei o máximo possível e enxaguei a boca. Alguns alunos que caminhavam pela calçada me olharam feio. Ótimo. Espero que não estejam no grupo de Simon.

Descansei por um instante, com os olhos fixos no gramado, até meu estômago parar de revirar e eu me sentir mais ou menos normal. Ele não tirou os olhos de mim, mas não disse nada. Eu me senti grata por isso.

Finalmente, engoli mais água e levantei a garrafa.

– Acho que isso agora é meu. – Minha voz estava meio estridente. A garganta também doía.

Ele se sentou na grama, apoiando os cotovelos nos joelhos dobrados, e me entregou a tampinha.

– Obrigada. Onde aprendeu aquele truque de respiração?

– Anos de meditação. Funciona, não é?

E funcionava. Tentei mais algumas repetições, só por garantia.

– Por que está aqui?

– Se continuar postando pistas vagas de onde está, vou procurar por você.

– É uma ameaça?

– É.

Fingi ficar irritada, mas a verdade é que eu queria que ele me encontrasse.

Jack cruzou os braços sobre os joelhos. Ele usava jeans verde-musgo desbotado e a jaqueta de couro preta vintage. Logo abaixo da manga da jaqueta, contas de madeira esculpidas rodeavam seu pulso direito, junto com uma série de pulseiras de couro trançado e barbante.

– Quer compartilhar o que causou tudo isso? – ele perguntou.

– Mariscos estragados.

Ele olhou de canto de olho, sem acreditar.

– Deviam estar muito ruins para te fazer chorar daquele jeito.

– O que quer que eu diga? Sou uma grande covarde, tá bom? – Sucumbi junto à árvore e suspirei. – Nunca tinha visto um cadáver. Não um humano, pelo menos. A não ser que as múmias do Young Museum contem.

– Não é a mesma coisa.

Apreciei o apoio, mas aquilo tudo era humilhante.

– Vá em frente, diga que eu zombei de você por ficar cheio de frescura para dissecar um feto de porco, e agora cá estou, desmoronando.

– Está brincando? Minha professora do oitavo ano morreu quando eu tinha catorze anos. Foi o primeiro morto que eu vi. Chorei até não poder mais na frente de todo mundo que estava no velório quando a vi no caixão, depois fiz exatamente o que você fez nos arbustos, só que foi em cima de uma das coroas de flores. Todos os meus colegas de classe estavam lá, e minha demonstração emotiva de falta de coragem se espalhou pela escola como fogo. Demorou um ano para todo mundo esquecer.

– Acho que você está exagerando para fazer eu me sentir melhor.

– Não estou. Mas está funcionando?

Tomei outro gole de água.

– Além disso, é diferente. Isso é o que eu achei que queria fazer da vida. E não posso ilustrar o funcionamento dos pulmões se não consigo nem *olhar* para os pulmões. Eu não posso desenhar com base nas ilustrações de outras pessoas.

– Por que não?

– Acha que Albrecht Dürer copiava o trabalho de outros artistas? Não. E, se eu quiser ser muito boa, tenho que conseguir desenhar a partir da fonte.

Ele não respondeu, mas eu estava muito frustrada comigo mesma para explicar em detalhes. Além disso, ele era artista, não era? Tinha que entender. Então por que parecia tão sério? Talvez fosse decepção. Não sabia direito o que ele tinha a ver...

Ah.

– Sou tão idiota – eu disse. – Sinto muito.

– Por quê?

Apontei para o laboratório de anatomia.

– Por que você “resolveu” isso para mim. Não sei exatamente o que fez, mas imagino que não deva ter sido fácil.

Ele deu de ombros e gesticulou indicando que não tinha importância.

– Estou mais preocupado com o fato de que tudo o que tento fazer por você acaba dando merda.

– É verdade, não é mesmo? – Eu só estava brincando, mas ele suspirou, então acertei seu queixo com a garrafa de água. – Se acha que algumas lágrimas e uns salgadinhos vomitados vão me impedir de voltar aqui duas vezes por semana, você não me conhece.

Ele não sorriu, mas seus ombros relaxaram. Alguns instantes depois, juntou os dedos,

parecendo ao mesmo tempo animado e evasivo.

- Sabe do que você precisa?
- De um estômago mais forte?
- A segunda melhor opção. Hortelã.
- Hum...

Ele tirou o telefone do bolso e tocou na tela algumas vezes.

- Tem um da linha N a dez quadras daqui. Está se sentindo bem para andar até o ponto?
- Com você?
- É. A ideia era essa.

– Como vou saber que não vai me conduzir a uma aterrorizante cena de crime?

– Droga. Lá se vai meu plano de roubar seus rins.

– Por favor, não fale de rins nesse momento – eu disse, pressionando a palma da mão no estômago.

Ele estremeceu.

– Agora você está me deixando enjoado. Olha só, é um lugar movimentado no Castro. Só temos que fazer uma baldeação. Quinze minutos para chegar lá, no máximo. É só mandar uma mensagem de texto para garantir que alguém saiba onde você está – ele sugeriu.

Pensei por um instante.

- Me dê sua carteira.
- Como assim?

Estendi a mão.

– Se quer me levar para algum lugar, me dê sua carteira.

Ele nem hesitou, apenas tirou-a do bolso e me entregou.

O couro preto estava quente e gasto nas beiradas.

– Achei que você fosse vegetariano – eu disse, abrindo a carteira.

– Fajuto, lembra? Por favor, não fique xeretando muito aí.

Tirei a carteira de motorista.

– Está com medo que eu encontre camisinhas ou sua carteirinha do clube *Meu querido pônei*?

– Homens também podem gostar de pôneis, sabia? Ai, caramba, não olhe a foto.

Como não olharia? Era dez vezes pior do que a foto da minha carteira de identidade e, eu não tinha certeza, mas ele parecia ter uma tonelada de espinhas, o que me fez encarar melhor sua aparência deslumbrante de agora.

– Vejamos... Jackson Vincent é seu verdadeiro nome, e não de um personagem qualquer de *Velozes e furiosos* que você inventou. Que surpresa! E seu aniversário é em dezembro. Então eu sou... o quê? Uns cinco meses mais velha que você?

– Eu disse que gosto de mulheres mais velhas.

Contive um sorriso.

– Um metro e oitenta? Você parece mais alto. – E mais próximo. O rosto dele estava a apenas alguns centímetros do meu.

– Um e oitenta e cinco. Tirei essa carteira há um ano e meio.

- Onde fica esse endereço?
- Ashbury Heights.
- Hum. Você estuda na Urban Academy?
- Andou me espionando? – Ele estufou o peito, mais do que satisfeito com aquilo.
- E aí? Estuda?
- Isso me tornaria uma pessoa mais confiável em um passe de mágica? – ele perguntou.
- Provavelmente não.
- Ótimo, porque tem um monte de idiotas naquela escola. Pode acreditar.
- Se sua família é rica, não estou impressionada.
- Então somos dois. O que você está fazendo?

Minha mãe achava que eu estava trabalhando, e como ela estava para entrar em um turno de doze horas a poucos prédios de distância, imaginei que conseguiria passar despercebida. Mas Heath me esperava em casa. Tirei uma foto da carteira de motorista de Jack com o celular e mandei para Heath com a seguinte mensagem: *Estou indo para o Castro. Se não chegar em casa até meia-noite, este cara me sequestrou.* Depois, devolvi o documento para o lugar – falando sério, aquilo era a ponta de uma embalagem de camisinha? – e guardei a carteira no bolso da minha jaqueta, junto com o celular.

- Devolvo quando você me deixar em casa com os dois rins intactos.

Se eu já não estivesse sentada, seu sorriso teria me derrubado.

- Mais algum argumento? Porque temos que ir se quisermos pegar aquele trólebus. – Ele estendeu a mão.

A maioria das pessoas que se oferece para ajudar alguém a se levantar acaba estendendo uma mão fraca, mas Jack me puxou do chão com uma força surpreendente. Na minha cabeça, ele ganhou alguns pontos a mais por isso. Gosto de pessoas que cumprem promessas.

CUMPRINDO SUA PALAVRA, DEPOIS DO TRÓLEBUS pelo Sunset Tunnel e um indolor trecho de ônibus, Jack me levou por uma rua cheia de carros estacionados até uma loja de esquina, localizada no limite entre Castro e Mission. Ele estava me levando para uma casa de chá que servia (adivinhe!) chá e pequenas porções. Era um daqueles lugares despojados-elegantes que devia cobrar os olhos da cara e atraía uma mistura estranha de frequentadores de teatro e hipsters. Heath ia amar; minha mãe ia torcer o nariz. E meu coração estava acelerado demais para eu ter alguma opinião.

Luz quente irradiava de janelas altas. Estava supercheio – provavelmente por ser 20h30 de um dia de semana. Saímos do ar frio e entramos em uma sala quente com um cheiro inebriante, repleto de especiarias, ervas, cítricos. Apesar do pé-direito alto, o espaço era aconchegante e tinha uma espécie de clima oriental exótico, com muita tinta laranja-queimado, madeira cara e bonsais.

Em outras palavras, era tudo o que o laboratório de anatomia não era, e eu não podia ficar mais grata.

Um balcão de chás se estendia por uma das paredes, mesas à esquerda. Mas em vez de sentar, Jack parou para perguntar por alguém – uma garota sorridente chamada Star, que parecia alguns anos mais velha que a gente. Eles se abraçaram. Quando Jack me apresentou como “sua amiga Beatrix”, ela apertou minha mão e deu uma piscadinha.

– Podemos ficar na mesa da salinha com tatame? – Jack pediu. – Está vazia.

– Vocês têm sorte de ser tarde e eu estar de bom humor. Venham.

Na parede dos fundos, a mesa em questão ficava sobre uma plataforma elevada coberta com uma esteira de bambu. Cabiam dez pessoas sentadas em almofadas no chão, um costume japonês. Uma leve cortina dourada nos separava do resto da sala e dava ilusão de privacidade, mas ainda era possível ouvir e ver todo mundo.

– Está com vontade de comer? – Jack perguntou.

– Não sei se quero desafiar o destino. – Eu realmente não tinha certeza, e não havia nenhum cardápio à vista, mas isso não conteve Jack. Ele pediu um “chá mouro completo com tâmaras extras” e mais um bule de um chá com nome japonês. Acomodei a bolsa vermelha e tirei a jaqueta enquanto ele sacudia os ombros para tirar a dele. Sob ela, vestia uma camisa xadrez roxo-azulado com mangas curtas dobradas vários centímetros acima do cotovelo. E se eu achava suas mãos bonitas, os braços eram impressionantes. Nada além de músculo. Não era fortão como os jogadores de futebol americano, mas esguio e bem definido. Cobrindo aquele músculo, uma tatuagem colorida que começava bem acima dos cotovelos e desaparecia sob as mangas da camisa.

As tatuagens que eu via nos garotos do último ano da minha escola eram desinteressantes ou idiotas – tribais falsas e símbolos de bandas. Ou desenhos genéricos de segunda mão, escolhidos em folhas sujas nos estúdios dez minutos antes de se tatuarem. Mas logo abaixo das

mangas de Jack, um gracioso rabo de peixe vermelho nadava em um mar de águas verde-azuladas em um braço, e uma flor de textura delineada em estilo japonês envolvia o outro. Pareciam pinturas que ganharam vida, vibrantes, detalhadas, belas.

Não fique olhando.

Ele estava ouvindo Star fazer uma pergunta sobre o pedido, então apontei para a porta do outro lado do corredor e fui direto para o banheiro feminino para lavar as mãos e enxaguar a boca mais uma vez. Depois de desejar ter trazido brilho labial, respirei fundo e voltei para a mesa. Jack estava em pé, me esperando, e pareceu aliviado quando eu voltei, como se suspeitasse que eu tivesse fugido ou algo do tipo. Tarde demais.

Sentamos de pernas cruzadas nas almofadas do chão e encostamos na parede. Por alguns instantes, fez-se um silêncio estranho. Em minha defesa, eu estava fora da minha zona de conforto, mas não sabia ao certo qual era a desculpa dele – ou por que estava secando as mãos na calça. Ele parecia presunçoso demais para estar nervoso, mas um de nós tinha que dizer alguma coisa, então tomei a iniciativa.

– Isso é loucura – eu disse, olhando para o salão através da cortina transparente. – Deixa a maioria das cafeterias no chinelo.

– Não é? Adoro esse lugar. O matcha do Centro Zen é melhor, mas vou lá sempre, então não é tão especial.

Eu não fazia ideia do que era matcha, mas já tinha ouvido falar do Centro Zen.

– O que você faz lá? Quero dizer... imagino que não cante hinos e ouça sermões.

Ele fez que não com a cabeça.

– Costumo ir a uma sessão semanal de zazen, a meditação sentada.

– O lance da respiração.

– Bem, é mais do que isso. Mas, sim. E eles oferecem muitas aulas, então às vezes eu me inscrevo nas que me interessam. Ah, e sou voluntário na livraria do Centro alguns dias por semana.

– Voluntário? Tipo, sem receber?

Ele deu de ombros.

– Eu não me importo. Era pior no período de aulas, porque eu tinha que trabalhar aos sábados de manhã. Mas, durante as férias, só fico algumas horas nas tardes de quartas e sextas. Geralmente trabalho com meu amigo Andy. Estamos fazendo uma graphic novel juntos. Ele faz a arte. Eu escrevo e faço o letreiramento.

– Legal. Você faz tudo à mão?

– A maior parte, embora faça alguns textos digitalmente. Mas eu crio todas as fontes.

Aaah. Agora todas as palavras dos grafites da maçã dourada faziam mais sentido. Acho que ele viu a compreensão em meu rosto, porque deu um sorriso encabulado.

– É isso que eu faço – ele afirmou. – Só palavras. Sou bom em layout e design, mas, diferentemente de você, sou péssimo para desenhar pessoas.

Ele tinha um quê de artista. Eu tinha um quê de artista. Sorri, ridiculamente feliz com isso.

– Você desenhou suas tatuagens?

Ele passou a mão sobre o peixe, puxando a manga para cima para uma melhor visualização.

A tinta vibrante cobria cada centímetro de seu bíceps e terminava bem abaixo do ombro. Meias--mangas. Não um amálgama aleatório de pequenas tatuagens feitas uma de cada vez, mas uma pintura inteira.

– Não. Foi um tatuador local.

– É um trabalho incrível. – E deve ter custado uma pequena fortuna. Sem contar que ele ainda não tinha 18 anos, então não estava muito dentro da lei. – É uma carpa?

– Peixe-de-briga siamês – ele disse com um sorriso tímido. – É um nome sofisticado para um peixe-beta. Adoro peixes. Ah, e isso é uma roda de oração budista girando a água. E aqui, no outro braço, é um lótus.

Ele se virou e me mostrou, e eu cheguei mais perto para sentir o cheiro dele – quero dizer... para ver melhor. Certo, e para sentir o cheiro dele, porque *minha nossa*. Aquele perfume, aquele corpo e aquele lótus rosado florescendo em um ramo de caules verdes eram... inebriantes.

– É tão lindo – murmurei. Ouvi sua respiração mudar e de repente me dei conta de que estava debruçada sobre ele por tempo demais. Recuei meio sem jeito e senti o calor em meu rosto.

– Sou péssima para design – disse rapidamente, tentando focar em qualquer outra coisa que não fosse meu próprio constrangimento. – Não sou criativa. Bem, não de um jeito legal. Costumava pintar, mas hoje as cores me oprimem. Talvez meus gostos tenham mudado nos últimos anos. Sei lá. É mais fácil quando deixo a emoção de fora e me concentro apenas em linhas e sombras. Gosto das coisas... – Usei as mãos para fazer a forma de uma caixa sobre a mesa.

– Estruturadas?

– É. Acho que sou uma garota que não gosta de pintar fora dos limites. Pior, na verdade, prefiro sombrear dentro dos limites com um belo e leve lápis 4H. Algo escuro como um 5B ou 6B? Só se estivesse louca.

Ele riu, esticando as longas pernas sob a mesa baixa. Quando fez isso, sua coxa bateu em meu joelho e ficou por ali, enviando uma corrente de arrepios quentes para meu sistema nervoso e causando um curto-circuito em meu lobo frontal.

– O zen me diria para adotar o lápis do meio – ele disse.

– Ah, o lápis HB – concordei, acenando com a cabeça.

– Tão tedioso, aquele HB.

– Você não é HB. É como dez lápis de cor de uma só vez. – Eu disse mesmo aquilo? Talvez se eu entrasse embaixo da mesa, ninguém notaria.

– Você ficaria surpresa em ver como sou entediante.

Eu duvidava muito daquilo. Ele puxou a cordinha preta pendurada do lado de uma das pulseiras que eu já havia notado.

– Isso é algo religioso?

– Japamala – ele respondeu, mostrando mais de perto. A fileira de contas escuras e irregulares dava três voltas em seu pulso. – Sementes bodhi. Eu uso para contagem de um mantra. Torço cada bolinha ao contar, desse jeito.

Passei a ponta dos dedos sobre a superfície lisa de uma fileira, só por um instante; parecia pessoal demais para ser tocado.

– Como um rosário? Para contar penitência ou pecados ou seja o que for?

– Mais ou menos. Budistas não acreditam em pecado. Pelo menos não do tipo que recebe punição de um deus zangado.

– Então você pode fazer o que quiser?

– Seguimos um código moral de “não violência”. Coisas básicas, como não matar, não roubar, não criticar os outros.

– Não destruir propriedade?

Um lado da boca dele se contorceu.

– Não fiz nada que não pudesse ser limpo. Não estou arrancando cabeças de estátuas ou colocando fogo nas coisas.

– Mas...

– *Mas* estou ciente de que o que fiz afeta os outros, e às vezes pode ser de maneira negativa. E isso não é legal. Mas faço de tudo para causar o mínimo de danos possível.

Algumas garotas passaram por nossa mesa a caminho do banheiro, então não pressionei Jack a respeito de vandalismo para não correr o risco de escutarem.

– Há quanto tempo você é budista?

– Há dois anos. E, antes que pergunte, minha família não é religiosa. A família da minha mãe é da igreja episcopal, então meus pais fazem aparições na Grace Cathedral. Mas é só pelas aparências. Meu pai meio que idolatra a si mesmo.

– Meu pai fugiu com a dona de um clube de striptease há alguns anos. – Fiquei surpresa com as palavras que saíram da minha boca, porque só falava sobre o meu pai com Heath, nunca com meus amigos, e nunca, *já*, com a minha mãe.

– Nossa! Quanta classe.

– Não é? Não tenho nenhum contato com ele, então nem me peça entradas grátis – brinquei. É claro que, logo depois que falei aquilo, me dei conta de que não era mais totalmente verdadeiro – o fato de não ter nenhum contato. O manequim articulado estava enfiado no fundo de meu guarda-roupa da Ikea, embaixo de umas caixas de sapato. Ainda não tinha decidido o que fazer com aquilo.

– Sinto muito – Jack disse em um tom de voz baixo que me deixou constrangida.

– Por quê? Ele é um cretino, mas nossa vida seguiu sem ele. Metade dos casamentos termina em divórcio. Todo mundo espera que eu fique chorando por não ter uma figura paterna em minha vida, como se eu tivesse que ser perturbada por isso, ou algo assim. Mas, na verdade, eu nem penso nele.

Dei de ombros quando Star e outra funcionária subiram as escadas até nossa plataforma, carregando dois bules de chá: um de cerâmica preta e outro de vidro. Com eles, uma bandeja comprida cheia de homus, berinjela grelhada, azeitonas e tâmaras gordas recheadas de queijo feta e enfeitadas com botões de flores – flores!

– De repente, me deu uma fome – murmurei.

– Eu poderia comer isso tudo sozinho, então é melhor a gente pedir mais alguma coisa.

Queijo ou doces?

– Hum, escolha difícil.

– Pode trazer os dois – ele disse a Star.

– Só para deixar claro, eu não vou pagar por nada disso, riquinho.

– Isso pode ser um problema, já que está com a minha carteira. – Ele me lembrou enquanto servia xícaras fumegantes do chá de hortelã com o aroma mais maravilhoso que eu já havia sentido.

– Nesse caso, as bebidas são por minha conta.

Tudo tinha um sabor incrível, inclusive o chá. E as flores eram comestíveis. Não tinham gosto de nada, mas gostei mesmo assim. Enquanto nos enchíamos de comidinhas, estiquei as pernas sob a mesa ao lado das de Jack. Bastaram duas mordidas em uma tâmara recheada de feta e regada com mel para eu acabar grudada nele do quadril ao tornozelo. Jack era extremamente confortável, e talvez fosse pelo fato de eu ser pequena e ele alto, ou de eu estar com sua carteira em meu bolso, mas não conseguia lembrar da última vez em que me senti tão... bem, *segura* não era a palavra certa porque eu ainda ficava nervosa perto dele. Sei lá. Talvez eu estivesse contente. Quem sabe? Podia ser que eu apenas estivesse aliviada por ter alguma comida no estômago depois do que aconteceu no laboratório de anatomia.

Rimos das piadas idiotas um do outro e descobrimos que tínhamos algumas coisas em comum: ambos havíamos nascido na cidade; ambos tínhamos ido a Alcatraz em passeios da escola, e odiado; e, no Amoeba Music, gostávamos mais de ficar olhando os filmes e pôsteres de rock retrô do que da música em si.

Quando tive certeza de que não havia ninguém ouvindo nossa conversa, disse em voz baixa:

– Já que sou a única que conhece sua identidade secreta, acho que preciso saber por quê.

– Por que não contei a ninguém? – ele perguntou.

– Por que você está fazendo isso.

Ele baixou as sobrancelhas, e por um instante seus olhos ficaram tão encobertos pelos cílios escuros que desapareceram, e ele virou um fantasma sem rosto, com órbitas vazias e escuras. Então ele girou a cabeça e fingiu sorrir.

– Não é importante.

– É só uma coisa que você faz por diversão?

– Não, não é isso.

– Problemas com seu pai?

Jack riu.

– Se um dia ele descobrir, aí terei problemas. Porque ele vai me deserdar. – Seus cabelos penteados para cima estavam se desmilinguindo no vapor que saía de nossas xícaras de chá. Ele tirou um cacho da frente dos olhos. – Meu pai vive para o trabalho. A família vem... bem, nem mesmo em segundo lugar. Minha mãe está no topo da lista, mas eu devo vir em décimo. E se um dia eu o constranger em público, ele vai me mandar embora para algum lugar antes que eu possa abrir a boca para me desculpar. Colégio militar ou Rússia, provavelmente. Não estou brincando.

– Para falar a verdade, isso que você está fazendo provavelmente vai te mandar para a cadeia,

então não devia se preocupar em ser mandado para longe.

– Bem lembrado. Se eu for preso, pode me mandar um HB bem apontado escondido em um bolo?

– Se parar com o vandalismo, talvez não precise tentar sair do presídio de San Quentin usando um lápis como faca.

Ele esfregou a bochecha no ombro, e seu rosto se aproximou do meu a ponto de eu sentir o cheiro de limão de sua cera de cabelo e o chá de hortelã em seu hálito. Mal escutei sua resposta sussurrada sob o som de passos que corriam na direção de nossa mesa.

– Não posso.

Antes que eu conseguisse perguntar o motivo, a mesa explodiu.

PRATOS E LOUÇAS ESCORREGARAM, o homus se espalhou, e o bule de chá japonês de Jack virou e espirrou em meu rosto e na minha camisa. Não estava mais quente, mas isso não me impediu de gritar, em choque, como se tivesse sido queimada. Com a rapidez de uma mãe, o braço de Jack veio parar na minha frente como um escudo, mas o estrago já estava feito.

– Ah, meu Deus! Sinto muito!

Sequei o rosto e vi uma menina agachada ao meu lado ajudando a endireitar a mesa. Era magra e pequena, mas não tão baixa quanto eu, e tinha um corte de cabelo assimétrico – preto do lado mais curto e com mechas roxas e cor-de-rosa do lado mais comprido.

– Meu pé prendeu na esteira de junco – ela explicou com uma vozinha aguda que não combinava com os cabelos extravagantes. – Sou tão desajeitada.

– Tudo bem – Jack disse em tom de voz tenso, usando o braço protetor para empurrar nossos pratos para longe da beirada da mesa antes que caíssem em nosso colo.

– Meu primo Trevor mora a uma quadra daqui. Sabe, aquele que está na faculdade? Bem, eu vi seu cabelo pela janela quando estava passando. Não pude acreditar que era você, mas era e... com licença.

Ela se debruçou sobre mim para abraçar o pescoço de Jack.

– Hum, Beatrix – ele disse, pigarreando. – Esta é minha amiga Sierra.

– Olá – ela disse para mim, colocando a mão no meu ombro para se apoiar enquanto se sentava sobre os calcanhares. Estava bêbada, ou algo assim? Ela tinha um cheiro estranho. – Ele está sendo modesto. Somos mais que amigos. Ela mordeu o lábio inferior e sorriu para Jack.

Uma expressão absolutamente apavorada passou pelo rosto dele. Ele movimentou a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas não conseguiu forçar as palavras a saírem.

– Ei, não esquentar – ela disse. – Não estamos juntos. Jackson não gosta desse lance de casal, como você deve saber. Você estuda na escola dele?

– Não.

Alguém bateu na janela. A silhueta de um homem.

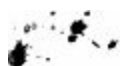
– Droga. Tenho que ir. Ei, vocês querem ir com a gente? Estamos indo para uma festa em Rincon Hill.

– Não, obrigado – Jack respondeu irritado.

Ela deu de ombros e se levantou.

– Me liga depois. Talvez você, Andy e eu possamos passar um tempo na casa da mãe dele. Nossa! Quase tropecei de novo. Vocês precisam dar um jeito nessa esteira – ela disse para a garçonete que havia subido as escadas correndo com panos para limpar nossa mesa.

– Até mais, Jackson.



Ajudamos Star a limpar a mesa. Jack se desculpou com ela, e depois comigo a caminho de Inner Sunset. O ônibus que ia para o metrô estava lotado. Tivemos que ficar em pé. Mas quando conseguimos dois lugares juntos no trólebus da linha N, conversamos um pouco.

– Valeu por ficar de boa com a Sierra – ele disse em voz baixa.

– Um surto por dia é meu limite, e eu já usei minha cota no laboratório de anatomia.

– Ah, que bom.

– Mas já que estamos falando dela, você e Sierra...?

Ele olhou nos meus olhos e disse com muita seriedade:

– De jeito nenhum. Sierra e eu somos só amigos. É o que sempre fomos. Bem... – Ele sacudiu a cabeça e olhou pela janela escura. – É complicado. Ou era. Mas agora é simples, e nós somos amigos.

– Certo.

– Certo? – ele repetiu, juntando as sobrancelhas.

Tirei uma folha de chá molhada de seus cabelos e dei um sorriso fraco.

– Certo.

Depois que devolvi a carteira dele, trocamos números de telefone, endereços de e-mail e horários de trabalho. Agradei por ele não ter zombado de mim em frente ao laboratório de anatomia. Ele me agradeceu novamente por não ter surtado ao levar um banho de chá. Quando chegamos no meu ponto, não quis que ele me levasse até em casa. Em primeiro lugar, posso me cuidar sozinha. E em segundo, ninguém nunca tinha me levado até a porta de casa. Nem mesmo Howard Hooper. (E não se trata de uma referência velada a sexo, porque Howard e eu transávamos muito. Bem, talvez não *muito*, exatamente, mas *um pouco*. E, de qualquer modo, cem por cento das vezes no carro dele... e cem por cento das vezes era decepcionante.)

Além de tudo isso, eu não sabia ao certo se queria dar de cara com minha mãe em casa, em outro intervalo não planejado, principalmente porque teria que mentir quando explicasse que, não, Jack não teve nada a ver com o grafite no museu e, nossa, não sei por que esqueci de mencionar que o conheci no corujão, no meio da noite, quando fui escondida fazer uma coisa que *ela me pediu especificamente para não fazer*.

Não gosto de decepcioná-la, então acabei decepcionando Jack. Não que eu fosse convencida o bastante para supor que ele tinha planejado me arrebatrar em frente à porta e me beijar como se não houvesse amanhã. Mas ficou bem óbvio que ele ficou chateado quando eu não quis que ele me acompanhasse por um mísero quarteirão e meio do ponto até minha casa.

– Não é por não confiar em você – eu disse antes de ir embora, mas acho que ele não acreditou em mim. E aquilo fez eu me sentir meio desprezível, principalmente quando cheguei ao fim da rua, me virei, e vi sua silhueta parada sob a neblina, me olhando. Acenei, mas ele não correspondeu, e a sensação de que eu era desprezível se transformou em uma melancolia geral.

Quando consegui chegar em casa, descobri que Heath tinha saído com Noah. Ainda bem que não precisei que ele recorresse à carteira de motorista de Jack, porque não só ele demoraria horas para notar que eu tinha sumido, como a foto que enviei estava tão fora de foco que não dava para ler metade das informações. Mas eu ainda lembrava do nome da rua de Jack e

procurei o endereço na internet. Ficava do lado oeste do Buena Vista Park, e as casas ali custavam de 500 mil a vários milhões.

Fiquei me perguntando qual seria a dele.

Nós morávamos em uma casa melhor em Cole Valley, antes de meu pai ir embora. Ele era vice-presidente de questões acadêmicas no hospital universitário. Foi assim que meus pais se conheceram. Então, pois é, ele ganhava rios de dinheiro e não se dava ao trabalho de pagar nossa pensão. Heath e eu fizemos pressão para minha mãe levá-lo à Justiça, mas ela explodiu de raiva e gritou conosco, dizendo que não precisava de esmola de um traidor mentiroso. Ei! Não precisa falar duas vezes. Nunca mais tocamos no assunto, nem nas ocasiões em que Heath e eu tivemos que contribuir com nosso próprio dinheiro para pagar uma conta de luz mais alta, ou algo assim. Não era sempre – umas poucas vezes por ano. E nós três estávamos morando juntos, usando a eletricidade, unidos em nossa posição contra aceitar esmola de traidores mentirosos. Então eu não reclamava.

Só não estava muito pronta para olhar para Minnie de novo, então depois de esconder meu caderno de desenho, tirei as roupas e peguei o manequim articulado. Meu pai podia ou não ter um emprego importante, mas aquela coisa não era barata. Virei o boneco nas mãos e pensei em tudo o que Heath tinha me contado sobre o cartão que encontrou no lixo. Heath não lembrava do endereço em Berkeley, mas era surreal pensar que, depois de anos sem ver meu pai, ele podia estar a uma hora de distância, do outro lado da baía.

Virei a etiqueta. Telegraph Wood Studio. Uma rápida busca na internet revelou as informações de contato, incluindo endereço de e-mail para dúvidas. Duvidava que manequins articulados vendessem como água, e certamente a pessoa que o esculpiu se lembraria do nome do cliente. Podiam até ter um endereço na ficha. Que mal faria perguntar?

Antes de perder a coragem, enviei um breve e-mail.

Pronto. Ou meu pai tinha mandado o presente, ou não tinha. E se tivesse? Bem, eu pensaria nisso quando chegasse a hora.

Passava da meia-noite quando fui para a cama, remoendo tudo o que havia acontecido aquele dia. Minha sessão no laboratório de anatomia. O que se passou depois. A forma calma e paciente com que Jack me orientou a respirar. O calor de sua perna junto à minha...

Meu telefone tocou, era uma mensagem de texto. Jack. Já? Eu meio que esperava que ele seguisse o mesmo padrão, ou seja, que passasse dias sem me dar notícias.

* Jack Vincent, às 00:33: *toque no microfone* 1,2,3... Testando!

Eu: Olá.

Jack: Só queria saber se você chegou bem em casa.

Eu: Sim e salva. E você?

Jack: Não, apenas salvo. Ainda sinto muito pelo que aconteceu.

Eu: Se você se desculpar novamente, vou ter que te atacar com um lápis.

Jack: Sim, senhora. Ei, Bex?

Eu: O quê?

Jack: Apesar do vômito e da cara cheia de chá, ainda foi a melhor noite que tive em muito, muito tempo.

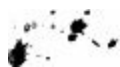
Sorri com o rosto no travesseiro antes de digitar a resposta:

Eu: Vou voltar para o laboratório de anatomia na quinta. Pode levar uma garrafa de água?

Jack: Está bem, mas dessa vez eu que fico com a SUA carteira.

Eu: Combinado. Boa noite, Jack.

Jack: Boa noite, Bex.



Ele não mandou mais nenhuma mensagem aquela noite, nem na quarta-feira. Quando chegou a tarde de quinta, meu cérebro estava mais uma vez imaginando razões loucas que justificassem. Tipo, talvez quando ele disse que não podia parar de fazer os grafites da maçã dourada, era por estar sendo forçado pela notória gangue local Westmob a pichar palavras inspiradoras pela cidade para despertar a inimizade de sua rival, a Big Block.

Ou talvez aquela tal Sierra realmente *fosse* a garota que ele visitava no hospital. E mesmo ele dizendo que eram “apenas” amigos, agora eu não conseguia não pensar no “mais que” acrescentado por ela e no que, exatamente, aquilo podia significar. Eu tinha uma imaginação fértil, e quanto mais fértil ela ficava, mais ciúmes eu tinha.

No trólebus, a caminho do laboratório de anatomia, mandei uma mensagem para ele com o número do prédio e o horário da minha sessão de desenho. Mas ele não respondeu. Nem àquela hora nem depois que saí do trólebus e segui o mesmo caminho que tínhamos feito duas noites atrás. No meio do caminho, contudo, avistei sua silhueta esguia descendo por uma calçada que cruzou com a minha.

– Jack – gritei atrás dele. Quando ele não parou, corri para me aproximar e chamei novamente.

Ele virou a cabeça nas duas direções. Parecia confuso.

– Ei – eu disse, parando diante dele. – Mandei uma mensagem de texto para você agora há pouco.

– Bex. – Sua voz estava péssima. Nossa, seus olhos estavam muito vermelhos também. Ou ele tinha desenvolvido um vício em drogas totalmente não budistas, ou tinha passado a noite em claro. – A bateria do meu telefone acabou ontem e eu não fui para casa recarregar.

– O que aconteceu?

Ele sacudiu a cabeça várias vezes e esfregou o topo dela, deixando os cabelos mais desgrehados do que já estavam. Foi quando notei que suas roupas estavam amassadas, e que ele tinha uma leve sombra de barba por fazer escurecendo o maxilar e o queixo.

– Minha nossa, Jack. O que está acontecendo?

– Vai acontecer... Acho que o pior é... eu não sei. Não dormi, e preciso de um banho. Eu quis te ligar, mas ninguém precisa de um peso desses na vida e...

– Por que não me deixa avaliar? Diga o que aconteceu.

– Eu...

Uma voz grave urrou atrás de mim.

– Jackson.

Eu me virei e vi um homem de meia-idade com um casaco acinzentado se aproximando. Talvez ele fosse bonito, mas era difícil ter certeza por conta dos óculos escuros e do boné preto afundando no rosto. A única certeza que eu tinha era que suas roupas custavam mais do que tudo o que eu tinha em meu pobre guarda-roupa.

– O carro está esperando – o homem disse, olhando rapidamente para mim. Rápido o suficiente para passar o recado de que eu era irrelevante.

– Pai...

– Agora. – Ele colocou a mão no ombro de Jack e o conduziu.

– Jack! – eu exclamei.

– Eu te ligo – ele respondeu olhando para trás, com aflição nos olhos. Alguns segundos depois, eles estavam a metros de distância, seguindo na direção da área de desembarque perto do estacionamento.

O que tinha acontecido?

DESENHAR MINNIE FOI UM MILHÃO de vezes pior aquela noite, em parte porque eu já sabia o que esperar, e em parte porque estava preocupada com Jack. Mas não tentei dar uma de heroína dessa vez: pedi licença no meio da sessão de desenho para dar uma volta e respirar, usando o mesmo padrão de inspiração e expiração que Jack tinha me ensinado. Ajudou. Consegui não vomitar nos arbustos novamente.

Quando Jack não deu notícias aquela noite, eu disse a mim mesma que ele estava passando por uma situação realmente séria, independentemente do que fosse. E se ele havia mesmo ficado tanto tempo sem dormir, esperava que estivesse fazendo exatamente isso.

No dia seguinte, mandei uma mensagem pedindo para ele falar comigo assim que pudesse, sem pressa. Ele respondeu de imediato.

* Jack Vincent, às 13:30: Não estou te ignorando. Juro.

Eu: Você está bem?

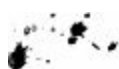
Jack: Melhor. Mas tenho que voltar ao hospital em alguns minutos.

Eu: Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Jack: Não. Só queria que as coisas fossem diferentes. Gostaria de dizer que isso não é comum, mas é só minha vida perturbada.

Eu: Estou aqui, caso queira conversar. Mas não posso ajudar se não me disser o que está acontecendo.

Jack: Preciso ir agora. Provavelmente ficarei ausente por um tempo. Acredite, é melhor assim.



Não sei por que pensei que “um tempo” significasse horas, ou mesmo um dia. Mas, depois que se passou uma semana, não pude mais aguentar. Não passei o tempo todo chorando, nem nada parecido. Continuei indo escondida para minhas sessões de desenho com Minnie. Trabalhei quatro turnos no Mercado Alto. Verifiquei meu e-mail para ver se a loja de escultura em madeira que fez o manequim articulado em Berkeley tinha respondido. E fiz o possível para não me preocupar com Jack.

Até que RESISTA apareceu.

Maiden Lane é uma ruazinha em Union Square. Costumava ser cheia de bordéis antes do terremoto de 1906 acabar com tudo – o que é meio engraçado, porque agora é uma rua chique cheia de butikues e restaurantes sofisticados. Também é uma rua apenas para pedestres durante o dia. Há portões que ficam fechados para impedir o trânsito até as cinco da tarde, quando são abertos para os carros transitarem durante a noite.

No entanto, “alguém” cerrou os portões tarde na noite passada, depois que as lojas fecharam, e enquanto a rua estava bloqueada, aquele alguém pintou a palavra RESISTA em letras douradas de quatro metros e meio no centro da Maiden Lane. As letras foram desenhadas para parecer uma placa antiga de *saloon* do Velho Oeste.

Meu coração ficou apertado quando vi a palavra brilhando na tela da TV no noticiário matutino. Um repórter entrevistou o dono de uma cafeteria cujas mesas estavam organizadas em volta do *R* gigantesco. Usando aquilo como chance de fazer propaganda, ele disse que “até gostou” do grafite e chamou o público para vê-lo pessoalmente e comprar um café com leite.

RESISTA. Aquilo significava alguma coisa? Ele estava expressando alguma coisa relacionada ao que estava vivenciando? Seria um sinal de que estava pronto para voltar a se comunicar?

No fim da tarde, enquanto minha mãe tomava banho e se preparava para o trabalho, ouvi passos descendo a escada para o porão e tomei a decisão repentina de pedir um conselho imparcial. Então calcei meias felpudas e desci para a lavanderia.

Uma porta à direita levava à garagem. A outra levava ao quarto de Heath, e já estava se fechando quando eu gritei:

– Ei!

A cabeça de Heath apareceu na fresta.

– Oi.

– Como foi o trabalho?

– Hum, tudo bem. O que foi?

– Nada.

– Certo, então por que está perguntando como foi o meu dia como se fosse uma dona de casa da década de 1950?

– Preciso de um conselho antes que a mamãe saia do banho.

Ele segurou a porta e fez sinal para eu entrar.

– Ela deve sair em 30 segundos, então é melhor falar rápido.

Entrei no quarto e ele fechou a porta. Hum. A lavanderia estava... surpreendentemente limpa. Sua cama de solteiro estava encostada em uma parede, e não estava arrumada, é claro. Mas normalmente o chão ficava coberto de roupas (o que era irônico, uma vez que a lavadora e a secadora estavam *literalmente* a quatro passos da cama dele), e sua arara de roupas ficava cheia de cabides vazios. Hoje, no entanto, tudo estava no lugar, e a poltrona do canto não tinha pilhas de livros e caixas de jogos de videogame. Eu me encolhi nela enquanto ele trocava de camiseta.

– O que aconteceu com a parede do apocalipse? – Era como ele chamava o bloco de cimento pintado sobre a bancada da lavanderia, onde milhares de adesivos de bandas de metal-barra-punk-barra-indie e bares formavam uma composição gigante de logos infernais. Pelo menos era o que havia há alguns dias. Não mais.

– Eu dei um fim nela. A mamãe tinha razão. Estavam descascando, e todos os resíduos de adesivos estavam cobertos de poeira. Era meio nojento.

– Tudo bem. Desde quando começou a se importar em ser higiênico? – Porque ele era o cara mais desleixado que eu conhecia.

– Está aqui para me encher o saco? Pensei que quisesse um conselho.

Suspirei.

– Então, digamos apenas que conheci um cara no corujão uma noite, quando estava voltando do hospital, e nos demos muito bem. Mas descobri que ele estava a caminho de cometer um

crime.

- Ele parece um vencedor.
- Quietos, era um crime bem leve.
- Leve como portar trinta gramas de maconha ou leve como estacionar em local proibido?
- Algo entre os dois?

Heath vestiu a camiseta e ficou olhando fixamente para mim, boquiaberto.

- Roubar um carro?
- O quê? – Quase engasguei. – Isso é dez vezes pior que comprar drogas.

Heath riu.

– Certo. O que foi, então? Ele estava assaltando um posto de gasolina, mas era porque sua avó precisava de dinheiro para fazer uma cirurgia? Ou foi algo mais besta, tipo jogar ovos na casa de alguém? – Quando não respondi de imediato, ele arregalou os olhos. – Espere. Não eram ovos, mas algo parecido? Papel higiênico? Ah, merda! *Não pode ser.* Está brincando? Aquela coisa no museu?

Fiquei totalmente pálida.

- Minha nossa... – ele murmurou. – Então *foi mesmo* para você?
- Heath...

Ele apontou o dedo para mim.

– Aquela mensagem que você mandou com uma carteira de motorista tremida. É ele? Você está saindo com o artista de rua da maçã dourada?

- Isso é loucura – eu disse, sem forças. – Foi esse lance do ovo.
- Você é a pior mentirosa do mundo.
- Ah, droga – sussurrei, cobrindo o rosto com as mãos. – Tem que prometer que não vai contar para a mamãe. Jure por sua vida, Heath.

– Eu juro. Nossa, Bex. Quando você faz uma coisa, se empenha mesmo. Um minuto está enfiada no quarto, cheia de crises existenciais, jogando fora seus quadros, dizendo “não quero mais saber de cores”, e no outro está enlouquecendo com artistas de rua famosos.

Olhei feio para ele por cima dos meus joelhos dobrados.

- Quer ouvir ou vai tentar adivinhar a história toda?
- Está bem, continue e me conte sua história revolucionária, Patty Hearst. – Ele olhou para um cano que rangia no teto. – Mas fale rápido. O chuveiro está desligado, então só temos 15 minutos enquanto ela seca o cabelo e se maquia.

Ele podia ouvir tudo aqui embaixo.

Em um turbilhão de palavras confusas, contei a história toda. Bem, metade. Deixei de fora as partes em que me desesperava e desejava Jack, e não admiti mais nada a respeito da história da maçã dourada, porque já me sentia culpada o bastante por não ter conseguido guardar o segredo. Mas contei a Heath sobre Sierra invadindo a casa de chá e sobre o Mendigo Will dizendo que Jack tinha uma amiguinha no hospital. E sobre a última vez em que vi Jack, quando ele estava com o pai.

- Então agora não tenho a mínima ideia do que está acontecendo – concluí.
- Ele te contou que o pai é um empresário rico que não liga para a família, então por que esse

pai estava no hospital com seu namorado?

– Sei lá.

– Talvez tenha acontecido alguma coisa com a mãe.

Droga. Jack tinha dito que sua mãe estava “no topo” da lista de prioridades do seu pai. Apenas ele que não estava.

– E se a mãe dele tem câncer ou algo do tipo?

– O centro de tratamento de câncer da universidade fica do outro lado da cidade, em Mount Zion – Heath lembrou. – Mas pode ser alguma outra coisa. Talvez ela tivesse um médico no campus da Parnassus para consultas regulares, e por isso o Vagabundo Bill via o garoto toda hora.

– Mendigo Will – corriji, irritada. Heath tinha falado com Will tanto quanto eu no decorrer dos anos; era de se esperar que soubesse o nome dele a essa altura. Independentemente disso, Heath podia ter razão sobre Jack. Era a única coisa que fazia sentido. – Se o relacionamento de Jack com o pai não é bom, a mãe deve ser a única pessoa da família com quem ele pode contar. Certamente explicaria por que ele estava tão arrasado quando o vi.

– Bem, vocês têm isso em comum, pelo menos. Pais cretinos, figuras maternas fortes que passam muito tempo no hospital. Já são horas de conversa. Vocês são muito parecidos.

– Olhe – eu disse, sentando ao lado dele na beirada da cama –, essas são as últimas mensagens que Jack me mandou. Não veja antes daí.

– Por quê? Vocês estão trocando nudes?

– Nem todo mundo é igual a você, Heath. – E não, aquele autorretrato no *Corp-O-Rama* não contava.

Ele leu as mensagens e me devolveu o telefone.

– Parece ruim.

– Eu sei, mas o que faço? “Acredite, é melhor assim”. O que isso significa?

– Parece que ele não quer te arrastar para sua complicada vida familiar. É como eu me sentiria se fosse Noah, principalmente se eu tivesse a ver com a visita de um policial à casa dele.

Heath não estava saindo para casas noturnas esta semana. Ele não estava saindo, ponto-final.

– Você e Noah estão...

– Não estamos falando de mim e Noah. Mas se estivéssemos, eu estaria te contando que ele vem jantar com nossa família amanhã à noite.

Eu sorri.

– Finalmente vamos conhecer São Noah? É um sinal do fim dos tempos, maior do que a queda da parede do apocalipse.

– Não é grande coisa – disse sua boca enquanto o pé agitado balançando sobre suas pernas cruzadas dizia *é a coisa mais importante do mundo!* – Bem, voltemos à sua crise. Por sinal, espero que esse Jack seja mais bonito ao vivo do que na foto do documento.

– Ele é, e você é um idiota.

– Relaxe, coelhinha boba.

Argh. Ele costumava me chamar assim quando éramos crianças por causa dos comerciais do

cereal Trix na TV. Foi mais ou menos quando decidi que *nunca* queria ser chamada de Trix ou Trixie (mas se um dia resolvesse pedir um emprego para o meu pai no clube de striptease da sua nova esposa, pelo menos já tinha um nome de reserva).

Caí na cama resmungando e joguei um braço sobre o rosto para bloquear a luz da lâmpada fluorescente que ficava no teto do porão.

– Se você estivesse com alguma dificuldade ou passando por um período ruim e pedisse para Noah se afastar, ele se afastaria?

– Está brincando? Noah é muito melhor do que nós dois juntos. Se ele achasse que eu preciso de ajuda, simplesmente apareceria. E mesmo que eu não percebesse, ele não apenas saberia qual era o problema, mas também – Heath abriu as mãos como um mágico – tornaria tudo melhor.

Apoiei-me no cotovelo por um instante para olhar para ele.

– Ah, é *mesmo*?

– Hipoteticamente.

– Um-hum. Você é um cara de sorte.

– De fato, sou. Mas quanto a seu pequeno vândalo, não sei o que dizer. Ele vai ter muitos problemas se for pego, Bex. E só Deus sabe o que está acontecendo com ele nesse momento. Quer mesmo entrar no meio de todo esse lixo? Sei que zombo muito de você sobre não saber fazer nada errado, mas esse cara parece um problema desnecessário. Talvez seja melhor para os dois se você simplesmente se afastar e deixá-lo em paz.

Minha mãe diz que nunca se deve pedir um conselho que não deseja ouvir. Eu não tinha certeza se concordava. Ter um par de olhos imparcial para apontar uma solução sensata era útil. Mas às vezes a coisa sensata e a coisa certa não eram exatamente a mesma coisa, e uma pessoa de fora não consegue realmente entender a diferença.

O CENTRO ZEN É UM ANTIGO prédio de tijolos em Hayes Valley. Já devo ter passado por ele um milhão de vezes e nunca prestei muita atenção. Uma semana e meia depois de ter encontrado com o Jack e o pai dele, pesquisei sobre os dois: o prédio e Jack.

À esquerda da entrada principal, depois de uma rampa para cadeira de rodas, uma placa pintada à mão anunciava discretamente a livraria. Reuni coragem e subi a rampa usando um par de sandálias estilo gladiador, com tiras que saíam dos dedos e se cruzavam nos tornozelos. Havia até pintado as unhas dos pés. Era praticamente um acontecimento.

As dúvidas passavam por minha cabeça como fichamentos de estudo no minuto anterior a uma prova: *você devia ter seguido o conselho de Heath. Você devia ter mandando uma mensagem antes. Você devia ter ligado para a livraria para saber se ele ainda estava trabalhando no mesmo horário. Você devia, você devia, você devia...*

Mas não tinha feito nada disso. E era tarde demais para amarelar. Quando o clima ficou tão quente? Podia ser efeito da caminhada ou do fato de essa região ser muito mais ensolarada do que o meu bairro. Mas não era suor de nervoso. Eu não estava nervosa. Por que devia estar nervosa? Tirei a jaqueta e a pendurei sobre a bolsa. Sequei as mãos na calça jeans. Então respirei para me acalmar e entrei.

A livraria era praticamente como eu tinha imaginado. Aconchegante, silenciosa e muito, muito organizada. Algumas pessoas olhavam para as estantes de madeira repletas de prateleiras com títulos sobre darma, Buda, Dogen e atenção plena. Algumas esteiras e almofadas – aparentemente para meditação – estavam à venda, assim como muitas estátuas de Buda e sinos. O lugar tinha um leve perfume de especiarias, que presumi se tratar de incensos artesanais à venda.

À exceção da música tradicional japonesa, era *muito silencioso*. Perdi a coragem e decidi me misturar às pessoas e fingir que estava olhando os livros. Será que alguém perceberia que eu não pertencço a esse lugar? Será que minha aura tinha um grande X preto que me marcava como OUTRA? Eles podiam sentir que eu não estava no caminho do meio?

Procurei por Jack, mas não avistei ninguém que parecesse trabalhar ali – nenhum monge careca usando túnica longa, ninguém de crachá com nome. Já que não podia ficar para sempre olhando para lombadas de livros, fui até uma vitrine de japamalas, como as que Jack usava no pulso, de vários estilos e comprimentos diferentes. Manuseei um filete longo, feito para ser usado como colar.

– São lindos, não são? – disse uma voz suave atrás de mim.

Eu me virei e vi um chinês bonitinho com cabelos desgrehados e um piercing bem embaixo do lábio inferior. Ele apontou para as contas e cruzou os braços diante do peito.

– Ossos de iaque do Nepal.

– Ah, sim. É muito fofo. – Provavelmente não era a melhor coisa para se dizer a respeito de

ornamentos religiosos (desculpe, ornamentos *filosóficos*, como diria o Jack). E, que ótimo, o senhor Osso de Iaue estava olhando para os meus peitos. Minha mãe chamava aquela minha camisa de modelo orgia romana, porque era branca e as mangas curtas eram divididas nos ombros enquanto o resto era solto. Mas também era bem fina, e, olhando de perto, dava para ver meu sutiã através do tecido. Na luz certa, nem era preciso olhar tão de perto.

– O osso é incrustado com coral e as contas servem para estimular sangue bom. – Ele ficou olhando fixamente para mim por um instante. Para o meu rosto, não para os meus peitos. – Ou melhor, circulação. Boa circulação do sangue.

– Girar qualquer tipo de conta entre os dedos melhora um pouco a circulação – eu apontei.

Ele riu.

– Deve ser algum tipo de superstição nepalesa, mas parece legal.

– Eles têm alguma característica especial? – perguntei, tocando um cordão preto. Por que ele estava olhando tanto para mim? Será que estava com alguma coisa no rosto? E esse cara era apenas um cliente excessivamente amável ou trabalhava na livraria?

– Algumas. Dizem que essas ágatas repelem energia negativa, e essa pode parecer uma pergunta estranha, mas por acaso seu nome é Beatrix?

Uau. Foram muitas palavras.

– Hum...

– Nossa! – Ele abaixou a cabeça e deu uma olhada na loja, mas não havia ninguém por perto.

– Bom, é você, não é? As tranças. Eu te reconheci pelas tranças.

Levei a mão às tranças enroladas no alto da minha cabeça.

– E você parece com o seu autorretrato da internet. – Ele cobriu metade do rosto com a mão.

– Bem, mas sem os músculos ensanguentados em um dos lados.

Ah, é claro. Dã.

– Você é o... Andy? É isso mesmo? O cara que desenha quadrinhos com Jack?

Ele sorriu.

– Sou eu. Andy Wong.

– Sem crachá? – Apontei.

– Budistas não usam crachá.

– Hum...

– Foi uma piada. Eu deixei o meu atrás do balcão.

– Ah, o estranho humor zen – eu disse com certo nervosismo.

– Seu trabalho é, tipo, *uau*. – Ele fez um gesto sobre a cabeça.

– Hã?

– Sua arte. É muito boa, fora de série. Muito legal e retrô com o lance do lápis grafite. Jack disse que você nunca usa cor.

– Ah, obrigada. E, não... nada de cor.

Ele assentiu várias vezes com a cabeça, como se estivesse se esforçando para encontrar outro assunto.

– Não esperava que você fosse tão *pequena*. É como uma minúscula fadinha repugnante. – Ele arregalou os olhos. Sacudiu a cabeça e se corrigiu. – Não, não. Eu quis dizer que sua *arte* é

repugnante. Não você. Nem um pouco.

Fingi sorrir, mas o que realmente estava pensando era:

Jack falou de mim para ele.

Jack falou de mim para ele e mostrou meu trabalho.

Jack falou de mim para ele, mostrou meu trabalho e comentou sobre minhas tranças.

E talvez devido a todos esses profundos pensamentos acadêmicos ecoando em minha cabeça, eu interrompi as desculpas de Andy e soltei sem querer:

– Jack está aqui?

– Ele... – Andy olhou atrás de mim e sorriu. Meus músculos paralisaram, mas não era Jack. Apenas um cliente querendo pagar por alguns livros. Andy pediu licença e foi registrar a compra do homem enquanto eu esticava o pescoço em todas as direções, procurando um lugar seguro para acomodar meu olhar nervoso. Quando o cliente finalmente foi embora, procurei por Andy, mas ele estava indo na direção de uma porta no canto.

– Espere só um segundo – ele disse. – Eu já volto.

Mas ele demorou. Esperei uma eternidade. Certo, provavelmente só uns cinco minutos, mas certamente pareceu uma eternidade e foi tempo suficiente para outra cliente ir até o caixa. Dei de ombros para ela, como se dissesse: “É, também não sei onde ele foi parar”. E quando pensei que a moça já estava irritada o suficiente para ir embora (parece que o budismo não dava automaticamente uma paciência de santo para as pessoas), a porta do fundo se abriu e Andy entrou na loja, sem fôlego.

Ele não estava sozinho.

Meu coração quase saiu pela boca.

Vestindo jeans velhos e folgados, uma camiseta preta e um cardigã fino acinzentado, Jack caminhou até mim e parou, me olhando sem dizer nada. Eu sabia que ele provavelmente podia ver meu sutiã também, mas estava muito ocupada observando-o para me preocupar. Eu já tinha esquecido de tudo – de como eram marcantes seus cílios duplos e escuros, e o modo como suas bochechas afundavam sob as maçãs do rosto. Como suas roupas tinham cheiro de amaciante bom, e não aquele barato que minha mãe usava.

– Você cortou o cabelo – eu disse em voz baixa.

Ele passou os dedos pelo topete, um pouco menos desganhado. As laterais e a nuca também tinham sido aparadas bem rente.

– Minha mãe disse que eu estava parecendo mais o Elvis velho do que Johnny Cash jovem, então cortei alguns centímetros.

– Está com uma aparência melhor do que da última vez em que te vi. Mais descansado.

– Aquele foi um dia ruim. As coisas estão melhores agora.

Concordei, esperando mais, mas ele não disse nada. Finalmente, eu disse:

– Você *resistiu*.

Ele ficou confuso por um momento.

– Ah, hum, é – ele disse, abaixando a voz. – Você viu aquilo, né?

– Uma de suas melhores obras.

– Obrigado. – Ele pigarreou e colocou as mãos no bolso.

– Como vai a Minnie?

– Estamos nos dando melhor.

Ele deu um sorriso suave.

– Que bom.

– Procurei por você quando fui ao laboratório – afirmei.

– As coisas estão... agitadas.

Ficamos olhando para baixo por alguns segundos. Se isso era tudo o que ele tinha para dizer, talvez *eu* tivesse cometido um erro em vir. Já havia tido conversas mais profundas com clientes que atendi no mercado. Uma mistura estranha de frustração e mágoa fez meu peito ficar apertado.

– Está bem, então – eu disse movimentando vagamente os ombros para cima e para baixo. – Vou te deixar voltar para o que estava fazendo. A gente se vê por aí.

Saí na direção da porta, mais do que ciente de que Andy estava me observando do balcão. Um senhor que mancava dava a volta em uma estante justamente quando eu estava passando. Quase o derrubei e tive que fazer um movimento esquisito para não trombar com ele. Ao mesmo tempo, uma mão quente agarrou meu cotovelo.

– Desculpe – Jack disse para o senhor ao saltitar em volta dele para chegar até mim. – Bex, espere. Por favor. Eu... – Ele me puxou até uma das janelas que dava para a rua. – Não estou fazendo nada. Quero dizer... você disse para eu “voltar para o que estava fazendo”, mas o movimento aqui está fraco hoje. Só estava meditando um pouco.

– Não pare por minha causa.

– Já parei.

– É, eu desviei do meu caminho para te ver porque gosto de você, Jack. E tenho quase certeza de que você também gosta de mim.

– Você não imagina o quanto.

– Tem outra pessoa?

– Não. Minha nossa. Definitivamente não.

– Então pare de me afastar e conte o que aconteceu no hospital na semana passada. Não vou ficar esperando você me jogar uma migalha. Confiança total ou nada feito, é o que estou oferecendo. – Ao dizer aquilo, me dei conta do quanto parecia algo que eu tinha ouvido a minha mãe dizer antes do meu pai ir embora. O que não era totalmente justo, mas eu estava tentando impor um argumento.

– Você tem razão – ele disse depois de um tempo.

Bem, é. Eu tinha. Mas precisava que ele dissesse mais do que aquilo, então esperei.

Ele abaixou a cabeça. Chegou mais perto. Fiquei olhando fixamente para o botão cinza perolado de seu cardigã e seu hálito soprou uma mecha solta do meu cabelo que não queria se comportar e ficar presa nas tranças, independentemente do quanto eu tentasse domá-la.

– Senti saudades – ele murmurou.

Eu não fazia ideia do quanto queria ouvir aquilo até ele dizer. Aquelas pequenas palavras anularam a gravidade e fizeram meus pés flutuarem do carpete da livraria. Eu realmente não ficaria surpresa se minha cabeça batesse no teto.

Quis dizer algo significativo e sincero em resposta. Algo como: “Também senti saudades” ou “Achei que ia morrer se não te visse de novo”. Mas, por estar entorpecida, soltei:

– Seu botão está lascado.

Quando ele abaixou a cabeça para olhar, coloquei a ponta da unha no entalhe triangular.

– Danos causados por um pedaço de madeira voadora – ele disse, encostando o dedo no meu.

– Andy estava convencido de que ia conseguir partir, com um golpe de caratê, uma tábua de madeira que quebrou da prateleira inferior do balcão, mas... – ele passou a ponta do dedo no meu, descendo lentamente pelos ossinhos, o sopro de um toque que fez meu braço ficar todo arrepiado – ... a tábua não rompeu. No entanto, ela lascou meu botão e a beirada quase me capou. Mas eu fui burro o bastante para segurar aquela coisa, então acho que mereci.

Tentei conter uma gargalhada, me esforçando para fazer silêncio, sem conseguir. Constrangida, puxei a mão.

– Ai, aqui é como uma biblioteca – reclamei.

– Shhhh – ele me repreendeu, fazendo dez vezes mais barulho que minha risada.

Olhei para o caixa. Andy estava sorrindo. É, certamente estava nos observando.

– Sabe, eu estava verificando a temperatura antes de você entrar – Jack disse. – Está, tipo, uns vinte graus lá fora.

O que significava que, no meu bairro, devia estar uns cinco graus a menos e cheio de neblina. Mas não importava muito, pois eu não estava lá.

– Que pena que você está preso aqui meditando – afirmei.

– Alguém já me interrompeu. Além disso, sempre é melhor meditar mais perto da natureza.

Conheço um lugar perfeito. Você vai trabalhar hoje à noite?

Fiz que não com a cabeça.

– Confia em mim?

– Está pronto para me dar um motivo para eu confiar?

– Eu mencionei que o lugar perfeito fica longe de olhares curiosos? – Ele olhou rapidamente para Andy e acrescentou. – Bem longe.

– Está bem – finalmente respondi, como se estivesse de fato considerando recusar.

Jack sorriu e levantou as duas mãos, andando de costas.

– Me dê cinco minutos.

OS CINCO MINUTOS DE JACK demoraram apenas dois, e logo ele estava me arrastando pela porta da livraria, para o exterior ensolarado. Ele enrolou as alças de uma sacola de lona volumosa em meu pulso enquanto caminhávamos pela calçada.

– Segure isso um segundo.

Ele tirou o cardigã, mostrando um pouco das tatuagens coloridas de peixe e lótus sob as mangas curtas da camiseta.

– O que tem dentro da sacola? – perguntei.

– Bacon vegetariano.

Fiz cara feia. Ele riu, pegou a sacola e guardou o suéter lá dentro.

– Que linha vamos pegar? – perguntei quando passamos do ponto de ônibus.

– A linha *eu*. – Ele tirou um chaveiro do bolso e parou em frente a um carro preto reluzente estacionado em uma vaga extremamente apertada. Era um antigo coupé esportivo de dois lugares – cheio de curvas, lindo e compacto, com uma capota preta conversível e um recorte branco na porta.

– Este é o Fantasma – Jack disse com um orgulho descarado.

– Fantasma?

– Corvette 1958. – Ele destravou a porta do passageiro, coberta de amassados e arranhões sobre uma pintura reluzente como um espelho. – Ele foi roubado no outono e o ladrão aproveitou para dar uma voltinha, por isso está um pouco amassado do lado de fora. Resolvi deixar assim mesmo por enquanto, para não ficar tão chamativo. Além disso, meu pai fica muito irritado, e isso é sempre bom.

A porta rangeu quando ele abriu. Olhei lá dentro e vi bancos de couro vermelho-escuros. Um volante cromado saía de um painel da era espacial, totalmente restaurado.

– Caramba, Jack. É lindo.

– Não tem ar-condicionado, e a capota conversível vaza quando chove.

Se ele estava tentando me convencer que esse não era o carro mais legal que eu já tinha visto, teria que se esforçar mais.

– Por que você usa o transporte público?

– Já tentou estacionar nesta cidade?

Neguei com a cabeça.

– Eu não dirijo.

– Não sabe mexer no câmbio? – Aquilo pareceu meio obsceno, e o jeito que ele olhou para mim também me fez sentir meio obscena. Ninguém nunca tinha me olhado daquele jeito.

– Por que Fantasma? – perguntei.

Segurando a parte de cima da porta do carro, ele se aproximou e falou em um tom de voz dramático, fantasmagórico:

– Porque ele é tão rápido que desaparece nas ruas à noite.

– Parece perigoso.

Suas covinhas apareceram.

– As melhores coisas da vida são. Entre, Beatrix Adams.

Fingi dificuldade para entrar no pequeno banco. Ele estava certo em relação a uma coisa: tinha um certo cheiro de mofo. Mas, fora isso, tudo no interior apertado era impecável e bonito. Afivelei o cinto de segurança em volta da cintura e respirei com nervosismo.

Depois de colocar a sacola de lona no minúsculo porta-malas, ele deu um jeito de encaixar as longas pernas dentro do carro e ligou o motor barulhento. Abrimos os vidros para deixar entrar uma brisa agradável.

– Você parece pálida – ele disse, pegando um par de óculos escuros no quebra-luz. – Está tudo bem?

– Não tem muito amortecimento entre nosso corpo e o para-choque do outro carro se você bater.

Ele colocou o cinto e engatou a ré com um sorriso nos lábios e os óculos de sol cobrindo os olhos.

– Então é melhor eu não bater.

Fazia muito tempo que eu não andava em um carro que não fosse a viatura da minha mãe ou o merda-móvel de Howard Hooper. E nunca tinha entrado em nada assim. Ele não estava brincando sobre o lance da velocidade: o carrinho subia e descia ladeiras íngremes voando como se os pneus e o asfalto fossem um velho casal. Mas Jack era um bom motorista, e eu me senti um pouco boba por ter ficado nervosa.

Apoiei o cotovelo na base da janela, desfrutando da brisa quente que sacudia minha manga fendida enquanto a cidade passava. Era revigorante estar tão perto dele de novo – quase tão perto quanto estávamos na casa de chá, e mais isolados. Dei umas olhadas para o rosto dele e mais algumas para o braço tatuado quando ele mudava as marchas. Quando me viu olhando e sorriu, não fiquei constrangida.

Apesar de um pequeno engarrafamento que nos obrigou a desviar por Duboce Triangle, o percurso não foi longo. Quando ele finalmente desacelerou para encontrar uma vaga, levei um minuto para me dar conta de que o caminho todo havia sido uma subida, e que tínhamos chegado ao Buena Vista Park.

– Você mora por aqui, não é?

– Você não tirou uma foto do meu endereço? – ele brincou enquanto olhava para um casal com shorts de corrida, indo na direção de uma BMW estacionada.

– Ficou fora de foco – eu disse. – Não deu para ler o número da casa, só a rua.

– Moro a algumas quadras daqui.

– Ah. Espere. Não botaram fogo em alguém neste parque?

– Já botaram fogo em alguém em *todos* os parques, Bex – ele brincou. – É, tem uns criminosos que se infiltram em algumas áreas à noite, mas a polícia faz uma varredura e expulsa todos. Eu venho aqui sempre, principalmente quando só quero sair de casa e pensar. E você só vai ver famílias andando de Mercedes durante o dia, se isso faz você se sentir melhor. Embora não devesse. Olha, uma vaga. É nosso dia de sorte.

Talvez realmente fosse.

Depois de uma baliza bem-feita, Fantasma estava estacionado e nós caminhávamos por uma passagem larga que levava ao parque. Aparentemente, não éramos as únicas pessoas com a ideia brilhante de comungar com a natureza, porque o lugar estava bem lotado: mães com carrinhos de bebê, pais com cestas de piquenique, adolescentes passeando com cachorros. Em São Francisco, era difícil fazer um dia perfeito em junho, e a melhor forma de aproveitá-lo era uma peregrinação em massa para um dos parques para absorver o sol.

Mas, como quase tudo o que vale a pena fazer na cidade, a subida até o alto do parque me deixou com as panturrilhas doloridas. Quando estava prestes a pedir para Jack ir mais devagar, ele pegou na minha mão e me puxou para fora do caminho asfaltado, para o meio do bosque.

– Rápido, antes que alguém pegue a gente – ele disse, me puxando por uma curva fechada atrás de algumas árvores.

Minhas pernas pequenas tinham que fazer o dobro do esforço para acompanhar as dele. Enquanto nos lançávamos pelo meio das árvores, minha cabeça era um balão, flutuando pelo simples fato de *Jack estar segurando a minha mão!* Seus dedos engoliam os meus e a palma de sua mão estava quente e um pouco suada, assim como a minha.

Um puxão sob um galho baixo e saímos em uma clareira de grama que se juntava à lateral da colina. Fiquei na ponta dos pés e Jack colocou o braço em minha cintura para me impedir de cair para o lado.

– Oh... – eu disse, sem fôlego.

A cidade estava a nossos pés, um labirinto vertiginoso de telhados e construções brancas, espalhadas como uma gigantesca colcha de retalhos. A Golden Gate Bridge ficava ao longe, nas dobras da encosta ao fundo.

– Não é? – ele disse alguns segundos depois, como se pudesse ler minha mente.

– Como encontrou esse lugar?

– Explorando, quando eu tinha uns dez anos.

Ouvi pessoas falando em algum ponto atrás dos densos arbustos que contornavam a clareira, mas estavam longe demais para eu entender o que diziam.

– Fica a poucos metros de uns degraus que levam ao topo – Jack observou enquanto eu olhava em volta. – Então é muito mais legal, porque é mais ou menos privado. Eu costumava me esconder neste lugar e me sentir totalmente rebelde, até que um dia encontrei um casal de meia-idade aqui. Fiquei arrasado.

Eu ri.

– Bem, se eles voltarem hoje, podemos dizer que chegamos primeiro.

– Exatamente. Agora, me ajude com isso. – Ele tirou da sacola de lona duas esteiras pretas e acolchoadas que se pareciam muito com as que estavam à venda no Centro Zen. Estendi uma delas e ele se sentou na outra bem ao lado. Eram quadradas e com o tamanho exato para alguém se sentar, mas eu não estava reclamando.

– Só peguei emprestado. Não ladroei.

– Acho que essa palavra não existe, mas não fui educada em sua pomposa escola particular, então posso estar errada.

– Fique feliz. Só tem 50 pessoas na minha turma.

– Eu só estudo na Lincoln há alguns anos, desde que nos mudamos para Inner Sunset. Mas minha turma tem mais de 700 alunos.

Ele tirou o All Star cinza e as meias, eu tirei as sandálias e nos sentamos lado a lado sobre as esteiras, esticando as pernas sobre a grama morna, movimentando os dedos.

– Conheço uma pessoa que estuda na Lincoln – ele disse, me passando uma garrafa de água da sacola. Citou alguns nomes que não reconheci. Depois me entregou uma fruta sarapintada de vermelho que também não reconheci.

– O que é isso?

– Dameixa.

– Da quê?

– Um cruzamento de damasco com ameixa. Nunca comeu?

– Nunca nem pronunciei isso, muito menos comi.

– É o bacon vegetariano – ele afirmou, olhando para mim com olhos alegres. Limpou uma fruta na camiseta, levantando-a o bastante para eu conseguir ver A) uma fivela de cinto prateada que devia ser vintage e certamente tinha a inscrição Clube 4-H e B) a parte de baixo de um abdômen surpreendentemente bem definido e uma sedutora faixa de pelos escuros entrando no jeans.

Deixei a dameixa cair da minha mão e quase rolei penhasco abaixo. Jack e seu braço ligeiro me seguraram.

– Obrigada – agradeci, me concentrando ao máximo em limpar minha fruta alienígena, e mais ainda quando mordi a poupa. Era doce e succulenta e ácida. – Nada mal – eu disse, tentando não pensar na fivela de cinto com a inscrição 4-H (que me deixava com vontade de rir) ou na faixa de pelos escuros (que me fazia querer enfiar a mão na parte da frente das calças dele para ver até onde levava).

– O Centro Zen tem várias árvores frutíferas em Marin County – ele explicou enquanto eu tentava dar fim em todos os pensamentos obscenos que povoavam minha mente fértil. *Árvores frutíferas. Concentre-se, Beatrix.*

– Então você ladroou isso também? – perguntei.

– Não, essas são do meu almoço. Eu juntei algumas. É completamente diferente.

Sorrimos um para o outro e sua covinha me deixou mais do que feliz por ter ido ao Centro Zen.

Conversando espontaneamente, terminamos de comer as frutas e jogamos os caroços na lateral da colina. Jack disse:

– Faça um pedido! – E logo depois: – O que você pediu?

– Não acertar a cabeça de ninguém – eu disse com um sorrisinho.

– Está vendo? Já está andando no caminho do meio. – Ele se arrastou para a frente até ter espaço para colocar a cabeça sobre a esteira, e se deitou, usando o braço como travesseiro. Depois de alguns instantes, fiz o mesmo, deitando com o ombro junto ao dele. Eu não disse nada. Nem ele. Só ficamos nos aquecendo sob o sol e olhando para o céu. Estranhos

conversavam na passagem embaixo das árvores.

Minutos silenciosos se passaram. Fechei os olhos. Estava tão aconchegante que quase peguei no sono. Sua voz me trouxe de volta ao presente.

– Já ouviu falar de salada de palavras? – ele perguntou.

Meu coração bateu alto, mas não abri os olhos.

– Parece familiar, mas não tenho certeza.

– É quando as palavras ficam todas misturadas, e você tenta falar uma coisa, mas sai tudo errado. Como, em vez de dizer: “Eu vi um homem andando com um cachorro de coleira no parque”, pode sair “Eu vi um homem com um colarinho e garras andando na corda bamba embaixo das árvores”.

– Certo. – Onde ele queria chegar com isso?

– Pessoas com esquizofrenia fazem isso. Principalmente esquizofrenia desorganizada, um dos piores tipos. Não são tão delirantes quanto as pessoas com esquizofrenia paranoide, mas sua realidade é distorcida e elas têm muitos problemas com pensamento e fala desorganizados. Os pensamentos se confundem e elas têm tendência a dizer coisas estranhas e rir em momentos inapropriados. E quanto mais a doença avança, pior fica a fala, e mais difícil é para se comunicarem. E não conseguem fazer coisas simples tipo, sei lá, tomar banho. O estresse aumenta. Elas ficam frustradas e agressivas. Às vezes tentam se ferir, ou ferir outras pessoas.

Ah.

O dia em que desci para falar com Heath, tentamos desvendar o que havia acontecido com Jack no hospital. Imaginamos que tinha algo a ver com a mãe de Jack e nos perguntamos se ela, talvez, tivesse câncer, mas agora estava me dando conta de que erramos o diagnóstico.

– A pessoa que você visita está na ala psiquiátrica – eu disse em voz baixa.

– Há um ano e meio. Ela ficou doente antes disso e foi hospitalizada uma vez, apenas por 24 horas. Mas há 18 meses, ela passou dos limites.

Ele não disse qual era o limite, então perguntei.

– É alguém da família?

– É. Minha suposta “amiguinha”.

Estávamos certos quanto a isso. *Era* a mãe de Jack.

– Ela está... bem?

– Os medicamentos ajudam com as alucinações e a síndrome do pânico. Sem eles, ela fica estressada e confusa, e começa a ouvir vozes, e tudo isso começa a aumentar até ela ficar completamente agitada e ter um episódio violento. Quando sai dele, ela fica totalmente apática. Tipo... só olhando para as paredes, completamente vazia.

– Parece transtorno bipolar, ou algo parecido.

– No início acharam que era isso. Daí começaram as vozes – ele balançou a cabeça como se pudesse apagar aquele pensamento. – Mas, enfim, ela estava passando bem ultimamente. Fizeram um teste com um novo antipsicótico e ela teve uma convulsão horrível. Foi quando eu te vi no hospital. Ela quase morreu.

– Ah, Jack.

– Ela está bem agora. As coisas estão sob controle. Ela tem bons médicos, e não há muito o

que a gente possa fazer além de confiar neles. Ela confia. Ela se sente melhor ficando lá. A rotina e os limites ajudam. E as pessoas que trabalham lá se importam, sabe? Não estão apenas fazendo um trabalho.

Pensei em minha mãe e em como se preocupava com alguns de seus pacientes. E com as famílias também. Ela levava comida para eles. Ouvia o que tinham a dizer. Às vezes até ia em velórios.

– Com que frequência você a vê? – perguntei.

– A terapia em família é uma vez por semana. E ela tem um quarto particular, então os auxiliares de enfermagem me deixam visitá-la algumas vezes por semana depois do horário de visita, porque ela às vezes fica andando à noite. Eu fico com ela enquanto os outros pacientes estão dormindo. Para mantê-la ocupada. Meu pai doa quantias enormes de dinheiro para o hospital, então eles são permissivos conosco.

– Foi assim que você “resolveu” as coisas para mim no laboratório de anatomia?

Ele confirmou.

– Seria muito melhor se você continuasse achando que eu sou simplesmente muito descolado e que não teve nada a ver com a influência do dinheiro e do nome da minha família.

Dei um sorriso suave.

– Eu ainda acho que você é simplesmente muito descolado, não se preocupe.

– Acha?

Não dava para ver os olhos dele atrás dos óculos escuros, então fiquei olhando fixamente para o céu e estiquei o braço para entrelaçar meu dedo mindinho com o dele. Seu peito esvaziou quando ele soltou um longo e lento suspiro pela boca.

Ele entremeou os dedos nos meus e murmurou:

– Sinto muito por não ter contado antes. Parte de mim queria contar. Quase disquei seu número umas cem vezes. Mas é uma nuvem negra que existe sobre minha família. Meu pai tem que manter as aparências, então sou proibido de falar sobre isso com estranhos. Não que você seja uma estranha, e não que eu dê a mínima para o que meu pai diria se soubesse que te contei. É só que... sei lá. Fiquei preocupado que você fosse colocar na balança e dar o fora se descobrisse. Não seria a primeira.

– Vou ter que furar alguém com um lápis? Posso ser pequena, mas sou ardilosa.

Uma risada percorreu o corpo dele em ondas. Ele se apoiou sobre um cotovelo e colocou os óculos escuros na cabeça para olhar para mim.

– Como você faz isso?

– O quê?

Ele levantou meu braço dobrado e desentrelaçou nossos dedos, pressionando a palma de sua mão grande junto à minha, pequena.

– Passei os últimos três dias no Centro Zen tentando me recompor e você simplesmente me colocou para cima como se não fosse nada.

Olhei para nossas mãos, sem conseguir pensar em uma resposta inteligente.

Quando ele dobrou as pontas dos dedos sobre as minhas, o sol iluminou os pelinhos finos de seu braço. Para duas pessoas que tinham passado a maior parte do tempo juntas depois de

escurecer, vê-lo agora, estendido ao meu lado à luz do dia, era um deleite. Aqui eu podia inspecionar livremente todas as pequenas coisas, como as meias-luas brancas na base das unhas de seus polegares, e a sarda em seu cotovelo, embaixo da tatuagem de lótus. E talvez o sol iluminasse outras coisas que eu não sabia que estavam lá, como o nó forte dentro do meu peito, que ficava cada vez mais apertado desde a última vez em que o vi. Mas, deitada com ele na grama, o nó se desfez e relaxou, e o sol deixou mais leves todas as coisas pesadas que ele tinha acabado de revelar.

– Estou tão feliz por você ter ido me procurar – ele murmurou.

Lembrei do que ele me disse no Mercado Alto.

– Se deixar pistas vagas de onde está, eu vou procurar por você.

– Eu disse mesmo isso?

– Disse – confirmei.

Ele resmungou.

– Você devia ter me dado um soco.

– Ainda está em tempo.

Ele passou os olhos sobre minha camisa orgia romana e se deteve sobre minha boca. Tudo dentro de mim palpitava. Ele ia me beijar? Ainda estava olhando fixamente para os meus lábios? Não dava para saber, porque eu estava olhando para os dele, e estavam se abrindo, e sua respiração estava mais pesada, e eu pude sentir sua perna junto da minha e, *mãe de Deus*, estava acontecendo. Isso estava realmente acontecendo, e eu podia ouvir...

Black metal escandinavo.

Jack se afastou do meu quadril quando meu telefone começou a tocar dentro do bolso.

Argh. Era Heath. Ele tinha mudado o toque para parecer um acidente barulhento no metrô quando ele me ligasse.

– Desculpe – murmurei, sentando e procurando freneticamente o telefone escandaloso, que provavelmente todo mundo podia ouvir por entre as árvores. Demais para nosso esconderijo privado. Finalmente consegui silenciar o telefone, mas não antes do meu pulso chegar a um zilhão de batimentos por minuto.

– Uau. Nunca imaginei que você fosse fã de um tipo de música furioso e estridente – Jack disse com um olhar perplexo no rosto.

– É o idiota do meu irmão.

Apareceu uma mensagem de Heath: *Onde vc se enfiou?*

– Algum problema? – Jack perguntou.

– Já são cinco horas? Como isso aconteceu?

– Achei que você não tivesse que trabalhar.

– Não tenho. É pior do que isso. É... – abaixei as sobrancelhas – noite de jantar em família.

– Ah – ele disse, soltando minha mão. Será que estava desapontado porque nosso momento de quase beijo foi pelos ares? Eu com certeza estava. – Preciso te levar embora? – ele perguntou.

Eu não queria ir embora, não quando já tinha passado mais de uma semana longe dele, e não quando tinha acabado de saber todas essas coisas sobre sua mãe. Lembrei de como o pai dele

parecera frio em frente ao hospital, e me perguntei se Jack encontraria sua casa vazia hoje à noite.

Apoiei-me nas mãos.

– O que você acha de lasanha?

JACK PAROU O FANTASMA EM UMA ÓTIMA vaga quase na frente da minha casa.

– Você pode mudar de ideia – eu disse.

Ele prendeu os óculos escuros no quebra-luz e ficou olhando para os degraus da minha porta como se um monstro pudesse aparecer a qualquer instante.

– E recusar uma refeição grátis? Nunca.

– Você diz isso agora, mas ainda não conheceu minha família.

Com o trânsito acelerado atrás de nós, seguimos para a porta. Do outro lado dela, um trio de risadas vinha da cozinha, sobre uma nuvem perfumada de molho de tomate e queijo derretido. O aroma estava incrível. E minha mãe estava mais do que bem-humorada, rindo e praticamente cantando de curiosidade quando liguei do parque para perguntar se podia levar o Jack junto. Se ela não fizesse a relação com o grafite no museu, e se Heath ficasse de boca fechada a respeito de tudo o que eu havia contado a ele sobre Jack, esse jantar poderia não se transformar em um desastre.

Fiz sinal para Jack me acompanhar pela sala, na direção de onde vinha a conversa. Nossa cozinha não era sofisticada, e tinha sido pintada pela última vez em um tom horroroso de malva comum na década de 1990, além de ter bancadas de madeira sintética. Mas era bem grande para a cozinha de uma casa na cidade, com uma longa bancada comprida que separava uma mesinha redonda com quatro cadeiras do resto do cômodo. Minha mãe estava do outro lado da bancada, e Heath estava sentado à mesa. E assim que atravessei a passagem arqueada da sala, um homem negro, grande como um lutador profissional, apareceu na minha frente.

E quando digo lutador, estou falando de músculos salientes – robustos e parrudos, com alguns quilos a mais de proteção e tatuagens subindo pelos dois braços. Ele vestia uma camiseta com um o símbolo de uma banda de heavy metal, e tinha uma daquelas correntes de carteira saindo do bolso de trás do jeans preto. Para combinar com tudo isso, conservava uma barba cheia como um daqueles grandões sadomasoquistas que andam só de chaparreira de couro e chicote na Folsom Street Fair.

Seu visual dizia: *é melhor não mexer comigo*, mas o belo sorriso que tinha nos lábios era iluminado.

– Beatrix? – Ele supôs.

– Noah? – Eu também imaginei.

Sua risada alta ecoou pela cozinha enquanto ele me abraçava.

– Nossa, você é pequenina como sua mãe, não é?

– E você parece ser feito de montanhas. Tem certeza de que é engenheiro e não lenhador?

– Eu ainda era da última vez que chequei.

Quando ele puxou uma cadeira, arregalei os olhos para Heath, que estava tão radiante que quase me deixou cega.

– Bem, estou feliz por finalmente te conhecer – eu disse, entrando na cozinha para abrir

espaço. – E já que estamos nos apresentando... – Jack passou pelo arco. – Jack, está é a minha família. Este é São Noah, namorado do meu irmão. E aquele é meu irmão, Heath, e aquela é minha mãe, a enfermeira Katherine, a Grande. Pessoal, este é o Jack – abster-me de acrescentar o *Vândalo*.

Jack estendeu a mão para Noah e depois para o meu irmão, que olhou para ele de cima a baixo com se fosse um pedaço de bolo e ronronou com a voz que um gato malvado usaria com um rato condenado em um desenho animado:

– Olá, Jack. Ouvi *tudo* a seu respeito.

Afe. Pode me matar agora.

– Mas eu não – minha mãe afirmou, secando as mãos em um pano de prato. – Chegue mais perto e me deixe ver melhor a pessoa que minha filha anda escondendo a qualquer custo.

Opa. Ela estava estranhamente alegre e brincalhona, mas isso não impediu os músculos do meu pescoço de travarem. E o pobre Jack não tinha ideia de onde estava se metendo, mas deu a volta no balcão e apertou a mão da minha mãe também.

– Obrigado por me receber. Espero não estar atrapalhando.

Ela apontou para duas assadeiras de lasanha esfriando sobre descansos de panela.

– Se conseguirmos comer isso tudo, deveríamos ganhar algum tipo de prêmio. É claro que não está atrapalhando. Você estuda com a Beatrix?

– Conheci sua filha na linha N há algumas semanas – ele disse. O que era praticamente verdade. – E encontrei com ela no Mercado Alto. – Também era verdade, só não era *a verdade*.

– Qual é o seu sobrenome? – ela perguntou.

– Vincent.

– Jack Vincent – minha mãe repetiu, apoiando-se na bancada para olhar para ele. – Por que esse nome me parece familiar? Ah, o prefeito Vincent.

– É – ele disse, parecendo desconfortável. – Ele é o meu pai.

Pai dele... *O quê?*

Um coro de “oohs” tomou conta da cozinha. Exceto por mim, porque *seu pai era o maldito prefeito de São Francisco e ele não me contou*. O suor pinicava meu couro cabeludo, sob as tranças enroladas. Jack tossiu e lançou um olhar temeroso em minha direção. Fiz o possível para manter a cara de paisagem.

– Ora, ora – minha mãe cantarolou. Ela pegou no queixo dele e o inclinou para sua inspeção, como se ele fosse seu paciente. Às vezes ela se esquecia dos limites de contato físico normais. – Eu sabia que você não me era estranho. Bonito como o pai, não é?

Jack riu de nervoso.

– Primeiro um santo, agora um príncipe – minha mãe disse, soltando o queixo de Jack e sorrindo para Noah do outro lado da bancada. – Deus finalmente ouviu minhas preces.

– Não sei, não – murmurei. – Jack é budista.

– Uau – minha mãe exclamou como se fosse a coisa mais legal que ela já tinha escutado.

De repente, tive a sensação de estar em um filme de David Lynch com algum enredo bizarro que eu não entendia completamente. Tive um ataque cardíaco em silêncio enquanto minha

mãe, Jack, Heath e Noah conversavam sobre budismo e sobre como era engraçado Jack ter vindo jantar bem no dia em que minha mãe havia feito lasanha sem carne, para agradar Noah, que aparentemente era “peixetariano” – um vegetariano que trapaceava e comia peixe. Eles também falaram sobre o pai famoso de Jack, que cumpria o segundo mandato como um dos prefeitos mais jovens da história da cidade, sem contar que era um dos mais populares. Mas, não, Jack não fazia ideia se os rumores de que o prefeito Vincent ia entrar na disputa pelo governo da Califórnia em um futuro próximo eram verdadeiros. Blá, blá, blá.

Pelo amor de qualquer coisa, como eu fui burra. Para ser sincera, sempre ignorei quando minha mãe e Heath começavam a falar sobre política. Por mais que eu soubesse que aquele sobrenome soava familiar, não podia acreditar que não tinha ligado os pontos quando vi o pai dele. Mas, se tentasse imaginá-lo sem os óculos escuros e o boné, sim, acho que era ele mesmo.

Tudo fazia mais sentido agora, como por exemplo Jack dizer que seu pai vivia para o trabalho. E o prefeito era notoriamente reservado sobre sua vida familiar, o que explicava eu não ter conseguido descobrir muita coisa sobre Jack na internet. Sem dúvida eles moravam em uma daquelas casas de seis milhões de dólares perto do Buena Vista Park – *e não* nas de seiscentos mil. E o carro que estava esperando por Jack e seu pai no hospital aquela noite? Era o *carro do prefeito*. Não é de se estranhar que o homem tenha sido frio como gelo comigo. Ele era o rei da cidade.

E por isso tinha proibido Jack de falar sobre a esquizofrenia. Lembrava vagamente de ter visto fotos do prefeito e sua esposa juntos, mas talvez não tenha visto nenhuma recente porque, você sabe, ela estava no hospital. Manter as aparências, Jack tinha dito. Seu pai tinha medo de que isso pudesse atrapalhar sua carreira política. Uma atitude bem cretina, na minha opinião.

– Está se sentindo bem, querida? – minha mãe perguntou, acariciando minhas costas.

– Ah, tô explodindo de felicidade. Praticamente vomitando um arco-íris.

Ela me olhou com desconfiança e depois falou com Jack.

– Você é um bom ralador de queijo, príncipe Vincent?

– Minhas habilidades para ralar queijo são únicas. Sou um mestre ralador credenciado.

– Excelente. Vou precisar de parmesão ralado o suficiente para cobrir aquelas baguetes. Bex vai mostrar onde fica o ralador. E, querida – ela disse para mim –, faça aquela manteiga de alho que fez da outra vez. Noah, vou precisar da sua altura para pegar mais uma cadeira no armário do corredor. Está presa de lado na última prateleira, graças à incapacidade do seu namoradinho para seguir instruções simples.

– Obrigado, mãe – Heath disse com desdém. – Você é um amor.

Os três saíram conversando para o corredor. Peguei um bloco de parmesão e a manteiga na geladeira. Jack se aproximou de mim enquanto eu desembrulhava o queijo sobre a bancada.

– Está zangada? – ele perguntou bem próximo à minha cabeça.

– Surpresa. E me sentindo meio idiota. Mas, em minha defesa, estou acostumada a vê-lo de terno, atrás de um palanque. E, também, você podia ter mencionado.

– Eu não estava raciocinando direito quando você nos viu no hospital. Devia ter te apresentado. É que... em todo lugar que vou, sou sempre o filho do prefeito Vincent. Eu sei,

parece bobagem. Mas é isso que eu sou para as pessoas da minha escola, os vizinhos, os médicos do hospital... Até um dos mestres do Centro Zen deu a entender que ter meu pai em um dos eventos beneficentes ajudaria a aumentar a visibilidade. Eu fico tão cansado disso. E, pelo menos uma vez, eu só queria... – ele fez uma pausa, procurando as palavras. – Eu queria que você me enxergasse, e não minha família. Não o político ou a paciente psiquiátrica. Só eu.

Abri o armário de baixo e procurei até encontrar o velho ralador de metal.

– Para ser sincera, odeio política. Se nunca mais falar nada sobre a prefeitura, não vou ficar chateada. Agora, a esquizofrenia? Você pode falar sobre isso sempre que quiser, a qualquer hora. No entanto, nada disso muda o que eu penso de você.

Ele não respondeu, então imaginei que a questão estava resolvida. Apontei para o ralador.

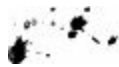
– Eu preciso dizer uma coisa: minha mãe é totalmente contra desperdício de comida. Então, se você ralar mais queijo do que o necessário, vou ter que comer cereal com parmesão por uma semana. Só para constar: não faça isso.

Saí da frente dele e peguei uma cabeça de alho de uma tigela perto do fogão. Do outro lado da parede da cozinha, um *bum!* bem alto veio seguido de muitas risadas. Acho que Noah derrubou a cadeira.

– Ei, Bex? – Jack disse enquanto ralava. – Só para constar, se estivéssemos sozinhos, eu provavelmente te beijaria agora.

Olhei rapidamente para ele conforme as risadas do corredor voltavam para a cozinha.

– Só para constar, eu provavelmente permitiria.



O jantar foi estranhamente agradável. Mal tinha espaço para nós cinco em volta da mesa da cozinha, mas foi bom ficar apertada perto de Jack. Fizemos guerrinha de cotovelo toda vez que nos esbarramos.

E se minha mãe havia detectado qualquer estranheza entre nós antes, já tinha esquecido – em parte porque eu e Jack já estávamos bem, e em parte porque minha mãe estava muito ocupada fazendo charme para ele e pra Noah. (Quem diria que bastariam uns carinhos extras elogiando sua comida para fazer Khaterine, a Grande, se derreter toda? Chegava a ser constrangedor.)

E a amabilidade se transformou em alegria para minha mãe quando Heath anunciou que ia morar com Noah no fim do verão. E a alegria se transformou em exaltação quando Noah anunciou que pretendia ajudar Heath a dar um jeito de voltar a estudar. Não enfermagem, mas para se tornar técnico em veterinária.

– Estamos vendo um programa de veterinária em San Leandro. Ele teria que atravessar a baía...

– Mas posso aproveitar alguns créditos da enfermagem – Heath disse, animado. – Já não dá tempo para começar no outono, mas acho que consigo entrar no inverno. Em janeiro, espero, se não recusarem meu financiamento estudantil.

Levou apenas dez segundos para minha mãe levantar os dois punhos da vitória no ar, e depois já estava abraçando Noah, como se ele fosse realmente um santo. Talvez fosse.

Então por que eu não estava muito empolgada com isso? Estava feliz por Heath, é claro. Mas

há apenas algumas semanas ele estava saindo e curtindo a vida. E há apenas alguns meses os dois estavam “dando um tempo”. E há apenas seis meses Heath estava largando o programa de enfermagem da faculdade local. Mais uma vez.

Mas apesar de sua longa lista de mancadas, ele ainda era meu irmão, e acho que fiquei triste por ele sair do time Adams e deixar minha mãe e a mim para trás.

– Você pode ficar com a lavanderia – Heath disse depois do jantar, apoiando-se na bancada e se aproximando de mim enquanto Jack limpava os pratos e os colocava na máquina de lavar louça. Agora eu sabia por que Heath tinha acabado com a parede do apocalipse. Ele já pretendia se mudar.

– Não sei – eu disse. – Por um lado, tem mais privacidade. Por outro, lá embaixo tem cheiro de escapamento e mofo. – Não mencionei que tinha metade do tamanho da sala de jantar, ponto de impasse entre nós desde que nos mudamos para aquela casa.

Heath deu um sorriso amarelo.

– E quando você colocar suas coisas lá, vai ficar com cheiro de formaldeído e grafite.

– Onde é o seu quarto? – Jack me perguntou.

– Não estamos exatamente na mansão do prefeito – Heath disse. – Os quartos são onde tem espaço para colocar uma cama.

Joguei um pano de prato no meu irmão.

– Você pode ficar com os copos. – Eles nunca ficavam limpos na lavadora, então tínhamos que lavar na pia. Deixei Heath com essa tarefa e levei Jack até minhas portas de raio x, explicando toda a história da sala de jantar. Enquanto isso, do outro lado da sala, minha mãe e Noah tomavam café e conspiravam sobre o futuro do meu irmão. Deixei a porta um pouco aberta para não parecer que estava atraindo Jack para minha teia para fazer o que quisesse com ele.

– Isso é incrível – Jack disse, olhando para a cristaleira com minha estranha seleção de quinquilharias relacionadas a anatomia. – É... a sua cara.

– Vamos, pode dizer. É esquisito, eu sei.

– É muito esquisito. E eu amo coisas esquisitas, então você está com sorte. Uau! Isso é vintage?

Mostrei a ele minha Mulher Visível (ele ficou louco por ela) e o apresentei a Lester, o Esqueleto (que o deixou assustado). Quase peguei o manequim articulado que meu pai (possivelmente) tinha mandado – a loja de escultura em madeira *ainda* não tinha respondido meu e-mail –, mas fiquei com medo de que minha mãe entrasse e perguntasse sobre ele. E enquanto eu estava ocupada surtando com o fato de *Jack estar no meu quarto*, ele folheou alguns cadernos de desenho. Desenhos aleatórios que eu não tinha postado na internet. Alguns eram da aula de artes da escola. Ele parou em uma natureza-morta e riu.

– O que foi? – perguntei, sentando ao lado dele. Em minha cama. Alguma parte primitiva do meu cérebro já pensava em potenciais fantasias de sedução, como derramar acidentalmente algo em sua camisa, de modo que ele fosse obrigado a tirá-la, e depois eu teria que esfregar seu peito nu com a colcha.

A parte primitiva do meu cérebro não era muito brilhante.

– *Natureza-morta com fruta* – Jack disse imitando a voz de uma pessoa culta. – Praticamente dá para sentir a indignação em seu sombreado. Certamente não é o seu assunto preferido.

– Você não está errado. Acho que me sacou desde o início. Continue folheando e pode encontrar alguns desenhos de logotipo também.

– Onde está – ele abaixou a voz – Minnie? Posso vê-la?

– Ainda não terminei – respondi, repentinamente envergonhada.

– Qual é o prazo para o concurso de arte?

– Eu já me inscrevi, mas tenho que entregar minha obra três dias antes da mostra. O que significa que tenho que terminar até 20 de julho. Posso mostrar o que já fiz até agora. Ainda não decidi como vou juntar tudo, mas se você quiser...

– Eu quero. Pode acreditar, *eu quero*.

Espere. O que ele queria? Não era a Minnie, com certeza. Os cílios escuros piscaram para mim e seu joelho encostou no meu, e de repente era aquela primeira noite no ônibus novamente, um olhando para o outro, com chamas entre nós. Rapidamente decidi que minha fantasia de derrubar algo em sua camisa era muito comportada. Eu precisava derrubar algo na parte da frente de seu jeans.

– Em que está pensando? – ele murmurou.

– Estou pensando na fivela do seu cinto, com a inscrição 4-H – murmurei em resposta.

Bem. Aquilo o deixou chocado. Acho que meu futuro eu *bon vivant* tinha oficialmente escolhido Jack em detrimento do ex-nadador professor de faculdade.

– Eu estava pensando em como seu sutiã é sexy por baixo dessa camisa transparente, então acho que estamos quites. – Ele se aproximou um pouco mais e sussurrou. – Me mostre a Minnie antes que eu passe vergonha na frente da enfermeira Katherine, a Grande.

Uh. Certo, agora ele tinha me deixado chocada. Mas Deus era minha testemunha: eu veria aquela fivela de cinto em um futuro próximo, ou morreria tentando.

Sequei as mãos suadas nas calças e respirei fundo enquanto caminhava até a mesa de desenho. O caderno estava escondido no meio de outros, entre a mesa e a parede. Não que minha mãe fosse perceber instantaneamente que estive no laboratório se visse os desenhos. Eu copiava muitos “internos”, como gostava de chamar os diagramas de órgãos internos, de livros antigos.

Jack ficou perto do meu braço direito, me observando folhear o caderno. Se alguma coisa podia esmaecer os excessos da frustração sexual, com certeza era olhar para desenhos de cadáveres. Passei os rascunhos preliminares e fui para aquele em que estivera trabalhando nas últimas duas sessões: uma visão total do torso de Minnie, incluindo o braço dissecado. Era bem perturbador e, sinceramente, eu tinha dificuldade de olhar para os meus desenhos depois que saía do laboratório. Este era o pior de todos, porque incluía o rosto e os cabelos. Mas realmente senti que era necessário, pois a humanizava, a deixava menos parecida com uma “coisa” e mais com uma pessoa real.

Talvez um pouco real demais...

– Acho que vou desmaiar – Jack murmurou ao meu lado com uma voz estranha.

Comecei a me desculpar, mas as palavras não chegaram a sair da minha boca. Suas pernas se

dobraram e ele desabou como se tivesse levado um tiro. Era uma brincadeira, com certeza. Foi o que pensei durante um segundo.

Mas ele não levantou.

CAÍ DE JOELHOS AO LADO DELE e toquei seu rosto. Ele não estava morto. Gemia e tentava levantar a cabeça do chão, mas seus olhos não abriam.

– Mãe! – gritei, mas ela já estava correndo para o meu quarto com Noah e Heath.

– O que aconteceu?

– Ele estava olhando um dos meus desenhos e disse que ia desmaiar... e simplesmente desabou.

Minha mãe entrou em modo enfermeira.

– Querido, pode me ouvir? Jack?

– Estou bem – ele disse com a voz arrastada. Os olhos tentavam se abrir.

As mãos dela se movimentavam em uma sequência rápida sobre seu pescoço, testa, pulso.

– Ouça minha voz. Você é diabético?

– Não. – Ele tentou mexer as pernas.

Ela as posicionou rapidamente.

– Está tomando algum medicamento?

– Não. – Ele engoliu em seco e abriu os olhos. – Nossa, estou tonto.

– Bex, pegue os travesseiros da sua cama.

Quando cheguei com eles, ela estava abrindo sua fivela 4-H. Quase surtei até me dar conta do que estava acontecendo: roupas apertadas. Ela afrouxou a fivela e abriu o botão do jeans antes de verificar o pescoço novamente. Ele vestia uma camiseta preta, que não era apertada.

– Debaixo dos pés dele. Eles precisam ficar mais altos que o coração – ela me orientou. – Isso já aconteceu antes, Jack? Você já desmaiou antes?

– Merda – ele disse. E depois: – Desculpe, não queria dizer isso.

– Tudo bem. Com certeza Buda vai te perdoar.

Ele tentou rir.

– Não acredito... Eu nunca...

Minha mãe fez uma série de perguntas. Ele estava conseguindo respirar normalmente? Seu peito doía? Dormência? Ela mediu o pulso dele novamente e examinou a cabeça.

– Estou bem, é sério – ele afirmou, levantando-se.

– Ah, não está – minha mãe respondeu, fazendo-o deitar de novo. – Heath, pegue um copo de água e encontre o estoque de doces da Páscoa na despensa. Noah, vá ajudá-lo. – Depois que os meninos correram para a cozinha, ela disse: – Certo, então me conte o que estava acontecendo. Não vou julgar, e estou falando sério.

– Você...? – Ele sentiu a fivela do cinto aberta.

– A enfermeira Katherine é tarada – eu disse.

– Bex! – minha mãe me repreendeu.

– É tudo culpa minha – eu disse a ela. – Estava mostrando uns desenhos nojentos.

– Não, não. Eu não tenho dormido direito ultimamente – ele argumentou, fechando a calça. – Devo estar debilitado. Ou isso ou tem uma mulher vitoriana vivendo dentro de mim. Jesus, que constrangedor.

– Meu bem, nada me constrange – minha mãe disse. – As coisas que já vi e fiz no pronto-socorro só essa semana fariam Vin Diesel desmaiar. Só quero ter certeza de que você está bem.

E ele estava, ou parecia estar. O suficiente para se livrar dos cuidados da minha mãe e se levantar sem problemas. Jack fez observações autodepreciativas diante de Heath e Noah. E depois que foi constatado que Jack tinha voltado ao normal, ele disse que precisava ir para casa e jurou 50 vezes para minha mãe que conseguia dirigir.

– Se não chegar em segurança, seu pai vai me processar – minha mãe argumentou.

– Eu posso ir dirigindo o carro dele e Heath vai atrás com minha Harley – Noah sugeriu.

Jack fez um gesto de recusa.

– Agradeço a boa vontade, mas estou tentando impressionar uma garota e não parecer um completo idiota, então já vou indo. Obrigado pelo jantar. Estava excelente, de verdade.

– Deve ter sido uma intoxicação alimentar que provocou isso – Heath brincou. – Jack foi o primeiro afetado. Nós estaremos no chão antes da noite acabar.

Minha mãe deu um tapa no braço dele e todos saímos. Heath ia passar a noite na casa do Noah, então eles também estavam indo embora. Assim, tive que acompanhar Jack até o Fantasma sob os olhares observadores da minha família.

– Sei que está cansado de responder essa pergunta, mas você está mesmo bem? – perguntei. – Sinto muito por ter mostrado a Minnie.

– Não foi culpa sua. Sério. Só estou cansado.

Uma vizinha na minha cabeça sussurrou que ele não estava dizendo a verdade, mas resolvi não o perturbar com isso.

– Apesar do final desastroso, fiquei feliz por você ter vindo.

– Eu fiquei feliz por você ter ido atrás de mim no Centro Zen.

– Era o justo. Você foi atrás de mim no Mercado Alto. – Cruzei os braços e tremi com o ar frio da noite quando ele destrancou a porta do carro.

– O que vai fazer no feriado de quatro de julho? – Jack perguntou. – Vai trabalhar?

– Acho que não. Já está chegando?

– É depois de amanhã. Meu pai vai mostrar a cara no Píer 39 para ver os fogos sobre a baía, que, como você sabe, pode ser uma comovente demonstração patriótica ou uma nuvem turva de névoa cor-de-rosa. Dependendo do clima.

– A gente costumava caçar um lugar para ver a queima de fogos, mas não vale o esforço.

– Então que tal ver um filme na minha casa? Andy e mais algumas pessoas vão. Tem sido uma tradição do Dia da Independência nos últimos anos, já que sempre tenho a casa toda para mim.

– Parece divertido.

– Certo, bem, como a enfermeira Katherine está nos observando, vou embora agora com metade do meu orgulho masculino intacto.

– É bom alertar: deixe o machismo de lado na casa dos Adams. Somos totalmente avessos

àquele detestável estereótipo do macho cheio de testosterona.

– Mesmo tendo deixado o machismo de lado, prometo que não foi suficiente para eu me afastar – ele disse, entrando no Fantasma e abrindo um dos vidros. – Boa noite, Bex.

– Boa noite, Jack.

Eu vi o carro indo embora e acenei para Heath, que estava ridículo na garupa da moto de Noah. Depois fui até minha mãe. Ela demorou um minuto para aparecer no meu quarto, na beirada da minha cama, onde Jack estava sentado antes.

– Tudo bem, o que *realmente* aconteceu? – ela perguntou.

– Eu não sei. Como eu já disse, eu estava mostrando minha arte para ele...

– Droga, Bex. Pessoas normais não querem ver essas coisas. É macabro.

– Eu sei.

– Você era tão criativa. Por que não pinta mais?

– Eu gosto de fazer isso. E é prático. Estou pensando no meu futuro, fazendo o que você sempre me disse para fazer. E não é tão diferente do que você faz no trabalho, ou do que Heath vai estudar, que te fez ficar toda alegre. Minha arte pode ajudar a salvar vidas um dia.

Minha mãe agarrou meus ombros e me obrigou a olhar para ela.

– Heath e eu não fomos agraciados com um dom. Se eu tivesse seu talento, não estaria estressada, trabalhando de madrugada e sem poder acompanhar a vida dos meus filhos.

– Mas...

– Arte não deve ser uma coisa prática. Deve ser emotiva e expressiva. Há outros meios de salvar a vida das pessoas além de desenhar diagramas de estudo para alunos de medicina. Você pode fazer algo maior. Algo que faça as pessoas felizes. E que faça *você* feliz.

Eu me soltei das mãos dela.

– Não sou infeliz. Já disse mil vezes. Por que não acredita em mim?

– Porque você é a pessoa mais teimosa que eu conheço.

– Tenaz – corriji. – É um dom.

Ela suspirou com dramaticidade. Ambas desviamos o olhar até que ela finalmente disse:

– Pessoas não desmaiam sem motivo. Pode ser indício de algo mais sério com a saúde do Jack, ou pode ter sido desencadeado por fatores emocionais. Ele está estressado com alguma coisa em casa?

Além da convulsão da mãe dele e do fato de ser filho do prefeito de São Francisco? Nossa, eu não sei.

– Ele está vivenciando uma situação séria com a mãe dele. – Eu não podia contar nenhum detalhe sobre a mãe de Jack, nem o pouco que sabia, porque havia o risco da minha mãe dizer algo no trabalho. Poderia se espalhar por todo o pronto-socorro e cair nos ouvidos dos Vincent ou de alguém da imprensa. Eu tinha contado o segredo do vandalismo secreto do Jack para Heath, o que já era ruim o suficiente.

– A mãe dele? – Ela parou para pensar. – Ah, é mesmo. Teve aquele assalto.

– Que assalto?

Minha mãe deu de ombros.

– Há alguns anos. Saiu no jornal. Alguém invadiu a casa do prefeito. A esposa dele foi parar

no hospital, ferida pelo assaltante. Talvez Jack tenha ficado traumatizado. Algumas pessoas não conseguem ver sangue depois de testemunhar algo chocante. O nome disso é reação aguda ao estresse. Com o tempo, pode evoluir para um transtorno de estresse pós-traumático.

Em primeiro lugar, eu achava que TEPT afetava principalmente soldados. Em segundo, eu meio que me lembrava de ter ouvido falar sobre o assalto, mas como o status de Jack como filho do prefeito era novidade para mim, não tive tempo de pensar sobre isso.

Minha mãe suspirou.

– Por que não me contou sobre ele? Minha nossa, Bex. O filho do prefeito?

– Eu sei. – Ou melhor, eu *não sabia*, mas não ia admitir isso agora de jeito nenhum.

– O relacionamento de vocês é sério?

– No menor nível de sério que você puder imaginar. Tipo, menos que uma colher de chá. Nem nos beijamos. Você foi mais longe do que eu abrindo o cinto dele. Ou ele pode estar mais a fim do Heath do que de mim, até onde eu sei. – Certo, isso definitivamente não era verdade, mas minimizar a curiosidade da minha mãe a respeito da minha vida amorosa era o mais importante no momento.

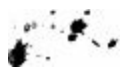
– Ah, querida – minha mãe disse. – Ele está completamente a fim de você. Não conseguia tirar os olhos de você durante o jantar.

– Graças ao poder da camisa orgia romana – eu disse com um sorriso.

Ela fechou os olhos.

– Deus me ajude a chegar ao fim do verão.

Você e eu, mãe.



Na manhã seguinte, um dia antes do filme na casa do Jack, eu me preparei para trabalhar em turno integral de nove horas no mercado – coisa rara para mim. Não há nada como compras de comida de última hora para o feriado. Quando estava me preparando para limpar cabelos de milho e carregar melancias orgânicas sem semente, verifiquei meu e-mail e fiquei paralisada quando as palavras *Telegraph Wood Studio* apareceram na caixa de entrada.

Cara srta. Adams,

Agradecemos seu e-mail. Seu manequim articulado foi feito aqui por um de nossos mestres escultores, Ben. Ele gostou muito de trabalhar no projeto, que foi, de fato, encomendado. Infelizmente, não revelamos os nomes de nossos clientes por e-mail. Mas, se tiver tempo de fazer uma visita à nossa loja em Berkeley, verá que Ben é bastante atencioso e extrovertido. Talvez você consiga respostas para suas perguntas. Comunique-me o melhor dia e horário e teremos prazer em recebê-la. Pode ser na semana que vem, depois do feriado?

Feliz Dia da Independência, Mary Spencer

Reli o e-mail várias vezes. Já devia esperar por isso. Tudo que diz respeito ao meu pai é sempre complicado. Se eu quisesse saber mais, acho que teria que fazer um esforço. Pegar o trem até Berkeley não era tão complicado, mas levaria uma tarde inteira e eu teria que mentir

para minha mãe. Será que valia a pena? Eu realmente queria cutucar uma ferida que já tinha cicatrizado e sido esquecida? Sinceramente, não sabia. Teria que pensar a respeito.

E tinha coisas mais importantes com que me preocupar, como, por exemplo, Jack.

Depois que ele foi embora da minha casa, entrei na internet e passei os olhos em algumas notícias sobre o assalto que minha mãe tinha mencionado. Todas elas eram vagas, diziam apenas que a senhora Vincent havia sido ferida e tratada no hospital, e ninguém mais tinha se machucado. Todos os artigos mencionavam as mesmas citações do prefeito: que sua esposa estava bem, que ela tinha voltado para casa de bom humor. Ele pedia que a imprensa respeitasse a privacidade de sua família.

Não havia nada muito interessante... até que cliquei em um blog local, mantido pelo partido político de oposição, que não só teorizava que havia algo mais que o gabinete do prefeito estava tentando silenciar na história do assalto, mas também noticiava que a filha adolescente do prefeito tinha sido mandada para um colégio interno na Europa.

Jack tinha uma irmã.

Por que não tinha falado dela? Fiquei me perguntando se eles eram próximos ou se ele a via de vez em quando. Mas se eu perguntasse, ele saberia que andei bisbilhotando sua vida na internet. Nada bom.

Comecei a fuçar na seção de comentários para ver se havia alguma menção à irmã ou à esquizofrenia da mãe, mas ler os primeiros não só me deixou irritada como me sentindo culpada por bisbilhotar a vida da família dele. Como se fossem celebridades descartáveis, e não pessoas reais. Então resolvi que se fosse para eu ficar sabendo mais sobre o assalto, a mãe de Jack e sua irmã distante, evitaria a fofoca maldosa da internet e esperaria para ouvir da boca dele mesmo.

Na tarde seguinte, minha mãe saiu para o plantão de feriado no hospital e, pela primeira vez, não tive que bolar nenhuma história mirabolante sobre onde eu estaria. Ela estava totalmente de acordo com minha ida à casa do Jack, e até disse:

– Talvez você faça amizade com outros jovens.

Jovens. Como se fosse algum grupo da igreja.

Certamente não era.

Jack tinha se oferecido para me pegar às 19h, mas minha mãe já estava se preparando para sair para o trabalho e eu não queria que ela fizesse outro interrogatório sobre o desmaio. Além disso, só porque ele tinha carro, não era obrigado a ser meu motorista pela cidade. Foi o que eu disse a ele, mas depois de ficar quase uma hora em pé em um trólebus lotado, me arrependi. Feriado mais transporte público é igual a desastre.

Jack tinha mandado as instruções para chegar à casa dele. Não ficava tão longe do ponto de ônibus, mas eu já estava uma hora atrasada, era no alto de uma ladeira e eu tinha feito a besteira de usar minhas botas cinza de salto alto por cima do jeans, em uma tentativa de fingir que era descolada para seus amigos ricos. Grande erro. Bolhas me assombrariam mais tarde. Mas depois de vários minutos me arrastando na frente de casas milionárias, finalmente vi o Fantasma. O Corvette vintage estava estacionado na frente de uma casa de três andares e telhas aparentes, escondida em uma rua lateral.

Como todas as casas naquela quadra, a dele era colada na do vizinho e, à primeira vista, não tinha muito apelo, sem nada para mostrar além de uma garagem para dois carros e um número de cobre cheio de frescuras. Galhos de lilás pendiam como cobertura sobre a garagem, onde uma entrada semiprivada dava indícios da riqueza interna. Para chegar lá, era preciso entrar por um portão de madeira em forma de arco e subir um lance de escadas. Também era preciso passar por duas câmeras de segurança no estilo Big Brother. Será que o pai dele tinha alguém do Serviço Secreto por aqui também? Ou aquilo era só para políticos de nível federal? Eu realmente não fazia ideia, mas as câmeras me deixaram ressabiada.

Mandeí uma mensagem para Jack: *Preciso ser liberada para entrar nesse lugar ou o quê?*

Alguns segundos depois, o som de solas de borracha sobre pedra, o portão se abriu e lá estava ele preenchendo o arco de madeira: topete, botas pretas, camisa preta de botões com carpas prateadas nos bolsos da frente, e, Deus me ajude, aquele cinto com a fivela do 4-H.

Seu olhar lento percorreu desde minhas botas (as bolhas eram um preço baixo a pagar), passando por minha camisa comportada (mas que ainda valorizava meus seios), até meu rosto.

– Feliz Quatro de Julho – ele finalmente disse. – Ou se diz feliz Dia da Independência? Qual é o cumprimento-padrão?

– Acho que você tem que saudar a bandeira enquanto imita o canto triste de uma águia-americana.

– É como usar um apito de chamar peru no Dia de Ação de Graças?

– Exatamente.

Ele se aproximou.

– Não acredito que você está mesmo aqui.

– Não vai desmaiar perto de mim de novo, vai?

– Algum dia você vai esquecer isso?

Fiz que não com a cabeça.

– Já imaginava – ele disse com um sorriso. – Você está usando cor.

– Estou?

– Vermelho – ele disse, apontando para minha cabeça.

Rompendo meu longo ciclo de roupas em escala de cinza, amarrei uma bandana vermelha na cabeça bem ao estilo feminista (“*We can do it!*”) e fui com uma única trança espinha de peixe meio solta, que enrolei e preendi embaixo.

– Os feriados trazem à tona meu lado ousado.

– Bom saber – ele disse com um sorriso provocador. – Vamos. Estamos lá atrás.

QUANDO PASSEI SOB O ARCO, olhei para a câmera e senti seus dedos escorregarem em volta dos meus.

– Oi – ele disse em um tom de voz mais suave. Meu Deus, ele tinha um cheiro tão bom, amadeirado e limpo.

Alguém gritou nos fundos da casa.

– Não se empolguem demais – ele respondeu. – A música acelerada com guitarra e bateria ficava mais alta conforme seguíamos lado a lado por um caminho de pedra entre sua casa e uma cerca de madeira de dois andares. Três galhos do quintal do vizinho se curvavam sobre a cerca e criavam uma cobertura verde, e quanto mais para os fundos íamos, mais escuro e arborizado ficava.

Não havia nenhuma árvore no meu quarteirão. Na verdade, havia um quintal de cerca de meio metro de terra e cimento quebrado entre os fundos da minha casa e a casa de trás.

Mas não na dos Vincent.

No interior seguro de seu muro altivo, uma série de deques surgia da propriedade arborizada, separando a casa dele das dos vizinhos. Paramos no maior deles, que começava na porta dos fundos e se abria em outros deques menores – um atrás de uma mureta de pedra e outro no canto, perto de uma pequena casa de hóspedes. Degraus modernos ziguezagueavam até um quarto deque, como se fosse uma cobertura sobre nós, onde uma ponte levava a uma porta no segundo andar.

– Por acaso M. C. Escher é seu arquiteto? – ironizei.

– Meu pai construiu tudo isso quando ganhou a primeira eleição.

– Tem câmeras aqui atrás também?

– Só sobre a porta dos fundos – ele disse. – Mas a casa é área proibida hoje. Surpresa – meu pai não quer convidados de uma festa sem supervisão pisando em seu piso de madeira encerada. Mas eu nem passo muito tempo em casa. Me mudei para a casa de hóspedes ano passado. – Ele apontou para a pequena construção no canto do pátio. – Meus pais costumavam receber muita gente, mas isso não acontece mais.

Antes que a conversa ficasse triste demais, eu disse:

– A casa de hóspedes é privada, o que é legal. E agora entendo como você escapa para suas expedições noturnas. Exceto pelas câmeras.

– Willy me ensinou alguns truques para driblar as câmeras.

– O Mendigo Will?

Jack sorriu.

– Ele é mais perspicaz do que você imagina.

Passamos por trás das escadas. Mais ou menos uma dúzia de pessoas relaxava no deque principal. Dois garotos loiros que pareciam saídos de uma propaganda da Abercrombie & Fitch distribuía o conteúdo de uma garrafa em vários copos plásticos sobre uma mesa comprida

repleta de comida e refrigerante. Um cara de moicano pendurava um lençol branco na parede da casa de hóspedes, e outro instalava um projetor digital.

Vi apenas mais três outras meninas. Uma delas estava montada nas costas de Andy, amigo de Jack. Ele correu na nossa direção e se inclinou para trás para colocá-la no chão. Ela aterrissou com uma gargalhada ofegante.

– Oi de novo – Andy disse, sorrindo enquanto a menina que ele carregava se enfiou sob seu braço. Uma garota bem familiar, com corte de cabelo assimétrico e mechas roxas e cor-de-rosa.

Sierra.

– Ah, espera. Eu te conheço. É *ela*? – ela perguntou para Jack. E devido à sua voz de fadinha, não consegui perceber se as palavras dela eram condescendentes. Mas dava para ver que Jack não estava à vontade, porque apertava minha mão com mais força e me puxava levemente para longe de Sierra.

Com o braço pendurado no ombro de Sierra, Andy disse:

– Vocês se conhecem?

– Nos conhecemos há algumas semanas – eu disse.

– Eu, sem querer, derrubei todo o chá em cima dela – ela contou a Andy com uma risadinha. Tão engraçado. Rá, rá, rá. Antes que ela pudesse continuar, perguntei:

– Como vocês todos se conhecem?

Ela se apoiou em Andy.

– Conheci o Jackson quando estava passando um tempo no Centro Zen. Passei por uns problemas em casa, e eles me deram lugar para dormir nos alojamentos de estudante e me alimentaram por algumas semanas, até eu colocar a cabeça no lugar. Já voltei para casa. – Depois, ela acrescentou: – Ele me ajudou, então eu o ajudei. – Eu não fazia ideia do que isso significava, mas pelo modo como ela mordia o lábio inferior, devia ser cem por cento lascivo. – E agora estou ajudando Andy.

Andy pareceu levemente horrorizado com a afirmação, mas ela ficou rindo.

Ótimo. Justo quando eu tinha parado de ter pesadelos com Jack transando com alguma stripper no hospital, agora podia substituí-los pela imagem de Sierra, a Fugitiva, dormindo em algum tipo de alojamento estranho, onde conheceu Jack e trocou favores sexuais por esclarecimento e dameixas.

Se Sierra não percebia o desconforto que irradiava de mim, Andy certamente percebia. Da parte interna da boca, ele ficou balançando o piercing com a língua.

– O fio da extensão não é longo o bastante para o projetor – ele disse para Jack.

– Vou pegar outro em um minuto. – Jack me puxou, desviando de Andy e Sierra, e se desculpou em voz baixa assim que saímos de perto deles. – Eu não sabia que ele ia trazê-la hoje. Acho que ela deve ter ligado para ele depois que viu a gente na casa de chá.

– Eles estão namorando?

– Sierra é... um espírito livre.

E eu a amava cada vez mais.

– Vamos conhecer o resto do pessoal – ele disse.

Jack foi me levando pelos deques, e enquanto a noite começava a cair e pequenas luzes douradas iluminavam todas as partes do quintal, ele me apresentava aos convidados. Entre eles, seus amigos ricos da escola, os amigos pobres do Centro Zen, os amigos esquisitos da aula de judô (era novidade para mim que ele lutasse judô, mas talvez isso explicasse todos aqueles músculos), e um nerd que morava na rua de baixo, David, que era extremamente tímido e estava se ocupando com o projetor. E foi por conta da questão urgente da extensão curta demais, junto com o pedido do – vejam só – pessoal do serviço de bufê, que precisava que Jack assinasse o recibo para eles poderem ir embora, que fiquei sozinha no meio desse monte de estranhos.

Na outra ponta do deque principal, de frente para o lençol branco, uma lareira a gás construída na parede de pedra crepitava, e em volta dela havia um banco em L. Sierra estava no meio, tirando todas as almofadas do assento e jogando-as no deque. Ela me viu olhando e sorriu.

– Esses bancos são muito desconfortáveis. É melhor todo mundo se esticar no chão.

Sentei no banco sem almofadas. Ela não estava errada. Uma garota que eu tinha conhecido um pouco antes se sentou ao meu lado, puxando um longo rabo de cavalo castanho das costas de um suéter que estava vestindo.

– Está esfriando. Alguém precisa ligar os aquecedores.

Olhei para onde ela estava apontando e vi alguns aquecedores verticais que pareciam com aqueles que se usa em restaurantes ao ar livre, só que mais bonitos.

– Lala – ela disse quando ficou claro que não me lembrava de seu nome.

– Desculpe – respondi.

– Não se preocupe. Eu também não lembraria todos os nomes.

Mas eu me lembrava de sua história: uma garota que veio do Brasil e estudou com Jack. Ela era esbelta, bonita e simpática, e estava namorando um dos loiros da Abercrombie & Fitch. Lala levantou o drinque com sabor de fruta.

– Não, obrigada – eu disse, recusando.

– Hunter tentou pegar um minibarril de cerveja com o irmão dele, mas não rolou. Ainda assim conseguimos duas garrafas de Fernet. Ele saiu para comprar refrigerante.

Eu não fazia ideia do que era Fernet.

– Tem gosto de remédio de antigamente – Sierra explicou, fazendo cara feia. – Se não disfarçar o gosto com refrigerante, não dá para engolir. Todos os atendentes de bar bebem isso.

Então tá. Heath era quem bebia na família, e eu tinha atingido meu limite anual de vômito naquele primeiro dia no laboratório de anatomia, então eu ia deixar passar, obrigada.

– Há quanto tempo você e Jack estão namorando? – Lala perguntou.

Eu não sabia como responder àquela pergunta. Certo, ele tinha vandalizado um museu no meu aniversário, mas namoro? Namoros eram algo planejado. Um convidando o outro para sair. Não é simplesmente dizer: “Ei, está sol, e você está aí parada, então vamos para o parque”. Mas mesmo sabendo, em meu coração, que havia algo mais entre mim e Jack, não estava nada definido – não no sentido que a menina estava perguntando. Então respondi:

– Somos só amigos.

– Não foi o que eu ouvi dizer – Sierra afirmou. – Andy me falou que Jackson está apaixonaaaaaado.

Meu rosto ficou quente. Jack tinha contado a Andy ou Andy tinha falado por falar? Não dá para se apaixonar por alguém que você nunca beijou... dá?

– Hum, isso eu já não sei – eu respondi. – Mas vocês namoraram?

Sierra apontou para si mesma.

– Eu e o Jack? Foi isso que ele disse?

– Não, foi o que *você* disse aquele dia na casa de chá.

– Você contou *aquilo* para ela? – Lala perguntou.

Sierra fez um gesto indiferente.

– Você faz parecer que transamos até não poder mais. Jackson estava passando por um momento difícil e eu providenciei um pouco de alegria.

– Pode manter sua alegria bem longe do Hunter – Lala alertou.

Eu realmente não sabia o que dizer.

A última das três garotas que estavam na festa apareceu do nada e se sentou no meio da ilha de almofada de Sierra.

– Ainda não terminei, Nicole – Sierra reclamou.

– Arrume em volta de mim. Estou bêbada demais para ficar em pé. – Nicole jogou os braços para trás e se espreguiçou como um gato, com os longos cabelos castanho-avermelhados espalhados como um cata-vento. Ela tinha um estilo natural e eu diria que era uma das amigas zen de Jack, mas ele tinha dito que eram colegas de escola. – De quem vocês estão falando?

Lala tomou um gole de bebida.

– Sierra está se gabando de ter feito um boquete no Jack na frente da nova namorada dele.

Espere. O quê? Era *isso* que ela chamava de “alegria”? Minhas entranhas reviraram.

– Afe, Sierra. Cale a boca – Nicole disse, fechando os olhos.

– Eu não estava me gabando – Sierra argumentou. – Mas, já que estamos falando nesse assunto, só me deixem comentar uma coisa. O garoto é bem-dotado, não é?

Ela estava mesmo dizendo isso para mim?

– Hum. Nós somos só amigos – repeti.

– Sério? Desculpe. Quer dizer que vocês nunca...?

– Nossa, Sierra – Nicole disse. – Ninguém quer saber de suas aventuras eróticas estúpidas com toda a população de São Francisco. Não dê ouvidos a ela... – Nicole olhou para mim com o rosto de cabeça para baixo. – Como é mesmo seu nome?

– Beatrix.

– Não dê ouvidos a ela, Beatrix. A avó dela foi hippie do Haight, e ela pensa que isso dá a ela direito a algum tipo de carteirinha do clube do amor livre.

– Pelo menos não me preocupo tanto com sexo – Sierra argumentou. – Somos apenas corpos. Não é grande coisa. E, se querem saber minha opinião, acho muito mais estranho ele sair falando para todo mundo que está tão ligado em uma pessoa de quem é só *amigo* – ela afirmou.

Hum... O quê?

Nicole a dispensou.

– Por que não vai pular em cima do Andy e nos deixa em paz?

– Tanto faz. É por isso que não tenho mais amigas mulheres. Vocês são todas umas cretinas

– Sierra saiu batendo o pé.

Nicole resmungou.

– Ai, meu Deus, ela me deixa louca.

– Dê um desconto. Ela não teve uma vida boa – Lala disse, gesticulando com o copo. – A mãe dela a expulsou de casa por, tipo, uns três meses. Não vê como ela é perturbada? É triste.

Nicole se apoiou no cotovelo, observando Sierra pulando alegremente nas costas de Andy:

– Vou tocar um miniviolo para ela enquanto ficar mostrando os peitos para todos os caras por quem me interesse.

– Quando um não quer, dois não fazem – Lala disse, olhando para mim em seguida. – Não se preocupe com Sierra. Jack é um cara legal. Ele só é um pouco perturbado, graças a Jillian.

Meu corpo ficou tenso. Jillian pode ser a irmã que está na Europa. Será que ouvir fofocas em primeira mão da boca das amigas de Jack era melhor do que fuçar informações de segunda mão na internet sobre a família dele? Eu não sabia, mas estava curiosa demais para deixar passar. Então fingi inocência e perguntei:

– Quem é Jillian?

Nicole e Lala olharam uma para a outra.

– Jillian é o segredinho sujo da família Vincent – Lala disse.

Não tive tempo para pedir explicações antes de Nicole emendar.

– Todos nós não seríamos um pouco perturbados se tivéssemos passado pelo que ele passou? Eu certamente seria. Então, grande coisa ele nunca ter tido um namoro sério. – Ela apontou para mim com o queixo. – Acho que você tem sorte de ser a primeira. Olhe para ele. É lindo, engraçado, e tem todo esse visual retrô-rockabilly descolado. E é tão amável.

– E *aqueles olhos* – Lala disse.

– É tão injusto – Nicole concordou. – Quem se importa se ele pega todas. Quero dizer... *pegava*. Desculpe, Beatrix.

Lala riu.

– Ele não é cafajeste, Nicole. De onde você tirou isso?

– Bem, Sierra, para começar.

Lala sacudiu a cabeça.

– Sierra nunca foi até o fim com ele. É o que eu estava falando sobre Jillian. Ela realmente o deixou perturbado. Sierra disse que o Andy contou para ela que o Jack é...

É o quê? É O QUÊ?

Parte de mim sabia que ouvir essa conversa não era tão ruim quanto ler fofocas sobre a família do Jack na internet, era muito, *muito* pior. Então por que eu não levantava e saía de perto?

O gelo de Lala bateu na borda do copo de plástico. Nicole se afundou mais nas almofadas.

Eu levantei os olhos para ver o que elas estavam olhando e vi Jack atrás da lareira. Ele tinha escutado. Dava para ver pelo olhar angustiado em seu rosto. E, naquele momento, eu quis

morrer.

AS MENINAS SE ESPALHARAM COMO SEMENTES de dente-de-leão, desaparecendo na multidão que agora se reunia ao redor de Hunter, que finalmente tinha voltado com o refrigerante.

– Elas estão bêbadas – garanti a Jack quando ninguém podia nos ouvir. Queria dizer a ele que nada daquilo importava para mim, nenhuma das coisas que elas estavam dizendo, das quais entendi apenas metade. Me senti culpada por ter dado ouvidos a tudo aquilo. Duplamente culpada por ele ter escutado. Exatamente o que ele escutou, eu não sabia.

– Quer ir embora? – ele perguntou em voz baixa.

– Não – respondi com um nó na garganta. – Você quer que eu vá?

– Não! – E depois repetiu com mais calma: – Não.

Gargalhadas altas vinham da mesa onde o pessoal misturava as bebidas. Jack olhou para eles.

– Vamos... – Ele coçou a parte de trás da cabeça. – Vamos conversar. Não aqui.

Eu o acompanhei pelo deque menor até a casa de hóspedes. Quando ele fechou a porta, abafando as risadas embriagadas que vinham do lado de fora, dei uma olhada no lugar. Não era muito maior que minha sala de jantar, mas ele tinha espaço para uma cama de casal, e um sofá ao pé dela, de frente para uma TV e vários videogames. Tudo estava organizado. A cama estava arrumada. (A minha não estava.) Em uma prateleira, havia um pequeno Buda de cerâmica verde e outros enfeites – uma espécie de altar – e eu reconheci as almofadas de meditação da livraria zen. Estar aqui me dava a sensação de ter aberto uma porta na lateral da cabeça de Jack e entrado em seu cérebro.

Dando uma olhada, notei uma porta que dava para o banheiro, e ao lado dela vários retratos estranhos na parede. Pareciam quase infantis e muito coloridos. Um deles era uma mulher alienígena.

– Você que fez? – perguntei.

Ele negou com a cabeça, mas não disse mais nada, então continuei a inspecionar, passando por uma mesa com um computador bem caro e parando em sua mesa de desenho, onde havia uma prateleira na parede com um pequeno aquário. Sob o brilho branco de uma lâmpada, um único peixe-betta, de um azul vivo e barbatanas finíssimas, nadava por uma cidade em miniatura com cabanas tiki no meio de uma floresta de plantas aquáticas. Um cardume de minúsculos peixes cinzentos era a única companhia do betta.

– Parece um pouco com a sua tatuagem – eu disse.

– Hum.

Bem. Ele certamente estava de mau humor. Mas eu não podia culpá-lo. Queria perguntar sobre tudo: sua irmã, Sierra, sobre o que as meninas estavam fofocando lá fora. Mas não sabia por onde começar.

Meus olhos foram parar sobre desenhos fixados no enorme quadro de cortiça. Alfabetos. Dezenas deles. Todos desenhados à mão com caneta, tinta e canetinhas, com uma ou outra

linha a lápis aparecendo por trás de algumas letras.

– Você que fez? São incríveis.

– Obrigado.

– Esta é uma página da sua história em quadrinhos? – Parecia um storyboard, ilustrado com o que imaginei serem os desenhos do Andy e o letreiramento do Jack. O herói parecia ser um tipo de especialista-em-artes-marciais-barra-mecânico.

– Do que se trata a história?

– Eu sou virgem.

Fiquei paralisada.

– O quê?

– O que elas estavam dizendo é verdade. Eu sou.

– Ah. – Como eu devia responder? Toca aqui? – Então imagino que boquetes não contem.

Ele fechou os olhos.

– Foi só uma vez. E, não, acho que não contam. – Eu discordava, mas também não era nenhuma especialista em sexo oral.

Ele soltou um suspiro pesado.

– E, não, eu nunca namorei. Fiquei com algumas meninas antes do incidente. – O assalto? Ou o fato de sua irmã ter sido mandada para a Europa? Eu queria perguntar detalhes, mas ele continuou falando. – Teve outra garota. Acho que começamos a sair perto do Natal. Foi ela que eu mencionei no parque. Bem no início, ela descobriu o suposto segredinho sujo da minha família, como Lala definiu, e surtou.

– E teve Sierra – lembrei a ele.

– Sierra foi um erro.

– Não parece, pelo jeito que ela fala – afirmei, brincando com uma caneta-tinteiro que estava sobre a mesa.

– Não estou dizendo que não foi divertido...

Olhei para a cara dele.

– Palavra errada – ele disse em voz baixa. – E com certeza a pessoa errada.

– Ah. – Mas o que eu realmente queria dizer era “que bom”.

Depois de um longo momento, ele disse:

– Eu não estou me guardando, nem nada do tipo.

– Não tem a ver com o lance zen?

– Não. A única regra relativa a sexo é não fazer uso impróprio dele. O que significa basicamente não fazer algo que te machuque ou machuque outra pessoa. Tipo, literalmente, é claro, mas também emocionalmente. É bem amplo, então cada um deve descobrir como aplicar à sua vida. Mas isso não significa... não é por causa...

– Você não precisa se explicar.

– Só não quero que você me olhe como olhou lá fora.

– Como?

– Como se tivesse pena de mim.

Fiquei olhando para seus alfabetos por um bom tempo, sem saber o que dizer. Na verdade, eu

não dava a mínima para sua experiência, ou a falta dela. E ele podia simplesmente ter mentido e eu nunca saberia. Sem dúvida, ele *parecia* muito mais experiente que eu. Mas não mentiu. Contou a verdade, e imagino que foi preciso muita coragem para admitir, o que me fez gostar ainda mais dele. Também me fez querer ser sincera com ele.

– Eu não sou. Sabe... virgem. Isso é estranho para você?

– Quantas foram? – ele perguntou em voz baixa.

– Quatro.

– Quatro pessoas?

– Quatro vezes! Um cara. Bem, um e meio, se contar a festa antibaile de Lauren, mas nós não chegamos a realmente, hum, você sabe, e... – Sacudi a cabeça, desejando secretamente ser atingida por um raio. – Não foi nada. – Certamente não foi um boquete, mas eu não disse isso.

– Ah. – Ele pareceu extremamente aliviado.

– Seria um problema se tivessem sido quatro pessoas? – Afinal, eu conhecia vários caras da nossa idade que já tinham dormido com o dobro de meninas. Julgamentos sexistas eram os piores.

– Intimidante, talvez. Mas, não, não seria um problema. O relacionamento era sério? Com o cara, não com o meio-cara – ele esclareceu, sorrindo com só um lado da boca.

– Com Howard Hooper? Afe, não. No final, eu nem gostava mais dele. Ele era meio idiota. E o sexo foi decepcionante, se quiser saber a verdade. Pelo menos para mim. Ele parecia gostar, e isso me deixava muito irritada. – Estava falando demais de novo. Qual era o meu problema? Estava tentando ser mais sincera que ele com as confissões constrangedoras? – Bom, eu o ouvi chamando Heath de bicha, e isso foi um fator decisivo.

– Já odeio esse tal de Howard Hooper.

Ri um pouco. Ficamos em silêncio de novo.

– Eu não sou perturbado – ele insistiu.

– Nunca achei isso – mais silêncio.

– E também não sou um monge – ele disse. – E não quero ser só seu amigo.

Pois bem.

– O que você *quer*? – Minha voz saiu estranha. Queria que meu coração desacelerasse. Estava difícil respirar pelo nariz.

– O que você quer? – Ele passa os dedos sobre fios de cabelos soltos nas laterais de meu rosto. – Eu quero te ligar a cada cinco minutos. Quero mandar mensagem de boa noite todas as noites. Quero te fazer rir. E quero que você olhe para mim como fez da primeira vez no ônibus.

Ah.

Meu pulso ficou descontrolado. Eu estava tão perplexa que não conseguia olhar nos olhos dele. Não conseguia reagir. Ele abaixou a cabeça até ficarmos de rosto colado. Virei o rosto para ele, e sua boca pairou sobre a minha – só por um instante. Tempo o suficiente para eu sentir seu braço em volta de minha cintura, e sua mão quente descendo por minhas costas. Tempo o suficiente para meus braços ficarem arrepiados.

E então ele me beijou. De maneira lenta e suave. Ele tinha o gosto do seu perfume, ensolarado e quente, mas a doçura só durou cinco segundos.

Minhas mãos envolveram suas costas e ele me puxou para mais perto. E logo estava me beijando como se estivéssemos pegando fogo e ele tentasse acompanhar as chamas, e eu o beijei como uma incendiária com o bolso cheio de fósforos.

Ambos estávamos frenéticos e febris, e foi meu primeiro beijo que parecia uma briga. E o modo como ele fez meu corpo desejá-lo me fez achar que estive fazendo tudo errado até agora.

Afastamo-nos para respirar, mas nossas mãos não pararam de se movimentar.

– Jack – sussurrei junto aos lábios dele. Não sabia ao certo se estava agradecendo ou implorando. Mas antes que conseguisse descobrir, estava encostada na porta, e podia sentir todas as linhas rígidas do seu corpo apertadas junto a mim, incluindo o que estava pressionado junto ao meu umbigo. Quando me afastei, ele me levantou até meus pés deixarem o chão e ele não ter mais que se abaixar para encaixar a boca na minha. E logo minhas pernas estavam em volta de seu quadril e ele me puxava para perto, exatamente como tinha que ser.

Talvez estivesse tentando provar alguma coisa, eu não sabia ao certo. E, francamente, não me importava, porque era o melhor beijo da minha vida. E o modo como ele me olhou quando nos distanciámos para tomar ar, com as pálpebras semicerradas e aqueles cílios duplos... nossa. Quase me fez gemer.

E talvez eu tivesse feito exatamente isso se alguém não tivesse batido logo atrás das minhas escápulas.

– Ei, Vincent. Me deixe entrar, cara – uma voz abafada reclamou do outro lado da porta. – A natureza chama. E está na hora do filme.

– Droga – Jack resmungou com a boca no meu pescoço, deixando-me escorregar lentamente entre a porta e seu corpo rígido até meus pés alcançarem o chão. Tentei me afastar, mas ele não permitiu. Não até me dar outro beijo na boca e mais alguns nas pálpebras. E isso só me fez querer começar tudo de novo.

Mais batidas.

– Vincent! Está me ouvindo?

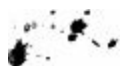
– Estou – ele respondeu com aspereza. – Só um segundo.

Ele continuou me segurando, com a mão nos meus ombros, e soltou um longo e dramático suspiro.

– Tem certeza que você é? – sussurrei. Porque, virgem ou não, caramba, aquilo foi *bom*. Ele sorriu.

– Certeza absoluta.

Poderia ter me enganado.



Quando saímos, alguns míseros fogos estavam estourando e assobiando pela vizinhança. A maioria do pessoal tinha se reunido no deque principal para assistir ao filme, e, enquanto Jack fazia alguns últimos ajustes no projetor, ignorei os olhares e encontrei um espaço atrás da montanha de almofadas de Sierra. Encostei uma almofada listrada no banco de pedra e fiquei vendo alguns garotos acenderem uma caixa inteira de estrelinhas de uma vez. Tinha quase certeza de que eu e Jack éramos as únicas pessoas sóbrias ali, mas não dava a mínima.

E acho que ele também não se importava, porque era todo sorrisos quando anunciou “um dos maiores tesouros do cinema de todos os tempos”: um filme de artes marciais de 1973, *Operação dragão*, do qual eu nunca tinha ouvido falar, estrelando Bruce Lee – de quem eu já tinha ouvido falar. Mas quando as luzes do deque se apagaram e o filme começou a passar na tela branca, não consegui prestar atenção em nenhuma parte do enredo. Estava muito ocupada ficando ridiculamente feliz com o braço de Jack sobre meus ombros, e ocupada demais memorizando a sensação de seu peito sob meu rosto. E toda vez que eu tentava dar uma espiada na luz branca do filme refletida em seu rosto, ele estava sorrindo para mim.

Mas quando o filme acabou, em vez de Jack e eu voltarmos para o seu quarto – o que eu, sinceramente, estava esperando –, a festa acabou de repente.

– Carro na entrada! – Andy gritou. – Escondam tudo!

Todos se apressaram pelos deques, jogando as bebidas fora, apagando cigarros e escondendo a última garrafa de Fernet dentro da churrasqueira. Quando a loucura cessou, o portão lateral se abriu e um casal entrou na casa.

– Isso vai acabar com a festa – Jack murmurou, pegando na minha mão.

“Isso” por acaso era uma pessoa que eu reconhecia vagamente: o prefeito Vincent, que parecia muito menos apressado do que da primeira vez que o vi, no hospital. E ao lado dele havia uma mulher de cabelos escuros, usando um vestido de verão cor de lavanda.

– Vocês voltaram cedo – Jack disse.

– E, à primeira vista, não parece ter nada pegando fogo – a mulher afirmou, cutucando o prefeito com o cotovelo.

– Bem, não *agora* – Jack ironizou. – Há uma hora, esse lugar parecia um imenso inferno.

O prefeito, que era um pouco mais baixo que o filho e usava calças cáqui e camisa um tom mais escuro que o vestido da mulher, ficou olhando fixamente para a cara do Jack.

– Você andou bebendo?

– Hoje?

– Jackson...

– Estou brincando! – Jack exclamou. – Minha nossa! Relaxe.

O prefeito não gostou nem um pouco da sugestão.

– Vou relaxar quando um dos seus amigos bater o carro e disser que ficou bêbado na nossa casa. O que um juiz vai achar disso?

– Ninguém veio de carro, pai. Pode ficar tranquilo. Sua reputação continua impecável.

– Falaremos sobre isso depois. Enquanto isso, por que não dá um jeito de todo mundo ir para o metrô sem acordar o bairro inteiro?

Uau. O pai do Jack era meio assustador. Nem um pouco parecido com o prefeito calmo e amigável que eu conhecia dos noticiários. Não que eu tenha realmente prestado muita atenção nele antes do Jack entrar em minha vida. Mas, ainda assim... Ele era meio babaca, igual quando nos vimos pela primeira vez no hospital. E ele mal olhou na minha direção, diferentemente da mulher ao seu lado, que analisava cada costura das minhas roupas. Quem era ela? O prefeito tinha uma namorada? Algum tipo de acompanhante enquanto sua esposa estava internada? Quando a mulher olhou nos meus olhos, esperava ver o mesmo tipo de

desdém que vinha do prefeito. Em vez disso, ela sorriu como se me conhecesse.

– Oi – ela disse, com uma covinha estranhamente familiar surgindo no rosto quando estendeu a mão. – Você deve ser Beatrix. Eu sou Marlena Vincent, mãe do Jackson.

Apertei sua mão de maneira robótica, percebendo de repente que Jack se parecia muito mais com sua mãe do que com o prefeito. Mas se esta era a mãe de Jack, e sua irmã estava no exterior, quem estava no hospital?

DUAS NOITES DEPOIS, TIVE a resposta para aquela pergunta quando saí do laboratório de anatomia. Jack estava encostado em uma árvore, com um pé para cima, mãos nos bolsos. Meu coração deu pulos. Eu não o via desde que me deixou em casa após a festa, depois de se desculpar pela falta de carisma de seu pai, e pelo excesso de carisma da mãe. Ela foi excessivamente gentil. Sabia não só meu nome como também minha idade e em que escola eu estudava, e que minha mãe trabalhava como enfermeira no hospital. Até chegou a ver alguns dos meus desenhos na internet, e disse que estava “muito feliz” por Jack ter encontrado uma “amiga” com quem tivesse algo em comum.

Não me preocupei em corrigi-la dizendo que não éramos mais “só amigos”, já que ele tinha quase feito minha calcinha derreter quando me jogou contra aquela porta. E ela era tão educada que ficava difícil fazer qualquer coisa além de ser educada também, principalmente com o Rei Prefeito por perto, dando ordens para todo mundo.

– Ei – Jack disse, saindo de perto da árvore.

– Oi. – Parei diante dele me sentindo meio estranha. Ele tinha me dado um beijo de boa noite ao me deixar em casa depois da festa, mas tinha sido um beijinho carinhoso, e já fazia dois dias. Mesmo tendo trocado mensagens e falado ao telefone desde então, nós dois estávamos ocupados, e agora a sensação era semelhante à de manhã seguinte. O que devíamos fazer? Estávamos juntos? Eu podia simplesmente agarrá-lo bem aqui, na frente dos estudantes de medicina que passavam, e jogá-lo na calçada? Porque era o que eu queria fazer, mas ao mesmo tempo a ideia de tocá-lo me deixava nervosa. E não ajudou nada ele ter ligado no dia anterior, todo misterioso, dizendo que queria me mostrar uma coisa depois da minha sessão de desenho.

– Como foi? – Ele ainda estava com as mãos no bolso, o que me deixou cautelosa.

– Tranquilo. – Desenhar Minnie nunca era *realmente* tranquilo, mas eu não pretendia fornecer detalhes nojentos ou mostrar meus desenhos a ele. Nunca mais.

– E então? Quais são os planos para hoje à noite?

– Pode vir comigo? – ele perguntou, estendendo a mão.

Peguei na mão dele, que entrelaçou os dedos nos meus e me deixou mais relaxada instantaneamente. Ele também ficou, eu acho, porque se abaixou e me deu um beijo rápido na testa na frente de alguns professores. E isso me deixou arrepiada.

Depois de uma caminhada sob o crepúsculo, fomos parar em um prédio de quatro andares. O hospital psiquiátrico. Jack não disse nada, só olhou para mim como se pedisse aprovação. Quando fiz um sinal positivo com a cabeça, ele abriu a porta e me levou para dentro.

A pessoa que estava na recepção o reconheceu.

– Liguei para o doutor Kapoor e ele me deu autorização para trazer uma visitante – Jack informou.

Depois de alguns telefonemas, um auxiliar de enfermagem musculoso nos encontrou na frente de uma porta fechada, e subimos com ele de elevador até o terceiro andar. Depois que

Jack nos apresentou, o auxiliar, Rupert, disse a ele:

– Tem que ser rápido. Não quero que ela fique tensa a essa hora, e você sabe como ela fica com gente nova.

– Ela pode ficar muito agitada – Jack explicou quando entramos em um corredor iluminado em um andar surpreendentemente moderno e agradável. Quadros alegres ocupavam as paredes e plantas se espalhavam diante de janelas grandes. – Ou ela pode se retirar. Não se ofenda em nenhuma das situações. Não é pessoal.

Ela, ela, ela. Quem era *ela*? Ele não havia dito uma palavra a respeito da fofoca que tinha escutado na noite da festa, e eu fiquei muito constrangida para admitir que a pessoa que eu erroneamente presumi que fosse sua mãe claramente não era. Fiquei muito arrependida da minha falta de coragem de antes e desejei ter simplesmente perguntado. Agora era tarde demais.

– Ela sabe que eu vinha? – perguntei, com um certo pânico se formando em meu estômago.

– Sim. Mas ela fica confusa em relação à passagem do tempo, então pode não estar esperando.

– Ela está esperando – Rupert disse. – Não parou de falar disso desde o jantar. Você explica as regras para ela? – ele perguntou, apontando para mim com a cabeça.

– Que regras? – perguntei.

– Não dê nada a ela – Jack disse. – E não a deixe pegar nada. Nada de cordões, eletrônicos, cadarços, metal ou vidro.

– Qualquer coisa pode ser uma arma – Rupert disse. Uma arma que usaria contra mim? Cadarços? Ela tentaria me estrangular?

– E não tente apertar a mão dela, nem nada parecido – Jack acrescentou. – Às vezes ela fica aflita com toques.

Passamos por portas duplas com a inscrição SALA DE RECREAÇÃO UM e fomos para uma ala de pacientes, passando por algumas enfermeiras no caminho. Fora isso, o silêncio era total, o que parecia bizarro. Nada de gritos e uivos como as alas psiquiátricas da TV. No meio do corredor, uma porta se abriu e apareceu uma cabeça, mas só por um instante. E o pouco que eu tinha de pânico aumentou consideravelmente.

– Quinze minutos – Rupert disse. – Estarei no fim do corredor quando estiverem prontos para ir embora.

Jack respirou fundo e bateu na porta antes de abri-la.

– Sou eu.

Ninguém respondeu. Entrei com ele em um pequeno quarto privado que cheirava a fumaça de cigarro. Um banheiro escuro ficava à esquerda da entrada. No interior, o resto parecia com a imagem que eu tinha de um dormitório de faculdade: paredes brancas, piso frio, uma robusta mesa de madeira e algumas prateleiras. Havia uma cama de solteiro sob a janela, e, sobre ela, uma garota gorducha de cabelos pretos e escuros, vestindo pijama cor-de-rosa.

– E aí, Jillie? – Jack disse. – Trouxe alguém para te conhecer, como tinha prometido.

Jillie. Jillian.

Sua irmã não estava em um colégio interno na Europa.

A garota parecia ter a nossa idade. Parecia relativamente normal. Não tinha olhar de louca. Bem, pelo menos não parecia, porque ela não olhava diretamente para mim. Piscava muito e não parava de mexer em um cacho de cabelo em sua nuca.

– Jillie, esta é minha amiga, Beatrix. Bex, esta é Jillian, minha irmã gêmea.

Gêmeos.

Eu não sabia o que dizer, mas ela ainda não estava olhando para mim e as coisas estavam ficando desconfortáveis. Então simplesmente disse:

– Olá.

Foi o suficiente para quebrar o gelo. Ela lançou alguns olhares furtivos em minha direção. Então me surpreendeu.

– Jack me falou de você. É seu aniversário.

– Foi aniversário dela – Jack corrigiu. – Algumas semanas atrás.

– Ah, é mesmo. Sou intolerante a lactose, então não podemos comer bolo – ela disse, pegando um maço de cigarros escondido embaixo de um sapo de pelúcia no parapeito da janela.

– Você conseguiu seu isqueiro de volta? – Jack perguntou.

– Foi por pena – ela respondeu. – O doutor Kapoor logo deve tirar de mim. Ele sempre tira. – A janela abria apenas parcialmente, deixando alguns centímetros para o ar fresco entrar antes de ser travada por correntes. Com mãos trêmulas, Jillian acendeu um cigarro e soprou a fumaça pela fresta na janela. – Eles não querem que ninguém pule – ela disse quando me viu olhando para as correntes. – No quinto andar, não se pode nem abrir as janelas.

– O quinto andar é um saco – Jack disse, puxando uma cadeira e fazendo sinal para eu sentar. Ele então se sentou na cama ao lado de Jillian. – Você está bem hoje?

Ela encolheu os joelhos.

– Não muito. Bem, acho que estou. Muito bem. É. Mais ou menos. – Ela ficou confusa, como se realmente não soubesse ao certo como responder, e deu uma longa tragada no cigarro. – Não é um dia ruim.

– Excelente. Fico feliz em saber.

– Você é muito pequena – Jillian disse para mim. – Que número você calça?

Pensei no alerta sobre os cadarços. Será que ela estava de olho em meus sapatos? Resisti ao ímpeto de esconder os pés atrás da bolsa de desenho.

– Hum, 34?

– É bem pequeno. Sinto falta de comprar sapatos. Aqui só podemos usar tênis sem cadarços – ela disse, apontando com a cabeça para um par de Vans com estampa de zigue-zague. Então ela deu um tapinha no ombro de Jack. – Lembra daqueles sapatos roxos de salto alto que a mamãe falou que eu não podia comprar? Disse que pareciam sapatos de atriz pornô.

– Lembro – Jack respondeu.

– Ele tinha lacinhos nas tiras. Eu amei aqueles lacinhos. Por que lacinhos deixam tudo mais bonitinho? Se tiver um presente feio para dar para alguém, basta colocar um lacinho e fica bom. Não importa o que tem dentro. Se estiver com um embrulho bonito, ninguém vai reclamar. E, sério, quem reclama de presente é um idiota. A não ser que seja um presente

inten... – Ela fez uma careta, respirando fundo, depois tentou de novo. – Um presente in-ten-cio-nal-men-te ruim. Tipo, se você odeia alguém, mas é obrigado a dar um presente em uma daquelas brincadeiras de amigo da onça.

– Como no Natal – Jack complementou. – Amigo-secreto.

– Amigo-secreto – ela repetiu. – Mas não nós. Você já sabe o que vou te dar de Natal. Outro desenho idiota.

Meu olhar foi parar na parede ao pé da cama dela. Havia uma série de coisas coladas ali: uma caneta marca-texto verde, um pacotinho de açúcar, um pato de borracha, e seis desenhos de rostos. Um era um alienígena, que combinava com a mulher alienígena que vi no quarto do Jack.

– Cale a boca. Eu adoro seus desenhos – ele disse.

Jillian abaixou a cabeça e sorriu.

– Cale a boca *você* – ela disse de forma carinhosa, olhando para ele por entre a dobra do braço. Não eram olhos de louca. Não. Mas havia algo diferente neles, um olhar estranho, vidrado, como se estivesse bêbada ou drogada. As mãos trêmulas e os vários cigarros não ajudavam.

– Eu lembro de ter visto a... – Droga. E se não fosse uma alienígena? – Hum, a mulher verde pendurada na parede do seu irmão.

– Você entrou no quarto dele? – ela perguntou como se fosse uma acusação. Olhei para Jack. *Me ajude.*

– Isso mesmo, ela entrou – ele disse com calma. – Não no meu antigo quarto. Na casa de hóspedes.

– Eu lembro – ela disse, meio nervosa, jogando a bituca de cigarro pela janela entreaberta e acendendo outro. A garota era uma máquina.

– Rupert disse que você precisa dormir daqui a pouco. Acho que é melhor esse ser o último da noite.

Ela o ignorou e falou comigo.

– Já entendi por que o Jack gosta de você.

– Hã?

– Você é um lago.

– Um lago – repeti.

– O que isso quer dizer? – ele perguntou.

Ela puxou o cacho de cabelo na nuca.

– Calma como um lago. Águas tranquilas.

Se ela soubesse como minha vida estava complicada sob a superfície, precisando sair escondida da minha mãe para desenhar cadáveres, sendo interrogada pela polícia por crimes românticos cometidos por meu namorado, e provavelmente tendo que lidar com um pai que usa presentes para tentar recuperar meu afeto.

– Ele já tem loucura demais na vida, e você é o oposto – ela disse, abanando a fumaça. – E por loucura, é, quero dizer eu mesma. Ele contou por que estou aqui?

– Jillie – ele a advertiu.

– É melhor falar sobre isso abertamente. É o que diz o doutor Kapoor. E eu não estou aqui passando férias mesmo. Sou esquizoide. Ouço vozes na minha cabeça. Às vezes vejo coisas que me fazem achar que estou sonhando acordada. E não estou sonhando. Sou simplesmente perturbada e ninguém consegue dar um jeito em mim.

– Consegue, sim. E está surtindo efeito.

– É, talvez eu esteja um pouco melhor.

– Bem melhor – Jack disse.

– É, bem melhor – ela disse, parecendo refletir. – Às vezes estou bem melhor. Eu realmente achei que voltaria para casa nesse verão, até quase me matarem com medicamentos.

– Mas isso já foi resolvido.

Ela deu uma gargalhada alta e depois falou em voz baixa, monótona:

– Doutor, ela não tentou se matar recentemente. É melhor enchê-la de veneno para não sair da linha. – Ela fez um som de gargarejo e fez a mímica de alguém engolindo um frasco inteiro de remédios.

– Não tem graça – Jack disse, abaixando o braço dela.

– Eu não disse que tinha. – Ela fungou e limpou o nariz na manga. – Mas agora está tudo bem, porque os antigos medicamentos são melhores. Com eles, sinto que sou mais pro... hum, pro-du-ti-va. E o médicos tiveram que aumentar a dose, então agora eles dão um certo barato.

– Jillie...

– Quer saber como é? – ela perguntou para mim com desânimo na voz. Estava olhando na minha direção, mas eu não tinha certeza se estava realmente me vendo. – Todo mundo quer saber. É melhor falar sobre isso quando posso, porque às vezes não posso, então vou dizer. É igual quando alguém te oferece doce, e você pensa: “eu quero aquilo”, mas outra parte de você diz: “açúcar faz mal”. E, por um instante, você fica dividida, porque não sabe ao certo se deve comer o doce, e uma pequena guerra acontece dentro do seu cérebro. É o que acontece comigo o dia todo. Uma pequena guerra em minha cabeça. E isso me estressa. E quanto mais estressada eu fico, mais soldados entram na guerra, e às vezes alguns desses soldados começam a falar comigo. Então é como uma narração passando ao fundo, julgando cada movimento que faço.

– Parece frustrante – comentei.

– É uma boa definição. – Ela deu um grunhido e fechou os olhos. – O que eu estava dizendo? Meu Deus. A divagação. Só ela basta para me deixar louca. – Ela sorriu rapidamente para mim e logo virou para Jack e deu um tapa na própria testa. – Ah, é! Ei, tenho um novo desafio para você. Posso mostrar? Sei que é nosso segredo, mas ela já entrou no seu quarto, então pode ver, não é?

– Sim – Jack respondeu, sorrindo para mim. – Ela guarda segredos muito bem.

Jillian murmurou algo para si mesma e olhou furtivamente para trás, pelos dois lados, antes de jogar o segundo cigarro pela janela. Depois enfiou a cabeça embaixo da cama e pegou uma pasta cheia de papéis amassados.

– Eu perdi o novo... Ah, não. Está aqui.

Jack se debruçou sobre o papel com ela, observando o que estava escrito. Também aproveitei

para observar, usando a oportunidade para olhar direito para Jillian. Ela era bonita. Tanto que chegava a cortar o coração. E embora não tivesse os cílios duplos de Jack, compartilhava da mesma estrutura óssea e altura.

Mas, olhando com atenção, o que se destacava não era a genética: cicatrizes grossas e lustrosas subiam pela parte interna dos dois antebraços e atravessavam um dos lados do pescoço. As cicatrizes eram chocantes. Assim que as notei, não consegui enxergar mais nada. Dezenas de questões passavam pela minha cabeça. Tive que me esforçar para não ficar olhando.

– Esse é difícil – Jack disse. – Não sei se dá para usar alguma dessas.

– Achei que tinha algumas. “Foda” é sempre bom.

– Não vou usar “foda”, Jillian.

– Tudo bem, tudo bem. Que tal esta?

Jack dobrou a página e sorriu.

– É. Essa vai ficar ótima. Vamos ver se a Beatrix consegue encontrar.

– É um teste – Jillian disse com empolgação entregando o papel para Jack, que entregou para mim. Acho que ela realmente não gostava de ser tocada.

Quando peguei a página amassada, dei uma olhada nos outros “desafios”. Eram basicamente iguais: caça-palavras feitos à mão. Um quadro com letras, a maioria legível, outras nem tanto. Voltei a sentar e analisei o que tinha nas mãos.

Não sabia muito bem o que deveria encontrar. Nada tinha sido circulado, mas uma palavra no centro do quadro tinha linhas mais grossas: “Charlie”. Parece que ela havia começado com essa e inventado palavras a partir dela. Vendo que algumas das palavras eram coisas como *beija* e *lambe*, além da já discutida *foda*, não estava muito a fim de saber quem, exatamente, era Charlie. Mas ela contou mesmo assim.

– Charlie é um dos auxiliares de enfermagem. Foi só uma piada, porque ele é muito malvado.

– Ele é rígido, não malvado – Jack corrigiu.

– Não, eu quis dizer que ele é muito certinho, ou, hum... qual é a palavra?

– Estoico.

– É, é. – Ela apontou para Jack e concordou com a cabeça. – Estoico.

Analisei o desafio, procurando a palavra que eles haviam encontrado. O marca-texto que ela tinha usado não era do mesmo dourado-metálico que Jack usava em suas obras. Mas com certeza podia ser considerado dourado. E, na parte de baixo do quadro, avistei dez letras que causaram alguma reação em meu cérebro. Já podia vê-las escritas com tinta spray brilhante.

– Transcenda? – arrisquei.

Os irmãos me lançaram sorrisos duplos.

E foi naquele exato momento que me apaixonei por Jack Vincent.

NUNCA ME IMPORTEI MUITO COM CHEIRO de hospital. Talvez por minha mãe ser enfermeira. É familiar. Confortável. Entendo, é claro, o motivo de as pessoas associarem o cheiro a coisas ruins, como lágrimas, dor e morte. Mas devia ser associado a coisas boas também, como cura, esperança e segundas chances.

Ao sair do prédio da psiquiatria com Jack, associei o cheiro a outras coisas positivas, como admiração. Compreensão. E uma estranha espécie de ternura que derreteu o ventrículo direito do meu coração.

– Você está pintando as palavras para ela – eu disse, jogando as alças da minha bolsa de desenho no ombro e a prendendo entre o cotovelo e as costelas. O ar frio da noite soprava através da minha jaqueta aberta.

– Ela se sente presa. Ama a cidade, mas morre de medo dela desde que ficou doente. Muito barulho, muita gente. E você a viu em uma noite boa, muito boa. Tem dia que ela se fecha completamente e não fala. Ela perdeu todos os amigos e não sai em público fazendo coisas normais há muito tempo. Só queria mostrar a ela que as paredes não estão se fechando e que tem algo lá fora. Algo que pertence a ela.

– Algo que sirva de motivo para ela continuar.

– É.

Descemos a rua, ambos em silêncio, até chegarmos a um banco perto da entrada do estacionando dos fundos. Jack parou e sentou.

– Preciso contar o resto antes que perca a coragem.

– Conte.

Ele respirou fundo. De pernas afastadas, ele se inclinou para a frente e apoiou os braços sobre os joelhos, estalando os dedos.

– Aconteceu no Dia de Ação de Graças, quando estávamos no segundo ano. As coisas já estavam lentamente degradingando. Ela largou todas as atividades extracurriculares na escola e começou a ficar mais em casa. As notas caíram. Os amigos pararam de visitá-la. Um professor chamou meus pais porque os outros professores estavam preocupados com o modo com que ela ficava olhando para um ponto fixo na sala de aula, como um zumbi. Achavam que ela estava usando drogas.

– Mas não estava.

– Não. Mas eu também pensei que fosse, por um tempo. Ela passou de princesa do baile a alguém que parou de usar maquiagem e se vestia de qualquer jeito. Meus pais a fizeram tomar antidepressivos, o que ajudou por um tempo. Mas depois de alguns meses ela começou a dizer coisas estranhas e a reclamar das vozes que ouvia. Parecia agitada e descompensada. Foi quando começou a fumar escondido. Ela disse que acalmava seus nervos. Mais tarde ficamos sabendo que uns 80 por cento das pessoas com esquizofrenia fumam. Os pesquisadores não sabem o motivo exato. Há muitas teorias e eles não chegam a um acordo. Mas Jillie fumar?

Não tinha nada a ver com a personalidade dela.

Ele balançou a cabeça e esperou alguns estudantes passarem antes de continuar.

– Bem, no início de outubro daquele ano, ela teve um ataque de raiva na escola. Foi na outra escola, antes de eu me transferir para essa em que estudo hoje, e estávamos na mesma turma, então eu vi tudo acontecer. Ela não conseguiu responder uma pergunta de história sobre as colônias, e o senhor Davis a repreendeu e fez pouco caso dela. Quando vi, ela tinha virado a mesa e estava gritando coisas sem sentido, correndo de um lado para o outro, derrubando tudo. Pegou um grampeador e arremessou no senhor Davis. Pegou no rosto dele. Com força. Ele ficou com o olho roxo por várias semanas. E Jillian passou a noite em uma instituição psiquiátrica do outro lado da cidade.

– Não foi aqui? – perguntei.

– Não. E disseram que ela era bipolar. Receitaram remédios. Meu pai deu um jeito nas coisas com o professor e a escola. Uma semana depois, ela estava de volta à sala de aula. Nada de boletim de ocorrência, nada em seu histórico escolar. Como se nada tivesse acontecido. Mas em meados de novembro ela começou a faltar na escola. Fugiu por duas noites. Um dos vizinhos a encontrou em um barranco atrás da nossa casa. Ela estava acampando no galpão dele.

– Meu Deus.

– Ela tinha parado de tomar os remédios. Não que fossem os certos... Mas foi quando comecei a notar que é uma coisa cíclica. Ela fica agitada, se fecha, fica agitada, se fecha... E quando chegou o fim de semana de Ação de Graças, ela estava agitada. Falando sozinha. Constantemente assustada e tensa. Fazendo vários gestos estranhos. Parando no meio das frases. Íamos receber familiares à tarde – ele continuou em voz baixa. – E eu estava na cozinha discutindo com meus pais sobre ela. Meu pai não queria que minha avó visse Jillian daquele jeito. Estava falando sobre interná-la de novo no hospital durante o feriado, e minha mãe ficava defendendo minha irmã, e eu discutindo com os dois. E Jillian entrou.

Ele estalou os dedos e se virou para o trânsito lento, de modo que eu não podia ver seu rosto. Mas a tensão em seus braços dizia tudo.

– Aconteceu tão rápido – ele disse. – Todo mundo estava gritando, e então eu vi o brilho da faca na luz da cozinha, e a camisa da minha mãe estava cheia de sangue. Meu pai conseguiu segurar Jillian, mas não era Jillie, não eram os olhos dela. Eram de outra pessoa. Só que não havia tempo para... fazer nada. Minha mãe estava sangrando no chão, e Jillie tinha ficado catatônica. Meu pai me pediu para trancá-la no porão. Achou que ela podia fugir de novo. Talvez tentar ferir mais alguém.

Ele ficou em silêncio por um tempo, então eu pressionei.

– O que aconteceu com sua mãe?

– Meu pai e eu seguimos a ambulância. Ela ficou em cirurgia por uma hora. A faca não perfurou nada importante. A maioria das lesões foi muscular, na região do ombro. É por isso que sempre que a vir em algum evento político com meu pai, ela vai estar acenando de um jeito estranho. Ainda não consegue levantar todo o braço.

Lembrei de ter visto alguns comentários ignorantes sobre aquilo na internet, antes de parar de

bisbilhotar coisas sobre os Vincent, mas não disse nada, e ele continuou a história.

– Quando vimos que minha mãe estava bem, voltei para casa para ver como Jillie estava. Meu pai me falou para não destrancar o porão até ele voltar. Mas ela não respondia, e eu não estava ouvindo ela se mexer.

Ele lentamente balançou a cabeça várias vezes, revivendo tudo na cabeça, eu supus. Quando voltou a falar, sua voz estava tão rouca que eu mal podia ouvi-lo.

Desci as escadas, chamando por ela. Não a encontrei a princípio. Quando acendi a luz da sala de jogos, só vi sangue. No tapete, nas roupas dela... Não dava para saber de onde estava vindo. Encontrei o ferimento no pescoço, e ela ainda estava respirando, então liguei para a emergência e tentei conter o sangramento. Mas vinha dos pulsos também. Achei que ela estava morrendo nos meus braços e eu não sabia o que fazer.

Várias peças se encaixaram: as cicatrizes de Jillian; meus desenhos de Minnie, morta, com o antebraço dissecado exatamente no mesmo lugar; Jack desmaiando ao ver aquilo.

Minha respiração estava acelerada. Eu queria tocar nele, consolá-lo de alguma forma. Mas era disso que ele precisava? O que eu devia dizer? Não sabia. Tentei imaginar a garota que tinha acabado de ver – conversadora, tensa e quase tímida – fazendo tudo o que Jack tinha acabado de contar. Não consegui.

– Não teve nenhum assalto – eu disse, compreendendo.

Ele fez que não com a cabeça.

– Aquilo foi para despistar a imprensa. Os adversários do meu pai ficariam loucos se soubessem que, na verdade, foi Jillian que esfaqueou minha mãe. Eles conseguiram descobrir que ela tinha sido hospitalizada, mas o motivo “oficial” foi estresse e trauma devido ao suposto assalto. E a equipe do meu pai depois inventou essa história de a Jillian ter ido para um colégio interno na Europa. A imprensa engoliu e todos se esqueceram dela.

Eu não disse nada, mas depois de um instante Jack abaixou a cabeça e murmurou:

– Como ninguém viu a faca? Ainda não entendemos o que aconteceu. Meu pai tirou da mão dela. Eu vi por um segundo. E se não tivesse sido tão caótico... Eu...

Respirei fundo, cruzei os braços sobre a barriga e me inclinei para chegar mais perto dele.

– Se não tivesse sido tão caótico, ela podia ter encontrado outra forma. Se não naquele dia, em outro. Você realmente não pode se culpar por isso. Você não se culpa, não é?

– Não. Bem, eu tenho noção. Racionalmente. Todos nós fazemos terapia familiar toda semana. Então, pode acreditar, já encarei isso de todos os ângulos. Nosso terapeuta diz que isso chama “culpa do sobrevivente”. Eu fiquei com os genes bons, e ela com os estragados. É pior porque somos gêmeos.

– Mas você não pode mudar isso. E ela está melhor, não está?

– Está melhor, mas nunca vai ficar bem. Não vai ter uma vida normal. Nunca vai voltar para a escola, nem se casar ou ter filhos. E mesmo tendo salvado a vida dela uma vez, não posso estar sempre presente. Penso em fazer faculdade, e não sei como vai ser. O que vai ser dela se eu não puder visitá-la durante um semestre inteiro?

– Você pode estudar em uma faculdade da região. Visitá-la aos fins de semana.

– Talvez. Mas se meu pai for concorrer de novo, meus pais vão ficar indisponíveis por um

tempo. Fazer campanha significa estresse constante para os dois. Trabalho até tarde. Viagens. E se ele ganhar? Governador da Califórnia? Vamos ter que nos mudar, e não consigo nem avaliar o drama.

– Acho que não é seu papel se preocupar com isso.

– É difícil *não* me preocupar quando é a minha vida que está em jogo. Está vendo no que você se meteu? Entendeu por que não te liguei depois que ela convulsionou?

– Eu entendo – eu disse, batendo com o joelho na perna dele. – Mas nunca mais faça isso de novo. Se alguma coisa acontecer, não importa o quê, você tem que me ligar. Certo?

Ele inclinou a cabeça para olhar para mim e concordou.

– Certo.

– Prometa, Jack.

– Eu prometo.

Uma voz amigável gritou da entrada do estacionamento. Avistei o Mendigo Will andando em nossa direção.

– Garota Triste e Monge – ele disse com alegria. – Vocês se encontraram.

– É verdade – confirmei. – Obrigada pela ajuda.

– Podem contar comigo. Não, cara, não precisa – ele disse, dispensando o dinheiro que Jack tinha tirado do bolso. – Só queria dizer “oi”. Não estava pedindo.

– Pegue mesmo assim – Jack insistiu. – Você devia abrir um serviço de encontros para o hospital. Bancar o casamenteiro e juntar as pessoas.

– Você está me zoando – Will disse, pegando a nota oferecida.

– Sim, estou – Jack respondeu com um sorriso.

Will sorriu também, com uma certa timidez, e depois se virou para olhar o que acontecia mais adiante.

– Droga, os seguranças. Preciso ir. Valeu, Monge. Até mais, Garota Triste.

Depois que Will desapareceu no estacionamento, Jack disse:

– Você sabia que ele era paciente na ala da Jillian?

– Sério? Bem, eu sabia que ele não era... Nossa. Há quanto tempo?

– Uns sete anos. Um dos auxiliares de enfermagem lembra dele. Ele disse que nunca conseguiram diagnosticar exatamente qual era o problema, mas ele toma uma dose baixa de antipsicótico. Eles pegam remédios escondido e tentam ficar de olho nele. Acho que ele não tem nenhum parente e nem lugar para dormir.

– Que droga.

– Muitas coisas na vida são uma droga, Bex.

Peguei na mão dele. Durante alguns segundos, ele apertou tanto que chegou a doer, mas não soltei. Nem aquela hora nem quando ele me disse que tinha que ir para casa porque seus pais estavam esperando. Ou quando ele insistiu em pegar a linha N-Judah comigo porque era “perigoso andar de transporte público à noite”. (Que ironia.) E nem quando ele caminhou comigo até em casa.

– O que você vai fazer com “transcenda”? – perguntei depois que viramos a esquina e avistamos a lateral amarela de minha casa.

– Ah, é. Transcenda – ele pigarreou. – Tento combinar as palavras com lugares que Jillian gosta. Mas é difícil equilibrar, encontrar um lugar ao mesmo tempo significativo e escondido o bastante para eu poder trabalhar. E câmeras de segurança são um problema. Então encontrar o lugar perfeito é como um desafio secundário.

Parei em frente à minha casa, do outro lado da rua.

– O que acha da ajuda de uma parceira?

– De jeito nenhum.

– Por quê?

– Primeiro, você não dirige, então seria uma péssima parceira de fuga. E segundo, você mesma disse: acusação criminal. Eu não te colocaria em uma situação em que possa ser pega junto comigo. A enfermeira Katherine, a Grande, nunca mais me deixaria te ver.

– É verdade. Mas achei que sempre valia a pena arriscar para se sentir vivo. Pelo menos foi o que alguém me disse um dia.

Ele sorriu pela primeira vez desde que saímos da ala psiquiátrica.

– Essa pessoa era idiota.

– Eu não sei. Pessoalmente, acho uma pessoa extraordinária.

– Extraordinária, é? Fale mais sobre como eu sou incrível.

– Estávamos falando de você? – perguntei, com um olhar zombeteiro.

Sorrindo, ele finalmente soltou minha mão.

– Você é mesmo um lago – ele murmurou. Depois escorregou os braços por minhas costas, e eu o abracei, ousando tomar a liberdade de colocar a mão sobre sua jaqueta surrada, como se fizesse isso há anos. Ele tinha um cheiro bom. Ele me passava uma sensação boa. E quando abaixou a cabeça e me beijou – lenta e profundamente... fazendo essa coisa preguiçosa com a língua que me deixava louca – esqueci que estávamos no meio da rua. Esqueci de tudo, à exceção de nós dois. E nada mais importava.

Quando ele finalmente foi embora, minhas pernas enfraquecidas pelo beijo mal conseguiam subir os degraus até a porta. Duas horas depois, recebi uma mensagem dele: *Boa noite Bex.*

E, na manhã seguinte, outra: *Se quiser mesmo ser minha parceira, esteja pronta amanhã à meia-noite. Vista-se de preto.*

POUCO ANTES DA HORA DO NOSSO ENCONTRO, fiz o truque da respiração que o Jack me ensinou para relaxar e cruzei o corredor até o quarto da minha mãe. Ela estava de pijama largada debaixo das cobertas, com uma taça de vinho no criado-mudo.

– Ei – eu disse. – Meu trabalho foi um saco e estou supercansada, então vou desabar na cama.

Minha mãe tirou os olhos do tablet e olhou para mim.

– Está trabalhando demais no mercado.

– Mas estou juntando um monte de dinheiro na poupança.

Ele deu um sorriso meio sonolento.

– É por isso que não vai mais morar aqui quando estiver com 20 anos, como seu irmão. Continue assim.

– Não está nem um pouco triste por ele ir morar com o Noah?

– É claro que estou. Ele é o meu bebê. Sempre será, mesmo quando estiver com 50 anos e tiver os próprios filhos.

Tentei imaginar Heath como pai.

– Existe fralda de couro com rebites?

– Imagine tentar limpar uma dessas.

– Eca. Prefiro nem imaginar.

– Já que estamos falando disso, eu trouxe uma coisa para você do hospital. – Ela apontou para a parede do outro lado, onde havia uma pilha de uniformes multicoloridos dobrados sobre uma cadeira de balanço. Meu olhar subiu até a cômoda ao lado. Espere aí. O que era aquilo em cima dela?

Oh. Oh.

Uma torre de caixas de camisinhas, embrulhadas em embalagem plástica.

Eu queria evaporar e me esconder debaixo do piso.

– Por mais que eu mesma tenha sonhado em ter um filho bastardo com o prefeito Vincent...

Cobri os ouvidos.

– Por favor, pare. Não diga mais nada.

– ... não quero criar um neto enquanto você foge para a faculdade.

– A chance de isso acontecer no momento é zero, juro.

– Momentos mudam, e aquele rapaz é *terrivelmente* charmoso. Além disso, você tem sorrído muito ultimamente, e isso é sempre um mau sinal.

– Ai, meu Deus – eu disse, resmungando. Ela sabia o que eu sentia por ele. Como ela fazia isso? Eu mal sabia. Nem tinha certeza. Talvez só estivesse sentindo os efeitos de uma onda de química corporal e atração animal. Quero dizer... eu nem conhecia Jack muito bem. Ele podia ter algum hábito irritante que eu não soubesse, alguma falha de caráter oculta. Só percebi que Howard Hooper era homofóbico depois de ter feito sexo com ele quatro vezes. (Mas, até aí,

talvez a falha de caráter fosse minha por ter sido estúpida o bastante para transar com um imbecil.)

Minha mãe nunca tinha me empurrado camisinhas. Claro, havia algumas no armário do banheiro, e tive várias conversas sobre sexo seguro com ela ao longo dos anos; ela é enfermeira. Mas por que agora?

– Não posso devolvê-las – minha mãe argumentou. – Uma coisa é sumir com alguns suprimentos, outra completamente diferente é devolvê-los em segredo.

– São roubadas? Você é uma péssima influência.

– O gerente de suprimentos estava repondo o estoque e ia jogar fora porque vencem no final do ano, o que é ridículo. Dá para usar por pelo menos mais cinco meses. Talvez mais do que isso.

– Então está me dizendo que são sobras de camisinhas que iam para o lixo?

– Não foram usadas, Bex. Sabe que eu odeio desperdício.

– Talvez deva entregá-las no Dia das Bruxas no lugar dos doces.

– Não seja espertinha. Estão ótimas. Trago dessas para o Heath toda hora.

Eu podia ter ficado sem essa. Logo coloquei a conversa de volta nos eixos.

– Se estiver dormindo quando eu acordar, vejo você à tarde.

Ela rolou para o lado, ficando de costas para mim, e voltou para o tablet.

– Amanhã tenho que fazer umas coisas no Mission pela manhã. Se quiser vir comigo, podemos comer uns burritos no El Farolito. Tenho um cupom.

É claro que ela tinha.

– Parece bom.

– Boa noite. – Ela deu um beijo nos dedos e depois fingiu que o jogava para mim.

Fiquei parada ali mais um pouco, segurando a pilha de camisinhas, depois corri para o meu quarto para enfiá-las no fundo do guarda-roupa. Oito caixas. Eram muitas camisinhas. Talvez pudesse vendê-las na escola durante o outono e faturar uma grana extra.

Ou...

Mas eu não tinha que pensar neste *ou*. Tinha apenas 15 minutos para me vestir de preto – o que definitivamente não era um problema, já que eu mal usava roupas coloridas – e fazer minha grande fuga. Montar formas humanoides debaixo das cobertas nunca funcionou para ninguém na história, então apenas deixei um bilhete no travesseiro: *Estou bem, não se preocupe. Volto antes de amanhecer. Se me pegou, por favor se lembre de que sou a filha certinha. E, se for o Heath lendo, arranje uma desculpa para mim. Você me deve, muito.*

Levei alguns minutos em passos de lesma para fechar as portas de raio x e sair em silêncio. Andei na ponta dos dedos pelos degraus da entrada e olhei para a sala de estar procurando algum movimento. Nada. Consegui!

– Psiu!

Eu me virei e vi um vulto atrás da escadaria que dava para o apartamento do andar de cima.

Jack usava sua roupa de ladrão de joias, com um gorro preto puxado até quase os olhos e uma mochila pendurada no ombro. Eu não tinha gorro, mas usava um moletom com capuz por baixo da jaqueta justa, e meu cabelo estava preso em um coque.

– É você? – perguntei sussurrando, com a alegria pulando no peito.

– Venha até aqui se quiser descobrir. – Jack me puxou para as sombras e para junto de seu peito, sorrindo enquanto me dava um beijo rápido. Primeiro na boca e então, quando o abracei, no pescoço, bem embaixo do meu maxilar. E, *uau*. Muitos arrepios.

Eu o abracei apertado, como se pudesse absorver tudo o que havia de bom nele. Ele era seguro e quente e empolgante, e eu tinha dificuldades para soltá-lo.

– Huumm. – A voz grave dele ressoou na minha pele do jeito mais excitante possível. – Isso já é muito mais divertido que o normal. Eu tinha que ter contratado uma parceira para fazer isso comigo há muito tempo.

– Quer dizer que vou ser paga por isso?

– Depende do que aceitar como pagamento.

Eu tive algumas ideias, graças àqueles doces arrepios. Mas quando uma das mulheres que morava na casa verde-azulada ao lado saiu com seu terrier na coleira, decidi que era melhor deixar todos os pensamentos luxuriosos para depois e sair logo dali antes que nos visse.

– Depois voltamos a falar disso.

De mãos dadas, subimos a ladeira correndo até o ponto de ônibus. Jack nunca foi com o Fantasma grafitar porque era muito fácil identificá-lo, então íamos nos apertar no transporte público com os outros passageiros do fim de noite. Era quase igual a quando nos conhecemos, só que dessa vez seria tudo repleto de empolgação, não de medo.

– Não acredito que estou fazendo isso – eu disse enquanto Jack usava o celular para descobrir onde exatamente estava o trólebus. Chegariam mais um ou dois antes do corujão assumir a rota.

– Está arrependida?

– Talvez – respondi. – Mas não vou voltar atrás agora de jeito nenhum.

– E a enfermeira Katherine?

Resmunguei.

– Ela está bebendo vinho na cama, o que significa que, com sorte, vai estar roncando em mais ou menos uma hora. Ou isso, ou vai empurrar camisinhas vencidas para o Heath.

– Hã, o quê?

– Ela me deu um bilhão de camisinhas do hospital, que vencem no Natal.

Ele me olhou de soslaio, e notei na hora que aquela conversa ia na direção de águas desconhecidas.

– Ela faz isso frequentemente? – ele perguntou, com cuidado.

– Sabe como ela é econômica – eu disse, dando de ombros de um jeito forçado. – O hospital ia jogar fora, acho.

– Hum.

Argh. Por que fui tocar nesse assunto?

– Ela diz que dá dessas para o Heath o tempo todo. Não que eu queira pensar nisso. Sei lá. Ela é esquisita, às vezes.

– Um bilhão?

– Está mais para umas cem. O quê? Os pacientes do PS precisam colocá-las antes de sair do

prédio? – Eu ri, nervosa.

– Mas ainda não estão vencidas?

– Parece que vencem em dezembro. Foi o que ela disse, pelo menos. Não olhei. – Na verdade, não queria que ele pensasse que fiquei examinando as caixas no meu quarto como se fosse uma tarada.

– Cem camisinhas até dezembro. Dá quase uma por dia.

– É?

– Podemos bater seu recorde com Howard Hooper em menos de uma semana.

Quase engasguei. Nós, tipo, *nós dois*. Aquilo foi uma sugestão, ou ele só estava provocando?

– Mais qualidade do que quantidade – eu consegui dizer enquanto meu coração batia de forma errática.

– Por que estabelecer um limite?

Fiz um barulho baixinho.

– Você é mesmo confiante.

– Você desperta o melhor de mim.

Para esconder meu sorriso, fingi observar um carro que passava. Mas não importava, porque o trólebus estava parando. Entrei nele na frente do Jack, com um pulinho. Até cumprimentei o condutor.

É. Eu definitivamente era um caso perdido.

O trólebus estava quase vazio e bem limpo, e sentamos juntos em um assento para duas pessoas. Supus que discutiríamos o plano de ataque para o grafite, mas tudo o que ele me disse foi que iríamos para a estação Civic Center na Market Street, de onde saíam trens rápidos para os municípios próximos e para o outro lado da baía.

– Vamos ter tempo de sobra quando chegarmos lá, então podemos parar para uma dose de cafeína, se você precisar.

Eu não precisava.

Enquanto o trólebus embarcava e desembarcava outros passageiros, passamos a viagem conversando sobre coisas bobas. Amigos. Escola. O concurso de arte e meus planos para usar o dinheiro da bolsa se vencesse. Até contei mais sobre o divórcio dos meus pais, sobre o misterioso manequim articulado que ganhei, e a resposta que recebi por e-mail da loja Berkeley. Ele se ofereceu para ir comigo se eu decidisse falar com o cara que tinha feito o manequim, para descobrir como entrar em contato com o meu pai. Se fosse viajar até lá – sem minha mãe saber, devo acrescentar – certamente preferia ir com Jack ao meu lado.

Como não era surpresa para nenhum dos dois, perto do fim da conversa, o cabo suspenso do trólebus se soltou perto do Duboce Park (isso acontece o tempo todo), e tivemos que esperar quase meia hora até o condutor reconectá-lo. Quando descemos perto do Civic Center, a estação estava fechada e trancada.

– Perfeito – Jack disse, colocando finas luvas de couro.

– É?

– É. Siga-me. E me avise se vir algum policial.

A região era perigosa à noite, mas a maior parte das pessoas ali era sem-teto ou delinquentes

que não representavam ameaça. Eu não estava muito preocupada, já que Jack estava comigo, mas meus nervos pulavam de ansiedade. O que eu não entendia era por que estávamos *ali*, exatamente. Era um lugar de muito movimento, e apesar de não estar lotado à uma da manhã, também não era escondido – diferentemente da maioria dos outros lugares que ele grafitou.

No fim do quarteirão, ele parou um instante para observar antes de recapitularmos nossos passos.

– Onde vamos...

Ele parou em uma das entradas do metrô. Ela era pequena, como muitas outras pela cidade: uma área da calçada cercada, com uma placa onde estava escrito METRÔ. Normalmente, haveria degraus descendo para o subterrâneo na parte interna da grade, mas naquela noite a entrada estava coberta por um daqueles cercadinhos de tapumes com quatro paredes e um telhado. Havia uma porta improvisada com um cartaz laminado que dizia: ENTRADA DESATIVADA ATÉ _____. O espaço em branco tinha sido preenchido com a data do dia seguinte, e o cartaz instruía os passageiros a usarem uma entrada alternativa do outro lado do quarteirão.

– Avise se tiver alguém vindo e segure isso – Jack disse, e antes que eu entendesse o que estava acontecendo, ele me entregou uma lanterna pesada e... *meu Deus!*... estava arrombando a porta do cercadinho... como se nenhum carro estivesse passando e não existissem mendigos amontoados na entrada de uma loja fechada a meio quarteirão dali.

Ele abriu a porta em poucos segundos.

– Lanterna – ele disse, como se fosse um médico pedindo um bisturi. Eu a entreguei. Esperamos os faróis dos carros passarem, e ele abriu a porta e iluminou o lado de dentro com a lanterna. Satisfeito, olhou mais uma vez ao redor, depois me apressou para entrar e fechou a porta rapidamente.

Tentando não inalar o cheiro desagradável de umidade, analisei a área escura com Jack quando ele passou a lanterna por ela. Ficamos no alto da entrada para o metrô. Uma escadaria à direita era indicada como entrada da estação, e uma escada rolante fora de serviço, à esquerda, era indicada como saída. Uma luz fluorescente fraca cobria o pé da escada, brilhando atrás das grades que bloqueavam a entrada da estação.

– Esse lugar fede – reclamei sussurrando.

– Já usou essa estação alguma vez? – ele respondeu sussurrando. – Está bem melhor que de costume. Quando não está fechada, os sem-teto usam lá embaixo – ele apontou a lanterna para as catracas da estação – como banheiro particular. Os funcionários têm que limpar merda e mijar todas as manhãs. Se não fizerem isso, quando ligam a escada rolante, ela trava. É por isso que metade das escadas rolantes das estações está sempre quebrada.

– Vou vomitar.

– Nó? Foi meu pai que me contou. Em vez de gastar dinheiro para instalar grades que bloqueiem o acesso às escadas rolantes quando a estação está fechada, eles continuam juntando moedinhas para consertá-las. Essa ficou tão ruim que tiveram que trocar o motor todo. É por isso que tem o cercadinho lá fora.

– E reabre amanhã.

– Já é amanhã. – Ele colocou a lanterna debaixo do queixo, parecendo um ator de filmes de terror antigos, com aqueles ossos lindos do rosto fazendo sombras sinistras. – Abrirá em três horas, então vamos ao que interessa.

Jack tinha cada detalhe planejado: uma pequena lanterna de acampamento colocada na cabeça, que iluminava a área bem à frente do rosto; um aerógrafo portátil pré-carregado com tinta dourada metálica; três latas da tinta spray sofisticada que eu tinha visto quando nos conhecemos; uma pequena caixa plástica com exatamente cinco bicos extras para o aerógrafo (por ter que trocar os bicos de vez em quando para que a tinta não os entupisse, ele controlava a quantidade que levava – não podia deixar nenhum para trás ou a polícia conseguiria rastrear pela marca da tinta); estênceis cortados à mão dobrados e fita adesiva; e, por fim, duas máscaras para filtrar a fumaça da tinta, que nós dois colocamos. Estávamos prontos.

Ele abaixou a máscara para falar.

– Se alguém tentar entrar, pule o corrimão e fique atrás de mim.

– Não se preocupe. Tenho spray de pimenta.

– Incrível, mas prefiro defender você, se não se importar. Tenho um pouquinho de orgulho masculino que precisa ser alimentado de vez em quando.

– Tudo bem, mas e os policiais ou o pessoal que ronda a estação aqui embaixo?

– Ninguém ronda a estação. Eles nem mesmo monitoram as câmeras de segurança... não com o orçamento que têm. Mas se um policial vier da rua, provavelmente estará armado. Então levante os braços e deixe que eu falo. Ei, você está bem?

– Não sirvo para uma vida de crimes.

– Quer desistir? É só falar. Não vou ficar nem um pouco bravo. Sério, Bex.

– Sem chance. Vamos em frente.

– Beleza, beleza, parceira. Abaixe a máscara.

Enquanto fiquei parada do outro lado da escada, segurando a mochila e passando os materiais, ele começou a pintar o topo da escada rolante. Foi difícil ver muita coisa de início, porque ele basicamente pintou os degraus de dourado. Mas quando passou a alternar entre as latas de tinta e o aerógrafo, a parte de cima dos degraus, com listras prateadas, tornou-se dourado brilhante, e os planos verticais entre os degraus, um contrastante dourado mais opaco, tomando a forma do topo de uma letra E.

Ele descia enquanto trabalhava, degrau a degrau – porque assim que terminava de pintar um, não podia subir e corrigir nada sem borrar a tinta molhada. E eu segui aquele caminho lento na escada, passando os materiais até chegarmos lá embaixo. Quanto mais descíamos, menos ouvíamos o som dos pedestres e carros passando, e mais parecia que íamos em direção a uma fossa infernal, onde o demônio em pessoa apareceria por trás das catracas da estação.

Medo e empolgação duelavam no meu peito, trazendo o mesmo tipo de estresse positivo que sentia nos brinquedos de parques de diversão – a única diferença é que quando andava na montanha russa Grizzly no parque Great America, em Santa Clara, não tinha que me preocupar com a possibilidade de ser presa ou esfaqueada por um mendigo ameaçador.

Quase duas horas se passaram. Na maior parte do tempo, fiquei memorizando a forma como

os longos braços e dedos do Jack se moviam enquanto ele pintava. Como os olhos dele se enrugavam no canto quando ele os apertava para ver seu trabalho, e como ele balançava os ombros para alongar e liberar a tensão de seu corpo esguio.

Podemos bater seu recorde com Howard Hooper em menos de uma semana.

E isso. Pensei nele dizendo isso. Muitas vezes.

Quando chegamos ao pé da escada, tive dor de cabeça por causa do cheiro da tinta, e Jack estava com câibra nos dedos. Mas quando nos encontramos nas catracas e tiramos as máscaras, apontei a lanterna para o topo da escada. Havia algo para se ver. *TRANSCENDA*. Cada letra estava muito esticada e tinha vários degraus de comprimento. A fonte era glamorosa e elegante, como as de um título de um filme de Hollywood nos anos 1940, e ele tinha ajustado a perspectiva para que o T fosse menor e o último A, maior, fazendo tudo parecer ainda mais grandioso e épico do que era. Quando a escada rolante fosse ligada, Jack explicou, a palavra flutuaria escada acima, uma letra de cada vez, como os créditos de um filme.

– Está lindo – sussurrei, absorvendo tudo. Sua assinatura da maçã dourada era modesta, do lado direito da última letra.

Ele enroscou o braço nos meus ombros e me beijou na bochecha, completamente satisfeito consigo mesmo. E com todo o direito.

– Foi duas vezes mais rápido com você ajudando. Ah, espere. Prova fotográfica. Para a Jillian. – Ele tirou uma das luvas e acionou a câmera do celular, tirando várias fotos.

– Queria que pudéssemos ver com a escada funcionando – lamentei. – Talvez a gente deva voltar aman...

Ouviu-se um ruído de estática vindo de dentro da estação.

Nós dois ficamos paralisados.

Era um radiocomunicador chiando instruções. E passos. E vozes que diziam *blá-blá-blá* caixa de passagem *blá-blá* escada rolante...

Guardas rondando a estação? Já estava na hora de abrir?

– Droga! – Jack arrancou a mochila da minha mão. Ele me empurrou na direção da escada e, enfiando a lanterna que estava na cabeça e os materiais dentro da mochila, subimos dois degraus por vez, correndo para o alto...

... só para ouvir o *bip-bip-bip* de um caminhão dando ré no meio-fio bem na frente das paredes temporárias de tapume que cercavam a saída para a rua. E outro radiocomunicador. E vozes de homem falando sobre desmontar e vociferando ordens para trabalhadores sobre em que ponto deviam bloquear a calçada.

Aqueles não eram guardas. Era a maldita empresa de manutenção de escadas rolantes chegando para reabrir a entrada do metrô e realizar os últimos testes antes da estação voltar a funcionar.

Não podíamos descer de volta, e não podíamos sair por onde havíamos entrado.

Estávamos presos.

Jack fechou o zíper da mochila e a pendurou nas costas. Depois puxou o capuz do meu moletom para fora e sussurrou no meu ouvido:

– Prepare-se para correr.

Ele estava falando sério?

Ah, droga... estava!

Quando as vozes se aproximaram da porta improvisada de compensado, Jack recuou, respirou fundo e a acertou com o ombro. A porta se abriu com força, batendo em um dos trabalhadores. Gritos de surpresa explodiram atrás da porta enquanto Jack agarrava minha mão e me arrastava para fora de lá.

– Ei! – alguém rosnou enquanto corríamos pela calçada. – Temos uns sem-teto aqui!

Nem olhei para a cara deles. Só voei dali o mais rápido que pude. O ar gelado cortava meus pulmões. As solas de borracha dos nossos sapatos martelavam a calçada, produzindo um som que ecoava nos prédios e nos carros que passavam correndo.

– Mais depressa! – Jack gritou.

Estúpidas pernas curtas. Eu estava atrasando Jack, o que me tornava uma péssima parceira. No fim do quarteirão, Jack me puxou para uma esquina, direto para um vão coberto que abrigava a porta dos fundos de um café.

Ele levantou um dedo como aviso e enfiou a cabeça para ver do outro lado da esquina. Meu coração disparou. Imagens minhas com os pés acorrentados em uma prisão feminina passaram diante dos meus olhos, junto com o resto da minha vida.

Jack se virou para mim e sorriu com uma felicidade ofegante.

– Essa, eu acho, dá para dizer que passou perto.

Conseguimos? Não iam caçar a gente com armas e cães farejadores? Eu espiei na esquina para ver por mim mesma, e Jack estava certo. A barra estava limpa!

Fiquei na ponta dos pés, puxei o casaco dele e o abaixei para beijá-lo – um beijo firme, selvagem, até nossos dentes se chocarem e eu quase morder os lábios. Não me importei. Estava dopada com a adrenalina e apaixonada. Eu me sentia invencível. Como se a cidade inteira fosse nossa. Cada poste de luz coberto pela neblina, cada letreiro luminoso, cada rachadura na calçada. Tudo nosso.

– Obrigada – sussurrei, rindo com os lábios encostados nos dele.

– Por apresentar novas possibilidades criminosas para você?

– Por fazer com que me sentisse viva.

– Sentir-se vivo é bom – ele disse, estendendo a mão. – Mas vamos te levar para casa antes que chamem a polícia.

FOI UM MILAGRE MINHA MÃE não ter me visto entrando escondida aquela noite, porque ela ainda estava acordada às 4h45 da manhã, quando Jack me deixou na frente de casa. Fiquei acordada tempo o bastante para ele me mandar uma mensagem de “bom dia” em vez de “boa noite”. E então dormi feito uma pedra até quase o meio-dia, quando a minha mãe me acordou para o almoço que tínhamos combinado.

Por sorte, as camisinhas que ela havia me dado de presente não foram o assunto da conversa. O grafite na escada rolante do metrô, entretanto, *foi*.

Os técnicos que faziam a manutenção da escada rolante aparentemente descobriram o grafite do Jack depois que fugimos e contaram à polícia que éramos os vândalos conhecidos como maçã dourada – *nós*, no caso, seriam dois caras vestidos de preto, um alto, um baixo. Eu me sentiria insultada se não estivesse ocupada morrendo de medo.

Debatiam sobre o incidente na estação de rádio local enquanto a minha mãe nos levava para Mission. Uma apresentadora achou “uma pena” a escada rolante novinha em folha ter sido vandalizada. O parceiro dela disse que era “arte urbana” e “inspirador”. Eu, me contorcendo no assento da viatura, incorporei ambos os pontos de vista, alternando meu estado entre horrorizada e eufórica. No meio de tudo isso, Jack mandou uma mensagem para me provocar por meu novo status de “homem baixo suspeito”.

Ainda por cima, minha mãe fez um monte de perguntas que me deixaram suando. Por exemplo, sobre o concurso de arte dos alunos. Ela queria saber que trabalho eu ia inscrever; o prazo final chegava cada vez mais perto. Mas meu lado paranoico tinha se convencido de que ela sabia sobre a Minnie, também, e estava me dando uma chance de confessar que a tinha desobedecido na cara dura. Isso me fez perceber que precisava ser mais cuidadosa. Ela trabalhava em um prédio perto do laboratório do Programa Corpo Voluntário. Bastaria que fizesse um intervalo fora de hora para me ver com meu portfólio, caminhando para minha próxima sessão de desenho, e todo o trabalho do verão estaria arruinado.

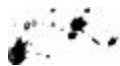
Enquanto ela fazia o que tinha que fazer – pegar umas cortinas feitas sob medida com desconto, para substituir as que tínhamos em casa e já estavam caindo aos pedaços de tão velhas –, tomei uma decisão precipitada que não tinha nada a ver com Minnie ou com minha nova reputação de criminosa. Talvez toda a adrenalina que restou da noite anterior tenha apodrecido meu cérebro, sei lá. Mas peguei o celular para mandar um e-mail para a mulher da loja de escultura em madeira em Berkeley. Sim, eu realmente *gostaria* de encontrar o cara que entalhou meu manequim articulado, escrevi. Por que não? Uma semana depois, estaria ocupada demais me preparando para o concurso de arte. Além disso, se meu pai achava que podia iniciar uma conversa comigo nos termos dele, era melhor ele pensar duas vezes.

E enquanto devorava metade de um superburrinho bem recheado de carne assada com a minha mãe, recebi uma resposta rápida da loja de esculturas: eu poderia passar lá à uma da tarde no dia seguinte. Mandeí uma mensagem para o Jack, e ele disse que ficaria feliz em me levar.

– Às vezes acho que você é cheia de segredos – minha mãe disse, melancólica, olhando para o potinho com a salsa verde que sobrou na mesa como se fosse pedir para embalá-lo para viagem.

Amassei meu guardanapo e enfiei dentro do pote para não ter que comer aquilo com ovos na manhã seguinte.

– Nenhum deles é tão interessante assim – garanti a ela.



No dia seguinte, Jack me pegou às 11h30 da manhã. Perdi o controle do corpo todo quando o vi na porta, atrás da minha mãe. Arrepios. Calor no peito. Coração disparado. Eu quase desmaiei. *Desmaiei!* Isso não podia ser bom. Tudo parecia... intensificado. Tipo, da noite para o dia. Como mágica. Rezei em silêncio para ele não ter percebido.

Nem a minha mãe.

Se eu estivesse indo para a casa *dele*, e a mãe *dele* tivesse dado umas cem camisinhas de presente, acho que iria preferir enfiar uma chave de fenda no ouvido a encará-la. Mas Jack cumprimentou minha mãe como se fossem melhores amigos.

– Príncipe Vincent – ela disse, antes que eu conseguisse desviar para passar por ela. – Onde os dois vão nesta bela manhã enevoadada?

A mentira dele foi a coisa mais esperta.

– Vamos almoçar em East Bay. Queria dar uma olhada em uma loja de discos.

Eu tinha falado basicamente a mesma coisa para ela uma hora antes. Como pode ter soado tão mais natural saindo da boca dele do que da minha? E minha mãe sorriu como se ele fosse o charme em pessoa.

– Só garanta que ela volte a tempo para o trabalho – ela disse.

– Pode deixar. Não se preocupe.

– Estou levando meu uniforme – acrescentei, com uma casualidade forçada, dando tapinhas na bolsa vermelha que normalmente levava para o laboratório de anatomia. – Meu turno começa às quatro.

Isso aparentemente a tranquilizou. Porque se eu ia trabalhar, certamente não teria tempo para arrumar problemas ou “aprontar”, como dizia quando Heath fazia alguma coisa pelas costas dela. Mal sabia ela que eu podia aprontar muito em um pequeno período de tempo.

Ela nos observou descendo as escadas.

– Cuide bem do meu bebê – ela gritou. Se soubesse que eu estava indo para território inimigo, provavelmente não estaria tão simpática.

Mas quando ela entrou em casa e estávamos em segurança fora da vista dela, Jack pegou minha mão, e eu disse:

– Senti saudades. – Como se tivesse passado uma semana, e não um dia, desde a última vez que o vira. E, do nada, caímos em cima um do outro como cães raivosos e nos beijamos encostados na porta do carro dele até que alguém que passava pela calçada fez um comentário rude.

– Pode deixar! – Jack gritou para a pedestre em resposta, quando ela estava longe demais

para ouvir.

Soltei uma risada contida, encostada no ombro dele. Ele fingiu morder minha orelha e grunhiu, com os lábios em meus cabelos, o que só me fez rir mais alto. Eu o abracei mais forte e suspirei junto a seu pescoço.

– Meu Deus, você me deixa louco – ele sussurrou. – Se não me impedir, vou implorar para te ver todos os dias, porque não aguento ficar longe de você.

– Ah, bom. Pensei que isso só estava acontecendo comigo.

– Não é só com você – ele disse, beijando minha cabeça.

Eu o apertei por um instante e depois me afastei, pigarreando.

– Certo – ele disse, respirando fundo. – Vamos pegar a estrada antes que nos prendam por atentado ao pudor.

– Acho que essa seria a menor das acusações em potencial.

– Como se sentiu ajudando um delinquente procurado pela polícia? – ele murmurou enquanto abria a porta do carro.

– Entusiasmada – respondi sussurrando.

Talvez eu fosse melhor em fazer coisas erradas do que pensava.

Demoramos só meia hora para chegar em Berkeley, e baixamos as janelas quando o sol expulsou as nuvens cinzentas sobre a Bay Bridge. Jack tinha voltado para a cena do nosso crime e gravado um vídeo de um minuto da escada rolante em ação. Eu já tinha visto alguns vídeos postados na internet, mas era muito mais empolgante ver no celular dele.

– Um porta-voz do metrô disse que fechariam para limpeza em uma semana – ele me disse enquanto o motor do Fantasma fazia meu assento tremer. – Acho que é o máximo de tempo que uma palavra minha já aguentou. E é fácil limpar metal. Aposto que o tráfego de pés passando por ela vai gastar a tinta na superfície dos degraus em alguns dias.

– Jillian já viu?

– Sim – ele disse, curvando os lábios. – Mostrei o vídeo para ela ontem à noite. Ela não conseguia parar de sorrir. Costumávamos frequentar a biblioteca principal da cidade, na frente daquela estação, e a Jillie sempre ia ver aquela escultura da escada circular no quinto andar. Sabe do que estou falando?

Não ia lá há anos, mas sabia qual era.

– A escada que leva a lugar nenhum.

– Exatamente. Foi o que ela disse quando viu o vídeo, e aquela escada para lugar nenhum encaixou perfeitamente com “transcenda”. Eu nem lembrava do quanto ela gostava daquela escada. Só estava combinando a palavra com a escada rolante.

– Uma feliz coincidência.

Ele negou com a cabeça.

– Tudo está conectado, Bex. Quer a gente compreenda ou não – ele batucou com os dedos no volante, criando um ritmo alegre. – Ela perguntou de você.

– Perguntou?

– Eu contei que me ajudou. Estava preocupado de ela se chatear com isso... de ficar com ciúmes, ou coisa assim. Mudanças a deixam estressada, e o doutor Kapoor tem monitorado a

Jillian desde sua visita. Não. Não se preocupe – ele disse quando eu suspirei. – Não importa ser você ou outra pessoa. Ela fica descontrolada com qualquer coisinha, e está brigando com os remédios desde a convulsão. Mas está tudo bem. Ela gosta de você.

– Fico feliz – eu disse, e ele sorriu para mim, apertando os olhos sob os óculos escuros.

A loja de escultura em madeira ficava perto dos limites do campus da Universidade de Berkeley. Jack estacionou o Fantasma em uma rua próxima, que saía da Telegraph Avenue, a alguns quarteirões de distância. E, já que tínhamos 45 minutos sobrando, passamos por livrarias e cafés e lojas de ervas medicinais até acharmos um restaurante de curry que tinha um monte de pratos vegetarianos, onde paramos para um rápido almoço (validando nossa mentira). À uma da tarde em ponto, passei por uma loira em um Jaguar verde que me secou tanto que tive que olhar feio para ela, e entrei pela porta de vidro do Telegraph Wood Studio.

Fiel ao nome, que significa “madeira”, o lugar tinha cheiro forte de serragem. A frente da loja estava abarrotada de totens e cornijas de lareira entalhadas. Esculturas de mulheres dançando. Um globo sólido de madeira. Havia até uma carranca de sereia saindo da parede, dando a impressão de que um navio surgiria derrubando tudo a qualquer instante. Um longo balcão separava a loja da oficina, onde havia várias mesas ao redor do equipamento para entalhe e de grandes peças de mobiliário.

– Uau – Jack disse, com uma voz grave e respeitosa. – Veja só as réplicas de bondes antigos. São lindas.

Eu olhei a etiqueta com o preço escrito a mão.

– Quinze mil? É um trenzinho de brinquedo e tanto. – E não chegava nem aos pés dos detalhes do manequim articulado que estava no fundo da minha bolsa vermelha. Não acho que o cara que o fez precisaria vê-lo para se lembrar dele, mas, caso precisasse...

Uma voz de mulher surgiu detrás do balcão.

– Olá. Você é a Beatrix?

Seu cabelo grisalho estava preso de qualquer jeito. Ela usava longos colares de contas de madeira pendurados sobre a túnica.

– Sim – respondi. – E você é a Mary?

Ela confirmou com a cabeça.

– E tem alguém aqui que queria te ver. Espero mesmo que não se aborreça muito com esse subterfúgio.

Antes que eu conseguisse entender o que aquilo significava, ela gesticulou para alguém que estava atrás de um biombo japonês entalhado, e de lá saiu o homem que tinha arruinado minha família.

Meu pai tinha mudado o corte de cabelo. Tinha deixado crescer os cabelos curtinhos de vice-presidente, de forma que agora havia cachinhos marrons com fios grisalhos em volta da gola do blazer caro que vestia. Seu rosto estava muito mais bronzeado do que eu me lembrava, e agora tinha pés de galinha marcando as extremidades externas dos olhos. Mas os óculos de armação de arame eram os mesmos, e seu jeito continuava igual: cabeça erguida, queixo para cima, costas rígidas como aço – e o olhar de quem tinha acabado de ter um bastão grande e grosso enfiado na bunda.

É. Ele olhou para mim exatamente da mesma forma que da última vez que o vi. Quando me contou que a separação não tinha nada a ver comigo, e que nada mudaria entre nós.

A maior mentira de todas.

– Beatrix – ele disse com a voz grave.

Não consegui nem responder. Só me virei e corri para a porta.

– Por favor, me leve para casa – consegui dizer para o Jack, que grudou em mim como se fosse uma sombra enquanto eu comecei a descer a calçada. Aquela loira estúpida do Jaguar ainda secava a gente da vaga onde tinha estacionado.

– Beatrix!

Meu pai tinha nos seguido até lá fora, e agora estava zangado. Que surpresa. Eu me virei tão rápido que ele teve que dar um passo para trás para não me atropelar.

– Como ousa? – eu disse a ele.

– Se ela tivesse dito que eu queria te encontrar, você não teria vindo.

– Não, provavelmente não. Mas a decisão é minha, não sua.

– O que posso fazer? Sua mãe não me deixa visitar você.

– Então me mandou o manequim articulado para me atrair até aqui, como se fosse um palhaço maluco em uma perua branca?

Ele pareceu aflito.

– Não, eu mandei porque queria te dar alguma coisa que te fizesse feliz. Sabia que ia gostar.

– Porque você me conhece tão bem...

O mais deprimente era que ele estava certo. Foi ele, e não a minha mãe, que realmente despertou meu interesse pela anatomia. Quando eu era criança, ele tinha aqueles cartazes com diagramas do corpo humano pendurados na parede do escritório da nossa antiga casa. Os músculos e órgãos em cores vivas sempre foram fascinantes para o meu cérebro de dez anos de idade. E quando eu voltava da escola ele passava horas respondendo a todas as minhas perguntas sobre ossos e artérias e sangue. É claro, ele não sabia nem metade do que a minha mãe sabia sobre anatomia, então quando ele não sabia a resposta, inventava alguma coisa boba.

Ele sempre levou jeito para mentir.

Comecei a me afastar novamente, mas ele estendeu as mãos como se mostrasse que não estava armado.

– Por favor, ouça o que tenho a dizer só por um minuto. – Ele lentamente deixou os braços caírem ao lado do corpo. – Deixe-me olhar para você. Meu Deus, já é praticamente uma mulher. Não te vejo há...

– Há três anos – completei. – Esteve muito ocupado transando com sua esposa dona de clube de striptease para se dar ao trabalho de falar com seus próprios filhos?

Jack fez um barulhinho do meu lado, mas não disse nada. No fundo, sabia que mais tarde ficaria arrependida por ele ter testemunhado essa confusão, mas agora estava irritada demais para me importar.

Meu pai franziu o nariz.

– Clube de striptease? O que diabos está dizendo? Suzi tinha um cabaré em Santa Mônica.

– Cabaré? Que diabos é isso?

– Um piano-bar – ele esclareceu. – Cantores, não strippers.

Não era isso que minha mãe tinha dito. Mas em quem ia acreditar? Na mulher que trabalhou como uma condenada para colocar comida na mesa, ou no homem que nos deixou para ficar com um modelo mais novo?

– Clube de striptease. – Ele disse aquilo como se estivesse cuspiendo comida estragada, balançando a cabeça. Levei um segundo para perceber que ele tinha olhado na direção do Jaguar. *Aquela* era a “Suzi”? Não me surpreende minha mãe ter ficado louca. Suzi não tinha como ser muito mais velha que eu! E naquele momento ela já estava fora do Jaguar, com os braços cruzados sobre o peito. Usando roupa de grife, pelas quais meu pai provavelmente pagou.

Eu queria vomitar.

Meu pai apenas balançou a cabeça e ajustou os óculos sobre o nariz.

– E eu não estava ocupado demais para te ver. Sua mãe não me deixou chegar perto de você e nem do Heath.

– Talvez seja porque você estivesse *falido* demais para pagar a pensão – desenhei aspas com os dedos quando disse “falido” e cruzei os braços diante do peito, copiando a postura da nova esposa dele. – Acho que pagar as parcelas daquele carro é mais importante do que pagar nossa conta de luz.

Meu pai rosnou.

– Ah, isso é inacreditável. É isso que ela diz para vocês? Ela recusou a pensão. Está nos papéis do divórcio, Beatrix. Dê uma olhada neles. Ela fez o advogado dela riscar os pagamentos. Ela disse que não aceitaria nem um centavo meu. Que preferia que vocês três morassem embaixo da ponte a aceitar *esmola* de mim – ele também fez aspas com os dedos. E seu sotaque holandês começou a se transformar nas palavras ligeiras de quem estudou em Stanford.

– Uma versão possível – eu disse. Mas, se eu fosse sincera comigo mesma, veria que parecia muito do feitio da minha mãe. *Muito* mesmo. Ainda assim, ela não teria mentido para a gente sobre algo tão importante. Talvez tenha ocorrido algum mal-entendido sobre o suposto cabaré. Talvez. Mas não sobre isso. Não depois de perdermos a casa em Cole Valley. Não quando ela batalhava em turnos de 12 horas na madrugada que mal garantiam xampus genéricos e aqueles tubos de carne moída em promoção, que tinham um gosto estranho.

– Não é uma versão – meu pai disse com firmeza, com as mãos na cintura e os cotovelos esticando as pontas do blazer como se fossem asas raivosas. – É a verdade, Beatrix. É a mais pura verdade.

– A verdade está em atos, não em palavras. Minha mãe me ajuda com a lição de casa. Minha mãe faz o jantar para mim. Cuida de mim quando estou doente.

– Eu sei que ela faz isso.

– Sabe? Mesmo? Sabia que, em maio, ela recebeu um prêmio de Enfermeira Ilustre do reitor da universidade?

– Isso é maravilhoso.

– *Ela* é maravilhosa. E está presente todos os dias em nossas vidas. Mas o que você fez?

Tentou pelo menos escrever um cartão-postal para mim ou para o Heath?

– Para falar a verdade...

– Sabia que perdi todos os meus amigos quando fomos obrigados a mudar e tive que ir para outra escola? Sabia que sou uma das alunas mais pobres da minha turma, e que tenho que trabalhar desde os 16 para pagar a conta do meu celular e os passes de ônibus? Sabia que não tenho dinheiro para ir para a faculdade que quero e que vou passar o verão ralando em um projeto de arte porque o único jeito de ir para qualquer faculdade é ganhando uma bolsa idiota em um concurso? Sabia que Heath largou duas faculdades e se meteu em todo tipo de confusão? Quer saber por quê? Porque *você nos deixou!*

O rosto dele recuou como se eu tivesse dado um tapa, mas a dor foi embora tão rapidamente quanto apareceu, e o calmo e razoável vice-presidente Van Asch assumiu o controle de si mesmo.

– Não posso me desculpar para sempre.

– Para sempre? Tente pelo menos uma vez!

– Desculpe, Beatrix. Deveria ter me saído melhor. Tentado com mais afinco. Mas agora quero fazer isso. É um dos motivos de ter me mudado para cá. Assumi um cargo na reitoria de Berkeley para poder ficar mais perto de você e do Heath. Apenas me deixe tentar. Venha tomar um café comigo. Conheça a Suzi...

– Nunca.

Ele estava pálido. E por um instante, vi um olhar familiar no rosto dele – o mesmo de quando derrubei um vidro de nanquim em seu precioso tapete marroquino. Ele queria me pegar pelos ombros e me sacudir. Sua mão se contraiu e ele a esticou como se fosse fazer isso mesmo.

Minha sombra apareceu entre nós.

Jack era pelo menos uma cabeça mais alto que meu pai. E naquele momento, com a cara amarrada e as sobrancelhas pretas franzidas, parecia ser mais homem que ele.

– Não quero fazer isso – Jack disse com a voz grave e assustadoramente calma.

Ah, meu pai *não gostou daquilo*. Nem um pouco. E por um instante eles eram dois touros, um jovem e um de meia-idade. Uma palavra errada e partiriam para a briga, *corpo a corpo*.

– Lars – uma voz feminina veio de trás dele. Sua nova esposa, Suzi. Foi um apelo e um aviso sutil. E foi o suficiente para quebrar a tensão crescente.

– Vamos embora – eu disse para o Jack.

Sem hesitar, ele me abraçou e me puxou para longe do meu pai.

– Beatrix – meu pai disse quando começamos a nos virar para ir embora. – Por favor, entre em contato quando estiver preparada. O meu endereço de e-mail está no site da universidade. Podemos conversar da maneira que for melhor para você.

Parei para pegar o manequim na minha bolsa. O rosto do meu pai se contorceu de tristeza, os olhos suplicavam em silêncio, e aquilo me deu um nó na garganta. Só por um segundo. Fortaleci minha determinação e arremessei o manequim na calçada entre nós. O corpo entalhado caiu a seus pés e rachou no meio.

O CÉU ESCURECEU ENQUANTO EU E JACK passeávamos pela calçada. Como as pesadas nuvens sobre nossas cabeças, eu me mantive calma até voltarmos para o Fantasma. Tanto a tranquilidade da rua perpendicular quanto a cobertura oferecida pelos galhos das árvores que se inclinavam sobre o carro estacionado devem ter dado ao meu cérebro uma ilusão de segurança, porque assim que fechei as portas do Corvette pouco antes do repentino dilúvio, relaxei e desabei.

Não foi bonito.

Meu eu imaginário, mais velho e descolado, ficou horrorizado por estar chorando tanto na frente do Jack. Mas o meu eu do presente estava magoado demais para se importar. E quando a mão dele aqueceu minha nuca, foi como uma permissão para chorar ainda mais.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, Jack deitou o assento e me puxou de lado para o seu colo. Enterrei o rosto na gola de sua camisa de boliche vintage e chorei um pouco mais enquanto a chuva firme bombardeava a capota do conversível.

Suas mãos acariciando minhas costas me acalmavam e, pouco a pouco, eu me recompus.

– Desculpe – eu disse, enxugando o rosto.

Os músculos dele se flexionaram quando esticou o braço até o outro lado do assento. Ele pegou um guardanapo de lanchonete amassado no porta-luvas.

– Não sei por quê – ele disse, estendendo-o para mim. – Não tem por que se desculpar.

Virei o rosto e assoei o nariz, depois procurei um lugar para descartar o guardanapo.

– Vá em frente – ele me encorajou, abrindo a janela. – Berkeley é limpa demais mesmo.

Eu gargalhei e arremessei o guardanapo para fora. Ele ia fechando a janela, mas eu o impedi; o cheiro da chuva era bom, e eu não me importava com uma ou outra gota caindo em minha nuca quando o vento soprava. Era gostoso.

Ele passou o polegar debaixo de um dos meus olhos, depois do outro.

– Maquiagem – ele explicou, limpando o rímel que escorria. – Está melhor?

Eu confirmei com a cabeça e voltei a encostá-la no ombro dele.

– Não sei por que meu pai me deixou desse jeito. Meus problemas familiares nem chegam aos pés dos seus. Deve achar que sou uma chorona.

– Não penso assim. Tem todo o direito de ficar chateada. Minha família passou por muita coisa, mas não consigo imaginar como seria se meu pai tivesse abandonado a gente. Eu a amo, mas minha mãe não é nenhuma Katherine, a Grande. Ela é uma líder de torcida, não uma provedora.

– Sua mãe lutou as batalhas dela – eu o lembrei.

Ele concordou com um grunhido.

– E se meu pai não estiver mentindo? Por que a minha mãe recusaria a pensão?

– Não sei. Talvez seja orgulhosa demais. Talvez se sentisse fraca aceitando.

– Se isso for verdade, tudo bem, mas ela mentiu pra gente. Todo esse tempo, pensei que ele

fosse um pai negligente. Por que ela faria isso?

– Porque ela é humana e erra? Ou talvez seu pai também não estivesse dizendo a verdade. Talvez ele se sinta culpado e disse qualquer coisa para te convencer. Confronte sua mãe e pergunte pra ela.

– Não posso. Senão ela vai descobrir que menti para vir para cá. E vai saber que escondi o manequim articulado dela. E vai se sentir traída.

– E você não se sente?

Pensei naquilo por um instante.

– Não tenho certeza de como me sinto. Tudo o que sei é que estou cansada de ser o espectador inocente que leva um soco no estômago. A briga é deles. Da minha mãe e do meu pai. Mas por que somos sempre eu e o Heath que acabamos machucados?

Ele arrumou uma das minhas tranças e enrolou uma mecha solta na ponta de seu dedo indicador.

– Porque tudo o que fazemos na vida afeta outras pessoas. Os budistas dizem que o lado de dentro e o de fora são basicamente a mesma coisa. É como se estivéssemos todos presos em um quarto pequeno. Se alguém mijar em um canto, todos temos que nos preocupar se o xixi vai escorrer e molhar nossos sapatos.

Eu gargalhei de novo.

– Ou se alguém para no fim da escada rolante.

Ele riu encostado na minha testa.

– Ou se alguém picha uma mensagem que você não entende na escada rolante.

– Não quero que meus erros afetem mais ninguém no quarto – eu disse um pouco depois. – Quero ficar na minha e causar o mínimo de danos possível.

– Essa é uma forma de se viver, claro. Mas é solitária, e não fazer nada pode causar tantos danos quanto fazer alguma coisa. Somos parte de uma máquina, quer a gente queira ou não. Se um pistão para de funcionar, o motor fica prejudicado. E eu prefiro que você mijar no meu sapato em vez de se isolar em um canto.

– Que nojento.

– O quê? É isso que cura queimadura de água-viva.

– Isso é história de pescador. Se fizer xixi em mim algum dia, vou te machucar.

– Que violenta. – Os dedos de sua mão aberta dançavam nas minhas costas como uma aranha.

Gritei quando ele atacou meu corpo, fazendo cócegas com gosto. Não conseguia tirar os dedos dele das minhas costelas.

– Pa-pare! – protestei, no meio de uma risada.

– Diga a palavra mágica.

– Tio!

– Não é essa.

Mudei de tática e fiz cócegas nele também. Ele pulou, levantando nós dois do assento.

– Tudo bem, menina – ele ronronou. – Foi você que pediu.

– Ah, é? O que vai fazer?

Ele envolveu minha cabeça com a mão e me puxou para perto. A boca dele cobriu a minha, forte, confiante. Eu ri com os lábios nos dele, só por um instante, e então me entreguei.

O beijo ficou mais profundo, e a mão dele escorregou do meu pescoço para o meu corpo, acompanhando a curva da minha cintura, até o quadril, e voltou a subir. Como se ele tentasse imaginar como eu era debaixo da roupa. Aquele pensamento me excitou quase tanto quanto aquela mão passeando por mim... até que ele, atrevido, tocou meu seio.

Com a respiração pesada, ele parou de me beijar – mais ou menos – e disse, com os lábios nos meus:

– Tudo bem?

Eu pus a mão sobre a dele, para mantê-la ali.

– Você é uma delícia – ele murmurou, com a respiração arrepiando meu pescoço.

– Você parece surpreso.

– Fantasiei com você de todas as formas possíveis, mas na vida real... Minha nossa, Bex. Você é tão macia. E... ah. Nossa.

Eu suspirei. Não consegui evitar.

– Isso é bom? – ele perguntou, passando o polegar sobre meu mamilo.

Não respondi. Ele estava todo cheio de si, parecendo satisfeito com a descoberta. Uma série de arrepios subiu pelos meus braços e me aqueceu com sua boca quente, passando pelo meu peito, minha barriga... e mais para baixo. Eu sabia que o calor seguia o mesmo caminho pelo corpo dele, porque ele enrijeceu encostado no meu quadril, o que me excitou ainda mais.

Enquanto a chuva batia no carro, ele se largou no assento e silenciosamente me instigou a sentar em seu colo. Não me importei com o volante cutucando minhas costas quando me deixei levar pelo momento. Nós nos beijamos demoradamente, sem pressa, até que as mãos grandes dele seguraram minha bunda e me puxaram com voracidade para perto. O relevo da parte do meu jeans onde as costuras se encontravam entre minhas pernas estava apertado entre a minha maciez e a rigidez dele.

– Você está me matando – ele murmurou, rouco, em meu ouvido.

Fechei os olhos e dei um sorriso.

– Estou?

– Quero você.

– Eu sei.

A risada dele, baixinha, provocou um arrepio no meu pescoço.

– Eu avisei que não era um monge.

– Definitivamente não, se não pararmos com isso.

Com a respiração profunda, ele se afastou e pôs as mãos nas minhas bochechas.

– De qualquer jeito, é melhor a gente pegar leve. Prometi a Katherine, a Grande, que te deixaria no trabalho na hora certa, e a chuva vai travar o trânsito na Bay Bridge. Além disso, vou precisar de alguns minutos para... me acalmar.

Pigarreei e tentei não sorrir.

– Não acho que consigo me levantar agora mesmo que quisesse. Só me abraçe um pouco mais, ok?

– Tudo bem – ele disse, e me puxou para perto. Descansei a cabeça no ombro dele e respirei o aroma da jaqueta de couro enquanto nossa respiração desacelerava e se sincronizava. O episódio com meu pai parecia estar a quilômetros de distância. Como se tivesse acontecido em outra vida. Jack fez com que eu me sentisse bem e segura e forte e calma.

Talvez ele também fosse o meu lago.

DOIS DIAS DEPOIS, COBRI O TURNO de outra garota no Mercado Alto e trabalhei dez horas seguidas. Lá pela oitava hora, já estava completamente exausta. Como minha mãe trabalhava doze horas como se não fosse nada? Eu não entendia, mas quando passei o zilionésimo pedaço de queijo importado no leitor de código de barras, fiquei pensando como sabia pouco sobre a minha mãe, em geral.

Procurei no Google por cabarés em Santa Mônica e encontrei o Freckled Rose, um cabaré-barra-piano-bar cuja dona anterior era uma tal de Suzi Cameron. Acho que meu pai estava certo, porque não parecia mesmo um clube de striptease. A maioria dos artistas que se apresentava lá era mais velha que meus pais, e todos usavam umas roupas meio bregas. Eu quis *muito* ligar para a minha mãe para falar sobre isso, mas não conseguia achar um jeito de contar para ela como descobri. Em vez disso, contei para o Heath.

– Às vezes as pessoas exageram quando estão chateadas – foi tudo o que ele disse.

Exageram? Exagerar era dizer que comeu um pacote inteiro de biscoitos quando na verdade só comeu metade. Mas eu não podia entrar nessa discussão com o Heath, porque ele me perguntou como eu tinha descoberto, porque estava me atormentando com aquilo, e eu não estava a fim de revelar o encontro com o meu pai. Então só disse que estava passando o tempo e encontrei na internet.

– Deixe para lá, Bex – Heath me disse. – Mesmo que a mamãe tenha exagerado sobre o cabaré, o papai a traiu e abandonou todos nós. Não temos pai. Grande coisa. É a vida.

Ele provavelmente estava certo.

A senhora Lopez foi ver como eu estava depois da última leva de clientes da noite.

– Aguentando bem aí? Pés doendo?

– Devia ter comprado aquelas palmilhas que você me indicou – respondi, alongando o pescoço para os dois lados.

– Não, devia ter dito para Mary parar de deixar os turnos dela para você – ela apertou o botão da caneta de joaninha e a prendeu no avental. – Perdeu sua sessão de desenho de anatomia hoje? Como está se saindo?

– Perdi, mas tudo bem. Estou quase terminando. A única coisa boa de se fazer um milhão de esboços antes de escolher o melhor ângulo é que consegui um perfeito agora. Mais uma sessão para os detalhes finais e está pronto.

– Bem a tempo para o concurso de arte?

– Com uma semana de antecedência – eu disse com um sorriso. Estava me sentindo bem melhor em relação àquilo, principalmente depois de minha última sessão de desenho, quando um grupo de estudantes de medicina veio até o meu lado do laboratório para ver minhas ilustrações da Minnie. Pareceram impressionados. Tipo, impressionados *mesmo*.

Eu ia ganhar aquele maldito concurso. O dinheiro da bolsa era meu. Contanto que mantivesse a cabeça baixa e não deixasse nenhuma bizarrice familiar me distrair. O que não era fácil.

– Ei – eu disse. – Posso perguntar uma coisa sobre Joy? – Era a filha da senhora Lopez.
– Claro.
– Você mentiria para ela sobre algo importante? Tipo se, digamos, sua mãe roubasse seu dinheiro...
– Minha mãe? Ela é muito religiosa. Nunca roubaria nada.
– Mas, digamos que tenha roubado, e que você tenha ficado magoada com aquilo e preocupada por ela poder ser uma má influência para a Joy. Mentiria e diria para a Joy que a avó dela é pior do que é de verdade, só para desencorajá-la a ter qualquer relacionamento com ela?
– Você roubou grampos do almoxarifado? Pensei que tivesse sido alguém do novo serviço de limpeza.

Eu suspirei.

– Não, não peguei grampo nenhum. Por que eu precisaria de... – balancei a cabeça, frustrada.
– Não precisa ser roubar. Talvez sua mãe tenha um temperamento violento...

A senhora Lopez soltou um pequeno ruído angustiado.

– O que estou tentando dizer é... por alguma razão você contaria uma mentira para a Joy ou exageraria sobre alguém da família pensando no melhor para a sua filha?

A senhora Lopez olhou para mim com os olhos apertados.

– Faria qualquer coisa para manter Joy segura e feliz.

– Então a resposta é sim?

– Por que não pergunta a mesma coisa para a sua mãe? – ela disse, apontando uma unha vermelha perfeita e brilhante em minha direção, enquanto se distanciava do caixa com um olhar sábio.

Droga.

Que bem me traria fazer as pazes com o meu pai? Faria eu me sentir muito melhor em um passe de mágica? E como eu esperava tentar? Sairia escondida para encontrar com ele e sua querida Suzi para almoçar nos fins de semana? Porque minha mãe não concordaria de jeito nenhum que eu saísse para vê-lo. E se ela descobrisse que eu estava me encontrando com o meu pai pelas costas dela, ia ficar arrasada.

Isso ia acabar com a minha mãe e comigo.

E o meu pai não valia aquele risco, porque ela estava presente e ele não. Ela ficou, e ele não. E era isso.

Meia hora antes do meu turno duplo acabar, estava contando o dinheiro do caixa no escritório quando recebi uma mensagem de Jack: *A Enfermeira Katherine vai trabalhar no turno da noite amanhã?*

Respondi: *Acho que sim. Por quê?*

Ele escreveu: *Meus pais vão para Sacramento amanhã à tarde e não voltam até o meio-dia do dia seguinte.*

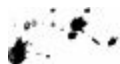
Eu reli o texto várias vezes. O que ele estava querendo dizer? Ele... ele estava insinuando...? Talvez fosse apenas uma oportunidade para passarmos um tempo juntos a sós, nada além disso. Eu queria que houvesse algo mais? Teria respondido “é claro que sim” para essa

pergunta cinco minutos antes, mas agora que ele estava dizendo aquilo (estava mesmo?), meus nervos estremeceram.

Como demorei um pouco para responder, ele escreveu de novo: *E *você*, trabalha amanhã?*

Depois de colocar uma pilha de notas de 20 sobre a mesa, eu me inclinei sobre a gaveta da caixa registradora para espiar a escala no mural. Eu tinha acabado de trabalhar em dobro para cobrir a Mary, então ela podia muito bem retribuir o favor. Escrevi: *Não sei.*

A resposta de Jack chegou alguns minutos depois: *Posso te pegar a qualquer hora depois das 16h.*



– Apontei as câmeras para o outro lado da rua – Jack disse, na noite seguinte, quando me viu olhando para a que ficava sobre o portão lateral da propriedade dos Vincent. – Só não passe da beirada da cerca e está tudo bem.

– Você eleva esse negócio de fazer coisas escondido a outro nível.

– Se seu pai fosse rei da cidade, você faria o mesmo.

Como tive que esperar minha mãe sair para o turno da madrugada antes de fugir com Jack, eram oito da noite e ainda estava claro lá fora.

– Seu vizinho está olhando pra gente.

Jack acenou e resmungou “idiota intrometido” em voz baixa.

– Vamos entrar para não parecer que estamos fazendo algo errado.

– Estamos? – perguntei. Porque só conseguia pensar nisso desde quando ele tinha me chamado para ir ali. Fazer coisas erradas com ele. E quando ele me mandou a mensagem tradicional de boa noite na noite anterior, eu estava mais do que apenas pensando naquilo. Considerei responder a mensagem com uma descrição explícita, mas perdi a coragem. Agora meio que queria ter feito isso, porque talvez assim tivesse uma ideia melhor das intenções dele para esta noite. Não percebi nenhum indício no caminho até ali; só conversamos sobre trabalho (chato) e sobre como estava Jillian (muito bem) e sobre a razão de seus pais estarem em Sacramento (um jantar para levantar fundos para a educação). Nem mesmo nos beijamos.

– Se estamos fazendo alguma coisa errada? – ele repetiu, pensativo. Estava tendo dificuldade para colocar a chave na fechadura. Ele me mostrou as mãos trêmulas e riu de si mesmo. – Acho que isso quer dizer que parte de mim espera que sim. Esse seu visual de camponesa é sexy para caramba, aliás.

Dentro do meu repertório de tranças, era a que ficava melhor em mim. Deixei-as soltas e puxei algumas mechas para fora, para dar um ar natural e romântico. Mas saber que ele tinha gostado delas fez um calor subir por meu corpo.

– Acho que existe uma boa piada aí sobre a filha do fazendeiro, mas estou ansiosa demais para pensar nisso – admiti.

– Vamos... hã, entrar logo antes que o senhor Martinez convoque o resto da patrulha da vizinhança.

Ele finalmente conseguiu abrir a porta. Entrei e olhei ao redor enquanto ele a trancava. Estávamos em uma saleta com piso de madeira escura. As paredes amarelas estavam cobertas

de obras de arte com molduras douradas. Uma moderna escada de madeira cortava os andares, dominando o espaço estreito, e, por ela ser aberta, eu conseguia espiar os andares de cima e de baixo. Atrás da escada havia uma sala de estar com uma lareira e uma parede de janelas com vista para os deques nos fundos. Estávamos no segundo andar, e vi o telhado do quarto da casa de hóspedes de Jack no canto oposto do jardim.

– Minha mãe coleciona arte – ele disse, enquanto eu observava a pintura de uma cadeira com cores bizarras. – A maioria é de artistas da Califórnia. Ela gosta mesmo de cadeiras velhas.

– É, deu para perceber – respondi, diplomática, vendo mais pinturas de cadeiras espalhadas pela casa.

– É excêntrico, eu sei. Vou fazer um roteiro VIP com você. Vai ver mais cadeiras do que sonhava ser possível.

Ele começou pela cozinha, que não era muito maior que a nossa, mas brilhava com os equipamentos de última geração, mármore polido e armários feitos sob medida. A ponte suspensa de madeira que eu tinha visto no feriado de Quatro de Julho se ligava a uma porta dos fundos que dava ali.

– Costumávamos dar festas com coquetéis no deque – Jack apontou.

Costumavam. Ele não comentou o que teria acontecido naquela cozinha que pôs um fim àquelas festas, mas eu não consegui deixar de montar a cena na cabeça, e me perguntei se estava bem no lugar em que Jillian tinha esfaqueado a mãe. Passamos rapidamente pela sala de estar e subimos para o andar de cima, que era basicamente uma grande sala aberta dividida em áreas menores: uma área de entretenimento para assistir a filmes, outra sala com lareira, um bar, montes das cadeiras como ele tinha prometido (e mais pinturas de cadeiras), e uma mesa de bilhar.

– Ninguém nem sabe jogar sinuca aqui – Jack admitiu.

Apontei para um aparelho dentro de um armário embutido de vidro.

– É um som e tanto.

– Podemos tocar música na sala que quisermos, ou em todas elas. O meu pai usa nas festas, para que tenha música tocando na casa inteira. Ele tem uma coleção de discos antigos e a vitrola ali.

– Nossa, o prefeito é hipster. Quem diria?

– Hummmm, *não*. Ele gosta dos Eagles.

Eu ri.

– Minha mãe ainda acha que Depeche Mode é supermoderno.

– O que acha de ouvir rádio, em vez disso? Escolha uma década. – Ele passou por canais com músicas das décadas de 1940 até 1990. Paramos nos anos 1950, em parte porque estava tocando “Heartbreak Hotel” e eu estiquei a mão e passei nos cabelos estilo Elvis do Jack.

– Você canta, também? – provoquei.

– Nada além do chuveiro – ele respondeu, segurando meus punhos e puxando minhas mãos para o peito. – Espero que não sonhe com um namorado poético, que toca guitarra e escreve canções de amor ruins, porque sou péssimo nesse campo.

– Você me conhece mesmo? Gosto de corações anatômicos, não de cartões de Dia dos

Namorados.

Ele olhou para o meu coração... ou para o meu decote – difícil saber. Eu estava usando uma blusa preta que normalmente caía um pouco no ombro, mas, por ainda estar de jaqueta, a “caidinha” aconteceu na frente e revelou mais do que eu gostaria. Ou revelou na medida certa.

Fiquei um pouco constrangida, então saí e dei uma volta pela sala. Vi uma porta em um canto escuro. Fazer coisa errada.

– Antes que pergunte, é a porta do porão. E não, não vou descer lá. Tipo, nunca mais.

Droga.

– Não te culpo por isso.

Ele coçou a lateral do pescoço, distraído.

– Para ser sincero, também não gosto de ficar nesse andar aqui.

Eu balancei a cabeça, sem saber o que dizer. Mas ele não removeu a lembrança. Apenas sorriu de leve e enroscou o dedo mindinho no meu.

– Vamos subir. Tem uma coisa que quero te mostrar.

Voltando pela escada enorme, fomos para o último andar, com a música nos seguindo até lá em cima. Havia quatro quartos cercando o escritório do pai dele, que era daqueles com bagunça organizada, com pequenas pilhas de papel e pastas de arquivo por todo lado.

– Parece que alguém limpa ao redor das pilhas – eu disse, rindo das marcas do aspirador de pó ainda visíveis no tapete.

– A senhora Weiser, dia sim, dia não, durante a semana. É nossa faxineira. Ela não vem quando meus pais estão fora da cidade.

U-la-lá, uma faxineira. Deve ser ótimo. Demorei alguns segundos para perceber que ele estava me garantindo que estávamos sozinhos, e aquilo fez meu estômago dar algumas cambalhotas.

Ele me conduziu por uma pequena escada em espiral no canto do escritório. Saímos em um sótão reformado. Um forro branco revestia a parte inferior do telhado, formando um “V” de cabeça para baixo. Havia pequenas prateleiras de livros nas paredes laterais. As únicas peças de mobília eram uma pequena cadeira estofada e uma luminária para leitura. Um tapete azul claro cobria a maior parte do chão de madeira.

A parede do fundo tinha uma janela tipo escotilha com vista para os deques, mas foi a parede da frente que atraiu toda a minha atenção. Era feita de vidro e tinha duas portas no meio, que abriam e se dobravam sobre elas mesmas para transformar o sótão em uma pequena varanda, onde uma parede de vidro na altura da cintura nos separava de uma vista incrível da cidade.

O ar frio da noite soprava pela porta aberta quando saímos para a varanda. A colina de Parnassus, contornada por árvores, erguia-se à esquerda (e, atrás dela, ficava meu bairro). O Buena Vista Park estava à nossa direita, e a Union Square, o coração de São Francisco, bem à nossa frente. As ruas, que escureciam, subiam em direção ao pôr do sol cor-de-rosa. Não estávamos alto o bastante para ver a baía, mas, de qualquer forma, era uma vista de um milhão de dólares.

Sentamos um ao lado do outro na beirada do tapete, estendendo as pernas para a varanda, e olhamos através da parede de vidro.

– Legal, não? – Jack perguntou. – É a melhor parte da casa. Jillian costumava vir aqui comigo e jogar aviõezinhos de papel para voar sobre os telhados.

Minutos se passaram enquanto eu ouvia música e observava as luzes dos postes nas ruas criarem vida sob a neblina. Devo ter relaxado um pouco demais, porque, quando finalmente falou alguma coisa, ele me assustou.

– Queria saber por que era tão ruim quando você saía com aquele tal de Howard Hooper.

– Já falei. Ele era um imbecil.

– Não, estou falando do sexo – ele esclareceu. – Preciso saber o que ele fazia de errado para não cometer o mesmo erro.

MINHAS BOCHECHAS PEGARAM FOGO, então não olhei para ele. Só disse:

– Oh.

– E se for ruim entre nós também? Você pode acabar me odiando.

– Isso não vai acontecer. Mas, se está preocupado – eu disse, com cuidado –, não precisamos... quero dizer... não estou esperando nada de você.

Ele pareceu assustado.

– Você não espera nada de mim? Quer dizer que espera que seja a mesma coisa?

– Não! Quis dizer... argh. – Puxei os joelhos para perto do peito e os abracei. – Quis dizer que se não estiver pronto, tudo bem.

– Ah, estou pronto – ele disse, tão confiante que aqueceu meu peito. – Só quero saber o que deu errado. Tipo, especificamente.

– Especificamente?

– Se não podemos conversar sobre isso, como podemos fazer isso? – Ele tinha razão. – Por que foi ruim?

Eu suspirei.

– Para começar, sempre foi no carro.

– Que era apertado? – ele chutou.

Está bem. Ele queria mesmo saber? Eu ia contar tudo.

– Parecia vulgar. Como se ele não se incomodasse em me proporcionar algo melhor. E ou tinha uma fivela de cinto de segurança cutucando minhas costelas, ou minha cabeça batia no teto do carro... O que, depois de eu terminar com ele, parece que ele contou para alguns de seus amigos da aula de inglês. Porque um par deles passou a fazer piadas comigo, do tipo: “Machucou a cabeça hoje, Mortícia?”. Ou batiam na mesa e diziam: “Que som é esse? É a cabeça da Mortícia batendo no teto do carro”.

– Minha Nossa Senhora – Jack resmungou. – Sério?

– É por isso que odeio ficar por cima, por sinal. O que mais? Vamos ver. Howard estava sempre com pressa, então, apesar de querer me ver pelada, ele se recusava a fazer algo além de descer o jeans dele alguns centímetros, “só para o caso” de alguém nos pegar e termos que fugir depressa.

– Que sexy.

Depois que comecei a confessar, não conseguia parar.

– Então é claro que sempre durava, tipo, três minutos. Ele só ia me buscar e estacionava em algum lugar, e depois me levava direto para casa, para poder correr para a casa dele e jogar videogame com aqueles amigos babacas.

– Pode repetir por que estava com esse imbecil mesmo?

– Ele também disse uma vez que não dava mais para me levar ao cinema porque tinha largado o emprego que era depois da aula, mas na manhã da segunda-feira seguinte ouvi o cara

se gabando sobre algum tipo de festa da equipe de natação com bebida à vontade, e que tinha dado trinta dólares para ajudar a comprar cerveja. Ah, e ele nunca quis ficar comigo em casa porque falava que “não curtia esse lance de conhecer os pais”.

– O que Katherine, a Grande, pensa sobre isso?

– Nunca contei para ela sobre o Howard.

– Entendi.

Abracei os joelhos mais apertado.

– Se quer saber a verdade, eu provavelmente não devia ter caído nessa. Ignorei um monte de coisas que não gostava nele desde o início porque... bem, porque estava sozinha e só queria fazer alguma coisa que fizesse eu me sentir mais no controle da minha vida.

– Ele foi sua maçã dourada.

Pensei naquilo por um momento.

– Não, porque não estava ajudando ninguém com aquilo. Não estava fazendo nada poético, nem belo, e não tinha boas intenções. Só fazia aquilo para me sentir melhor.

– Hum – Jack apoiou o braço em seu joelho dobrado. – Bem, além dos arroubos de idiotice extrema, que nem vou abordar, porque esse cara é claramente um completo idiota que não te merecia...

– Essa é a verdade – murmurei.

– Mas o que está me dizendo é que não gosta de ser apressada – ele começou a enumerar uma lista com os dedos –, nem de ficar por cima. Você *gosta* que a nudez seja proporcional entre os dois, e prefere que não aconteça no carro.

– Bem, o que nós dois fizemos no carro até que foi bom – admiti, olhando para ele. – Muito bom.

– Ah, que bom – ele disse com um sorriso gentil. – Também achei.

– Mas na cama seria melhor. Ou em qualquer lugar que não fosse público.

– Que tal em cima de alguns sacos de lixo em um beco escuro? – ele provocou.

– Que nojo.

– Debaixo das embalagens de água sanitária, perto das bandejas de nachos vazias e das bitucas de cigarro?

Eu o empurrei e nós dois rimos. Então mordi o lábio e, por fim, disse:

– Sempre usamos camisinha, só para você saber. Posso ter sido estúpida, mas não irresponsável.

– Comprei umas novas – ele disse. – Eu achei meio estranho esse negócio de pegar as da sua mãe, sem querer ofender.

Ah, uau. Aquilo fez meu coração acelerar.

– Eu trouxe algumas, caso precisemos – comentei.

– Trouxe?

– Não que presumisse alguma coisa.

– Presuma o que quiser – ele disse, em tom de brincadeira, franzindo os lábios. Alguns segundos se passaram. – Por sinal, li um livro inteiro sobre orgasmo feminino na noite passada.

Eu quase engasguei.

– E assisti a muita pornografia...

– Ai, meu Deus – eu disse, cobrindo o rosto com as mãos.

– ... então não estou totalmente despreparado.

Um barulho estranho e distorcido saiu da minha boca. Fiz o possível para transformá-lo em um “tudo bem” tosco.

– Só me prometa uma coisa – ele continuou. – Se não for bom, diga. Não vá ficar com raiva e ressentida comigo. Prefiro que a gente não faça nada e continue com o que temos agora do que ferrar tudo entre nós. Beleza?

Concordei com a cabeça.

Ele também concordou.

Ficou um silêncio esquisito até ele finalmente dizer:

– Então, o que acha de jantarmos?

Ah. Esperava não transparecer estar tão decepcionada – ou, ao mesmo tempo, aliviada – como de fato me sentia. Lembrei a mim mesma que ele só estava fazendo o que eu tinha dito que gostava: nada apressado. Estávamos apenas passando um tempo juntos. Além disso, o turno da minha mãe só acabava às sete da manhã, e ainda faltavam quase dez horas.

Ele se levantou e ofereceu uma mão para me ajudar. Quando fiquei em pé, Jack estava mais próximo do que imaginei, e trombei com ele. Pedi desculpas e tentei dar um passo para trás, mas ele me impediu abraçando meu quadril.

– Não está com medo, está?

Eu queria dizer “é claro que não”, mas o que saiu foi:

– Você ainda nem me beijou hoje.

– Você também não me beijou.

Eu sorri e me senti encabulada.

– Ah.

Ele passou o dedo por uma das minhas tranças e ajeitou os cabelos soltos nas minhas têmporas. Meu olhar rastreou seus movimentos e depois parou em seu rosto. Seus dedos ficaram imóveis. Olhamos um para o outro por alguns segundos e então nos aproximamos.

Os lábios dele, quentes, tocaram os meus. Seus braços me puxaram para perto, e encostamos um no outro, dos ombros ao quadril. Talvez fosse por causa de toda aquela conversa sincera sobre sexo, mas eu estava extremamente excitada e irracionalmente tensa ao mesmo tempo. Minhas mãos acharam o caminho para as costas dele, por baixo da barra de sua camiseta macia. Ele era quente e firme e musculoso, e passei a ponta dos dedos pelos ossos de sua coluna, enquanto ele beijava meu pescoço. Tudo era tão bom. Bom demais. Meus joelhos ficaram fracos, e quase cambaleei para cima dele, mas rapidamente me recompus.

– Talvez seja melhor pular o jantar – ele disse com a voz bem firme.

– Talvez seja melhor pular o lance da cama, também – eu disse, meio que brincando, para disfarçar meu constrangimento por causa dos joelhos trêmulos.

– Tudo bem – ele disse. – Aqui?

Espere, aqui? Agora? Eu só estava brincando. Jack, no entanto, não. Meus nervos se descontrolaram.

- Acha que alguém pode ver a gente? – perguntei.
 - Não, a não ser que tenham binóculos de visão noturna.
- Certo. Tudo bem.
- Você trouxe...?
 - No bolso.
 - Está bem.
 - Mesmo?

Eu sentia meu pulso *disparando* através das minhas têmporas.

- Mesmo – respondi.

Começamos a tirar as roupas um do outro, peça por peça: jaqueta, sapatos, meias, camisetas. Quase desmaiei com a emoção ao ver seu peito nu e aquelas tatuagens em seus braços, com as cores intensas e saturadas, mesmo sob o luar azulado. E debaixo do peito, a faixa escura de pelos levando ao...

- Você tem uma fivela do clube 4-H – sussurrei.
- Era do meu avô. Ele adorava vacas.

Eu adorava as vacas naquele momento, também. Meus dedos tremiam quando eu finalmente, *finalmente* – ESTAVA MESMO FAZENDO AQUILO? – coloquei as mãos naquela fivela. Estava tão concentrada em abri-la que não percebi que ele lutava para abrir meu sutiã até ouvi-lo resmungar. Dei uma risada de nervoso, e ele me puxou para perto para poder ver o que fazia por cima do meu ombro. E me censurou com voz provocante:

- Acha isso engraçado, é? Vou rasgar esse negócio em um segundo se ele não... pronto.

Senti o ar fresco na minha pele. Por um momento de pânico, quis me cobrir. Mas minha timidez se desfez quando ele me tocou, primeiro de uma forma gentil, depois com mais confiança. E na hora que tiramos o resto das roupas, ele estava mais que confiante. Ele estava totalmente convencido.

- Não consigo ficar em pé enquanto faz isso – eu disse, praticamente ofegante.
- Tão mandona – ele provocou. Descemos para o chão, e ele me beijou em alguns lugares novos e maravilhosos para depois começar a me tocar de novo, mas foi...

– Ai.

- Desculpe, desculpe – ele murmurou. – O que foi? Assim está melhor?
- Hum... Acho que sim. – Era mais esquisito do que eu esperava. Uma dúvida surgiu em meus pensamentos. Não sobre Jack, mas sobre eu mesma. E se o problema não fosse Howard Hooper? E se fosse eu? Talvez eu fosse péssima no sexo. Tipo, ruim mesmo. E se a preocupação de Jack sobre isso mudar nossa relação não estivesse errada? E se...

- E assim? – ele murmurou.

Eu não consegui responder. Não por um momento. Mas então me dei conta de que podia tocá-lo também – tocá-lo de verdade! Em qualquer lugar! – Retribuí os movimentos ousados dele e me maravilhei enquanto ele estremecia sob meus dedos.

Tudo era diferente com Jack. Mais intenso. Cheio de emoção. Mais forte. Melhor... Ele. Nós. Tudo isso. E, uma a uma, minhas dúvidas diminuíram até quase desaparecerem.

- Agora, Jack, por favor.

– Tem certeza?

– *Sim.*

– Está quase lá?

– Talvez. Está rindo de *mim*?

Ele sorriu para mim com os olhos pesados enquanto fuçava no bolso do seu jeans no chão.

– Só porque estou feliz.

Eu ri um pouco, também, sem fôlego, e depois gemi.

– Por favor, rápido. Sabe colocar?

– Se eu mentir e disser que não, você me ajuda?

– Você é bem descarado para alguém virgem.

– Eu já disse, Bex. Você desperta o melhor de mim. Ah, não faça isso. É bom demais. Vem para cá... Minha nossa, você é linda.

– Jack...

– Eu...

– Ai...

– *Meu Deus.* Estou te machucando?

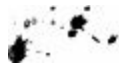
Eu respondi recuando.

– É tão bom estar com você – ele sussurrou.

– Por favor, não pare.

– Nem você.

Perto do fim, virei o rosto para o tapete porque estava vulnerável e com medo de deixá-lo me ver perdendo o controle. Ele inclinou a cabeça na direção do meu pescoço e sussurrou incentivos ofegantes até que nenhum de nós conseguiu dizer mais nada.



A brisa noturna que entrava pelas portas abertas ficou mais forte. Encolhida ao lado de Jack, eu me aconcheguei perto dele, mas mesmo sua pele quente não conseguia espantar aquele friozinho.

– Está com frio? – ele perguntou, rolando para perto de mim para me envolver com seu corpo.

– Um pouco. Mas ao mesmo tempo não quero me mexer. Tipo, nunca mais.

– Podemos costurar nossas roupas uma na outra e fazer uma coberta.

– Coletar água da chuva com nossos sapatos.

– Colher folhas do topo dos ciprestes para comer – ele sugeriu.

– Ou montar uma armadilha com livros e atrair gaivotas para a varanda.

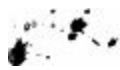
– Hum, aves cruas – ele disse. – Renuncio aos meus hábitos vegetarianos neste segundo.

Eu ri e me agarrei a ele com braços e pernas, inalando o aroma de bálsamo de sua pele.

– Você me faz tão feliz – murmurei junto à batida ritmada de seu coração.

– Acho que estive esperando por você a vida inteira – ele murmurou em resposta.

E então fizemos tudo de novo.



Finalmente abandonamos nosso ninho no sótão por volta da meia-noite. E depois que ele trouxe uma sopa de milho deliciosa e muffins de queijo que tinha comprado em algum lugar que vendia para viagem (minha sopa tinha pedaços de presunto, o que, eu disse para ele, era o gesto romântico supremo), ele trancou a casa principal e passamos as seis horas de liberdade roubada restantes no quarto dele nos fundos, quente e aconchegante. A maior parte do tempo sem roupa.

Tomamos um banho juntos e tentamos fazer um sexo superquente em pé, mas depois de quase quebrar nossas costas tentando achar um ângulo bom – o lance de garota baixinha e cara alto não era exatamente prático – acabamos na cama. Ele me deixou ler os quadrinhos que fez (as habilidades humorísticas e narrativas de Jack eram um pouco melhores que os desenhos de Andy) e me apresentou formalmente a seu peixe-betta, Sashimi Terceiro. (Ambos os predecessores tinham recebido ritos funerários completos e sido enterrados perto da casa de hóspedes.)

Mas, depois de outra sessão de sexo em uma posição muito interessante que ele tinha aprendido no livro, eu não conseguia mais ficar acordada. Então ficamos de conchinha, cochilando até que o despertador tocou e ele precisou me levar para casa.

Dizer tchau para ele naquela manhã foi uma das coisas mais difíceis que já tinha feito. Chorei um pouco. Não consegui evitar. Se fôssemos mais velhos, ele teria sua própria casa, e eu poderia passar a noite. Ou se eu tivesse minha própria casa, ele poderia ficar. Não era nem pelo sexo. Queria dormir com ele e acordar com ele. Queria o pacote completo. Queria mais.

– Um dia – ele prometeu.

Ele me abraçou na calçada em frente à minha casa até não podermos mais, e então vi os faróis traseiros do Fantasma desaparecerem na neblina.

A luz da janela da frente estava acesa. Talvez Heath tivesse esquecido de apagá-la. Esperava que a minha mãe não tivesse voltado para um lanche noturno e reparado que eu não estava no meu quarto. Os doze degraus até a porta pareciam a montanha amaldiçoada de Sísifo, e quando enfiei a chave na fechadura, a rocha mítica rolou montanha abaixo: ela já estava destrancada.

Abri a porta com a ponta dos dedos e encarei meu pior pesadelo. Um esquadrão de atiradores formado por duas pessoas esperava por mim: Heath e minha mãe, que estava sentada no sofá da sala de braços cruzados e com sangue nos olhos.

NÃO DISSE UMA PALAVRA SEQUER. Não precisei. A minha mãe falou sozinha.

– Sente-se, Beatrix – ela disse, com a voz tensa.

Atordoada, sentei no sofá perto da janela da sala, o mais longe dela que consegui. A luz da luminária brilhava em meus olhos como se fosse um holofote.

– Não atende mais o telefone? – ela perguntou. – Porque eu liguei umas doze vezes para você.

Droga! Não tinha checado o celular quando estava na casa do Jack – provavelmente o maior tempo que já tinha passado sem olhar para ele. Acho que estava distraída.

Quando não disse nada, ela perguntou:

– Onde esteve a noite toda?

Rapidamente ponderei sobre minhas opções. Ah, é mesmo: não tinha nenhuma. Estava exausta e tinha passado as últimas dez horas, mais ou menos, batendo com Jack o recorde de sexo da minha vida inteira.

– Estava com o Jack – admiti.

– Onde?

– Na casa dele. – Devo dizer que caímos no sono, ou isso vai entregar o que estávamos fazendo? Não consegui decidir, então não me aprofundei.

– E os pais dele concordaram com você ficar lá até às sete da manhã?

Ai, ai.

– Eles não estavam em casa.

– Isso é maravilhoso, Bex. Maravilhoso. Vocês estão fazendo coisas escondido de todo mundo, então?

– Foi só dessa vez.

– Ah, é mesmo? – O rosto dela estava da mesma cor das maçãs estampadas no uniforme de enfermeira que usava. Ela estava *braaaaava*. – Só dessa vez, é? Adivinhe quem eu encontrei na noite passada, Beatrix? Vamos lá, adivinhe. Nada? Deu branco? Bem, deixe-me ajudar. Eu encontrei a doutora Denise Sheridan, chefe do laboratório de anatomia. Faz você lembrar de alguma coisa?

Ops.

– Ah, ela te conhece muito bem – a minha mãe prosseguiu com a Voz. Mais. Sarcástica. Da. História. – A mãe dela foi várias vezes ao PS esse verão por causa de problemas no coração...

Como eu ia saber. Acho que a doutora Sheridan foi *mesmo* surpreendida por uma emergência familiar naquela primeira noite, quando me deu o cano.

– ... e quando fui conversar com ela na sala de espera, ela perguntou como estavam indo seus desenhos de cadáveres. Eu, é claro, fiquei parecendo uma completa idiota porque lembrei que da última vez em que conversamos sobre o assunto, eu te disse especificamente para não

fazer isso *em nenhuma circunstância*. Que era repulsivo e inapropriado para uma garota da sua idade ficar sentada em uma sala cheia de gente morta.

Foi nesse ponto que notei meu bloco com desenhos da Minnie no assento ao lado da minha mãe. Evidência irrefutável. Não tinha como enrolar. Olhei para Heath, implorando em silêncio: *ajude sua irmã, cara!* Mas ele só olhava para o chão.

– E o que mais, solicitou para o prefeito Vincent ligar para a doutora Sheridan e pedir para que flexibilizasse as regras para você?

– Não fiz isso! – eu me defendi. – Jack fez isso sem que eu soubesse. Só estava tentando ser gentil. Na época, eu nem sabia que o pai dele era o prefeito.

– *Eu* disse para *não* fazer – ela surtou. – Eu sou sua mãe, não o prefeito Vincent!

– Desculpe – eu disse. – Só queria ganhar o dinheiro para a bolsa, e precisava de uma arte autêntica. Não estava por aí bebendo ou fumando maconha...

– Não, mas estava andando pela cidade com um vândalo procurado.

Eu paralisei, com os braços agarrando o encosto do sofá, enquanto meu coração galopava junto a minhas costelas. Não tinha como ela ter descoberto isso. Não tinha, a não ser que...

– Sinto muito, Bex – Heath confessou, parecendo estar na defensiva. – Meio que escapou.

– Você prometeu!

– E eu também disse que ele parecia ser má companhia!

– Ele está o mais longe possível de ser má companhia. Ele é doce e carinhoso, e gosta de vocês dois, e vocês dão uma facada nas costas dele... e nas minhas?!

Heath fazia caretas e se mexia de forma desconfortável.

– Não disse uma palavra para a mamãe quando você estava caçando homens pelos bares do Castro no começo do verão.

– Eu parei com isso – ele disse, raivoso. – Você parou?

– O quê? Nunca pichei uma linha sequer. E vocês dois não fazem ideia do motivo pelo qual ele faz isso ou pelo que ele tem passado.

– Um policial apareceu para te fazer perguntas, e você mentiu na cara dele – minha mãe gritou. – Jack Vincent é um delinquente!

– Ele é a pessoa mais digna que conheço. E estou apaixonada por ele. – Pronto. Disse. Para todos ouvirem. Mas o que eu pensava ser a maior notícia da manhã apenas provocou na minha mãe uma gargalhada cruel. O som dela atingiu meu peito como um martelo.

– Você não sabe o que é o amor – ela disse. – E Jack também não, porque não se arrasta alguém que se ama para a sujeira. Você não comete crimes e convence sua namorada a sair escondida e a mentir para a própria família.

Ela não devia mesmo ter dito aquilo. Perdi completamente o controle. Todos os parafusos que seguravam minha cabeça caíram e quicaram no chão.

– Ah, e você é uma perita nisso? Deve ser por isso que contou para Heath e para mim todas aquelas mentiras sobre o papai, como por exemplo que a nova esposa dele era dona de um clube de striptease quando, na verdade, ela era dona uma casa de jazz. E como o papai se recusava a pagar a pensão, quando na verdade era você que não aceitava, porque se importava mais com seu orgulho estúpido do que com o bem-estar dos próprios filhos.

Silêncio mortal. Nada além de uma sirene de polícia soando em algum lugar distante.

O rosto vermelho de raiva da minha mãe ficou branco, enquanto o queixo de Heath caiu.

Agora era tarde demais para retirar o que eu tinha dito.

– É, eu encontrei com ele em Berkeley naquela tarde – eu disse, desafiadora. – Ele me mandou um presente de aniversário. Aquele que você disse que jogaria no lixo. Ele vem tentando nos visitar, e você recusa.

Os olhos da minha mãe se encheram de lágrimas.

– Sou sua mãe! – ela disse com uma voz que parecia descontrolada, angustiada e derrotada. – Ele me traiu. Ele me deixou para ficar com *ela*. Ele abandonou todos nós.

– Ele pode ser um imbecil, mas ainda é nosso pai. E você mentiu para a gente.

– O quê? Está do lado dele agora?

– Não – eu respondi. – Eu devolvi o presente para ele, e tivemos uma briga feia. Mas você podia ter contado para mim e para o Heath que ele tentava nos visitar. Poderia ter contado que ele se mudou para o outro lado da baía.

– Ele arruinou a minha vida. Fez com que me sentisse inútil – ela confessou. Uma única lágrima escorria por seu rosto. Ela logo a enxugou. – Eu costumava dizer a mim mesma que não queria que ele fizesse vocês dois se sentirem do mesmo jeito. Mas se quer saber a verdade, vocês eram a única coisa que eu tinha e que ele queria. E afastando vocês dele, eu tinha controle sobre alguma coisa. Podia fazê-lo sofrer.

Não sabia o que dizer sobre aquilo. Heath também não. Ele pôs as mãos na cabeça e foi, devagar, para a cozinha. Todos estavam tristes agora.

– Sinto muito por não ter contado sobre o laboratório de anatomia – eu disse, depois de um tempo. – Mas nós duas sabemos que não consigo bancar a faculdade se não conseguir uma bolsa ou subsídios. E quanto ao meu pai, não me arrependo de ter encontrado com ele. Ele ainda é um idiota, se isso faz você se sentir melhor. E não sei se quero ou não voltar a vê-lo. Mas não me desculpo por Jack. Ele está passando por uma coisa que você não pode nem imaginar...

– Não me importa – a minha mãe disse, deixando a dor de repente para trás. – Ele é um delinquente procurado pela polícia, um adolescente...

– Por favor, não diga adolescente problemático.

– Tudo bem, espertinha. Mas se quer tanto ir para a faculdade, pense nisso. Não vai a lugar nenhum se tiver ficha na polícia.

– Eu não vou...

– Está certa, não vai. Não vai vê-lo nunca mais. Só vai sair dessa casa para trabalhar.

– Não pode fazer isso! Tenho dezoito anos, não oito.

– Minha casa, minhas regras.

– Beleza. Vou pegar minhas coisas agora mesmo e vou embora.

– Nem pense nisso, senão vou tocar a campainha dos Vincent e contar para o prefeito que o filho precioso dele está vandalizando a cidade.

– Você não *ousaria*.

– Faça um teste, Beatrix. Eu faria isso e vou fazer.

Como ela podia ser tão inacreditavelmente cruel?

– Você vive falando que só quer minha felicidade, mas quando finalmente estou feliz, não consegue suportar, não é? Tinha que arruinar minha vida também, porque se você não está feliz, ninguém pode estar. – Fui a passos largos para o meu quarto e me virei para uma última porrada. – Talvez seja por isso que o meu pai te deixou, para começo de conversa.

As portas de raio x balançaram quando as bati. Caí na minha cama, afundada em tristeza e desespero, e enfiei a cabeça embaixo do travesseiro para abafar o som do choro da minha mãe.

DE ALGUMA FORMA, CONSEGUI DORMIR até meio-dia. Quando acordei, fiquei na cama e mandei uma mensagem para o Jack para avisar que enviaria um e-mail explicando o que estava acontecendo. Ele não respondeu, mas imaginei que devia estar dormindo ou ocupado com a volta dos pais dele de Sacramento. Prestei atenção nos sons cotidianos do outro lado da porta, e quando determinei que a área estava limpa, fui direto para o banheiro. Saí do chuveiro e estava penteando o cabelo quando alguém bateu.

- Vá embora.
- Sinto muito – a voz de Heath ressoou através da madeira.
- Eu também – respondi. – Por confiar em você.
- Por favor, Bex. Quero saber o que aconteceu entre você e o papai.
- Devia ter pensado nisso antes de me trair. Vá embora.

Liguei o chuveiro de novo para parecer que tinha voltado para o banho, e ele finalmente foi embora. Não voltou a aparecer enquanto eu me aprontava para o trabalho, mas a minha mãe sim. Vi a silhueta minúscula dela na cozinha quando fui em direção à porta.

– Trabalho das três às sete – disse para ela. – Se não acreditar em mim, pode ligar para a senhora Lopez e confirmar minha escala de agora em diante. – E, com isso, fechei a porta e saí.

Assim como minha vida, meu trabalho foi um desastre. Estava preocupada e completamente atrapalhada, e quase comecei a chorar quando uma mulher arrogante de 20 e poucos anos gritou comigo por eu ter derrubado seus ovos orgânicos. Acho que a senhora Lopez ficou com pena, ou algo assim, porque me disse baixinho que já era hora do meu intervalo (não era), assumiu meu caixa e me mandou para a sala de contagem. Chegando lá, tentei o truque da respiração do Jack, mas não ajudou.

Como se soubesse que estava pensando nele, meu celular apitou com uma mensagem do Jack, pedindo para eu ligar para ele o mais rápido possível, e foi o que fiz.

Ele atendeu prontamente e perguntou, sem fôlego:

– Onde você está?

Senti uma onda de alívio quando ouvi aquela voz grave. Desabei em uma cadeira dobrável e respondi:

- No trabalho, fazendo meu intervalo.
- Sua mãe te disse alguma coisa hoje?
- Nem uma palavra.
- Acha que está falando sério sobre contar para os meus pais?
- Se ela me pegar saindo escondida para te encontrar, sim. Ela deve contar. Desculpe, Jack. Não queria ter falado para o Heath.

– Droga, Bex. Você era a única que sabia. Confiei em você para manter segredo.

Ele estava bravo comigo? A preocupação me deu um aperto no peito e travou minha garganta.

– Foi depois da convulsão da Jillian, e eu não sabia se você estava me ignorando, então pedi um conselho para o Heath. Ele só adivinhou porque sou uma péssima mentirosa, e nunca achei que ele fosse me trair...

– O que está feito, está feito – ele disse.

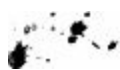
Cobri os olhos com as mãos, como se ele pudesse me ver pelo telefone.

– *Sinto muito*. Você tem que acreditar em mim.

– Olha, eu tenho que ir. Vou pensar em alguma coisa.

– Jack...

Ele já tinha desligado.



Morri de medo de ir para casa depois do meu turno. Minha mãe não estava trabalhando, o que me deixava ansiosa por achar que estaria esperando por mim. Normalmente, em dias assim, ela esperaria eu chegar para jantar, e mesmo que fosse só salada ou o Pecado Supremo (que é como ela chamava o guacamole caseiro com nachos, que às vezes era nossa refeição), assistíamos a alguma coisa tosca em DVD e comíamos juntas.

Isso não aconteceria naquela noite, não depois de tudo o que eu tinha dito para ela. Mas não dava para simplesmente mandar uma mensagem e dizer que estava de saída. Meus dias de escapar às escondidas por aí tinham acabado. Então, mantive a cabeça baixa e corri para o quarto, apertando o passo quando percebi o movimento na cozinha. Mas antes que eu conseguisse me abrigar e me isolar, os passos dela pararam bem na minha porta.

– Ei – ela disse, entrando no quarto enquanto eu tirava o casaco.

– Oi.

Alguma coisa quicou na minha cama. Levantei a cabeça e vi meu caderno com esboços da Minnie.

– Pode terminar seu trabalho no laboratório de anatomia – ela disse. – Mas isso não é uma licença para ir aonde quiser depois. É só o laboratório e, depois, casa.

Fiquei um pouco surpresa. Tentei responder, mas só saiu um grunhido.

– O jantar está na cozinha – ela acrescentou e depois saiu. A ouvi arrastando os pés até o quarto, e a porta se fechando.

Qualquer pequena esperança que isso tinha me dado se acabou quando Jack me ligou de novo mais tarde, ao invés de mandar nossas mensagens costumeiras de boa noite. Meu coração acelerou quando atendi ao telefone.

– Não posso falar muito – ele disse, apressado. – Minha mãe deve chegar a qualquer momento.

– Tudo bem.

– Conte para eles.

– O quê?

– Conte para eles sobre o grafite.

– Ah, não. Jack? Por quê?

– Já era hora.

– O que eles disseram?

– A minha mãe chorou, o que não foi legal. O meu pai está furioso. Primeiro achei que ia fazer eu me entregar para a polícia, mas ele não queria a publicidade negativa. Agora está ameaçando me mandar terminar o ensino médio em um colégio interno em Massachusetts.

– O quê? – Com certeza era uma piada ou algum tipo de história falsa para encobrir alguma coisa, tipo a Jillian ter sido mandada para um colégio interno na Europa. Só que... não era.

– Alguma dessas escolas preparatórias de elite – ele disse, com raiva. – É uma porta de entrada para as melhores faculdades, mas não quero ir para Harvard, nem para o MIT, e não posso sair de São Francisco. Só Deus sabe como a Jillian iria reagir. Ela não lida bem com mudanças, e o meu pai sabe disso. Não consigo nem acreditar que ele consideraria essa opção. Mas acho que é o que ele faz com tudo que não sabe como resolver. Enfia em algum lugar longe da sua vista. Primeiro a Jillian, depois eu.

– Isso não pode acontecer – sussurrei. – É tudo minha culpa.

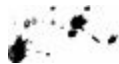
– Ei, pare com isso. Não é. Estou feliz por ter contado para eles. É como se um peso saísse dos meus ombros. E não estou bravo, então nem pense nisso. Escutou? Desculpe por ter ficado chateado mais cedo. Só estava em choque. Mas fiz por nós dois, para que sua mãe não use isso contra você. Achei que ajudaria, mas acho que só estraguei mais as coisas.

Segurei as lágrimas e me encolhi na cabeceira da cama.

– Ah, Jack.

– Você é a única coisa boa na minha vida. Se ele me obrigar a me mudar para o outro lado do país...? Meu Deus, Bex. Já estou morrendo aqui. Um dia longe de você parece uma eternidade. O que vai acontecer se ficar meses sem poder te ver?

Meses. Eu não conseguia nem assimilar isso, mas já sentia a saudade em potencial atingir meu peito, um sinal do que estava por vir.



Já faz semanas que não publico no blog *Corp-O-Rama*. Sem querer parecer trágica, de certa forma aquele era o único meio que eu tinha para me comunicar agora, já que ninguém mais falava comigo. Bem, Jack falaria se pudesse, mas antes de desligar na noite anterior, ele me avisou que seus pais estavam observando cada movimento dele, e que sabiam do truque que fazia com as câmeras de segurança da casa. Também ameaçaram monitorar suas mensagens. De certo modo, acho que fiquei feliz por ter comprado um celular. A minha mãe não podia cancelar a linha, nem fazer nada do tipo.

Com tudo isso na cabeça, fiz um rápido esboço de um coração humano e adicionei legendas para todas as partes dele. Não era nenhum Max Brödel – isso posso dizer. E talvez por estar tão rabiscado, ou porque minha vida estava de cabeça para baixo, fuzei no fundo do guarda-roupa e achei meu estojo de lápis de cor. Os cheiros da madeira e da cera subiram quando abri a tampa. Apontei o lápis vermelho e, respirando bem fundo, encostei a ponta no papel.

Eu só queria delinear o que já tinha desenhado, mas meia hora passou e eu tinha sombreado suavemente o contorno do esboço inteiro. Fiquei preocupada, achando que toda aquela cor deixaria o desenho espalhafatoso, mas não ficou tão ruim.

– Imagine só, Lester – eu disse para meu esqueleto de um braço só.

Alguns cortes na forma de um quadrado, e o coração e suas legendas foram perfeitamente separados do resto do papel. Eu o rasguei com cuidado em dois e coleí os pedaços em uma folha de papel preto. Pronto. Antes que pudesse desistir ou pensar duas vezes em qualquer coisa, coloquei o trabalho no scanner e posteí a imagem pelo meu perfil BioArtGirl apenas com data e hora no título. E, sabe, isso fez eu me sentir um pouco melhor, na verdade.

Naquela noite, minha mãe não estava trabalhando, então ela me deixou no laboratório de anatomia e disse que voltaria para me buscar às 20h. Ela não acrescentou “em ponto” no fim da frase, mas senti que a sugestão era óbvia o bastante.

Estávamos nos comunicando apenas quando era imprescindível, mas pelo menos era melhor do que gritar uma com a outra, e, com certeza, era mais comunicação do que a que eu tinha com Heath. Convenientemente, ele ia passar a noite na casa do Noah. A minha mãe que me contou – não ele. Ela também disse que Heath já havia escolhido a data para se mudar: um dia depois da minha mostra de arte.

Não vi Simon Gan na frente do laboratório, mas, depois que assinei o registro de entrada e coloquei meu crachá de visitante, fui até a sala com os cadáveres e o vi em seu lugar de costume. Ele me viu descarregando minhas coisas e acenou. O cavalete que eu usava para apoiar meu bloco de desenho não estava por perto, mas havia vários outros espalhados pela sala. Fui pegar um, mas parei quando percebi que algo estava... faltando.

Na mesa de metal da Minnie, estava deitado o corpo de um homem velho e magro. A perna dele tinha sido aberta para dissecação perto de um par de testículos inchados.

– Senhorita Adams – Simon me chamou.

– Houve algum engano – respondi, examinando os outros corpos cobertos com lençol. – Esta não é a Minnie.

Ele parou do outro lado do cadáver e recuperou o fôlego.

– É o que eu ia dizer. A Minnie foi cremada há dois dias. Este é o Mickey.

– Cremada? Por quê?

– Tinham terminado de dissecá-la, e ela já estava no laboratório há nove meses. Chegou a hora dela.

– Mas eu não tinha terminado – argumentei. – Como ninguém me avisou?

– Pedi para a assistente da doutora Sheridan avisar, no caso de querer estar aqui para a cremação.

– Não recebi nenhum e-mail.

– Sinto muito por isso – ele disse, parecendo um pedido sincero de desculpas. – Mas veja pelo lado bom. Pelo menos esse novo corpo vai dar a você uma pessoa diferente para desenhar.

Eu não queria ninguém novo. Queria a Minnie. Eu não tinha terminado! E quem era esse cara, afinal? Mickey? Eu não o conhecia. Era velho e nojento, e tinha um fedor muito forte de formol. Não queria inventar uma nova história para sua vida, e não queria desenhar a dissecação da perna dele. Parecia uma blasfêmia. Um tapa na cara da Minnie.

As lágrimas embaçaram minha visão. Recolhi minhas coisas e corri para fora do laboratório. Não parei até descer todas as escadas, um andar após o outro e, por fim, chegar ao gramado na

frente do prédio e me escorar na árvore onde Jack havia me ensinado o truque da respiração. Eu estava destrozada.

Meu projeto não estava finalizado.

Minha obra para a mostra de arte já era.

O que eu ia fazer? Só tinha uma semana. Uma semana! E o desenho inacabado da Minnie tinha tomado um maldito mês inteiro.

Tudo estava uma merda. Dois dias antes, eu me aconchegava nos braços do Jack, satisfeita e feliz. Agora, minha liberdade tinha sido tirada de mim, meu irmão tinha traído minha confiança, minha mãe e eu mal nos falávamos, e meu namorado poderia ser mandado para outro planeta – mais ou menos a distância a que Massachusetts parecia ficar.

E agora isso?

Em um ataque de fúria, peguei o bloco de desenho e arranquei as páginas. *Rasg!* Esboços do primeiro dia no laboratório, quando vomitei nos arbustos. *Rasg!* Todos os desenhos preliminares. *Rasg! Rasg! Rasg!* Estudos detalhados, ângulos experimentais e o esboço final. Amassei o caro papel de desenho francês que havia me custado vários dias de salário e joguei histericamente nos arbustos. As pessoas olharam. Gritei uns palavrões para uma delas, até que percebi que estava parecendo uma louca, toda descontrolada e dramática.

Como Heath.

Ou meu pai.

O bloco sem folhas caiu da minha mão. Eu recostei no tronco da árvore, que pinicava, e lancei um olhar vazio para as sombras que se alongavam na grama bem aparada e que agora estava abarrotada de pedaços rasgados do corpo da Minnie. Pássaros gordos bicavam os papéis, procurando comida. Estudantes iam e vinham na calçada atrás de mim.

Quando minha respiração desacelerou tanto que eu já estava praticamente meditando, peguei o celular para ver as horas. Minha mãe demoraria mais uma meia hora para me buscar ali. Por hábito, com as emoções entorpecidas e murcha como uma bola de praia, olhei meu e-mail. Havia um comentário no *Corp-O-Rama* esperando por mim.

Cliquei no link e mais uma vez fiquei surpresa com o carmim brilhante do meu esboço deprimente de um coração – eu tinha mesmo feito aquilo? – e desci a tela do meu perfil, BioArtGirl, para ler o comentário de uma só linha feito por um perfil recém-criado, RockabillyBoy. Ele dizia:

Tenha um pouco de fé.

Olhei para aquela frase com admiração. E se as palavras, sozinhas, tinham poder suficiente para gerar mudança, uma ideia floresceu na minha cabeça.

MINHA MÃE DIZ QUE SOU TEIMOSA, e talvez seja verdade. Mas ela também me ensinou a não seguir regras cegamente sem pensar. Nem tudo nesse mundo é justo, e pessoas com poder nem sempre têm bom senso.

Se tivesse algo a acrescentar, diria que mesmo pessoas boas cometem grandes erros (como minha mãe ter mentido sobre meu pai, pelo que podia perdoá-la). E às vezes pessoas boas quebram as regras, como Jack e suas palavras douradas – pelo que os pais dele também teriam que perdoá-lo. Talvez não hoje, nem amanhã, mas se olhassem de um ponto de vista lógico, em algum momento entenderiam que ele fazia aquilo por um bom motivo.

Era uma rebeldia nobre.

E foi por isso que percebi que a lição que eu tinha aprendido com a confusão dos eventos recentes não foi que sair escondida era errado. Fazer isso pelos motivos errados, sim. Mas sair escondida por um bom motivo? Isso era uma rebeldia nobre. E era por isso que a minha mãe ainda me deixava ir para o laboratório de anatomia, porque sabia que vinha fazendo aquilo por um bom motivo.

E também foi por isso que não contei para a minha mãe que Minnie tinha sido cremada. Apenas recolhi em silêncio os pedaços de papel do desenho que tinha rasgado, desamassei e enfiei as páginas de volta no bloco. E quando entrei na viatura, minha mãe deu a partida e perguntou:

– Como foi?

– Tive um pequeno imprevisto – disse a ela. – Mas sei o que fazer para consertar.

Só precisava da ajuda do Jack.

Dois dias depois, tive uma ideia.

Minha mãe estava trabalhando, então pediu para eu passar no PS depois da sessão no laboratório de anatomia. Eu podia fazer aquilo. Na verdade, eu não trabalharia no laboratório aquela noite, mas estaria a apenas alguns prédios de distância dele. Às 18h em ponto, estava na sala de espera do hospital psiquiátrico, andando de um lado para o outro perto de alguns assentos vagos.

Por favor, que não seja um erro.

Quando vi o topete escuro do Jack entrando pela porta, toda a energia da ansiedade que dançava pelo meu corpo condensou-se em uma flecha que me lançou bem na direção dele. Ele não perdeu tempo, só abriu os braços e me ergueu do chão. Tudo o que havia de bom nele me atingiu de uma vez só. A cera de cabelo com cheiro de limão. O ruído feito por sua velha jaqueta de couro. A parede sólida que era seu peito e o calor do seu pescoço, onde enterrei meu rosto.

– Aí está você – ele murmurou com sua voz grave, e as palavras vibraram através de mim enquanto me agarrava a ele, mais agradecida do que nunca. – Está tudo certo no mundo

novamente.

Depois de um tempo, que foi longo demais para um abraço apenas educado, mas curto demais para ser satisfatório, soltei ele e escorreguei o corpo para baixo até os dedos do meu pé tocarem o chão.

– Eles deixaram você vir, ou teve que sair escondido? – perguntei, segurando as lágrimas de felicidade.

– Eu os convenci de que parar de repente de visitar a Jillian seria má ideia... o que é verdade, e eles sabem disso. Então estou em condicional, mas puseram um rastreador no meu celular. Eu disse que ficaria das 18h às 20h, como você sugeriu, e eles me esperam em casa logo em seguida.

– Está ótimo – eu disse, enroscando os dedos nos dele e passando os polegares nos ossos do dorso de sua mão. Não conseguia *não* o tocar. Era fisicamente impossível. – É tempo o bastante. Quero dizer, se Jillian concordar.

– Eu pedi permissão para o doutor Kapoor. Ele conversou com ela, e ela está de acordo. Ou estava mais cedo. Vamos esperar que esteja tendo um bom dia.

– Se não, tudo bem. Só não quero perturbar a rotina dela.

– Nem eu, nem você, mas tudo o que podemos fazer é tentar. – Ele me puxou para perto dele por um momento e beijou várias vezes a minha cabeça. – Pronta?

Fiz que sim, e seguimos pelo corredor para registrar nossa entrada. A ala estava mais barulhenta e cheia do que jamais estive. As salas de recreação ficavam fechadas à noite, e os pacientes do setor da Jillian já tinham jantado, como nos informou um auxiliar de enfermagem quando passamos por alguns deles no corredor. Mesmo durante o horário comercial, a ala não era um zoológico caótico, como retratam na televisão. Talvez fosse diferente lá em cima, no quinto andar, onde mantinham os pacientes suicidas em observação e aqueles que estavam muito fora de controle para terem privilégios sociais. Lembro de Jillian dizer que odiava aquele andar, e tentei imaginar quantas vezes ela havia ido para lá.

Entramos no corredor perpendicular e, como da primeira vez, lá estava ela, espiando pela porta. Só que não desapareceu imediatamente, mas acenou para a gente – só uma vez, antes de voltar para dentro. O auxiliar de enfermagem nos deixou com as mesmas instruções do outro dia.

Dava para sentir o cheiro da fumaça de cigarro antes mesmo de Jack abrir a porta. Ela já estava sentada com as pernas cruzadas na cama, com a janela um pouco aberta.

– E aí, Jillie – Jack disse com animação. – Tudo bem se a Bex entrar?

– Sim, sim. Eu disse para o doutor Kapoor que tudo bem. – Os olhos dela apontaram para minha bolsa e depois passaram pelo quarto todo.

Eu a cumprimentei e perguntei:

– Seu médico disse por que eu quis vir? Que eu queria te desenhar?

– Sim. Por quê? É parte dos caça-palavras secretos do Jack?

Fui cuidadosa o bastante para não mencionar que ele não faria mais aquilo. Jack tinha me avisado para não tocar no assunto, nem sobre a possibilidade de ele ser mandado para um colégio interno.

– Não, é para uma mostra de arte. Vai ser exposto e, se for bom o bastante, pode me render uma bolsa de estudos.

– Por que alguém iria querer me ver?

– Porque ela quer te imortalizar – Jack disse em tom de brincadeira.

Jillian olhou para ele e depois para mim.

– É uma mostra de arte sobre pessoas loucas?

– É uma mostra de arte sobre ciência – eu respondi a ela. – Normalmente desenho pessoas para estudos de anatomia, mas aconteceram algumas coisas comigo recentemente, e decidi que prefiro contar a história por trás do corpo.

Ela parecia confusa. Talvez eu não estivesse falando do jeito certo. Tentei de novo.

– Eu gostaria de fazer alguns esboços de você hoje e, enquanto desenho, gostaria que me contasse histórias sobre as coisas de que gosta. Pode falar sobre o que quiser, e eu vou tentar incorporar isso ao meu trabalho.

– É como a arteterapia às sextas com o doutor Yang?

– Exatamente – Jack disse, sorrindo. – Só que você vai ficar mais famosa, porque você vai ser exibida em uma galeria de arte. Mostrei para você a arte da Bex naquele site, lembra?

– É. Era bem sombria. Eu gostei. – Ela deu uma risada breve e esfregou a palma da mão na coxa, para cima e para baixo, para cima e para baixo.

– O que quero fazer, na verdade – expliquei –, é desenhar você aqui hoje, e então levar o esboço para casa e trabalhar nele um pouco mais. E quando terminar, peço para o Jack trazer o desenho aqui para ter certeza de que gostou dele antes de inscrever no concurso.

Jack deu um tapinha no ombro dela para chamar sua atenção.

– E, se aprovar, a pintura será exposta na mostra de arte da Bex na semana que vem. Tiramos a foto dela pendurada. Do mesmo jeito que faço com as palavras. Talvez até grave um vídeo para você ver quantas pessoas vão estar olhando para a pintura.

Já tínhamos falado sobre aquilo na noite anterior, quando Jack conseguiu me ligar para uma conversa rápida. Ele talvez nem conseguisse ir à mostra, a não ser que encontrasse um jeito de sair escondido. Mesmo fazer o que estávamos fazendo hoje era arriscado, principalmente agora que eu sabia que os pais dele rastreavam seu celular. Mas não podia pensar muito naquilo. Tínhamos que viver um dia de cada vez e ver como as coisas saíam.

– Não quero esconder suas cicatrizes – eu disse para Jillian. – Quero mostrar você como uma pessoa inteira. Como qualquer um.

– Quer mostrar minha esquizofrenia.

– Isso.

Ela olhou para mim, pensativa por um instante. Desviou o olhar, e uma pequena linha se formou no meio de sua testa. Sabia que tomar decisões a deixava estressada porque sua mente se confundia com todos os possíveis resultados, mas não tinha como fazer aquilo sem sua permissão.

Depois de roer as unhas e dar várias tragadas no cigarro, ela por fim perguntou:

– Se vai me im-m-mor-talizar, pode fazer meu cabelo mais comprido?

– Do jeito que quiser.

- Tudo bem, então. Jack pode te mostrar fotos de como ele era. É como eu gosto.
- É, posso mostrar para ela – ele confirmou.
- Tudo bem – ela concordou com um sorriso tímido. – Eu topo. Onde quer que eu sente?

DEPOIS DA MINHA SESSÃO com Jillian, abracei Jack para me despedir. Saber que talvez ficássemos um tempo sem nos ver tornou a despedida aflitiva. Eu o abracei com mais força e tentei pensar em desculpas para não soltar.

– Continuo lembrando daquela primeira vez, quando nos encontramos no ponto de ônibus – ele disse, com o rosto colado em meu cabelo enquanto me abraçava. – E, sabe, acho que te desejei desde a primeira vez que ri. Mas agora é muito pior. Agora preciso de você.

– Eu sei – sussurrei.

– Isso me assusta muito. Como vamos consertar isso?

– Se o seu pai te mandar para longe, não vou te deixar ir sem lutar. Estou disposta a fazer algo drástico.

– Como o quê?

– Não sei – admiti.

Ele também não sabia. Seus pais controlavam sua conta bancária, e eu tinha impressionantes 800 dólares na poupança. O que poderíamos fazer? Largar a escola e fugir? Mesmo meu irmão não tendo um pinga de dignidade, sendo expulso da faculdade e montando acampamento na casa da minha mãe pelo último par de anos, eu definitivamente não era assim.

E Jack também não.

Tudo o que podíamos fazer era esperar. E ter esperança.

Então o observei andar até o estacionamento, e meu coração se partiu um pouco. Mas me recompus. E depois de encontrar minha mãe no PS, fui para casa com meus esboços e anotações sobre Jillian e os espalhei sobre a cama com os desenhos que fiz da Minnie, amassados e rasgados. Ainda tinha umas poucas telas velhas na garagem. Uma delas mal estava usada – havia apenas algumas pinceladas. Lembrava bem daquela. Comecei a trabalhar nela no dia da grande discussão dos meus pais. Minha mãe tinha encontrado no celular do meu pai fotos dele com a Suzi, de férias, juntos em uma cabana em Big Sur. Heath ainda estava no último ano do ensino médio, e morávamos em nossa antiga casa. Ficamos acordados metade da noite na cama dele, com os ouvidos na parede, escutando a briga dos nossos pais no quarto ao lado. O meu pai foi embora uma semana depois.

Apesar de a tela trazer más lembranças, ainda era utilizável. Uma camada de gesso e estaria branca de novo. Meu cavalete portátil ainda era perfeitamente funcional, e a maioria das tintas não tinha secado. Carreguei tudo até o quarto e montei na frente do Lester. Depois de algumas medições, esbocei uma silhueta da Jillian e comecei a trabalhar.

Quatro dias. Era esse o tempo que eu tinha até o prazo final da mostra. Então liguei para a senhora Lopez e expliquei a situação, e depois de mais alguns telefonemas, encontrei três colegas dispostos a cobrir meus turnos no trabalho.

Então comecei a pintar.

Depois do primeiro dia, minha mãe e Heath começaram a aparecer de vez em quando para ver o meu progresso.

No segundo dia, minha mãe abriu as portas de raio x e ficou me observando da sala de estar, e trouxe chá e minha guloseima favorita: rolinhos de noz-pecã da padaria Arizmendi, no quarteirão entre a Judah e a Irving Street – descendo a rua da entrada do Golden Gate Park onde Jack tinha pintado *floresça*. Ela finalmente me perguntou por que estava trabalhando com fragmentos dos desenhos de cadáver.

– Não parece o mesmo corpo – ela disse.

– Não é – e, em parte, por querer dar à minha mãe algo sincero como uma demonstração de boa-fé (e em parte por não ter nada a perder), contei a ela a história da irmã do Jack. Tudo pelo que Jack e sua família tinham passado, e por que ele vinha fazendo os grafites, e o fato de ele ter confessado tudo aos pais, e o pai ter ameaçado mandá-lo para longe.

Ela ouviu em silêncio cada palavra sem comentar. Sem consolar. Mas também sem repreender. Apenas me serviu mais chá, prometendo que o segredo dos Vincent não sairia da boca dela, e me disse para continuar pintando.

No terceiro dia, tive a casa só para mim porque a minha mãe e Heath saíram para jantar com Noah e os pais dele, uma viagem de uma hora para San Jose. Pinte o tempo todo que ficaram fora.

No último dia, quando minha mãe se aprontava para ir trabalhar, a campainha tocou. Limpei a tinta das mãos e atendi. Fiquei surpresa ao ver Andy, o amigo do Jack, na minha porta, usando uma camiseta da Isotope Comics. A joia em seu piercing agora era azul.

– E aí? – ele disse com animação. – Jack nos mandou em uma missão para encontrar a sua casa.

– E me encontraram. “Nós” quem?

Ele apontou com a cabeça descabelada escada abaixo até o meio-fio, onde havia um carro amarelo amassado. Um braço pequeno se esticou para fora da janela do lado do passageiro e acenou. Levei um segundo para ver o cabelo rosa-e-roxo e perceber que era minha pessoa favorita, Sierra.

Retribuí o aceno.

– Ele queria que eu te trouxesse isso – Andy disse, me entregando algo que parecia uma sacola de plástico dobrada para ficar do tamanho da palma da mão e enrolada com muita fita adesiva.

– Oh, que encantador. Você me trouxe uma coisa que parece um pacote de drogas ilícitas, bem na frente de todos os nossos vizinhos. Era tudo de que eu precisava.

Ele riu.

– Mas sério, o que é isso? – perguntei.

Ele deu de ombros e levantou as mãos, mas seu sorriso mostrava que sabia exatamente o que era.

– Eu sou só...

– O mensageiro?

– A pessoa que não está ferrada por ter feito uma coisa que deve ser muito ruim, porque o

Jackson costuma escapar de boa. Sabe por que ele está de castigo?

Jack não tinha contado para ele? Uau.

– Vou levar isso comigo para o túmulo – respondi.

– E você está de castigo também? Toda essa coisa tem cheiro de escândalo, se quer saber.

– Tchau, Andy.

Ele sorriu e me cumprimentou.

– Vou dizer para ele que o pacote foi entregue com sucesso.

– Obrigada. – Ele ficou parado ali mais um instante, então perguntei: – Você e Sierra estão juntos?

– Estamos, sim – ele disse, e complementou: – Relacionamento sério.

Quando ele começou a descer os degraus, pensei em todas as coisas que as meninas na festa do Jack falaram sobre ela e, não sei por quê, em vez de odiá-la até não poder mais, senti pena.

– Ei – chamei baixinho.

Ele parou e se virou.

– Sim?

– Ela precisa de alguém com quem possa contar.

– Eu sei. – Ele sorriu e desceu as escadas correndo para se juntar a ela no carro.

Assim que foram embora, voltei para dentro e examinei o pacote estranho. Estava bem ansiosa para descobrir o que havia debaixo de toda aquela fita, mas precisei de uma tesoura de cozinha e tive que fazer uma certa forcinha para abrir. Jack devia estar paranoico achando que o Andy tentaria espiar, já que reforçou daquele jeito. Por quê? Dentro, havia um bilhete dobrado e um saquinho preto.

O bilhete era escrito a mão com letras perfeitas:

Bex,

Tenho boas e más notícias. A má: provavelmente não vou conseguir me encontrar com você para mostrar a pintura para a Jillian, porque minha mãe vai comigo visitá-la na terça. Mas, se puder me mandar uma foto por e-mail, dou um jeito de mostrar para ela em segredo. A boa: descobri uma forma maquiavélica e brilhante de aparecer na mostra de arte na quinta. Não se preocupe! Não envolve grafite.

Uma forma “maquiavélica”? O que será que ele ia fazer? Torci para não ser algo arriscado ou estúpido, porque não valia a pena só para ir à mostra. Não queria deixar o pai dele mais bravo do que já estava. Mas se Jack disse para não me preocupar, eu não me preocuparia. Muito. Continuei lendo:

Quanto ao que está dentro do saquinho... Uma vez, você me fez escolher entre confiança total ou nada. Não importa o que aconteça, queria que soubesse que tem toda a minha confiança em troca. Dou isso para você porque tenho certeza de que vai mantê-lo em segurança.

*Com amor,
Jack*

Eu abri o saquinho. O conteúdo rolou para fora. Um coração anatômico feito de prata caiu na palma da minha mão, suspenso por uma corrente curta. Talvez com uns dois centímetros e todo detalhado, o pingente era muito bem modelado e tinha a forma anatômica correta. Também era um medalhão, e quando abri a minúscula tampa, as duas partes tinham um compartimento oco. Meu coração pulou quando vi a frase gravada pelo joalheiro na delicada parede interna:

CORAÇÃO DO JACK

Eu o fechei e coloquei no pescoço. Ficou pendurado na frente do meu peito, pesado e brilhante. Aqueci a prata com os dedos, e sussurrei uma promessa para ele:

– Vou, sim.

QUANDO O GRANDE DIA FINALMENTE chegou, eu estava uma pilha de nervos. Tinha terminado a obra para o concurso e recebido a aprovação de Jillian através do Jack. Embora a tinta mal tivesse secado, consegui entregar a tempo. Agora só tinha que sobreviver à hora da verdade.

A mostra era no centro, na Geary Street, e o trânsito estava péssimo. Minha mãe, Heath e eu ficamos presos na viatura tentando achar uma vaga para estacionar e, silenciosamente, quase tive um treco porque nós talvez-provavelmente-com-certeza chegaríamos atrasados.

Tentei me assegurar de que a minha aparência estava boa, pelo menos. Usava meu vestido mais bonito – de bolinhas pretas e brancas, com botões de cima a baixo na frente e um cinto – e botas cinza na altura do joelho. Também usava o coração do Jack. (Quando a minha mãe o viu, perguntou de onde eu tinha tirado aquilo, e contei a verdade. Ela apenas bufou, mas era melhor que “jogue no lixo!”, então achei que não tinha problema.) E quando parei no Mercado Alto no caminho de volta, depois de entregar a pintura, a senhora Lopez me deu um broche de joaninha para dar sorte, e eu o espetei na gola do vestido.

Mas aquela joaninha já estava me decepcionando, e só piorou quando Heath disse, meio sem querer:

– Ei, olha esse artigo do *SF Weekly* sobre a mostra de hoje. – E me passou seu celular. Meus olhos embaçaram quando o título na telinha saltou sobre eles:

ESPOSA DO PREFEITO FARÁ DISCURSO EM MOSTRA DE ARTE ESTUDANTIL PATROCINADA POR MUSEU

Quase engasguei. Heath olhou para mim do banco de trás com os olhos esbugalhados, enquanto minha mãe estava ocupada reclamando sozinha de como era difícil estacionar na cidade. Se aquele silêncio discreto era uma forma de Heath se desculpar por sua enorme traição, acho que ganharia alguns pontos comigo.

A matéria era curta. De última hora, agendaram uma aparição de Marlena Vincent na exposição. O artigo a descrevia como “grande apoiadora das artes” e comentava sobre sua extensa coleção. (Os quadros com pinturas de cadeiras? Sério?) Aparentemente, ela também havia ajudado a arrecadar um caminhão de dinheiro para aulas de educação artística na Bay Area. E *é claro* que os organizadores da exposição estavam “entusiasmados” com a participação dela para inspirar os jovens talentos inscritos no concurso.

É. Aposto que estavam.

Passei um tempo em pânico até ligar os pontos do plano “maquiavélico e brilhante” do Jack para assistir à mostra. *Foi ele que a instigou a fazer isso!* Será que ela sabia que eu estava inscrita no concurso? Porque ela com certeza não sabia que eu tinha pintado a Jillian.

Ela reconheceria a própria filha pendurada na parede? Ficaria surpresa? Zangada? Será que o Jack tinha chegado a pensar sobre isso? Ele tinha visto uma foto da pintura, caramba! Só disse

que estava “perfeita”, o que já tinha me deixado nervosa o bastante por ele não ter desenvolvido o pensamento. E se, na verdade, ele não gostou mas não conseguiu me dizer por ser meu namorado e não querer me magoar? E isso é tão diferente de todos os outros trabalhos meus dos últimos anos... E por que fui pensar que era uma boa ideia fazer uma coisa tão esquisita para um concurso de arte científica... e, e...

MEU DEUS!

Inspirei devagar pelas narinas, expirei devagar pela boca...

Desisti da ideia de me jogar no meio dos carros do outro lado da rua e me acalmei no mesmo instante em que minha mãe achou uma vaga. Não posso fazer nada a respeito disso agora.

Era hora de encarar o que quer que esperasse por mim.

A mostra acontecia em um prédio com vários andares preenchidos por galerias de arte particulares, e todas estavam abertas até tarde por causa de um evento mensal tipo “portas abertas para o público”. Um guarda estava sentado atrás de um balcão diante de quatro elevadores, onde cartazes e um mapa identificavam a galeria de arte dos alunos. Abrimos caminho entre saltos altos e taças de champanhe de plástico (aberturas de exposições de galerias particulares) para nos juntarmos ao povo que usa All Star e bebe Sprite (a mostra dos alunos).

A galeria era bem grande: uma sala dividida em três seções com paredes brancas, piso de madeira e iluminação focada na arte. Uma pequena área na parede oposta estava montada com microfone e cadeiras – para os jurados, presumi. Eles já haviam escolhido os vencedores antes do evento, e estavam ali em algum lugar, misturados ao restante das pessoas. Examinei a sala à procura de Jack ou da mãe dele. Nada. Mas vi uma pessoa forte, musculosa e sorridente: Noah.

Heath fez um sinal para ele, e todos nos cumprimentamos.

– Há quanto tempo está aqui? – perguntei para ele.

– O bastante para ver todos os concorrentes. Você vai deixar todos no chinelho, Beatrix.

– Não tenho certeza disso.

– Vi uns jurados olhando para o seu trabalho – ele disse. – *Todo mundo* está falando sobre ele.

Será que o Noah tinha visto a mãe do Jack? Ele sabia que era melhor não dizer isso na frente da minha mãe, certo? Será que minha desgraça tinha sido assunto da conversa deles antes de dormir? Imaginava que sim, e o olhar evasivo do meu irmão confirmou.

Heath logo cutucou Noah com o cotovelo e pigarreou.

– Mostre para mim onde está a pintura da Bex, e depois me conte tudo – Heath disse ao puxar Noah para longe.

– Boa sorte – Noah disse olhando para trás.

Registrei minha presença com um dos organizadores e recebi um crachá de artista com meu nome e minha escola. Droga. Eram mais de cem inscritos? Quando entreguei minha pintura, a pessoa que recebeu disse que eram 50. Era o dobro de concorrentes.

– Que som alto – minha mãe disse perto do meu ouvido. – Está mais para festa do que para exposição.

– Bárbaros – eu concordei, observando as outras pessoas com crachá de artista. Eram todos

garotos. Tipo, praticamente todos. E a arte era exatamente como eu imaginava: células ampliadas, astronomia, closes de flores... ah, e uma dissecação: um sapo. Na verdade, era muito boa.

– Um sapo? – A minha mãe resmungou. – *Faça-me o favor*. Amador.

Pisquei para ela, chocada.

Ela sorriu para mim com ares de conspiração.

– Me dê algum crédito – ela disse, enroscando o braço no meu. – Posso não ter ficado feliz com todas as besteiras que aprontou nesse verão, mas isso não quer dizer que eu não esteja orgulhosa. Onde está sua pintura, por falar nisso?

Contive meus sentimentos caóticos e endireitei a postura.

– Deve estar na seção do meio. – Mesmo usando botas de salto, tive que ficar na ponta dos pés para olhar ao redor da sala. Quando minha mãe sugeriu que desviássemos de um grupo de pais, ao fazer a volta juntas demos de cara com as últimas pessoas que esperávamos encontrar.

Meu pai e sua nova esposa, Suzi.

– Olá, Katherine – ele disse, com sua voz de vice-presidente.

– Lars – minha mãe respondeu com uma voz de *quero rasgar sua garganta*, exageradamente educada.

E, antes que eu conseguisse filtrar, soltei:

– O que você está fazendo aqui?

– Sua mãe me convidou.

Ah. Espera... Hã?

Por quê?

O que estava acontecendo? Na semana anterior, ela estava rosnando para mim e chorando porque eu tinha saído escondida para encontrar o meu pai. Agora, depois de um período de três anos livre do meu pai, ela o convidava para as coisas?

– Esta é a Suzi – ele disse para a gente, como se não se referisse à mulher que havia acabado com o casamento dos meus pais. Mas, até aí, talvez não tenha sido assim. O que eu entendia disso? Relacionamentos são complicados.

– É um prazer conhecê-la... formalmente, dessa vez – Suzi disse para mim. – Foi difícil ouvir com toda aquela gritaria do seu pai.

Ela sorriu para mim, tipo, um sorriso de verdade. Ela estava me provocando. Sem chance. Não queria mesmo gostar dela.

– Ah, sim – meu pai disse de um jeito desconfortável, e logo mudou de assunto. – Vimos sua pintura, Beatrix. É muito interessante.

Interessante. É, isso meio que resumia tudo.

– Onde ela está? Acabamos de chegar.

– Venham – ele disse, e começaram a abrir caminho no meio da multidão como se não fôssemos todos archi-inimigos.

Minha mãe e eu trocávamos olhares furtivos. Meus olhos diziam: “Aposto dez dólares que os peitos dela são falsos”; e os da minha mãe diziam: “Não tão falsos quanto o sorriso – por que casei com aquele imbecil mesmo?”. Ela apertou minha mão e, de repente, tudo ficou bem.

Ótimo, até.

Até chegarmos na minha pintura.

Se a sala estava lotada, a área ao redor da minha pintura estava abarrotada. Vi o topo dela, com todas as cores fortes, e senti um nó no estômago. Talvez essa tenha sido a pior ideia que tive em muito tempo. De castigo e forçada ao celibato, a existência sem Jack depois da nossa única noite de sexo espetacular tinha certamente apodrecido meu cérebro. E falando no meu incrivelmente sensual namorado, seu topete escuro se erguia sobre a margem da multidão. Ele me viu e deu um sorriso tão grande que aliviou minhas emoções inflamadas.

Com uma camisa preta de mangas compridas, ele estava lindo e bem-vestido, mas ainda assim muito, muito Jack. Ele desviou das pessoas e veio direto até mim, enquanto minha mãe acenava para Noah e Heath, tentando chamar a atenção deles antes que Heath visse o meu pai – o que era uma coisa boa, porque tudo o que eu precisava era de mais uma confusão em público envolvendo meu pai se a reação do Heath fosse parecida com a minha (ou pior).

Mas não conseguia me preocupar com aquilo. Só me concentrei no Jack. Quando se aproximava, o olhar dele apontou para o pingente da forma anatômica de um coração que estava em meu pescoço, e um olhar de satisfação se formou em seu rosto.

– Você está linda – ele disse, dando um beijo rápido no meu rosto. Mas antes que eu pudesse responder, ele murmurou no meu ouvido: – Preciso te contar uma coisa.

Era sobre a mãe dele estar ali, presumi. Então sussurrei de volta:

– Já sei.

– Como?

Antes que eu conseguisse responder, a multidão se abriu para permitir que alguém muito importante passasse. A mãe do Jack, estilosa em um vestido rosa, e...

O marido dela.

Jack sussurrou no meu ouvido:

– Sinto muito mesmo. Ele não devia estar aqui. A minha mãe o convenceu a vir. Era o que estava tentando te contar.

Aquilo era um desastre completo. Por que eu tinha pintado aquilo? Poderia ter me virado com o que tinha do último desenho da Minnie em vez de rasgá-lo em um acesso de raiva. Ou poderia tê-lo recriado. Mas não. Escolhi, *naquele momento*, fazer algo fora do comum, algo estranho e criativo e emocionante, que *não combinava mesmo comigo*. Eu costumava ser toda estrutura e controle. Branco-e-preto. Tons de cinza. Aquilo era...

Aquilo não era.

E era tarde demais para pegar de volta.

Prendendo a respiração, observei a multidão se abrir como o Mar Vermelho, e Moisés em pessoa de repente estava em pé a alguns centímetros de mim. Ele e a mãe do Jack estavam cercados por seguranças e eram guiados por várias pessoas de terno, que só podiam ser os organizadores ou os jurados.

E quando o prefeito tirou a mão dos bolsos de suas calças perfeitamente passadas e cruzou os braços, preparando-se para olhar para a minha pintura, vi o *exato momento* em que ele a reconheceu. Foi como se tivesse levado um tapa na cara. A cabeça dele recuou. O corpo ficou

rígido. A boca se abriu. Ele se esforçou para mover o maxilar, mas nenhum som saiu. Um músculo em volta do olho pulou.

O intervalo de tempo entre duas batidas de um coração pareceu se estender ao infinito. Olhei para a minha pintura e vi o que o prefeito via.

O rosto redondo da Jillian pintado com pinceladas rápidas. Copiei o cabelo de fotos antigas, escuro, na altura dos ombros, caindo sobre a testa. Seus grandes olhos estavam abertos, e ela sorria timidamente. Tentei capturar o formato dos ombros dela – a pintura terminava na altura da cintura – e a pinte usando uma camiseta de sua banda favorita.

O braço e metade do tórax dissecados da Minnie estavam sobrepostos a Jillian. Mas em vez de parecer a carne morta que eu tinha desenhado originalmente, pinte de maneira que essas partes fossem portas se abrindo para revelar os músculos e os órgãos dela – como se a parte de trás de um relógio tivesse sido removida para exibir as rodas e engrenagens.

No braço da Jillian, onde o corte da dissecação feito a lápis substituíra as cicatrizes, dei vida às veias e artérias, pintando-as em um vermelho forte e um azul vibrante, prolongando-as ao espaço negativo atrás dela, onde se enrolavam e esticavam como as espirais de fumaça que fluíam ao redor de sua cabeça quando estava sentada na janela, posando para mim.

E no lugar dos marcadores usuais de diagramas anatômicos que indicam os nomes de ossos e músculos, coloquei palavras retiradas das divagações de Jillian.

Lembranças de seu gato de estimação na infância. Seu primeiro namorado. Seu livro favorito.

Nomes que havia dado aos demônios que às vezes falavam dentro de sua cabeça. Coisas que a estressavam. Arrependimentos.

Centenas de palavras. Elas preenchiam o espaço ao redor dela, conectadas por linhas de diagrama e veias retorcidas. Eram o mais precisas e nítidas que consegui fazer, escritas com uma caneta nanquim. Jack teria feito muito melhor, mas eu gostava do jeito que elas fluíam e se curvavam para um lado ou para o outro.

Não era perfeita. E, além dos pedaços da Minnie que reciclei, não era anatomicamente correta. Mas parecia com Jillian. Eu sabia. Jack sabia.

E tanto o prefeito Vincent quanto sua esposa sabiam.

– O que é isso? – ele murmurou para ela em voz baixa.

– Isso foi feito por uma estudante do último ano da Lincoln – uma das pessoas bem-vestidas disse antes que a mãe do Jack pudesse responder. Ela estava de pé ao lado da minha pintura como uma guia de museu, segurando uma caixa retangular debaixo de uma prancheta. Lendo o que quer que estivesse preso à prancheta, ela disse: – É tinta acrílica e lápis sobre tela e papel, e se chama *Hebe imortalizada*, o que acredito ser uma referência à deusa grega da juventude.

– Hebefrenia – o prefeito confirmou em voz baixa. – É outro nome que se dá à esquizofrenia desorganizada, porque os sintomas começam na puberdade.

Algumas poucas pessoas na multidão sussurraram, impressionadas com o conhecimento aparentemente aleatório do prefeito sobre aquele assunto.

– Quem pintou isso? – ele perguntou.

– O nome da estudante é Beatrix Adams.

Senti as mãos grandes do Jack apertando meus braços e me segurando no lugar, como se tivesse lido minha mente e soubesse que meus instintos gritavam para que eu corresse dali. Mas não fiz nada. Fiquei parada como um soldado e observei o prefeito se virando. O olhar dele foi direto para o Jack, e então se abaixou até cruzar com o meu. Se era totalmente impossível de decifrar das duas outras vezes em que o vi, agora seu rosto era um tanque com 70 litros de pura angústia.

Respirei fundo e aguentei o olhar penetrante, que não durou muito. Ele se voltou novamente para a pintura, como se não conseguisse mais suportar olhar para mim. Atrás dele, a mãe do Jack se inclinava na minha direção. A maquiagem estava borrada nos olhos e ela piscava muito. Estava chorando? Não conseguia dizer se estava triste ou com raiva, mas ela pôs a mão no meu ombro e apertou.

Aquilo era bom, certo?

Antes que eu tivesse certeza, antes que o prefeito pudesse explodir em um sermão ou me derrubar com as emoções inflamadas que o fizeram cerrar o punho, a mulher que agia como curadora da minha pintura disse:

– Este trabalho foi o que gerou o maior debate entre os jurados, e sua temática incomum e o uso criativo da dissecação garantiram a ela o segundo lugar na competição desta noite.

Aplausos irromperam ao nosso redor quando ela tirou uma faixa vermelha da caixa sob a prancheta e a prendeu na base da etiqueta impressa que identificava a pintura, para depois conduzir alegremente o prefeito e sua esposa para a próxima obra da competição.

Segundo lugar.

Nada de bolsa. Nenhum auxílio para minhas inscrições na faculdade.

Eu tinha perdido.

SE DEPENDESSE DE MIM, TERIA ido embora, mas a minha mãe me obrigou a permanecer até o fim da cerimônia e do discurso da senhora Vincent sobre a importância da arte na escola. Endireitei as costas e aceitei graciosamente o envelope com meu prêmio, que eram entradas de museu por um ano e um punhado de vouchers para materiais de arte.

– Ai, meu Deus – eu disse no corredor, do lado de fora, para o meu grupo de apoio formado por minha mãe, Heath, Noah e Jack. O meu pai e a Suzi ficaram de lado, conversando com algum conhecido dele, que ninguém tinha convidado. – Tem um vale-presente de cinquenta dólares de uma rede de restaurantes. “Celebre sua grande vitória conosco.” Que sensacional.

Minha mãe tirou o envelope de mim.

– Guardo isso para você, vai acabar ateando fogo nele em algum tipo de ritual de raiva.

– Filho errado – eu disse.

Heath balançou a cabeça.

– Meus dias de atear fogo nas coisas acabaram. Praticamente.

– Sei que não ajuda – Jack disse. – Mas mesmo que tivesse seguido com o plano original, era impossível ganhar do Garoto Mitocôndria Fractal. É tipo, genial. Além do mais, você já é uma artista, e provavelmente não levaria a faculdade tão a sério. Vamos deixar a ciência para os cientistas, certo?

Encostei minha cabeça no ombro dele.

– Já disse o quanto gosto de você?

– A enfermeira Katherine está a dois segundos de me matar com o olhar, então talvez você não devesse... O que foi? Cedo demais?

– Espertinho – minha mãe disse para ele, meio séria, meio brincando. Acho que uma coisa boa de ter perdido foi fazer a minha mãe ficar menos brava com o Jack. – Você ser charmoso não muda nada. Ainda estou louca com você por ter colocado minha filha em uma situação que poderia ter acabado com ela presa.

– Não seja dramática, mãe – Heath disse.

Jack suspirou.

– É justo. Sou o responsável, mas, só para constar, teria assumido a culpa.

A minha mãe revirou os olhos, mas era óbvio que não estava brava de verdade.

– Seu heroísmo romântico não me impressiona.

Uma voz rouca surgiu de trás dela.

– Então somos dois.

Droga. Afastei a minha cabeça do Jack de imediato quando o prefeito e sua esposa se juntaram ao nosso grupo.

– David Vincent – ele disse, apresentando-se à minha mãe. – E esta é a minha esposa, Marlena. Ela me disse que você é enfermeira no Parnassus.

– Não precisa se preocupar, David – minha mãe disse, como se ele fosse um cara qualquer ou

um vizinho da rua, e não uma celebridade local com quem secretamente fantasiava ter um filho. – Meus colegas de trabalho são fofoqueiros, então mantenho os assuntos de família em casa.

Ele acenou para ela com a cabeça e depois direcionou seu olhar prefeitoral para mim.

Ótimo. Era o fim. O universo aparentemente havia decidido que não tinha sido o bastante passar o verão correndo atrás de algo que, no fim das contas, não deu em nada além de um tapinha nas costas e refil eterno de refrigerante numa rede de restaurantes. Não, eu teria que engolir um sapo e implorar pelo perdão do rei Vincent ou defender minha pintura e correr o risco de deixar as coisas ainda piores para o Jack e para mim.

Suor cobria as palmas das minhas mãos. Passei a língua nos lábios secos e olhei bem nos olhos dele, o que foi difícil, porque ele tinha mais ou menos a mesma altura do Jack, mas era um zilhão de vezes mais intimidante.

– Meu pai – Jack começou, mas seu pai o atropelou.

– Senhorita Adams – ele disse para mim –, gostaria de comprar sua pintura.

Hã? Talvez tivesse ouvido errado.

– Você...

– A bolsa para o primeiro lugar era de dez mil dólares. Gostaria de oferecer a mesma quantia pela sua pintura.

Eu não sabia o que dizer. Acho que posso ter engasgado – ou talvez tenha sido a minha mãe. Olhei para o Jack para ver se ele é que tinha convencido o pai a fazer isso, mas ele estava tão perplexo quanto eu.

– Hã... – pigarreei. – Posso perguntar o motivo? – Ele tinha tanta vergonha de Jillian que faria qualquer coisa para que ninguém nunca mais visse a pintura?

Ele respirou fundo e pensou bem para responder, com a cabeça abaixada, sobrancelhas franzidas, mãos nos bolsos, como se fosse uma batalha encontrar as palavras certas. Era quase cômico, na verdade. O homem que havia feito mil e um discursos na frente de câmeras de TV e em estádios cheios de pessoas agora não sabia o que dizer?

Quando finalmente levantou a cabeça, seu semblante estava mais calmo. Algo desamparado e honesto relaxou seu olhar.

– Porque – ele disse suavemente, olhando para Jack – fez com que eu percebesse que não vejo minha filha tanto quanto deveria.

Oh...

Cocei a lateral do pescoço.

– Não sei o que dizer.

– Diga *sim*, e faço o cheque agora mesmo.

Ele estava falando sério. Olhei para ele, depois para sua esposa, que definitivamente estava enxugando as lágrimas (e tentando sorrir ao mesmo tempo). Perto dela, a minha mãe estava de braços cruzados e me olhava com desconfiança. Imaginei que o lado dela que contava os centavos, e queria que eu saísse dali com algo que me ajudaria no futuro, estava em guerra com o lado orgulhoso, que recusava a pensão do meu pai. Ao lado dela, meu irmão tinha menos dilemas morais; Heath mexia a boca, sinalizando “diga que sim” e acenando como se eu

fosse um avião prestes a pousar na pista e tivesse um pote de ouro no final dela.

Então olhei para o Jack, e ele olhava para mim como sempre fazia: como se eu fosse a única pessoa na sala que importava. Como se confiasse em mim para fazer a escolha certa sozinha e apoiaria qualquer decisão que eu tomasse.

Então eu decidi.

– Eu dou a pintura de graça se o senhor prometer que não vai mandar o Jack para Massachusetts e todos concordarem e deixarem que a gente se veja.

Silêncio total. *Tique-taque, tique-taque...*

Entre nós, o dorso da mão do Jack roçavam na minha. Coloquei meus dedos entre os dele e me senti mais forte quando ele apertou minha mão.

– Por mim, tudo bem – minha mãe disse. – Contanto que não minta quando disser onde estão indo e – ela fuzilou Jack com um olhar de alerta – ninguém seja preso. Mas tem que manter as notas boas, Bex, e vai haver um toque de recolher nos dias de aula. Nada de sair escondida depois da meia-noite.

Poderia dar um beijo nela. Todos saúdem Katherine, a Grande.

Mas ela era só metade da batalha.

Prendi a respiração e olhei para os Vincent.

Qualquer vulnerabilidade que o pai do Jack tivesse demonstrado antes agora já tinha sumido, e ele tinha voltado a ser frio e inflexível. Ele mexeu o maxilar e começou a falar, mas sua esposa o silenciou com um barulhinho vindo do fundo da garganta. Então ela sorriu para minha mãe e disse:

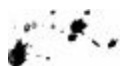
– A vida é melhor quando meu filho não está se arrastando pela casa. Então acho que falo por nós dois, meu marido e eu, quando digo que suas sugestões são mais que razoáveis, senhorita Adams.

– Se vamos fazer um acordo, há cláusulas adicionais para você, Jack – o pai dele disse. – Não está perdoado pelo vandalismo.

– Entendido – Jack respondeu.

O prefeito suspirou e estendeu a mão para mim, com o mais ínfimo dos sorrisos puxando sua boca séria.

– Acho que isso significa que fechamos negócio.



O prefeito saiu com sua equipe enquanto minha mãe e a senhora Vincent ficaram amigas e voltaram para a galeria, para buscar minha pintura. Fiquei tão envolvida naquela confusão que nem percebi que Heath e Noah tinham sumido. Eu os vi no fim do corredor. Heath conversava com o meu pai. Noah, com Suzi.

– É a primeira vez que seu irmão vê seu pai desde o divórcio? – Jack perguntou, observando-os ao meu lado.

– É. E ninguém está gritando. Não acredito. Por que eu é que fiquei maluca e Heath está levando tudo numa boa? Ele é o emotivo, não eu.

Jack me tirou do caminho de um grupo de alunos bagunceiros que corria para a entrada.

– Talvez ajude o fato do Heath não ter sido engabelado a encontrar seu pai sob um falso pretexto, como aconteceu com você.

– Acho que essa palavra não existe.

– Engabelado? Lógico que existe. Nunca questione minha autoridade quando se trata de vocabulário, Bex. Por sinal, obrigado por me salvar do meu purgatório em Massachusetts. E por nos salvar.

– Acho que foi mais por influência da Jillian do que minha. Você deveria visitá-la hoje à noite e contar tudo o que aconteceu. E... ei! Posso ir com você. – Eu me virei para ficar de frente para ele, tonta por ter me dado conta daquilo.

– Falta uma semana para as aulas começarem, então acho que ainda temos uns passeios noturnos para gastar antes do toque de recolher começar a vigorar – ele disse, mexendo as sobrancelhas enquanto me abraçava.

– Toque de recolher – eu disse, bufando. – Vamos ver.

– Nã-nã-não. Nem comece. Não vou me arriscar a sofrer a ira da Enfermeira Katherine de novo, não agora que acabei de conseguir você de volta. Por sinal, não tive a chance de falar antes, mas é legal ver que está usando o colar. Gostou?

– *Amei*. Nunca vou tirar. Bem, a não ser para passar no raio x.

– Sempre prática. Fico feliz por ter amado. *Ele* te ama também.

– *Ele* ama?

– Nunca duvide disso. E quando estivermos sozinhos, vou mostrar o quanto.

– Isso soa meio depravado.

– É muito depravado – ele garantiu com um sorriso tímido. Seus olhos apontaram para trás de mim. – Mas segure um pouco a depravação. Parece que seu pai quer falar com você.

Meu pai acenava para que eu fosse até onde ele e Heath estavam. Aquilo era suspeito, mas considerando tudo o que eu tinha passado aquela noite, meu pai era a menor das minhas preocupações.

– Não saia daí – eu disse para o Jack. – Já volto.

Eu me aproximei cautelosamente deles, examinando o rosto do Heath em busca de sinais de trauma. Ele só levantou as sobrancelhas como se dissesse: “É, também não acredito que isto esteja acontecendo”.

Meu pai puxou nós dois para um canto e conversou com a gente em particular.

– Sinto muito por você não ter ganhado, Beatrix – ele me disse. – Era uma obra muito inteligente e emocionante.

Aquilo soava como algo que o vice-presidente Van Asch diria, mas me abstive de fazer essa observação.

– Obrigada.

– Heath estava contando que vai se matricular no curso de técnico em veterinária, e queria que os dois soubessem que eu e a sua mãe conversamos um pouco essa semana...

– Olá, *Além da imaginação* – Heath murmurou.

– ... e chegamos a um novo acordo sobre os assuntos financeiros. Estava fazendo um pé-de-meia para vocês dois, então sugeri, e ela concordou, que eu poderia bancar os gastos de vocês

com a faculdade. Se conseguirem bolsas ou incentivos, ótimo. Se não, aonde quiserem ir, fica por minha conta.

Heath e eu olhamos para ele, e depois, um para o outro.

– Qual é a pegadinha? – perguntei.

– Sem pegadinha – ele respondeu, enfiando as mãos nos bolsos do blazer. – Só tentem escolher alguma faculdade neste estado, para ajudar com os custos. E podem levar em conta os sentimentos da sua mãe, e pensar em alguma na Bay Area. Beatrix, ela me disse que você estava interessada em frequentar aulas de arte e de medicina. Stanford é a escolha natural para medicina, mas, se quiser as duas, talvez deva considerar Berkeley.

– Berkeley.

Ele deu de ombros.

– Eu sou parcial, é claro, mas certamente ficaria ótimo no seu currículo quando considerar fazer uma futura pós-graduação ou conseguir apoio financeiro. Mas é você quem decide.

– Ainda sinto que tem alguma pegadinha – Heath disse. – A minha mãe concordou mesmo com isso?

Meu pai confirmou com a cabeça.

– Também estou surpreso. E não tem mesmo pegadinha. Adoraria almoçar com vocês de vez em quando, é claro. Suzi e eu temos uma casa com piscina, então se quiserem vir e ficar lá...

– Piscina? – Heath disse.

Eu revirei os olhos para meu irmão.

– Você nem sabe nadar.

– Tudo bem, tudo bem – meu pai disse, tirando as mãos do bolso e fazendo um sinal de rendição. – Vamos dar um passo de cada vez. Conversem com a mãe de vocês. E, Heath, discuta isso com Noah. Só me mantenham informado e avisem o que decidirem.

Ao ouvir seu nome ser citado, Noah ficou atento, e ele e Suzi se aproximaram de nós. Enquanto Heath conversava alguma coisa com os dois, meu pai me puxou de lado e pegou algo no blazer.

– Levei isso para o concerto – ele disse, entregando o manequim para mim. – Pode não sobreviver a outra queda, então espero que não o jogue em mim de novo.

– Obrigada – eu disse, aceitando o presente. – Mas isso não significa que somos amigos de verdade. E o negócio da faculdade é louvável, mas não tenho certeza se já consegui te perdoar. O dinheiro não apaga instantaneamente todas as coisas ruins.

– Contanto que a porta esteja aberta para nós dois.

– É – eu disse. – Acho que está.

DEZEMBRO, QUATRO MESES DEPOIS.

JACK E EU ESTÁVAMOS NO PALCO, atrás da cortina, assistindo ao discurso que o pai dele fazia para um auditório lotado no hospital universitário. O prefeito provavelmente fazia dezenas de discursos todos os anos, para levantar recursos para dezenas de causas diferentes, mas esse era o primeiro em que o assunto era pessoal. Ele queria combinar dinheiro público e contribuições privadas para financiar um novo programa comunitário para moradores de rua com necessidade de apoio psiquiátrico. Acrescentaria uma nova ala ao hospital psiquiátrico e contrataria uma equipe adicional para diagnosticar, aconselhar e distribuir medicamentos a pessoas que não conseguiriam ter acesso a isso de outra forma.

Pessoas como o Mendigo Will.

– Não esqueça de pegar uma imagem da sua mãe – sussurrei para Jack. Ele filmava trechos do discurso para mostrar para a Jillian depois, e a mãe deles estava sentada na primeira fileira com Katherine, a Grande. Elas se encontravam bastante, minha mãe e a senhora Vincent. Todo o clã Adams, inclusive Noah, passou o Dia de Ação de Graças na casa dos Vincent, o que foi inesperadamente legal e divertido, porém um pouco estranho.

Também foi estranho ouvir o pai do Jack falando sobre a Jillian em público. Mas ele estava. Deu uma entrevista exclusiva para um noticiário de TV local algumas semanas antes e contou a história do esfaqueamento e da tentativa de suicídio de Jillian. E o mundo não acabou. Na verdade, a reação do público foi surpreendentemente positiva. As pessoas gostavam quando políticos eram humanos e honestos. Imagine só.

– Meu Deus, não param de conversar – Jack sussurrou enquanto filmava nossas mães com as cabeças viradas na direção uma da outra.

– Provavelmente estão falando sobre o fato de que eu não serei aceita no SFAI.

– Provavelmente – ele disse, sorrindo.

Eu o cutuquei com o cotovelo.

– Pode rir, engraçadinho. Se eu não entrar, você vai ter um relacionamento à distância depois que eu acabar em uma das faculdades-estepe que escolhi, em outro canto do estado.

– Não me provoque, Bex. Eu não consigo aguentar.

Nós dois nos inscrevemos no San Francisco Art Institute. A faculdade tem um período amplo para admissões, o que significa que tomam as decisões no momento em que recebem cada inscrição, em vez de ter um prazo final para todos, e Jack tinha recebido a carta anunciando sua admissão no dia anterior.

– Você se inscreveu quase uma semana depois de mim – Jack me animou. – Quem recusaria seu portfólio? Ele é incrível. Além disso, suas notas no vestibular foram melhores, e seu pai escreveu uma carta de recomendação.

As coisas não eram perfeitas entre mim e meu pai, mas uma vez por mês ele vinha para a cidade e nos encontrávamos para almoçar ou jantar. No mês passado, foi na casa de Noah e Heath (o que foi meio esquisito, mas legal também). E era verdade que ele tinha escrito uma carta de recomendação para mim.

– Mas ele é meu *pai* – protestei.

– Mas ele não mencionou esse fato. Além disso, vocês têm sobrenomes diferentes. Pare de se preocupar. Já está dentro.

O San Francisco Art Institute era a faculdade de artes mais antiga a oeste do rio Mississippi. Diego Rivera pintou um mural para a instituição e Ansel Adams inaugurou o Departamento de Fotografia. Era uma ótima faculdade. Uma faculdade para artistas sérios, e Deus sabia que, se tinha alguma coisa que eu era, era *muito séria*.

A faculdade tinha a reputação de encorajar os estudantes a fazer o curso do jeito que quisessem, então, para mim, isso significava que poderia fazer uma aula ou outra de anatomia em outra faculdade da cidade quando estivesse preparada. E, para Jack, significava que poderia assistir às aulas na faculdade onde o movimento artístico Mission School, inspirado no grafite, havia começado. Também significava que continuaria a ficar perto de Jillian. E aquilo era mais importante agora do que nunca, porque ela voltaria para casa na semana seguinte.

Sensacional.

Jack estava muito feliz. Jillian continuaria a terapia e veria o doutor Kapoor várias vezes por semana, e os Vincent tinham contratado uma enfermeira em tempo integral para morar com eles e se certificar de que ela mantivesse sua rotina. Esse novo acordo de convivência poderia funcionar, ou poderia ser um desastre. Mas não tinham como saber até tentarem. E Jillian finalmente estava pronta para dar esse passo, o que era incrível. Para adaptá-la à vida do lado de fora, permitiram que usasse um computador por alguns meses e entrasse nas redes sociais. Ela adorou. (Um pouco demais: os auxiliares de enfermagem tiveram que a impedi-la de ficar acordada a noite toda batendo papo.)

Quando o discurso do prefeito terminou, ele saiu do palco sob estrondosos aplausos. Jack e eu também batíamos palmas. Foi meio empolgante. Os assistentes dele o levavam até a imprensa para mais perguntas, mas ele nos viu e desviou do caminho.

– O que acharam? – ele perguntou.

– Legal – Jack disse, estendendo um punho para que ele batesse.

O prefeito bateu e sorriu.

– Isso é para a Jillie?

– É – Jack confirmou, segurando o telefone. – Diga oi.

– Eu te amo, querida. Não vejo a hora de você chegar em casa na semana que vem – o pai dele disse para a tela. O seu chefe de gabinete o estava chamando e apontando para o relógio. – Tenho que ir. Vejo você no jantar hoje à noite, Beatrix?

– Com certeza – eu respondi.

Ele sorriu e voltou para sua equipe, desaparecendo no fim de um corredor.

– Muito bem – Jack disse, parando de gravar o vídeo. – Melhor cairmos fora antes que esse teatrinho entupa a saída.

Saímos do auditório e fomos andando até o carro dele, que estava estacionado em uma rara vaga na calçada, descendo a ladeira. Ele brincou que achar aquela vaga perfeita tinha sido “uma benção de Buda”. Eu disse a ele que iria para o inferno por usar seu líder filosófico em vão, e que é claro que tinha sido obra do broche de joaninha que eu usava todos os dias desde o concurso de arte. Ele não acreditava no inferno, mas acreditava em Lucy, a Joaninha, que foi o nome que dei para o broche.

– Meus pais ficarão presos aqui por uma meia hora, talvez uma hora – Jack disse, com olhar sedutor. – Podemos fazer uma parada na casa de hóspedes no caminho, para uma diversão vespertina rápida.

– Nossa, quando você fala *desse* jeito...

Estávamos indo para nosso último dia de trabalho voluntário – ou, como Jack apelidou, nossa sentença de prisão. Todos os fins de semana, desde o início das aulas, passávamos algumas horas pintando paredes pichadas de um quarteirão perto do Centro Zen. Essa era a “cláusula adicional” que o prefeito tinha mencionado depois da mostra de arte. Punição pelo vandalismo de Jack. O Departamento de Polícia de São Francisco, que era responsável pelo programa voluntário de limpeza, pensou que agíamos só pela bondade em nossos corações. Sem chance de o prefeito Vincent encarar o escândalo e revelar que seu filho era o notório artista de rua Maçã Dourada, então cumpriamos nossa sentença na surdina. Não era tão ruim. Pintávamos caixas de correio, paredes, janelas e calçadas. Antes de as cobrirmos de tinta, Jack discretamente tirava fotos de tudo que ia além de uma pichação monocromática e subia as imagens para um álbum on-line de fotos de grafite locais. Para guardar para a posteridade.

– O que diz disso? – Jack pegou as chaves do carro e rodou o chaveiro em seu dedo indicador. – Deixo você dirigir. Carro rápido e amor rápido. É a combinação perfeita.

– O que nenhuma garota nunca disse. Tem certeza de que confia em mim para dirigir depois da última vez?

Quase matei nós três – eu, Jack e o Fantasma – quando ele me ensinava a fazer baliza. Em minha defesa, era uma rua movimentada e o cara atrás de nós estava me deixando supernervosa com toda aquela buzinação. Depois, Jack teve que fazer sua meditação zazen para se acalmar.

– Beatrix Adams – ele disse. – Sabe que confio tudo a você. A representação anatômica do meu coração, minha vida... até meu carro.

– Deve me amar de verdade – eu disse, indo na mesma velocidade que ele.

Eu sabia que amava, é claro. Tentamos não dizer muito isso, porque queremos que signifique alguma coisa. Não seja só uma frase descartável tipo “como vai” ou “até mais”. Mas quando estou nos braços dele, e estamos sozinhos, ele sussurra “eu te amo”, e essas três palavras nunca deixam de me encantar. Nunca.

Sem interromper nossa caminhada sincronizada, ele pôs o braço no meu ombro e abaixou a cabeça para murmurar perto do meu ouvido.

– Quer se lembrar do quanto eu te amo?

Meu coração acelerou.

– Na verdade, acho que quero.

– É? – Um sorriso lento, deslumbrante, levantou suas bochechas, e então ele repentinamente parou na calçada. – Ah! Precisamos entrar em casa, de qualquer jeito. Você vai poder ver nossas pinturas penduradas juntas, ao vivo.

Depois da mostra de arte, a senhora Vincent substituiu a pintura de uma cadeira, que estava no vestíbulo de sua casa, por minha pintura de Jillian. Fiquei um pouco emocionada quando ela me mostrou. Acho que deixou o prefeito sentimental, também, porque ele saiu bem rápido da sala, e a senhora Vincent diz que é isso que ele faz quando está emocionado.

Mas minha pintura agora tinha uma parceira. Vi uma foto dela antes do discurso do prefeito naquela tarde, mas ainda não tinha visto ao vivo.

Antes de Jack admitir aos pais que era a pessoa por trás de todos os grafites da maçã dourada, Jillian tinha dado a ele um último caça-palavras para decifrar. Ele não conseguiu executar o trabalho na cidade, é óbvio. Quando Jack descobriu que Jillian tinha concordado em sair do hospital e voltar para casa, ele pintou a décima e última palavra para ela como um presente de boas-vindas.

INICIE, VOE, PERTENÇA, SALTE, CONFIE, FLORESÇA, CELEBRE, RESISTA, TRANSCENDA...

E agora AME.

A palavra foi pintada com spray em uma tela, não na parede, e era o menor trabalho dele. Mas era, de longe, o melhor. Jillian ia adorar. Assim como eu.

– Vamos – ele tentou me convencer, balançando as chaves do carro na minha frente enquanto me enlaçava em um abraço. – Nunca vai aprender a dirigir se não tentar. Você sabe que você quer.

Eu queria mesmo. Fiquei na ponta dos pés, recebi o beijo que ele deu nos meus lábios e puxei a chave da mão dele. Me sentir viva podia ser só uma onda de adrenalina, mas Jack estava certo naquela primeira noite no corujão. Definitivamente, valia a pena.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jul. 2016

FONTES Fanwood 12/16pt, Nimbus Sans L 10/16pt